Caderno de Encargos

Por Joseph Taigen

Em Riachos, aldeia perto do mar no centro deste nosso Portugal, José Estêvão encontrava-se sentado num banco do posto médico, numa tarde de verão e, pensava, "O que estariam todos os outros a fazer?" Os que por ele passavam viam-no simplesmente, não olhavam. Quem seriam os outros, em que mais outras pessoas pensavam? A televisão. Estavam de facto a ver televisão. Mais tarde, sentou-se numa poltrona que alguém tinha posto fora naquele dia e que parecia nova em folha e forte. Estava sendo observado, não duvidava. Mas por quem? Nada naquele dia poderia mudar o destino de José Estêvão. Ele estava ali, sentado no meio da rua, esperando um bilhete para um pensamento positivo, um naco de comida dos voluntários da noite. O seu pensamento fixava-se num pormenor de uma pedra do chão, numa brecha da parede. Talvez os pormenores fossem importantes e sua alma fosse livre. Talvez o pormenor não importasse e como ele não tinha frequentado nenhuma escola, ali estava, mesmo não sabendo que estava alguém à sua espera. Mas, diga-se, os seus lugares não eram fixos. Com alguma frequência se instalava nas arcadas de um prédio em construção, numa área isolada que em breve iria ser área residencial da elite lisboeta. Por vezes pensava que seria simples sair dali vivo, comunicar, entrar numa dinâmica qualquer com quaisquer pessoas. Ainda assim, sentia-se vítima de alguma coisa, ofendido, esperando por alguém que lhe devesse não dinheiro, mas uma palavra, um sorriso, os bons dias. Seja como for, não conhecia o calor de alguém há muito tempo. O calor de um aperto de mão. Vivia embrenhado em memórias que não passavam disso mesmo: memórias. Talvez isso o fizesse saltar de lugar em lugar e esperar alento para se desfazer da barba, vestir roupa nova, arranjar trabalho.

Não prestando atenção às horas, ao calendário, nem sequer ao calendário dos jogos desportivos, lançou-se para o centro de acolhimento do bairro. Aí lhe deram roupa limpa. Pôde tomar banho. Colocou um pouco de gel, guardou os óculos no bolso. A noite esperava por ele. Os sons da noite ouviam-se através das portas entreabertas dos clubes nocturnos. Entrou num deles. Tinha-se visto ao espelho e estava confiante. Afinal ainda tinha 29 anos. As luzes da pista de dança coarctavam seu corpo. Mirou uma rapariga que ali se confundia entre a gente. Chegou-se perto, sorriu e foi correspondido. Começou a dançar. Ainda sobrevivia, afinal, mais, sentia-se vivo entre o jogo de espelhos. A jovem aproximou-se instintivamente dele. Para ela talvez ele fosse apenas um jovem com um corpo desejável. Para ele talvez o mesmo. O que importava o que cada um tinha na cabeça? Puderam finalmente ser esquecidos por alguém. Na mesma cama, em casa dela, sonharam uma porção de eternidade. Ele, que pensara estar velho por dentro, revigora-se como se nascesse de novo. Ele não fora das pessoas que conhecem muitas pessoas. Ela não lhe fazia perguntas tolas. Ele deixava caída a cabeça no peito dela.

José Estêvão sentia saudades do mar. Dos sons da natureza. Sentia saudades dos livros que, para bem ou mal, não lhe saíam da cabeça. Sabia que ainda podia fazer

qualquer coisa à sua maneira. Ainda ia a tempo de começar qualquer coisa. Escreveu no seu caderno: "Se serei bem sucedido isso já é outra história. Não, é melhor esquecer tudo, perdoar o meu passado, esquecer o passado, esse passado que nós pudemos largar mas que nunca nos larga a nós. Tenho de fazer de conta que vou recomeçar tudo de novo, aprender a viver. Como se fosse ainda criança. Como se tivesse 7 anos".

Teolinda tinha dez anos quando começou aprender música. Há qualquer coisa que faz lembrar os pastorinhos de Fátima. Uma mensagem. A pureza. Teolinda tinha tido uma educação apertada. Os pais queriam que ela atingisse certas metas. O seu futuro disso se ressentiu. Agora, na casa dos trinta, tinha dificuldade em lidar com a vida e encontra-se sozinha. Talvez devesse ter sido mais inventiva na juventude, nos anos em que o conhecimento se assimila como uma esponja. A família contactava-a frequentemente por telefone, para o seu telemóvel. Mas não queria saber. Mesmo assim tinha um sonho, mesmo na sua condição. Voltou a uma igreja um dia, não para ouvir missa, mas para procurar silêncio, um silêncio parecido ao de um bosque inundado de luz. Duas ou três mulheres rezavam o terço. Ela olhava o Cristo crucificado e sentia que havia perdido a fé. O que lhe dizer? O que pensar? Nada, apenas estar ali, como um acto de amor. Nada dizer. Não durou muito o efeito. Dali a nada os seus pensamentos caíam em vertigem para o que os homens chamam o pecado. Mas não estava rendida. Se conversar com a assistente social de nada lhe servia em termos práticos, com a psicóloga era a mesma coisa. Estava cansada e tinha de lutar, uma vez mais, cada vez mais, agora mais do que nunca. O que a vida lhe ensinara era a viver em extremos morais. O eterno duelo entre bons e maus em que ela simplesmente era uma bola, chutada de um lado para o outro.

É preciso acreditar que a vida nos reserva surpresas se continuarmos a alimentar uma esperançazinha, dentro de nós, como uma pequena lâmpada a que juntamos azeite todos os dias. Então, lentamente, vai-se ganhando jeito para a vida prática. Sonhamos com viagens que nos transformariam noutra pessoa, que apagariam como uma borracha as perturbações psíquicas. Há que continuar, ouvir a música natural. Passa um dia, outro, e o pensamento deteriora-se, mas espera-se, espera-se, esperança que a sorte um dia brilhe em nós. Acordar cansado, sem perspectivas. Enfim, há que aceitar que não se pode voltar atrás, que o pensamento evoluiu. Irá sair daqui pouco, parecendo estar condenado a voltar. Não sabe se voltará de novo e sempre à casa onde construiu os seus dias, onde recebe os pensamentos da realidade que o cerca, as suas pequenas coisas, os objectos que estão preparados para ser usados com intensidade, onde alimentou esperança de ser recompensado pela escrita. Espera acontecimentos e ao mesmo tempo não vai ao encontro deles. Não se esquece, tudo bule na cabeça. Tem-se a sensação da loucura, está-se na fronteira, mas não se vai definitivamente para um lado ou para o outro. Talvez a vida seja também estes pensamentos e não teria graça sem a mente, o trabalho infindável da mente. Talvez ela venha a misturar-se com a natureza um dia e ser o canto de um pássaro que nos chega ao ouvido pela manhã. Talvez goste obsessivamente de sua casa e não consiga desapegar-se dela. Por isso,

com fatalidade, volta dias depois aos mesmos rituais. Mas que tem isso de negativo? De tanto procurar escondê-los, de tanto pressionar para que deixem de existir, leva em conta que sempre foi assim, uma vez mais outras menos. Tal não o deve inibir na relação com os outros. São dados que a mente processa, tais como outros. Haverá uma justificação profunda que não interessa mais descobrir. Sabe que fazem parte da sua existência e que tem de saber viver com eles. É como um artista, talvez tenha alma de artista. Os dias dos outros poderão ser bem mais infernais. Afinal é da vida que se trata. Uma vida, muitas vidas. Por isso não adianta esconder, dissimular. Curiosamente, as suas obsessões retiravam-lhe criatividade, enfraquecem a sua imaginação, colocam-no numa posição frágil, algo poética. Contudo, almejava construir uma casa, a casa onde iria viver o resto da sua vida. Por isso escrevia estas notas no seu caderno de encargos.

Ela não sabia que fora atraiçoada. Junto do corpo, um enorme monte de roupa. Alguém tinha por lá passado e deixado de intervir no seu presente. "Descansa", havia dito ao despedir-se, "o que esperas cumprir-se-á, mas de um modo distinto do que imaginas". Ela ficara ali, retira junto ao corpo do seu filho, com a morte já a seu lado. Da janela do quarto pensava ver o demónio, vestido de vermelho e negro, levantar-se de um cemitério. Nunca lhe haviam dito que a vida trazia surpresas tão grandes. Como esquecer o sofrimento? Os objectivos da sua vida estavam defraudados. Perdera alguém que ajudara a criar. Homens movimentavam-se em seu redor. Ela chorava e queria esquecer que as notícias haviam de vir a público. Queria ser capaz de ali em diante viver uma vida silenciosa e independente, sem estudar o que a maioria tem na cabeça. Não queria ser mais um carneiro. Não valia a pena continuar. Tinha de continuar. Sozinha. Era necessário ter em conta os outros, mas esperava por um dia em que as conversas seriam calmas e não teria medo, medo de viver. De qualquer, modo, há que fechar as janelas, cobrir o rosto com um pano humedecido para que o espírito sossegue, esse espírito que não descansa há anos. Virá qualquer coisa que não houve no passado. Uma capacidade para aceitar o que acontece cada dia. Uma simples mulher, era uma simples mulher. Podia ser também um homem. Um simples homem. Não estava mais deslumbrada com o que podia dizer dela, embora isso contasse para o seu ego. Mas com tudo isto tinha de aprender a desgostar dos outros. A paz não lhe trouxera nada de novo. Mas não queria guerrear, não estava no seu coração tal intento, nem o seu comportamento indiciava qualquer traço de violência. Estava-se preparando para fazer qualquer coisa da sua vida novamente. Não esperava por uma revelação instantânea que mudasse a sua vida radicalmente. Continuava agarrado a palavras, não esquecia as palavras, as palavras que proferia. O ritual fazia parte da sua vida. E a escrita poderia ser um desses rituais se estivesse conectado com alguém. Como a eucaristia para os sacerdotes. A memória atraiçoou-o até ao dia em que resolveu, no mesmo dia, mudar de casa, deixar o trabalho, mudar de companhia. O seu

destino como ser individual estava em causa. Sabia tudo estar dependente da sua cabeça e tentava concentrar-se nisso. Era tempo de procurar outras vidas, o outro (ouro) que desejava há tanto tempo. Não iria desistir de viver só porque o mundo não é perfeito. Só porque achava que o mundo não era linear. O mundo, essa palavra parecida com vida, que usamos resumindo muita coisa, estava em mudança e embora a sua vida fosse previsível, havia de se acreditar na mudança que o mundo opera diante dos olhos. Quando se registasse outro acontecimento importante na sua volta, voltaria para casa, voltaria a fumar um cigarro. O menino estava nos seus braços e ela chorava de injustiça. Chorava como há muito tempo não fazia. Era o mundo que estava em causa. O seu mundo, tudo o que a influenciava e com que construía a sua visão do mundo.

Dentro da cidade habitavam espíritos, errantes, que não tinham consciência do seu lugar no mundo. Em casa, havia alguma paz, havia música exclusiva numa cassete. Continuavam os habitantes a fumar cigarros, mal viravam as costas à psicoterapia. Eram poucos os habitantes da cidade que José Estêvão concebia. A maior parte tinha uma rotina diária; não lhes conhecia história pessoal. Mas toda a gente tem uma história pessoal. Nem todos têm consciência disso. Na casa faltava sabão e papel higiénico. Aquele espaço estava gasto mas não havia alternativa, havia que continuar a habitar aquela casa. Sair todos os dias ver pessoas. O que teriam essas pessoas no seu interior? Era pesado o correr dos dias, como podiam as pessoas aguentar o quotidiano? O pessimismo não o impedia que voltasse a ver a cidade todos os dias com novos olhos, novas esperanças, procurar lugares onde se sentisse bem. O que aconteceria se os espíritos se soltassem e voassem errantes pelas ruas da cidade? Esperava por esse dia, em que o corpo não encarcerasse mais a alma. Esperava, não o desejava, esperava porque vivia dentro desses dias. Não desejava a morte. Mas tinha de travar uma luta constante para não ir morrendo. A psicóloga interessava-se pela morte e pelo "morrer". Talvez em breve marcasse consulta. Era preferível do que ver o médico quando sabia que os sintomas estavam estacionários. Eu sabia o que era. Precisava de evoluir, ter perspectivas de uma cura. Todos os que tinha conhecido enquanto estudante haviam desaparecido da sua vista. Era obrigado a viver numa cidade que não o fascinava. Resistir, aguentar, procurar novas vias para o espírito, essa seria a sua tarefa. Andar entre Riachos e Lisboa, transportado pelo comboio. Acreditava que um dia podia voltar a ser jovem. Tratava-se de uma questão de espírito, mas também uma questão de coração, de manter o coração vivo. Pode dizer-se que tinha de viver uma vida e procurava lentamente começar a viver outra, a ter uma visão diferente dos outros, a classificar e seleccionar as pessoas sem contudo as discriminar. Tinha a certeza que a sua aura era ainda pequena e pouco positiva, mas estava lá qualquer coisa como ouro. Estava lá a semente que era a garantia de que, de uma maneira ou de outra, José Estêvão sobreviveria.

Dantes não costumava ser assim. Ela forçava a entrada e conseguia chegar a entrar. Nesses dias, a maçaneta nem sequer rodava. Havia um hiato na sua memória. Mas a memória pouco interessava no caminho que tinha de percorrer, nas alas que tinha de

perfazer. A sua cabeça continuava vacilante. A surpresa da chegada a um mundo novo mas sempre conhecido trouxera-lhe alguma alegria ao rosto. Contudo, os dias passaram e tinha de saber conviver com os altos e baixos dos dias. Tinha muitas disposições de espírito ao longo do dia. A música ajudava. O *drumn'base* por vezes ajudava. Um dia, um momento, poderia olhar despreocupadamente sem que tivesse a pulsão de lá regressar. Tinha a pouco e pouco consciência de que todos os momentos eram importantes e de que afinal estava vivendo a vida. Era verão e a mente era uma pequena diferença na vida das pessoas. Tinha chegado a compreender o que estava perdendo. Por isso não iria deixar-se ir abaixo novamente, mesmo que tivesse um hiato na mente. Ela era um ser imaginado, com muitas palavras, sem cessar, dia após dia, em que se renovavam as esperanças de ter, numa palavra, uma melhor qualidade de vida. Em breve teria que ir ao médico e alguma coisa teria de lhe dizer. Como em casa dos pais tudo era difícil, principalmente o diálogo. Há anos que andava nisto, como se estivesse a escrever um grande romance. Há anos que não saia disto. A diversidade do mundo não lhe dava importância. Enfim, que mais dizer?

Elsa era livre, ele não a conhecera mas sabia que ela tinha-se suicidado quando frequentava o curso de literatura. Ficara com isso na cabeça, as suas relações sociais eram diminutas. Mas que importa. Numa grande cidade é assim. Um dia destas haveria de ver a limpidez das águas escorregando sobre as mãos e molharia o rosto como alguém cansado de trabalhar no campo. Talvez um dia destes se encontra-se noutro ponto da cidade, fugindo às pessoas que tinha na cabeça, fingindo-se ser livre. Os seus registos escritos eram diferentes de todo o resto. Ele estava numa posição difícil e achava a literatura uma chatice, que não se dava importância ao que importava. Tende-se a dizer que a nossa infância foi difícil e com isso afligimos os jovens de hoje. Tende-se, por outro lado, a dizer que a infância foi feliz e que todas as crianças são felizes, que não têm personalidade formada e que por isso não merecem tanta atenção os casos de delinquência. A vida tem momentos bons e momentos menos bons. Que podia Manuel dizer da vida? O que é que a vida lhe teria oferecido senão dificuldades e uma doença que teimosamente se instalava na mente, arrastando-o pelas ruas? Contudo, Elsa era diferente. Os pormenores não importavam. Passava pela vida como uma gazela, olhava só ao mais importante. Não conhecia doenças, conhecia obstáculos que ultrapassava como um bom cavalo nos concursos de hipismo. Era fácil para ela criar amizades e a sua vida não tinha parado num determinado ponto em que se vira confusa para poder recomeçar. Mas mesmo para ela, dantes não costumava ser assim. Em criança desejava ser adulta, agora desejava ser criança. Não podemos ter tudo. Ela tinha uma continuidade. Começava e as coisas tinham um meio e um fim. Não vivia com medo da realidade. Não se escondia quando vinham visitas para os seus pais. No entanto, vivia entre seres humanos e não Deuses. Contudo, um dia atravessou mal uma passadeira e teve pior sorte que José Estêvão. Houve um corte abrupto. Aquele continuava vegetando mas vivo para muitas possibilidades.

Uma pequena concha misturava-se com a areia sobre a qual estava deitado. José Estêvão conseguia imaginar outros mundos. Em breve teria de ser obrigado a mudar. Ir para outra cidade, ter uma outra atitude. Sabia que era livre, mas a mente aprisionava-o a dois locais. O coração, o seu pequeno coração, não tinha apelos. Não aguentava mais sofrimento. Tinha de mudar, equacionar novas formas de viver. Os sinais da mudança poderiam estar perto. Era necessário estar atento, tentar sempre mais e ir a novos lugares, quebrar a relação Riachos-Lisboa de comboio. A questão não era insistir ou desistir, seria talvez persistir. Ela, a Deusa, era um ser imaginado com base em acontecimentos verídicos. Era a mulher por quem sempre esperara e desesperara. Andou todo um tempo tentando pintar um quadro enorme que mostre a vida, a transcendência de ser, mesmo o que está para além da vida. Sim, por vezes ela fazia-o sentir-se assim, como se não fizesse parte de nenhuma pessoa. Estou aqui, dizia, resistindo às armadilhas da mente, como um guerreiro. Sim, algum mérito deve ter ao fim de tanto tempo. Não enlouqueceu porque não conhece verdadeiramente as pessoas. Ou porque ficara ferido do contacto com elas? Tornou-se um ser estranho, esquisito, que se esquiva das pessoas, que diz que não precisa das pessoas, que quer viver sozinho um destino de cadáver em decomposição.

Naquele tempo José Estêvão dormia muitas horas e quando estava acordado as intenções eram fugazes. Podia facilmente dizer que era falta de motivação, mas o certo é que continuava lerdo e prisioneiro nos movimentos. Será que tinha de mudar de casa? Restava-lhe viver um dia de cada vez, fazendo o máximo possível. Tinha uma viagem agendada para dali a algum tempo e podia ser que melhorasse, que nascesse esperança. Tinha de continuar a alimentar essa pepita encontrada em tanto anos de escavações mentais. Há cerca de dois anos que não fazia nada porque simplesmente tinha falhado anteriormente nas coisas que tinha tentando fazer. Por isso, o que estava fazendo agora era "alguma coisa". Continuava a tentar, tinha de continuar. Podia ficar condenado o resto da vida por nunca procurar trabalhar. O certo é que uma convicção o acompanhava, um peso no corpo como se quisesse justificar toda a sua existência à custa da existência dos outros. Era ainda aquele dia de verão. Saiu de casa para tomar o café com um amigo. A televisão passava o mesmo assunto: concursos, o rescaldo de uma derrota no futebol. E ele, que até jogava bem futebol, aprendeu a não ser fanático. Aprendi a não gostar de outras coisas que a maior parte da sociedade gostava. Seria preciso fazer uma investigação que não era até preciso ser apurada, para conhecer quem tivesse gostos diferentes. Há seis anos, há seis anos na mesma casa, na mesma cidade. Aguentar era difícil e José até se julgava herói de alguma coisa. Quanto a Elsa, era diferente. Não tinha nada de obsessivo, libertara-se das coisas e dos pensamentos como uma ave grácil e majestosa. Tinha-lhe inveja. Desejava conhecê-la de verdade. Contudo, para onde ela foi não era para já possível ir.

Restava pouco tempo para descer as escadas em direcção a um mundo que conhecia desde há vários anos. As suas noções haviam sido emendadas e com alguma paciência poderia voltar a Espanha ou a Itália. Encontrava-se José Estêvão nesse estado. A vida

poderia parecer fácil, mas os seus neurónios apontavam para uma onda de preocupação. Não devia ser assim e não seria assim, ele tinha a certeza, os anjos haviam-no avisado. O seu velho amigo tímido adormecia e o seu amigo canino já dormia sobre o lugar que José Estêvão ocupava nos sonhos. Não adiantava pensar nas coisas que não tinha, não adiantava pensar em ser tudo e acabar por não ser nada. O que o marcou foi de facto uma experiência religiosa e um curso, um curso que acabara a custo, às custas de si próprio. Os trabalhos de grupo, resolvera fazê-los sozinhos lá para o final, para os lados da Bobadela. A sua mente não estava sempre activa e certamente que queimava neurónios com embrulhos de nicotina. O que estaria fazendo a sua colega que fora para Brooklin? O que seria feito daqueles a quem pedira o telefone há dez anos? Preparou a ocasião com particular incidência. O interesse interrompido da sua vida poderia ser reatado com uma ocasião, uma ocasião especial. Pensara já num jantar de antigos alunos da Escola Secundária de Riachos. No entanto, não anotava tudo o que era necessário para se considerar um homem activo por mais de quatro dias. Precisava. Lutava. Odiava também às vezes. Precisava de odiar para se sentir. Só isso. Odiava quem se esquecia de que ele era um pequeno Deus. No entanto, tinha de dizer certas coisas. Detestava a falta de educação, era um conservador, mas gostava da criatividade e de quem usava boné durante uma aula. Deus permitia e o Diabo acenava com uma orelha. Naqueles dias, numa cidade, haveria muitos mais como ele, pensando todo o tempo o que fazer com o tempo. O tempo que jaz a espera que o venham velar. Não fazia nada de novo com as suas actividades. Um dia veria como tudo poderia ser evidente. A sua companheira era determinada e divertida. Fazia-o rir. Estranho como os papéis sociais se podem por vezes inverter. Mas não é isso que esperam as mulheres mais dignas e modernas. Não via o seu passado como uma nódoa que ela tinha de apagar. Debaixo de uma árvore, um cão estendia o dorso e rolava-se no chão, enquanto José Estêvão estava sentado num banco de jardim próximo. O cão veio ter com ele e José Estêvão ofereceu-lhe um saco de ossos que lhe dera um pedinte que vasculhara nos caixotes do lixo. Era tarde quando apareceu o seu amigo GNR. O trabalho ficava para dali a dias. Com os progressos actuais, tudo ou quase tudo dependia desse polícia à paisana que aparecia em nevoeiro como um Dom Sebastião. Era de esquecer tudo o que o preocupava, dizia-lhe ele. E que era feito da jovem que me metera a cabeça em água e que aparecera na televisão com a nudez pouco recatada e que em termos de input fazia algum sentido. Registou-se naquela noite uma contusão estranhíssima, um acumulado como quando vamos para dormir e cerramos os olhos, vendo a mente plena de obstáculos. Não se via claro naquela altura, como refere a canção do slogan ao café. Era um domínio a explorar, a esventrar, a reconstituir como uma plástica, essa acepção de que a sexualidade e os psicanalistas cruzam. Mas para falar a verdade, o cão ainda estava perto dele, agora num dos cafés do bairro. Bem podia ser o cão de Kafka. Nesse cafés, estavam duas pessoas, noutro estavam outras duas, noutro, no Versailles, mais tantas, conversando. Precisavam as pessoas de conversar, juntando pedaços de vida, tensões interiores, mostrar as entranhas da alma ao homem que distribuía as bicas. Procópio entrara no café de mão estendida e

depois afagou os pelos do cão que roía a perna da mesa de plástico. O cão saiu, não era local próprio para caninos. Kafka esperava-o com a coleira à entrada do Versailles.

Era Inverno. Matias e Fernandes discutiam sobre os preparativos para a festa que tardava em realizar-se. Sónia e Fernanda debatiam problemas relativos aos filhos, que uma dela amamentava com dores. O espírito do pequeno José andava perturbado. Não lhe dava para ser violento, como muitos outros rapazes. O seu sentido de inibição não se aplacava com o convívio com as pequenas Sandra e Lili. Um dia uma adivinha disse a Fernanda que José era patético, "José, deixa a televisão. Não fiques até tarde, olha que o pai tem que trabalhar cedo. "Achas que é justo?", "Vou já, mãe, deixa-me acabar de ver este filme." O pequeno cresceu com a televisão debaixo de olho. Nutria pelo aparelho um misto de amor-ódio que se anulava com a extrema dependência. Na escola brincava com todos os outros, mas fartava-se com demasiada facilidade. Os psicólogos da escola não conseguiam determinar qual o tipo de vocação que o jovem iria seguir. Teria de ser ele a escolher. Estavam todos preparados para a festa, mas o artista principal estava em decadência naquele Inverno. Poucos sabiam disso, começando por aqueles que o conheciam de perto. Estavam talvez demasiado perto. Havia uma brecha por onde fugir, mesmo em desprezo da integridade do corpo. José via com atenção o espectáculo que num fim-de-semana assentara arriais na busca de olhares atentos. O seu pai tinha os braços pousados nos ombros e pensou que "nunca mais isto irá acabar". Havia uma contradição especial em continuar a alimentar esperanças desconexas. Como se procurassem no céu do seu horizonte uma constelação que atraísse a atenção. Fernandes era um típico português. Apreciava a tourada. Devorava os acontecimentos desportivos. O seu clube do coração era o Belenenses, que o vira ser campeão. Era a última vez que se encontrava naquela festa e havia de tirar alguma verdade verdadeira para si, sabia que tinha no fundo de si reservas para mostrar, se é que seria preciso mostrar, que sabia pegar num estouro pelos cornos e amansar a sua fúria vinda directamente da natureza. Quanto aos que olhavam, haviam sido habituados a olhar e um dia alguém já falara na luta entre a natureza e a cultura, de como o homem tem de se exceder para que seja entendido pela plebe.

Matias era adepto do Sporting. Um clube com uma dimensão em termos de simpatia popular distinto de outros, mas que naquele ano estava sucedendo a um domínio avassalador do FêCêPê. Em Espanha tudo era distinto. Digo isto porque as duas mães estavam sendo informadas que, por carta, chegaria um convite para visitar familiares perdidos nas planícies da Andaluzia. E o revisor do comboio em que viajavam era simpático mas não parava de tirar notas, um tique que enervava deveras Patrícia, a filha adolescente do casal Matias e Sandra. Eram estas implicações que tinham de enfrentar numa viagem de comboio atravessando a fronteira para encontrar um mundo totalmente novo em Espanha, quiçá mais fechado, mas encantador e barroco ao seu jeito. Mas a viagem não se realizou. Na verdade, Patrícia contara o sonho ao pai e ele deteve-se.

As fraquezas do pequeno José situavam-se num plano que transcendia os seus pais. Talvez estivesse na sua mira mudar o destino e prever o futuro. Não tinha fantasmas em especial e tinha os sonhos que toda a gente tem. Mas era curioso que quanta mais atenção se lhe dava, mais aumentava o seu problema. Se tivesse nascido cego, talvez o menino fosse feliz e conhecesse o tacto.

Uma canção em vinil dizia que "A minha vingança pessoal/será dizer-te bom dia/numa rua sem pedintes e sem-abrigo/A minha vingança pessoal/ será dar-te estas mãos/que um dia maltrataste/mas que nunca deixaram de ser dóceis". Patrícia percorria os discos de Fernandes no sótão aquecido por um dia de calor, cujas telhas de cimento o tornavam ainda mais quente. No seu quarto, ele pensava como a vida era esperançosa e ao mesmo tempo pleno de questões. Fernandes percorria uma estrada sem iluminação, com os seus faróis sendo dois olhos brilhantes na escuridão.

Matias lutava desesperadamente na escura solidão. A sua vida metia dó. Escrevera cartas ao desbarato a duas, três mulheres tiradas ao acaso da sua memória. Amparou com as mãos um bilhete com poucas palavras. Coisas do passado. As suas preocupações não o deixavam, mas ele persistia acreditando um dia encontrar a mulher da sua vida. Rica, bonita, intelectualmente estimulante, que gostasse de sexo. Onde se poderia encontrar tal mulher? Onde, na geografia da sua mente? O que havia para descobrir? Iria mandar aquelas cartas? Seria decisivo? Cada vez mais se enfiava em si próprio e tinha dificuldade em comunicar. Tinha de usar o recurso da imaginação... tinha o seu quê de louco. Talvez apenas perturbado. Mas...não tivesse ele a consciência de tudo isso e talvez tivesse melhor sorte.

Era tarde no quarto dela. Patrícia lia um livro de contos. Noutro quarto, noutra casa, Matias escrevia histórias. As histórias permitidas pelo seu quotidiano. Havia uma esperança que um dia poderia contar uma história verdadeira a Patrícia, quando ela já tivesse filtrado toda a ficção. Contudo, Matias sabia que a ficção era importante, para ele mais importante que a realidade. Em Patrícia, as duas mesclavam-se no ardor da sua adolescência. Noutro quarto, Fernandes punha contas à vida e em dia a contabilidade. Depois de ver a transferência bancária da compra a crédito de um microondas, bateu-lhe alguém na porta. Tocou a campainha depois. Era Jonas, o sobrinho que vinha frequentemente para utilizar o computador para jogar. Fernandes deixou o jovem e foi até à rua, ouvir um pouco dos sons dos comerciantes e dos ciganos que pontuavam numa feira ali perto. Na rua encontrou Sónia colada a uma montra de vestuário. Não era difícil encontrar alguém conhecido naquela pequena cidade de província. De facto, Riachos tinha apenas 4 mil habitantes. Contudo, as suas infraestruturas estavam relativamente bem desenvolvidas. Podia dizer-se que havia uma certa qualidade de vida e segurança no emprego. Mesmo assim, Fernandes tinha um emprego a termo certo. Passava uma película de Lars Von Trier. Sónia era cinéfila, mas Fernandes abusava do conceito. Todas as segundas-feiras ou todas as semanas ia ao cinema. Afinal, na nossa sociedade moderna não há assim tantos lugares para conhecer e encontrar gente interessante, pensava. Assim acontecia em Riachos. A

cidade ficava próxima da fronteira com Espanha. Depois do cinema resolveram ir tomar um copo lá. Ainda eram dez horas da noite e os bares de Badajoz ficavam afinal de contas bem perto. Não discutiram muito acerca do filme, pois que Sónia censurou a Fernandes o facto de ser um cinéfilo inveterado. Talvez quisesse estabelecer um equilíbrio em função de não ter um trabalho certo e assente. Talvez se refugiasse apenas no cinema como forma de sonhar com mundos que nunca podia viver. Ela era muito terra à terra. A distância entre a vida e o cinema podia ser enorme. Nunca uma vida chegaria para conhecer muita coisa do mundo. No entanto, uma vida teria de chegar para chegar a algumas conclusões. Ele conhecia apenas uma parte da cidade. Tinha viajado por outros lugares, embora a sua mente o obrigasse a ficar retido no trabalho. Por vezes pensava quão extenuante podia estar sem fazer nada, como acontecia nas férias em que ele e Fernanda discutiam a maior parte do tempo sobre que solução dar ao tempo disponível.

Fernandes ficou naquele dia retido em casa. A não ser a sua mulher, ninguém do mundo suspeitava que ele estava ali retido, contido. Mesmo que soubessem não dariam importância à sua breve hibernação. O certo é que não havia nada de interessante para fazer lá fora. Podia de facto imaginar conhecer pessoas interessantes e decerto que elas existiam. Nessa tarde, os seus pensamentos estavam longe, pensava no passado em vez de esquecer o que tinha sido passado e que não importava para o que ele queria fazer. Decidiu telefonar a Patrícia:

-Está, posso falar com a Patrícia?

-Sim, quem fala? Perguntou a avó do outro lado.

-Fala o Fernandes da tipografia.

-Certo, vou chamá-la. Ouviram-se os passos de Patrícia descendo as grandes escadas que conduziam ao hall de entrada.

-Olá Fernandes, então, estás bem? Estava aqui pensado com os meus botões. Não queres passar o Sábado comigo? Tenho umas coisas para te contar, -Sábado? Deixa-me ver...o que tens em mente?

-Ir até à praia, passear um pouco, Está bem, passas por aqui para me vir buscar?

-Sim, às três horas.

Uma juventude perdida e uma juventude à procura. Era o que acontecia quando se dava atenção a pormenores. A alma perdia-se em recantos que não podemos chamar recantos da alma. O ser humano desejava sublimar-se, fazer sentido na sua cabeça. Estas duas vidas eram procuradas por um demónio que podia muito bem vir de saias. A sua filosofia era elementar. Era como uma vertigem: perdiam-se nos sentimentos dos sem-abrigo, das prostitutas, das pessoas que não tinham olhos, da maioria, uma vida com direcção. E quem quer saber deles? Ainda assim, Fernandes adiava a sua vida,

como se tivesse de cumprir algo que os outros cumpriram a seus olhos. Patrícia esquivava-se à atenção de Fernandes porque tinha medo e não se queria atirar de cabeça para a realidade. O pequeno José olhava com curiosidade os seus dois pequenos cágados, a dois quarteirões dali. Estas duas personagens podiam fazer parte de um ensaio, como personagens cinzentas. Podiam fazer parte de um inquérito sociológico ou de um estudo antropológico. Não fazia, contudo e que mal vem ao mundo e às suas almas por isso? José era objecto de atenção e, mesmo assim, a sua vida parecia parada na infância. Já nada fazia muito sentido. Para Fernandes, o mundo parecia acabar todos os dias. Estava farto de ver televisão e não habituara os seus filhos a isso. Não é que ele tivesse sido habituado, mas caiu nesse engodo da diversão e do nada fazer por muito tempo. Seria capaz ainda de se revoltar contra um mundo que lhe oferecia tudo mas que na realidade não lhe dava a felicidade, um trabalho certo, uma satisfação ao fim do dia? A solidão tinha-o feito assim. No entanto, estava casado e tinha um filho. O que lhe faltava? Não sabia se iria seguir ainda as pisadas do seu pai. Preocupava-se ainda com isso. Talvez por não ter com quem conversar. Talvez por ter sentenciado a sua vida ao julgar-se vítima. Tinha um filho e dele havia de cuidar. Era uma delicada flor que era preciso conservar a uma distância relativa. Entretanto, os dias eram contidos de pensamentos infinitos. Não era fácil ser pai desempregado de um filho. Mas o que fazia na realidade Fernandes? Pouco se sabe da sua vida. Patrícia era uma das poucas pessoas que conhecia um pouco do seu passado. Nenhum jornal jamais publicaria coisa alguma a seu respeito. Estava demasiado enfronhado em si próprio para se tornar visível. Por mais que façamos, por vezes não chega para o mundo nos ver. O que é o mundo?

A casa parecia perdida no meio da floresta. Os canais de comunicação eram a velha estrada de macadame e a rádio. Na sala principal, o velho Simas contorcia-se na cadeira, atiçando o lume com cavacas finas. "Que raio! Na minha primeira vida fui um escritor bem sucedido, escrevia tal como a maior parte dos rios correm, fluentemente, tal como os jovens que têm habilidade para novas línguas". O lume reflectia-se-lhe na face. Pequenos estalidos e ecoavam pela sala e o velho sentia o calor nas pernas. O seu rosto segurava-se na palma da mão aberta com o cotovelo apoiado no joelho. Depois de se sentir um pouco adormecido, acordou repentinamente como se uma tarefa importante o chamasse. Levantou-se e encaminhou-se até à cozinha. Um gato preto comia os restos do jantar em cima da mesa. O velho Simas não o enxotou. Desligou a luz e dali a momentos o gato veio ter com ele até perto do lume. O velho tinha a mania das repetições. Desta vez imaginava-se a conversar com um vendedor de livros. Regateava os preços, as colecções, os prazos de entrega. Estando ele nesta discussão em que parecia ter mesmo alguém à sua frente, deu com dois gatos fazendo uma incursão no seu espaço pela janela do quarto. Seguiram para a sala de jantar e admirável era o que tinham diante dos olhos: o brilho vinha justamente do meio da sala, de uma mesa que suportava um candeeiro severamente iluminado que

descia do tecto até perto de uma mesa totalmente posta. De quem estaria o velho à espera para jantar? De muita gente e ninguém ao mesmo tempo. Tinha saudades da tal família que seguira um caminho diferente do seu. Ele, isolado, entra na floresta, tinha por companhia os animais e seriam os gatos nessa noite a comer na sala preparada. Falava, por isso, sozinho, dizendo mal de todos os que o foram abandonando no caminho da vida. Para ele, tudo estava em fase terminal. Era fácil dizer, portanto, mal dos políticos, do que surgia na televisão. Por isso tinha o desejo de viver só. Talvez assim estivesse mais perto dos homens.

Um jovem entrou na noite de mãos nos bolsos e cigarro na boca. Era um jovem normal, 25 anos frescos, que chegou junto do balcão do "Cá te kero" e pediu um descafeinado. Atrás dele, duas jovens alemãs discutiam sobre as suas viagens. Ele olhou de soslaio e compreendeu que estava completamente perdido no meio daquela gente. A empregada de balcão mais feia pôs-lhe um descafeinado em cima do balcão. Estaria ele assim tão desfasado do mundo? Então pôde ler um bilhete que ele lhe deu e que tinha há muito tempo guardado no bolso: "Procuro à noite/ um sinal de ti/ Procuro na noite/ Por quem não esqueci". O jovem leu aquilo e veio-lhe à memória tudo o que tinha feito na sua vida passada. A sua mente procurara durante muito tempo a serenidade que permite fazer coisas. Mas agora o mundo era diferente. Sabia que era um sobrevivente, mas não o podia dizer a ninguém. A lei da vida era madrasta, a vida tinha-lhe sido madrasta. Mas ele alimentava mesmo assim ideias de um dia sair da solidão em que o seu coração se encontrava. Purgar pecados, destilar ideias, por mais que o façamos, se o fazemos sozinhos, ficamos sozinhos. O mendigo já não tinha medo de estar sozinho, ao ponto em que estava habituado. O jovem fez uma comparação: "Estou aqui com tanta coisa... por que não fazer algo de diferente?"

Duas horas depois estavam sentados no sofá da sala. Não se podia pedir mais honestidade a um jovem. Talvez porque fosse tão puro merecesse a luxúria mais do que os outros. Conversaram sobre animosidades e afinidades. Não ficou uma grande amizade depois daquele convite do jovem. Mesmo assim, o jovem perguntou-lhe onde é que ele costumava parar para o cumprimentar. Como era pessoa fechada, o mendigo disse-lhe apenas: "Olhe, eu estou aqui bem disposto. Mas sei que me vou cansar a seguir e depois vou pernoitar em muitos sítios. Mas posso dizer-lhe que costumo parar nas arcadas da sede do ministério da Economia.

O espírito poderia estar preguiçoso, distanciado de preocupações mínimas. Mas havia que superar aspectos menos importantes e seguir em frente. Naquela noite, uma sombra surgiu a Dionísio numa paragem de autocarro chegando da luz que iluminava o passeio.

-Boas noites.

-Boa noite. Estou surpreendido por vos encontrar por aqui. Não é o dia o vosso ambiente de trabalho?

-Sim, naturalmente. Mas eu não consigo descansar, de modo que vim dar uma volta pelo parque. É como se tivesse perdido o sono do meu dono. Não consigo estar junto à fogueira com os meus semelhantes. É como se nada valesse a vida do meu original.

-Quem é o teu original?

-Um jornalista. Acho-o uma pessoa vazia. Não tem vida própria. Nem sequer merecia ter uma sombra como eu.

-Estranho e curioso quando falas nisso. Não sei o que diria de mim a minha sombra. Por acaso não a conheces?

-Acho que não. As sombras têm um trabalho muito próprio. Reúnem-se à noite em antigos castelos ou junto a regatos para expor as suas observações sobre os donos. Falamos em factos, não em nomes. O que nos interessa é o conteúdo das acções, a motivação, social ou subjectiva.

-Pois te digo que não sei mesmo se terei sombra com alguma inteligência. Às tantas não tenho tempo para fazer sombra. Absorvo totalmente a tarefa da minha sombra. Se tiver uma, será uma sombra de um velho arqueado olhando insistentemente para o seu passado, não achando coerência alguma nos seus actos diários.

-Eu tenho falado com outras sombras e encontras-me aqui por acaso. Tens sorte em falar comigo, a estas horas. Mas gosto do teu aspecto. A tua sombra não deve ser como a pintas. Talvez não seja assim como tu dizes. Pode ser até que a conheça...

-Seria bom dizeres-me o que ela tem a dizer de mim, o que conta nas vossas assembleias à noite.

O carro parou junto de uma praia. Saímos. A chuva começava a cair miudinha. Olhava-mos para as raparigas e fazíamos comentários que todo e qualquer homem faz para outro homem sobre mulheres. Eu tinha uma vida complicada, embora não tivesse emprego. Vivia de rendas numa casa comprada pelo meu pai quando (não porque) acabei o meu curso universitário. Pela primeira vez, depois de tanto insistir, estava convencido de que não pertencia a este mundo. Um pouco como Cristo. Isso tornava complicada a relação com as mulheres. Mas eu também não queria uma mulher qualquer. Fomos a banhos. A água estava surpreendentemente boa e eu fiquei por lá, com a água pelas coxas, levando água ao rosto, baixando-me para que a água me cobrisse o corpo em forma de onda.

Os meus pensamentos intrusivos faziam questão de me estragar o dia. Fumava um cigarro quando achava que não tinham importância e que nada de grave nos iria acontecer. Os acontecimentos visuais não me preocupavam como quando despertei para a adolescência. Aí penso que não tinha consciência dos outros, não os avaliava tanto. Os nossos diálogos limitavam-se a mulheres e ver casas de quem está de bem na vida. Bem demais, para a nossas perspectiva. Tínhamos ideias nesse dia. No entanto,

quem sabia o destino que nos esperava? Éramos aldeões ainda, no meio da cidade, porque admirávamos os edifícios e as mulheres. Ainda bem que não éramos lisboetas. Eu, no meu íntimo, pensava que era algo mais que um lisboeta, pensava que tinha apenas de lisboeta o cosmopolitismo. Seja como for. Eram quase seis horas e eu pensava que devia deslocar-me até ao Largo da Feira da Ladra para me encontrar com simpatizantes do Yoga. Vou, não vou, penso eu. Aliás, não tenho dinheiro para ir de autocarro. Vou, não vou. Gastei o dinheiro em telefone para casa. Falei com a minha mãe. Mas, como estava dizendo, o carro parou junto da praia. O sol não aprecia, nem julgávamos que houvesse mais gente na nossa vida. Vinha de casa. O chá sem açúcar não me soubera bem. Continuava adicto aos cigarros. O meu computador estava com problemas eu não conhecia nenhum técnico de computadores. Afinal, tinha de aderir às novas tecnologias e ao multimédia. Não tinha, até chegar àquela praia, ganho nada por seu um humanista. Não era já um jovem. As minhas capacidades de aprendizagem estavam reduzidas consideravelmente. Contudo, tinha de arranjar forças. É estranho dizê-lo, mas julgava-me uma pessoa jogada à rua, que por sua própria conta e risco tinha de viver dia após dia. Sentia-me como um sem abrigo. Sentia-me melhor do que numa sessão de yoga ou em casa. Sentia-me melhor olhando a praia de gente.

O meu espírito não levantou nesse dia como uma ave que anseia por uma visão panorâmica. Não, estava se arrastando por lugares próximos e eu sentia-me posto a um canto, onde tinha de desenvolver o meu lugar de poesia. Acordara levado pelo sonho e pelo sonho saíra de casa. O meu espírito bloqueava em certos aspectos. Dormira à tarde, falhando uma oportunidade de ir até à praia. A casa, a maldita casa, era o meu refúgio, desse para o que desse. Estava longe de muita gente. Contudo, entreguei aquele documento para mais tarde, pensando que dali a meses me sentiria muito melhor. Como no casamento da minha irmã, em que tive a coragem de ler as leituras na missa. Tinha de continuar a falar em público. Era essencial para mim ser recordado por alguém. Ela passara perto de mim e estava diferente. Ainda pensei em voltar para trás para lhe lembrar que era eu, aquele que um dia a confortou, que ali estava. Mas não voltei para trás. Mais adiante, na minha deslocação pela cidade, bebi um sumo de laranja e comi um pastel de nata. O café, ou descafeinado, metia-me nojo. Como me metiam os passeios, quer à noite, quer de dia. Comprei o maço do dia e fumei o primeiro cigarro não sei onde. Voltei a casa, à maldita casa que me tira a liberdade para voar. Pensei na minha mãe, no meu irmão, na minha irmã. No meu pai também, embora não mantivesse com ele uma relação de diálogo. Eu havia de voltar, como filho pródigo, com o coração nas mãos, coração de manteiga. Pensei nos meus sobrinhos, o Guilherme e o Rodrigo, que têm um futuro pela frente no Alentejo. E, porque não, para não variar, pensei livremente em todas as minhas obsessões e no direito de exigir qualidade de vida para mim. Ontem, dois namorados estavam se beijando repetidamente, nervosamente para mim, enquanto esperava pelo bus da Rede da Madrugada. Olhava o chão sujo e encostava-me de quando em vez à parede. Estava ansioso que aquele autocarro me levasse algum lugar. Não imaginava que fosse a minha casa. E foi assim que começou o sonho.

Havia uma paz perto mas por pouco tempo. A alma roía por dentro e essa paz doméstica teria de ser um dado adquirido para José Estêvão. Sonhava com viagens as outros lugares, como Madagáscar e Albânia. O primeiro país, porque era um ilha e de pequeno tinha uma ideia idílica do lugar. O segundo, porque pertencia à Europa e fazia sentido, porque pertencia ao programa Eureka como país PIN. E todos se lembravam dos países da Europa e este país, tão esquecido, por José Estêvão o mais pobre da Europa, deveria ter algo para contar. Entretanto, no seu pequeno reino, as coisas pareciam funcionar, era um rei sem trono, um rei itinerante, e as regres sociais pareciam estar cada vez mais presentes no seu espírito, pois que não tinha de as contornar e evitar. Eram um dado inevitável e José Estêvão oscilava em campos distintos do conhecimento, com saudades dos livros que lera em pequeno. Não estava agarrado a um coisa, as suas perspectivas tinham aumentado e o que o prendia era aquele canino que lhe desarrumava a casa e roía. Em breve, numa das muitas viagens ao Alentejo, o canino iria ter um outro lar, outros donos. Dizia-me em pequeno que se um cão tem o céu da boca negro é que é bom para a caça. A caça fora uma actividade de nobre e hoje estava disseminada com actividade lúdica e até erigida a fenómeno desportivo. O amigo mais chegado, que cursara engenharia informática, espantara-se por José Estêvão ter vendido parte da sua colecção de vinis. Ele estava pensando em comprar um sistema de som, um gira discos e era um purista audiófilo que, embora desconhecesse os nomes mais significativos do jazz ou da clássica, sabia distinguir o bom do mau no que respeita a som. Conversavam sobre isso e sobre um descafeinado com pau de canela. José Estêvão sabia os nomes e dava-lho amiúde, mas raramente estava atento ao modo de ouvir bem a música e por vezes, a maior parte das vezes, deixava Domingas falar, fitando um ponto no horizonte do espaço em que habitavam por instantes. Era questão de pretexto para passar o tempo. Pela primeira vez na sua vida, José Estêvão não estava agarrado a um posto, nem sequer considerava a velhice como um posto. O dia era grande e desfilavam no seu espírito ideias das mais variadas. Sabia que um dia encontraria uma actividade que o furtasse à tentação carnal que estava controlada por uma timidez e uma nostalgia do nada, um retenção em tons de desilusão. Dizia-lhe um sacerdote que reencontrara depois de muito tempo que "tens um pouco de tua mãe, um pouco de teu pai", e era bom ter descoberto essa verdade. Não era questão de dupla personalidade. Ele havia sido o filho do meio, um filho talvez inesperado quando o casal de progenitores esperava uma menina depois do primogénito. Era essa a sua interpretação, o padre tinha razão. Em breve voltaria a ver esse seu amigo que viajava entre os Açores, Itália, Alemanha. Depois, os pequenos caminhos que percorria já não tinham um carácter de infinito. É certo que havia lombas no caminho para abrandar. O seu carro era especial, estava adaptado às suas necessidade. Com ele fazia viagens a lugares portugueses onde ainda tinha esperança de encontrar um Portugal grande nas suas gentes e simpatias. Parava o carro e deparava-se com a natureza intacta num promontório. Quantas pessoas se teriam suicidado naquele lugar? As notícias tinham sido muitas a esse respeito e remontavam ao princípio no século, aos tempos da primeira República. Corpos que tinham vindo dar

à costa milhas adiante e que um anónimo pescador encontrara. Hoje em dia os suicídios eram também o cartão de visita do lugar, o Cabo Espichel, mas o que atraía José Estêvão para aquele lugar era um certo ar de sobrenatural. Aqui, outro tipo de impressões ficou registado. Do tipo estar enfronhado no quarto e ir até ao refeitório lanchar, o jogo da bola aos sábados, a apanha das frutas, as sessões de catequese aos domingos às crianças pobres que viviam perto de Braga. Há um registo sonoro que ele guarda com zelo de uma visita de seu irmão, fotos de um cenário genuinamente franciscano, onde uma cruz encimava um bosque de árvores e folhas voluptuosas. Às vezes diziam-lhe coisas que não queria ouvir, cada vez menos, uma personagem feminina que se aproximava e que gerava emoção levava-lhe ao espírito tempo antigos em que era um jovem apto. Não que agora não o fosse, mas o tempo pesava e ele sabia que estava uma fase decisiva em que tinha de escolher o seu caminho futuro. Mas havia alternativas a uma linha férrea antiga, havia a sua mente, a gestão das flutuações de humor e a dor não tinha um carácter permanente como quando se perde alguém. Por isso valia a pena continuar a fazer o que sempre fizera, mesmo que não encontrasse contraponto no mundo real. As personagens estavam ali por perto, muitas das vezes ao seu lado, e não havia que ter pudor em relação a referir as suas actividades. A maior parte delas era lúdica e mesmo assim José Estêvão continuava a acreditar na vida, que a vida seria um desafio, uma aventura e que teria interesse descobrir sentidos e que não só as palavras se multiplicavam até ao infinito. Havia muitas sensações e sobretudo ideias que desconhecia. Isso excitava-o deveras. As faces da cidade, no metro e nos autocarros eram cada vez mais diferentes. Todas elas diziam-lhe o que não dizem as palavras. Uma imagem fala por mil palavras e quanto a isto era bem verdade.

A sua mente distorcia-se quando pensava em várias coisas como mulheres, viagens, dinheiro. Diria ele próprio aos amigos que "tenho isto", "tenho aquilo" e podia desculpar-se com isso. O facto é que a sua situação era frágil e não sonhava com coisas do outro mundo. Contudo, as situações em que se via eram atravessadas por um fundo de uma tristeza inamovível que faziam dele um zombie sem interesse. Estava naquela fase da vida, das vidas, em que queria recolher-se na sua casa, ler um determinado estado de coisas e não ver o futuro como negro. Sim, porque qualquer cor que fosse abaixo do branco era para ele uma cor negativa. Mas não podia ser tudo branco, nem sequer as suas palavras proferidas por uma boca que esperava há muito receber beijos. Nunca dormira com uma mulher e esse seria porventura o seu maior desejo. Não uma mulher qualquer, uma mulher que amasse, mas não, estas coisas não se dizem, essa figura que podia nunca mais aparecer não seria uma mulher especial, não adiantava estar a preparar o caminho para ela passar. Mas será que só havia para José Estêvão uma maneira de fazer as coisas? Porque é que insistia em não dizer que o mundo era feito de possibilidades? Porque é que não lutava pelos seus sonhos. Talvez, simplesmente, porque lhe faltasse um pouco de coração, de emoção, talvez porque as

racionalizações eram tantas que o tornavam um ser pouco produtivo, em conflito apenas consigo, pouco atento ao mundo em redor afinal. Entretanto, não sairia do lugar onde estava, onde permanecia todos os dias e imaginava palavras. Não tão cedo. Agora que tinha o estouro na mira iria agarrá-lo com todas as suas forças. Ninguém podia ajudá-lo naquilo que ele próprio tinha de fazer. Ser pai um dia. Um outro sonho que não adiantava forçar. A descrição deste homem levaria anos, os anos que ele viveria e para isso não está aqui esta voz. Contudo, das palavras nascem palavras, como sementes que lançamos à terra e a terra que misturamos com o arado. Sobrevivia ainda, através dos seus pensamentos, atormentado por espadas que lhe feriam a mente todas as horas. Sobrevivia e de que lhe valia a pena dizer que a sua aventura era única e ainda seus olhos brilhavam para propósitos válidos para si como pessoa e úteis para a sociedade? Já não era o homem das viagens que volta com uma história comovente ou significativa para contar. Era um homem da cidade que tomava a palavra em vez de tomar o lugar. Vivia da palavra. A palavra ouvida, a palavra lida, a palavra viva. Contudo, algumas notas de música e uma melodia simples acompanhavam-no no caminho que esta voz irá descrevendo. Podia vir um mundo de críticas contra ele, que ele não se importaria. Num gesto, um dia, a sua pequena vingança seria alcançada. Não seria uma vingança à moda antiga, uma vingança no sentido restrito do termo. Seria uma vingança contra uma parte dele próprio que lhe trazia pensamentos inconvenientes e lhe impedia de ter um trabalho, de ter relações sociais. Suportar esta dor era pior do que morrer, pior do que não existir. Contudo, a luz continuava acesa à sua espera, para ler um livro, para estar na sala, sentado, para ir ao trabalho. Não se podia considerar um doente crónico, nem sequer uma pessoa normal. Aquela personagem, irmão gémeo de José Estêvão, recapitulava diante dos seus ouvidos os pretextos por que haveria de viver uma vida sem neuroses. Tinha condições para isso, contudo, não o fazia, por mais que se esforçasse. Talvez os seus genes fossem fracos. Talvez simplesmente pudesse mandar tudo bugiar e mais quem queria que ele participasse da carneirada geral que era ter opinião sobre o que preocupa a maioria dos portugueses. "Não, não conheço portugueses que se preocupem" pensava uma noite depois de ter estado com uma amiga. Estava longe de uma paz que estava perto, todos os dias, contudo não lhe chegava com os braços para agarrá-la, aprisioná-la, domesticá-la. Os dias acumulavam-se na sua mente e se falasse tudo o que lhe ia na mente iria provar a sua pobreza de espírito. Tinha, por isso, receio de ser mal interpretado. Era este ser conflituoso como Kafka, moralista como Pascal, religioso como Kierkegaard, mas contudo tão distinto e tão distante deles que se acumulava como o pó dos livros nas bibliotecas. Era um livro esquecido, que continuava a conter palavras secretas, ruminações que a ninguém interessavam. Um dia a glória viria, muito para além da morte, quando se suicidasse e descesse à terra para servir de alimento aos bichos que por ele esperavam. Estava José Estêvão farto de recomeçar, farto de pensar nas mesmas coisa, de esperar e sonhar que o mundo podia ser um lugar ideal para viver e que ainda ia a tempo, todos os dias, cada novo dia ainda ia a tempo. Era pesado, como um corpo morto. Contudo, quando caísse outra vez no chão, outra vez se levantaria. Um dia

talvez voltasse à Grécia para chegar acompanhado à beira do mar e contemplar do outro lado do mar a costa turca. Contudo, sozinho não podia fazer tudo. Por isso neste romance há mais personagens. Para obedecer afinal aos critérios instituídos. Estava a desperdiçar a vida por fumar, queimando dinheiro ao desbarato. Continuaria a andar no metro, vendo rostos circunstantes, bebendo um ou outro café, comendo dois bolos acompanhados por um galão a duzentos escudos o que diga-se naquela época era extraordinário. Iria conhecer alguém, saltando sobre os obstáculos, com o rosto sempre virado para a frente, para alguém que sorrisse no fim do noite. Era um risco ter de perder o que mais precisava e não se dava conta, no entanto parecia estar atónito, queria estar atónito, ter emoções, em vez de racionalizações, vivia numa situação urgente todos os dias e não sabia como contar aos outros. Descia e subia escadas todo o dia, no seu trabalho, juntando papéis, enviando faxes, resolvendo assuntos que diziam respeito aos outros para ter no final do mês algum momento de descanso de guerreiro. As suas preocupações eram indizíveis e a pouco e pouco o seu corpo envelhecia. Envolto na teia burocrática, estava longe de fazer o que sempre sonhara. No entanto, ainda esperava algum recolhimento da sua casa, afinal era a sua casa e fosse o que fosse acontecer, poderia permanecer na sua casa. Não tinha varandas nem vistas de deslumbrar, mas ele tratava da sua casa como se trata das flores de um jardim. Pensava, pensava, reservava um dia para a pôr bonita e acolhedora, mas pouca a gente a visitava. Mudar para quê se um pouco de mediocridade até é salutar. Apesar disso, José Estêvão continuava atento, e nos próximos dias as histórias haveriam de chegar. Os dias nunca são iguais. Talvez houvesse algo de interessante nisso. Depois, uma vez mais, sonhos que não se contam a quem se deve, porquanto se espera de um personagem que nos faça sonhar. Todas as ideias são importantes e se o narrador se convencesse disto este romance não teria fim. Há que ver em José Estêvão, personagem central deste ensaio, o que de mais importa, o que mais motiva. Poucos amigos e muitas letras, inventando no dia uma razão de viver, como um músico. Seria José Estêvão um artista? Seria um especulativo que jamais se daria com as mulheres? Quisera agarrar os momentos e estava longe de quem conhecera razoavelmente ao ponto de dar um filho. Ela, sim, ela tinha agora um filho...ah! Como seria ter um filho? Como seria antes de mais, ser feliz necessitando de apoio no diálogo, estar presente alguém em todos os nossos momentos. Algo que nunca tivera era o que José Estêvão reivindicava da sua companheira. No entanto, o seu percurso de vida negara tudo o que ele queria. Mas não se podia torturar mais em procura de respostas. Elas poderiam surgir se continuasse atento, fazendo ligações, hiper ligações. Afinal, depois de amanhã era o dia do exame de inglês e ele tinha de estar preparado, preparado para tudo. Não, José Estêvão não lia há muito tempo. Um livro de quando em vez. Os acontecimentos da sua vida resumiam-se a poucos actos, a poucas pessoas. Vivia como se tivesse mergulhado num lago chamado "poucos mas bons amigos". Não podia ter nada em definitivo, nem podia esperar por um clique, havia de encontrar as ligações do seu passado com o presente. Antes do teste tinha ainda um fim da semana para passar em Espanha. Não, ninguém há-de ler isto um dia, por isso

posso falar à vontade, ele disse que eu podia falar e eu gritava à minha mãe que finalmente podia falar e na escola não me davam atenção, desde cedo que não me falavam de questões profundas, quando eu sabia que as tinha de descobrir conforme o crescimento das glândulas, desenvolvimento do corpo. A mente era o que lhe interessava. Não, não tinha medo do mundo, não era um cobarde como muitos que podia nomear mas não faz porque é um humanista. "Um Homem bom é um Homem morto". Nesse dia comprou o livro que o haveria de fazer reviver os tempos, de voltar à escola, ao seminário onde se discutia a vida em quadrantes congelados, naquela capela, no genuflexório onde pousava os joelhos e os cotovelos e falava com Cristo. Levou-o para Espanha e alguém o leu entrementes e lhe deu uma opinião. Trouxe livros em castelhano sobre temas vários, entre os quais sexologia e psicologia. Mas também geografia. Era hora de regressar a Portugal, ao teste.

Estava quebrado, mas recompôr-se-ia a alegria no seu rosto. Falta de diálogo, falta e ausência do que não podia ter pela força. Estava longe de saber alguma coisa. Dava-se conta de que os anos que tinham passado haviam sido uma aprendizagem de algo e que teria de recomeçar todos os dias, todos os dias eram uma visão do mundo. Passava disfarçado de pessoa comum. Era uma pessoa comum. No dia seguinte partiu para uma grande viagem a um mundo desconhecido, a Albânia. Um país pobre, onde tradicionalmente havia mais homens do que mulheres. Um país esquecido dos balcãs. Não, os albaneses do Kosovo não haviam sido esquecidos. Era uma situação parecida à dos curdos. Já no aeroporto, lia um livro para passar o tempo depois do *check-in*. O seu destino era Atenas, só então viajaria para Tirana. É certo que iria sair da sua casa, da sua adorável casa e Vlad estava aguardando por ele no aeroporto. Era um tipo franzino, de face oval e olhos endiabrados. Falava uma língua estranha e seria de hoje em diante o seu cicerone, não que José Estêvão fosse necessariamente uma visita estranha. Procurava obter por lá o que não conseguira em Portugal. Uma perspectiva diferente da vida. E porque é que se havia lembrado da Albânia, logo da Albânia. Por que não a Suécia ou a Dinamarca? Porque não a Itália ou a Grécia, a Espanha ou a França? Simplesmente porque tinha consciência de que a história estava mais ou menos feita nesses países e tudo o resto era um *fait-divers*. Naquele antigo bastião comunista, tudo estava ainda por fazer e aquela gente precisava do olhar dos estrangeiros que um ditador negara por tanto tempo. A estátua de Enver Hoxha estava lá, predominante na praça principal de Tirana, ainda, não eliminada nem beliscada por nenhuma revolução. Cegos e toscos não se haviam ainda unido contra esse terrível homem, um esboço de pessoa que, muito pior que Hitler, Salazar ou Estaline, castrara os desejos de um país crescer.

No seu pequeno mundo, José Estêvão, perdera o contacto com o exterior e agora pensava em refugiar-se em si próprio, ficar em casa. O suicídio era uma hipótese, embora nunca admitira falar nela em aberto. Os sonhos, os seus sonhos apenas passavam disso. Havia uma grande distância entre o que sonhava e o que poderia fazer. Todo o santo dia era uma luta para se procurar sentir bem. Ninguém compreendia

como tinha ele razões para não ser bem sucedido. Do modo como estava fazendo (ou não fazendo nada sequer) não iria conseguir nada. Mas o que se espera conseguir quando já se perdeu a esperança e a força escasseia? Porque é que tinha de ser assim? Os seus colegas, os seus amigos, em breve ficaria sozinho mais uma vez. Não suportava. Não reagia. E porque não viver com o que tinha, em vez de sonhar com mundos impossíveis onde ele era o centro das atenções, o artista principal? Os mecanismos da sua memória retinham o seu corpo num espaço que não compreendia nem abraçava, embora não tivesse outro poiso. Por causa da porcaria de uma doença tinha ficado desempregado e ninguém já ouvia a não ser a irmã com quem discutira imenso durante dias naquela casa, à procura de um pretexto para o seu comportamento. Já não tinha um padrão de comportamento, mas sim um padrão de pensamento. O seu corpo, é certo desejava estar em paragens contínuas, mas desde pequeno que se habituara a contar os seus desejos. O seu pai representara algum papel neste aspecto. A sua mãe também. José Estêvão pensava como é que o isolamento podia ser tão mortal. Depois de uma tarde terrível em que tinha feito o esboço de um quadro, ficara retido na cama não querendo saber que o mundo existia. Afinal esse direito ainda tinha, ainda tinha o direito de se recusar a viver um mundo de ligações, violento, um mundo de confrontações contínuas onde parecia já não haver valores. Depois, dizia adeus ao sexo e ao desejo aos poucos. Continuava a fumar e ultimamente pensara várias vezes em deixar. Se deixasse, o que aconteceria? Não conseguia imaginar, portanto não iria deixar. Era como uma prova de força que fazia com o seu pai continuamente na sua cabeça. Mas vamos lá tentar compreender: se de facto ele não tivesse pensamento, não pensaria em nada e não estaria entregue a si próprio. O facto de ter pensamento era indício de que, por um lado, algo estava certo, mas pelo outro, estava desfocado, enredado em tramas subjectivas que não tinham fim. E isso tirava-lhe a força para cumprir uma geografia que construía paralelamente. Não se podia voltar atrás, um dia haveriam as coisas de serem diferentes, iguais na sua composição, simples, mas diferentes. E em Lisboa uma manhã nova, uma aurora poderia ter outro brilho, outro sujeito, um José Estêvão renovado, plenos de relações pessoais e familiares. Aproximava-se o Natal, mais um Natal e ele já não sabia se haveria de gritar de dor ou se já era tarde e deveria conter-se e viver egoisticamente a sua vida. Havia muito mais coisas a aprender e quanto mais aprendia, mais tinha a ideia de que estava se distanciando do mundo. É certo que se aproximava de um padrão psicológico próprio dos escritores sofredores. Mas não podia ceder, não podia continuar a insistir em coisas que não interessavam para o contexto e ele queria realizar uma família, ter filhos, mas longe, longe de si estavam essas perspectivas. O seu horizonte era vago, incerto. Seja como for, precisava urgentemente de conhecer outros horizontes, outras vidas. Os seus bloqueios, depois estava já farto de médicos e médico quer fazer carreira, antropólogo quer fazer carreira, poeta e romancista também. E porque se excluía destas categorias? Tinha assim tanta certeza da sua obra? Sim, José Estêvão também escrevia. A mente descontrola-se por vezes, por isso José Estêvão precisava de tomar notas cerca do seu destino. Talvez um dia também os

outros poderiam fazer ligações ao mundo com as suas palavras, como ele fazia com as palavras dos livros que lia urgentemente. Deus não existia já na sua vida, sabia-o porque o chamara várias vezes. Talvez o seu problema se resumisse a uma falta de fé. Simplesmente. Contudo, era ainda forte, um fura vidas dos pensamentos. Era hipersensível e conhecia-se bem. O que iria acontecer no dia seguinte? Continuaria a inventar desculpas para não se comprometer com o mundo, para não se assumir? Faltava uma peça qualquer no seu jogo, na sua demonstração de vida. Um dia poderia vir à tona respirar, embora gostasse imenso nadar debaixo de água. Não adianta fazer a figura do ceguinho para esta personagem. José Estêvão tinha inteligência suficiente para perceber o que era o mal, o que era o bem, mas suspeitava que em breve as coisas não iriam ser tão maniqueístas. Tinha de manter a esperança, apesar das forças negativas na sua alma serem imensas. Tinha de lutar contra essas forças, com toda a sua força. Um dia vingaria, um dia estaria de espírito sossegado, deixando o cigarro, deixando de andar de um lado para o outro da sala como um prisioneiro. As notícias do cenário haviam-se modificado. A fé era outra coisa, fé nas palavras ditas e escritas, mais nas palavras escritas, porque as ditas não têm fundamentação científica. E José Estêvão não procurava legitimar-se dentro de nenhum grupos de cientistas sociais ou investigadores. Um dia talvez fizesse questão de falar com as pessoas, um dia talvez as pessoas falassem com ele de outro modo. Contudo, não esperava milagres. Mas um milagre era preciso para reavivar a chama de viver a este velho jovem, corcovado com os anos em frente ao computador. Elas estavam sentadas num bar, eram seis. Eles os dois chegaram e aperceberam-se de que havia uma hipótese de sexo. Depois, punha-se a pensar no filho que queria ter um dia e quanto mais pensava mais distante essa ideia estava do seu horizonte. Isto tudo falando sem fundamentação científica. Claro, ele era um ser humano, mas não economicamente viável. Não podia ser professor, não podia fazer investigação, não podia estar exposto. Então o que poderia ele fazer afinal? Talvez ele não tivesse mais obrigação do que os outros de ser ouvido. Agora mais do que nunca. É claro que não tinha resposta para tudo, nem tinha de ser como os outros eram ou pareciam ser. O seu trabalho estava por um fio e porque ainda esperava fazer alguma coisa na área da ciência. É certo que muita coisa lhe escapava pois era como era, mas havia uma faceta que não o preocupava, que era o facto de se por sempre em causa. Gostaria de contactar pessoas com situações semelhantes à sua e decerto que de duas uma podiam ser muitas ou podiam ser poucas. Das duas uma. Ou as duas. Afinal, José Estêvão se conseguiu livrar do demónio da ciência e começou a criar uma prosa original, autenticamente sua, um pouco como fazia antes de fazer 18 anos.

De repente, deu-me vontade de dizer mal de toda a gente. Principalmente de toda a gente que via na televisão. Parece que é preciso fazer televisão, fazer teatro, fazer filmes, para mostrarmos que existimos. O problema está em que não basta fazer parte que existimos, temos de mostrar aos outros isso do que somos feitos e partilhar emoções. Estava sentado no meu carro, com as pernas para fora, apoiadas no chão, com a porta aberta. O meu espaço havia sido durante dois dias o mesmo, os diálogos os

mesmos, idas e vindas de lá para cá. Não descrevia viagens que tivesse feito. Não era alvo de admiração de alguém. Pouco importa. Estava no meu cantinho, com o meu bicho de estimação de que gosto os olhos. Os carros passavam por mim a alta velocidade e não desconfiavam essas mentes o que se passava com a minha, fardo que eu tenho de carregar toda a vida e que nunca mais me liberta. Sentia que tinha andado em círculos, vindo ter ao mesmo destino que era um desfiladeiro. Bastava tirar o travão de mão e nunca mais precisava de contar histórias. Contudo, acreditava nas moléculas, no estigma da frequência psiquiátrica que nos faz sentir vivos e ser objecto de atenção. Nunca mais teria de ser actor na vida. Decidi isso. Teria de ser eu próprio. E julgava-me perfeito. De facto era. No meu espaço protegido, nada existia ao acaso. Nem eu próprio. Talvez vivesse em função dos meus objectos e poucas vezes os olhava com sobranceria. Mas outras vezes confundia-me com eles e minha alma impregnava-se na sua constituição física. Era assim com uma pequena estátua que desejava pintar há semanas. Tinha-a adquirido numa loja de bagatelas. Era de barro. Um dia juntei as tintas, seis, sete cores e decidi ocupar algum do meu tempo pintando a estátua. Ela representava um dos milhares de homens de um exército em terramoto descobertos na China. Daí não havia nenhuma ilação a tirar. Era apenas uma estátua de barro, ainda por cima oca. Se caísse ao chão nem o tapete a salvaria. Dia após dia fui acrescentado uma cor. Comprei mais estátuas iguais e a moça da loja não estranhava nem um pouco eu levar três e quatro de cada vez. Comprei até se esgotarem. Durante meses dediquei-me àquela tarefa terapêutica, àquele passatempo, como lhe queiramos chamar. E com que ardor e meticulosidade! A primeira estátua, que tinha seis, sete cores, estava agora numa loja de artigos de decoração. Tinha mais para vender e era o que faria. O que faria com as dezenas que acumulara em casa? Continuar a vender. Até à última. No último dia, fumei um cigarro sobre a obra, tal como supostamente se fuma depois de sexo. O meu espaço protegido estava sendo o meu inimigo. A última peça, aquela que me deixaria recordações sobre o meu trabalho foi por mim estilhaçada contra uma parede. Comecei então a destruir vários objectos da minha sala, fechei a casa de banho à chave e joguei a chave fora. Depois de cansado de tanto destruir, sentei-me e pensei nas minhas palavras que não saíam, na revolta interior que sentia por estar fracassando como ser humano. E de que me poderei queixar? A cena voltou atrás -num *rewind*- e tudo foi reconstituído. Estava pronto para começar de novo. Se não fosse com estátuas, talvez fosse com mulheres. Talvez um dia me tornasse implacável e não tivesse mais amor ao meu espaço protegido. O meu ardor, a minha emoção saía pelos poros e cada vez mais me confundia, tal como um camaleão, com o ambiente. Era agressivo, mas não feria ninguém. Era espontâneo e não tinha receio das críticas. Era um homem com nome de gente. Talvez os diálogos surgissem um dia destes, esperando ou surpreendido. Estava dando voltas com o carro, ocupado na distribuição. tudo se passara dentro da minha casa, mas o meu carro não respondia e parecia não ter motor. Fechava-me cada vez mais aos contactos com o exterior e não me dava conta disso. Mas que podia fazer numa cidade senão revoltar-me e ser eu mesmo? Decidi arrancar, mesmo sem motor no carro, fechei a porta e lá vou eu,

descida abaixo. O motor surgiu depois, e as mudanças até que eram automáticas. Num flash estava longe do meu espaço, noutro espaço, sentindo o vento na minha face, sem saudades do que era, mas gostando de mim, perdoando a mim próprio tudo o que havia feito de ilógico.

Tenho de pensar que sou boa pessoa, tenho de pensar que sou capaz. Já estive mais longe da vida do que estou actualmente. Tudo isto é razão para contar a história de dois pássaros exóticos. Um deles pulava de ramo em ramo, o outro permanecia a maior parte do tempo, descendo até ao chão para sacar insectos da terra, minhocas, outros bichos que constituíam o manancial de vida daquele bosque. Um era o oposto do outro. Um hiperactivo, outro inactivo, parecendo estar mais próximo do estado vegetal. Um dia, o vegetal viu movimento entre as folhas cá em baixo. Um jovem preparava-se com a sua fisga para lhe atirar. Levou a mão ao bolso e sacou de um berlinde de vidro, tal era a sua convicção de que ia acertar. Ou nunca tinha mandado um berlinde pela fisga, era novidade. A bola de vidro voou através do ar e o passarinho inerte viu-a aproximar-se. Desviou-se pouco antes de chegar a ele, no último momento. A bala prosseguiu o seu caminho e foi acertar no pássaro irrequieto que esvoaçava em volta do vegetativo provocando-o. Caiu inerte no chão e na mão do jovem, orgulhoso por ter apanhado um passarito com um berlinde, inerte para sempre ficou.

Fechei as torneiras a meio da noite. Entrei no quarto de uma pessoa. Mais tarde, lembrar-me-ia disso como de uma pesada memória que nos persegue e incomoda. Entrei mais tarde num centro comercial e comecei a ver caras novas. Pareciam-me inócuas, sem sentido. As pessoas parecem-me sem interesse. Poucas são as pessoas que conheço verdadeiramente, razoavelmente. No meu canto recôndito imaginei amizades com pessoas cujos *nicks* consultava *online*. Lá longe havia vida à minha espera e um dia podia visitar essa vida. Estariam certamente mais pessoas como eu, à espera de um contacto que mudasse as suas vidas num instante. Afinal a vida parecia resumir-se a isso mesmo. O mundo cibernético espalhava-se pelos neurónios do meu cérebro e eu deixava. Ouvia um som desconhecido numa loja de música. Bebia um descafeinado e julgava-me fora do mundo, isolado na cidade, muito diferente de quando tinha os anos do despertar para a vida e o conhecimento. As minhas pálpebras pesavam pela primeira vez, desejava o trabalho como um sedento do deserto. O que me parava estava apenas dentro de mim, mas não podia explorar isso demasiado, pois havia sido demasiado explorado. A minha vida estava como que exposta, para mal e para bem.

Um dia havia estado em Espanha e fiquei com o gosto na boca. Perdi-me nos lábios de uma espanhola na "Casa Verde". O que estaria por lá acontecer era motivo de imaginação. Um dia havia lá estado, sei que sim. Um dia estaria noutro lugar, bem longe de casa mas nunca completamente liberto. Apenas momentos. Os meus pensamentos direccionava-se ao chão, apanhei um maço quase vazio do chão da paragem do autocarro onde haviam cuspido há dias as pessoas que por eles esperavam. As coisas eram uma existência e a minha mente tinha de acreditar nesses dados. Tudo existe no

seu lugar, não é preciso que desapareça. Online conheci Vision, uma advogada que ficou com o meu telemóvel e que dizia que eu estava retraído na conversa e era frouxo. Poderia estar um dia inteiro on-line, mas não suportaria deixar de ir à rua e conhecer alguém à moda antiga. Nunca abdicaria disso.

Nos primórdios tudo se ensaiava. A vida era um palco e Francisca acreditava nisso. Era curioso como parecia ter jeitos de mulher, dizendo os amigos que era uma maria-rapaz. Subia às árvores para ver o estado da nidificação. Pisava as uvas do pai com uma força e jeito parecido aos velhos conhecedores da arte. Contudo, a sua vida rural de criança em descoberta de novos mundos numa geografia próxima da casa onde a mãe lavava a roupa enganara o seu destino, que foi entrar numa escola de artes dramáticas. Ali, aprendia que o excesso tem de ser controlado para se chegar à fama. Nem todos ambicionam a fama. A fama é questão de paciência e muita, muita psicologia. Não, Francisca não consultava médicos. Ela conhecia os outros. Tirava-lhe o retrato depois de algum tempo de exposição aos seus olhos. A verdade é que o seu colega Jaime era diferente. A verdade não lhe interessava. Dançava como que enfeitiçando os temas mais comerciais, fazia vibrar os tímidos e todos os outros. Sentado uma tarde de sábado em frente ao sofá, os seus amigos jogavam à bola no ringue da escola primária, ele estava de bem consigo próprio. Afinal que mal havia em ver televisão? Que mal havia em sonhar o que não queria ser, o que queria mas veio mais tarde a descobrir ser difícil porque talvez não fosse o seu destino ter fama. Na escola de arte, a sua mente particularizava-se no domínio do cómico. Sabia que havia muito lixo que se iria rir das suas piadas e o homem que ela amava estaria ao fim da noite com o jantar aquecido à sua espera lendo um bom livro. Um professor dizia que só se fazem duas, três coisas interessantes da vida. A meio do curso ela começava a ver que essa verdade deveria estar contida num livro sagrado.

As páginas estavam juntas. Ela pegou no livro e sentou-se, começando a folhear. Há tempos que não lia um livro, numa tarde descansada. Agora estava sentido um stress verdadeiramente depressivo, mas sabia que tinha de continuar. Não podia desiludir-se com as primeiras contrariedades. Não estava junto dos seus amigos. Nem sabia que tinha amigos. Por vezes uma conversa com alguém desconhecido dizia-lhe que sempre conhecera aquela pessoa. Anabela começava a compreender que não há uma lógica nas relações humanas. A lógica do coração é coisa a que se deve estar atento. Não demasiado atento. Essa tarde descansada, de falares sinceros e bonitos viria um destes dias. Tinha a certeza. Em Lisboa ou noutra cidade. Ou mesmo numa aldeia portuguesa. As mesmas aldeias de que estava já cansada podiam ainda acolher a sua alma e cortejá-la com gestos humanos, sinais e signos de novo conteúdo. Era questão de esperar, com calma, esse dia. Sabia que uma nova juventude estava para começar, a juventude das ideias. Depois das vozes desconexas que lhe chegavam aos ouvidos, dos gestos numa sala onde corpos se cruzavam intentando uma performance, ela parecia estar noutro lugar. Contudo, fazia tudo para agarrar a alma com as duas mãos. Desde pequena o fazia. E mesmo que tivesse dificuldade em transmitir suas emoções,

continuaria, convicta de si própria. Um dia, essa tarde viria. Bastava ter livros para abrir.

Lavei as mãos do pecado. Sartre está muito perto, mas demasiado longe para o poder compreender. Todos os pensamentos se podem eclipsar de um momento para o outro num lugar, estupidamente. Não me digam que há vida para além da morte. Quando tentamos por todos os meios viver a vida, sentir que Deus existe, que Deus existe nos outros. Não me digam estupidamente que Deus existe. Digam-me que tudo é válido para compreender a vida nos termos de uma filosofia. Queimamos os neurónios e queremos saber mais, fazer ligações. Por um lado envelhecemos, mas o nosso pensamento rejuvenesce como se estivesse cada vez mais perto do elixir da juventude. Eu sei lá que contas e que difícil está a minha vida. Mas não me queixo, como Cristo pregado na cruz. Não quero, no entanto, pagar pelos pecados dos outros como o salvador. Não quero ser sério, mas divertido. Adormecer como o boneco que me orienta no computador, acordar para um mundo feminino. Queimo o dinheiro e a vida a pouco e pouco. Invento histórias, mas esqueço-me da minha: poucas vezes me vejo realmente ao espelho. Gostaria de dizer bom dia com o sentido do dever cumprido, sem ter lido livros, como quem experimenta mergulhando na vida no mar de tréguas de que o mundo precisa. Parar e recomeçar, a sensação de estar por fora. O infinito está nas ligações que fazemos com o mundo. Honestidade. Pobreza, castidade, obediência.

Tentou começando por subir a escada. Dois passos adiante, um passo atrás. A mente revertia para o andar em cima, no que estava na casa. Veio alguém para ajudar, um jovem de nome Tiago, desenrascado. No alto da escada uma jovem esperava por ele. Amarga a recordação dos momentos que haviam passado juntos. Voltou para descer a escada. Afinal era o jovem que se ira encontrar com a moça. Precisava de se despachar, a hora do emprego estava perto, ali perto. A moral, a ética não estavam presentes. Contudo, ele tinha por hábito frequentar um grupo de jovens católicos da paróquia. O dia de amanhã preocupava-o, quando nada o devia preocupar. Na sua mente neurótica havia sofrimento que não se espelhava, um sofrimento que não se pode contar, porque a alegria é sempre bem-vinda. Diante das pessoas com quem lidava no quotidiano não expressava os sentimentos de forma sincera. Pensava sozinho sobre essas pessoas, antecipadamente, o que deveria dizer. Na sua mente as coisas desciam e desfilavam lenta e vagarosamente. Não valia a pena reagir. Podia estar noutro lugar, longe, vivendo uma vida completamente diferente. Mas não valia a pena pensar assim. Do sexo com a miúda passou a intelectualizações, a esperanças de fazer uma viagem até longe. Tinha saudades de estar sozinho na casa dos pais, naquela tarde de Outono, pensativo estava na companhia do seu animal de estimação. De leve pensava também em arranjar artifícios e contar histórias de personagens como Júlio Verne no seu pequeno espaço de imaginação. Estava perto de conseguir um estado de alma em que a serenidade invadisse a sua mente. Um telefonema alertou-o para o estado em que estava. Esse estado. As janelas estavam sujas e Rosie brincava lá fora. Pensava em

preparar uma página de Internet que versasse o tema da ciência para entrar em contacto com pessoas. Pessoas. às vezes, como naquela tarde, o mundo era banal. Sempre as mesmas pessoas que não conhecia, sempre os mesmos ritos. Sentiu-se aprisionado num mundo que não se modificaria tão cedo. Contudo, havia uma pequena felicidade em gestos, em pensamentos, em coisas que surgiam dentro do lar. Dir-se-ia que era um monge sem comunidade, mas de monge nada tinha, sobretudo os pensamentos. Havia qualquer coisa como uma calma religiosa que havia perdido. A música de Erik Satie era o écrãn de fundo de alguma melancolia, enquanto o seu companheiro de casa trabalhava ainda, pensando na hipótese de mudar de casa. João Paulo Santos, o pianista, estava ali presente, pretendendo ter mais calma que o ouvinte. Ninguém invejava a vida daquele ser, totalmente dependente de si próprio para fazer da sua vida algo útil. Para Tiago, que deixara expelir o seu sexo na noite anterior, pouca coisa interessava e as suas investigações não eram o mais importante. Já era e havia sido um actor cheio de conflitos interiores. Importava agora não repetir erros do passado. Erros, e a sua vida caminhava atrás das costas como um fardo, cada vez menos como um fardo, nada acontecia por acaso. Pouca coisa acontecia na verdade. Era tempo de esperar. Cada momento era importante. Não queria mais ser dona de casa, nem falar como as velhotas do bairro que têm uma atitude horizontal nas suas palavras, nem como um actor, que olha sempre em frente. Era tempo de ser ele próprio em cada momento, em cada pensamento. Tardava a visita de alguém importante a sua casa. Talvez estivesse no fundo ainda preocupado. Ou à superfície apenas, não se sabe. Naquele sábado, as folhas voavam perto do chão do pátio. Como seria o mundo lá fora? E o que era feito do infinito que pressentira há dias. Voltaria a sentir essa sensação nos próximos dias?

Três dias fechado em casa. Tudo pode acontecer. Aqui não se trata do Big Brother, não há outras pessoas. Há um medo, pensamentos vários, uma companhia irrequieta em forma de cadela. O amanhã é incerto. O menino é de ouro, não façam caso, é pequenino. Quantos sonhos aqui se fazem e desfazem! Esperamos pacientemente que a mente mude de cor, para um azul de paz ou um vermelho de actividade, ou para um amarelo de alegria. Longe de tudo e de todos, apesar de tudo ouvem-se as notícias e o mundo continua com suas guerras, com política e acontecimentos desportivos. Esperamos que a mente procure mais fundo motivações. Esperamos por algo que nunca chega. As coisas simplesmente acontecem e não adianta criar um cenário divino para cair do céu abaixo para as profundezas da terra. Gostaríamos de ter esperança para aqui a relatar em forma de história. Porém, uma só história há hoje e é dramática, são os passos de um ser humano pelas ruas, inquieto, com o cérebro dividido em vários interesses, que se julga invencível e não aceita a solidão, que se julga vulgar e sem conteúdo para dar aos outros só porque tem uma fraqueza humana que noutras circunstâncias, seria permitida e perdoada a qualquer jovem. A vida foge-lhe por entre os dedos e digo-lhe isto com voz serena não para que ele espera uma ressurreição, uma reabilitação miraculosa. Não, os dias são difíceis. Sobretudo porque não se joga neste jogo com o coração, mas com a mente. E a mente mente. Estaria hoje em diferentes

situações este jovem a que chamamos José Estêvão. Mas está numa situação distinta, talvez de novo pronto para começar, já que não consegue vislumbrar em fio contínuo nas suas acções e pensamentos. Depois, uma fé que o não anima, mas que o abate e confunde. Talvez tenha compreendido mal a mensagem. Por isso em pequeno fazia o que lhe apetecia e quando obedecia aos pais era contrariado. Não concordava. Tão livre quis ser que acabou aprisionado em si mesmo. E assim ensimesmado vive, contando que só a sua situação lhe interessa quando não se trata de situação nenhuma, não há problema nenhum. Claro que não há uma mulher na vida deste homem, nem haverá, nem que modifique o seu comportamento. Não há também um filho ou descendência nas mãos deste homem. E não lhe digo isto, de novo em voz serena, para que faça sentir pena aos outros. A pena nunca deu de comer a ninguém. O certo é que José Estêvão preteriu desejos e interesses e alimenta-se hoje de um palavreado íntimo que ninguém ouve. Mesmo que ouvisse, seria dado como tão dissonante do que é hoje o mundo que mais deslocado ainda se sentiria. E não adiantaria inventar desculpas para os próximos dias. A sua saga seria compreendida um dia por alguém completamente diferente. Que não tivesse pena. Apenas visse as suas palavras como uma música que nos ajuda a reconciliarmo-nos connosco, com os seres e as formas que assumimos, numa história de melodia baixa e bela. A sua imagética e os seus valores debatiam-se dentro do seu ser, numa guerra que parecia interminável. Conseguiria viver alheado da religião, da político, dos ismos que pareciam conduzir a massa amorfa humana por aí adiante?

É claro que os acontecimentos servem à literacia para efectuar registo mais ou menos subjectivo sobre o que tem para reportar. Factos são factos e a literatura vive de factos. Ora, a filosofia vive também de factos. Mas talvez menos que a literatura. De um lado ouvimos umas coisas depois de uma pausa para café, de outro ouvimos outras, totalmente distintas. O puzzle a organizar tem que contar com a ajuda dos outros. Se estamos fechados e não soubermos ultrapassar a dor do nosso Eu, estamos mal no mundo. Se conviver com os outros nos custa e dá dor de cabeça, então é porque algo está errado e não é só o passado. É uma atitude em direcção ao futuro o que está em causa. Na minha experiência como professor de geografia tive esta ilusão de chegar a todos, de ser perfeito, imparcial, justo, compassivo. No entanto, acabei por me perder. Gostaria um dia de trabalhar com grupos mais pequenos, de jovens ou menos jovens. Convém que tenha um equilíbrio e as coisas que tenho em mente fazer (que já foram muitas) não caiam ao chão dias depois. Por exemplo, não deveria estar fumando hoje nem nunca no quarto, mas faço-o por amor à escrita, mesmo que me custe levantar amanhã cedo. Sei que sou difícil de enquadrar os meus propósitos para uma vida prática. A minha irmã tem-me ajudado imenso e o melhor do que escrever será dedicado a ele, pois, juntamente com a minha mãe e o meu cunhado, continuam a ajudar-me materialmente para fazer face a despesas de condomínio e outras da casa. O teatro vai abaixo, parece-me. Escrever é mais indicado para mim e o domínio das emoções não é o meu forte. De qualquer modo, sinto que estou a perder algo de importante, mas não posso atender para já a tudo. A vida tem, assim, altos e baixos.

Com quatro moedas comprei um maço de tabaco. Com uma moeda um carioca de café e sobrou-me dinheiro. Dei uma moeda ao meu pedinte do costume. Uma moeda ficou no bolso por dar à senhora que jazia no chão com uma ferida na perna. Com uma moeda comi dois bolos e bebi um galão. Virei a última moeda que tinha e sentia-se entre os dedos como um metal precioso do tipo magia de Marcel Mauss. Com esta moeda faço inverter os hábitos de consumo e dou valor àquilo que se deve dar valor. Uma moeda lançada em criança às águas das grutas de Santo António, em Mira d'Aire. É assim que o meu desejo de uma vida normal se manifesta. A contabilidade tem muito a ver com esta coisa de saber viver a vida. E continuarão a cair moedas nas caixas das almas das igrejas e capelas? Os ricos que paguem a crise. Às vezes gosto de ser do Benfica, de comunicar nos mesmos termos de quem lê O Correio da Manhã. Mesmo assim, hoje vislumbrei que esta época que estamos vivendo será esquecida quando o futuro vier. Estamos imersos no presente. No grupo de teatro as coisas vão correndo bem, embora esteja a fazer um esforço enorme para mostrar os meus sentimentos. Às vezes há males que vêm por bem, mas convém não embarcar em entusiasmos estéreis. Muito disso tenho eu experimentado nestes densos últimos anos. Mas voltando às moedas. As moedas dos arrumadores.

Cansado quando me levanto. Os outros mundos estão fechados a mim. Não há inspiração, nem um lugar onde me sinta bem fora de casa. Mesmo dentro de casa, o meu espírito voa de um lugar para o outro e fixa-se na cama. Tento ver as coisas a longo prazo. Tenho 30 anos e estou cansado. Todavia, tenho de continuar. Amanhã, depois, mais tarde, não posso desistir, mesmo que apenas o meu corpo esteja presente nos lugares. Bem sei que não me espera um caminho de sucesso. É tarde já para isso. Tarde para ter entusiasmo. Estou dizendo a verdade. O meu coração não fala. Dei a palavra ao meu pensamento e ele traiu-me todos os dias. O sol está disfarçado de uma cor estranha, como se fosse madrugada. Talvez esteja demasiado centrado em mim

mesmo e nos meus ditos problemas. Tudo isto é palha que o vento leva. Mas o hábito não é fácil de ser levado pelo vento. Amanhã começa um congresso de estudantes de ciência. Considero-me ainda um estudante. É certo que não irei devido ao curso que me ocupa as manhãs. Há a luz para pagar, a água, o gás, o telefone da internet que tem sido um dos meus vícios. Tenho consciência deste pessimismo. Talvez esteja morrendo aos poucos de morte cerebral, uma morte estranha. Talvez com a minha vida tenha inventado uma original forma de arte de morrer. E não peço ajuda porque talvez tenha esperança de continuar assim, sozinho, até que alguém me encontre jazendo com o tempo nalgum lugar. Será tarde demais desta vez?

José Estêvão dirigia-se entusiasmado para o seu trabalho. Pensara dias a fio no que haveria de dizer ao patrão sobre aquele projecto especial, que tinha um significado único para ele. Teria de fazer uma inversão na sua rota, nos seus pensamentos. Ele era o que pensava. Os sentimentos não tinham lugar na sua vida. O seu coração era de pedra. No entanto, fazia coisas para depender dos outros e dependia de facto. Até ali não tinha assumido as suas posições, protestado por o patrão lhe pagar pouco. Nada, nada ouvia que fizesse progredir a sua vida em termos de bens materiais. Parecia recuar, ao invés, para domínios que não conhecia, que não lhe eram familiares e com os quais tinha de se haver todos os dias. Odiava a literatura e a sua vida era um sem fim de pensamentos tormentosos que eram tudo menos literatura. Seriam doença? Seria ele uma dessas pessoas que está condenada à partida ao esquecimento? E das que vivem vidas silenciosas e cheias de sabedoria? Talvez essas vidas fossem uma invenção da sua cabeça, talvez não existissem mesmo. Talvez ele mesmo não existisse. E fosse necessário começar cada coisa de novo. Pois nessa tarde não avisou que iria. Nem que não iria. No seu quarto escuro, ouvia-se uma melodia de Nick Cave. Teria de se agarrar a alguma coisa para resistir, talvez a transitoriedade da vida e dos dias. Talvez isso abrandasse a sua pesada solidão. Naquela tarde não foi. E de início, como no dia anterior, não pensaria o quanto iria arrepender-se de não ter ido. Não poderia perdoar a si próprio o conflito que se agigantava dentro de si. Como poderia aguentar tanto e durante tanto tempo? Talvez precisasse um dia destes de Deus para alguma coisa, uma certa coisa. Era, no entanto um urbano de 27 anos. O seu voo era planado, rente ao chão, identificando todos os obstáculos. Não como ave de rapina que vê do cimo as suas vítimas. Ele estava condenado a voar rasante a qualquer coisa. Se batesse, alguém saberia um dia porquê? Estaria o segredo nalguma caixa negra onde as palavras revelariam tarde demais as suas motivações. Não era um ser de todo interessante. Perdera as forças. No entanto, teria de continuar naquele trabalho. Não havia outro de momento. Sabia que tinha baixado os braços a qualquer coisa faltando à reunião naquele dia. Um pouco do seu passado perdera-se. Um pouco a sua esperança, um pouco do tempo.

Regresso ao passado com a perdição de que sustento uma posição difícil, ensaiando voos diferentes, donde possa vislumbrar o meu Eu ocupado na casa de banho ou na cozinha. Uma morada normalmente não se esquece, a não ser que venha na

Internet que não vem. Estamos escrevendo, tu e eu ao mesmo tempo, eu com o ar pouco estouvado de português com sangue espanhol e nascido em França. Apresento-me, se quiseres. Digo algumas palavras que definem o meu percurso educacional e científico. Não posso dizer que de hoje em diante irei fazer só isto e só aquilo, que ficarei conhecido por ter estudado um determinado ramo do saber. Há aí uma liberdade à solta em que quero embarcar. Essa sensação, sentimo-la poucas vezes e queremos que dure, como um orgasmo, mais tempo, com mais intensidade. O meu interlocutor és tu e eu apresento-me. Não estudo uma ciência das artes, nem uma ciência. Sei que já não sou dado a conivências académicas e acho que amadureci por isso. Optei pelo mundo, por mais prejuízos que isso me trouxesse. Optei por não ser religioso porque, do meu ponto de vista, a minha mente não se encerra em quatro paredes nem numa comunidade de irmãos. Quisera eu que fosse assim. Viver é difícil, digo-te. Viver é o infinito que todos procuramos. E o tempo de que dispomos é breve para conhecer esse infinito. Retido na ilha de Speranza, construo o meu diário pedacito após pedacito de carne de veado que como que comprei ali no supermercado do-mais-barato. O meu interlocutor pode ser o meu canino que repousa na sala do sofá, ou podes ser tu, que me desejas, agora que parti para outros lugares. É difícil no mundo de hoje, no horrífico mundo actual, ter a mente repousada em algum lugar. Toda a gente quer fazer algo para ser conhecido, penso eu no meu contexto de aldeão convertido às andanças dos passeios calcetados da cidade de Lisboa. Dizes-me que não vais repousar enquanto não te sentires bem contigo própria, dizes-me que estás doente porque pensas que tens alguma coisa na cabeça e tens de inventar algo para que te olhem com menosprezo, uma atenção estranha que desejas. A jorna acabou-se com um último cigarro e estás numa ilha onde não deves nada a ninguém e todos te devem oportunidades para mostrares a ti próprio que sabes ser alegre e que os últimos anos têm sido pura invenção e que um dia destes irás encontrar uma brecha na tua mente que te conduzirá a um êxtase retemperador. Aí fixarás um ponto e desejarás ter estado lá perto, bem perto de conseguir alguma coisa. Mais, desejarás não ter sequer tentado, porque o preço da mercadoria foi demasiado para a tua bolsa. Poderás auferir de rendimentos fixos para te dedicares àquilo que é supérfluo e mais desejarás a vida normal que tens agora, neste momento em que me lês, porque tudo é passageiro na onde refulgente de uma astrologia de uma revista feminina. As dores farão sentido, o cansaço da manhã fará um dia sentido quando acordares na felicidade de estares perto de ti mesmo, então poderás falar, poderás conversar, tocar os objectos que te apeteçam sem lavares as mãos mais e mais uma vez. Tudo será limpo na tua cabeça e as cores estarão diante de ti, dentro de ti, iluminando o teu rosto a partir de dentro, sem cessar, num movimento comparável ao dos santos que pensam inconscientemente noutras vidas. Não será pecado comer o fruto das árvores temporãs. Não será pecado seres tu próprio.

Vai daí, penso na hipóteses de poder ter sucesso numa vida em que sou vítima do meu pensamento. É estranho como nos relacionamos com as pessoas e não dizemos o que verdadeiramente pensamos. A vida é chata, há que dizê-lo com frontalidade. O que

importa é o que se passa dentro do coração, onde temos sangue, polpa de tomate, mais outras coisas. Compro dois ou três livros a saldo e soldo e vejo como a literatura é chata. É mais uma ocupação a juntar às outras, às actividades do homem. De repente, fico sem retórica e vejo como estou situado nesta vida. Os acontecimentos dos meus dias são estranhos. Há qualquer coisa que me foge da mão. Oiço o mesmo disto de há tempo e sinto uma saudade enorme de viver e de companhia. Amanhã, um dia, tudo poderá ser diferente. O problema é que eu não acredito. Ah! Porque se eu acreditasse, nada me poderia ter, a vida seria perfeita, eu velaria com dedicação extrema por aqueles que amo. Não falo de velar em velório. Falo em fazer tudo para que as coisas corram bem, não nos limitarmos a aceitar que a vida tem bons e maus momentos. Mas não, a vida tem bons e maus momentos e tenho pena de não ser a pessoa que aqui descrevo. De resto, o meu trabalho não é literatura. A literatura é outro esquema, é uma construção, obedece a regras. Não falo já da ciência. Não me meto naquilo que já perdi. Tudo isso pertence ao passado. Lentamente, depois de tentar desligar-me dos meus pensamentos intrusivos com actividade na rua, volto a mim mesmo com alguma serenidade. Continuo com medo, não sou aquilo que gostaria de ser, não mostro o que valho, como me pede a minha mãe. No entanto, ainda sou um vencedor, pois quando a noite cai fico só com os meus pensamentos. Aí sou dono do mundo e isso jamais se pode tirar a um homem. E vou andar mais dias com isto na cabeça ou vou desfazer disto por algum tempo e sinto que vai voltar a preocupar-me. Não posso evitar. Que importa se não conheço outros mundos se não me conheço a mim? Isto atormenta-me.

José Estêvão deveria estar já adormecido, depois de ouvir uma vozes e de se o distúrbio convencer de que tem de ser prático em favor da vida sem abdicar da sua atitude contemplativa em relação à vida. De algum modo, José Estêvão, tinha de assegurar o seu sustento. Não, tinha mesmo de assegurar o seu sustento, controlar as obsessões, fumar o suficiente, suster-se no bulício da cidade, viver sob tensão, por fim, conseguir uma mulher. Ele estava consciente dos seus limites, mas sabia que podia usar da sua liberdade. Usar mas não abusar. Os sonhos eram de segredos inconfessáveis. Precisava de muita coisa, tinha muita coisa para fazer. No entanto, algo de estranho o perturbava e essa obrigação de descentrar a sua atenção para o mais útil afligia-o deveras, a todos os momentos. Havia um dia que tudo poderia mudar. Estava já mudando por dentro. Tudo dependia das palavras que dizia ou calava. No fundo, bem ao contrário de seu pai, cuja caracterização faremos adiante, estava dependente do seu cérebro, brutalmente, para levar uma vida desafogada. No seu íntimo, quando distraído, permitia-se ser feliz e a sua identidade ninguém lha poderia roubar. Junto dos seus irmãos sentia-se ele próprio, embora com a irmã fosse diferente. Ela tinha-lhe dado tudo menos um filho. Não podia ter casado com ele e agora estava casada com um homem que lhe daria um filho em breve. Seria mais um sobrinho. Eram estes os acontecimentos, os factos da vida de José Estêvão. Tudo o resto eram pensamento, que expressava em conversas de circunstância, mais do que pelo coração, pois parece que o que interessava seria ficar, permanecer, restar no pensamento, em vez de progredir, de atravessar uma selva de pedra e de gente

indiferente. A cidade era o terreno do seu romance, mais do que do que o seu campo de trabalho. Tudo era difícil, resultado de um processo elaborado de depuração mental. Era convencido de que estava sozinho nos seus pensamentos. E que se os partilhasse perdiam valor. Quanto tempo mais iria aguentar a dor de não ser chamado de "amor" ou coisa parecida é tarefa que só o futuro saberá responder. Uma sede que perdera não a bebia em fontes públicas. Queria uma fonte de juventude donde brotassem palavras, vagarosas, que lhe acariciassem o cérebro e deixassem cair as coisas por gravidade, pois a gravidade é um dado adquirido na ciência. Lutava contudo, contra a gravidade, como o "artista da fome" de Kafka, sem lucrar dinheiro com isso nesta sociedade de 8 de Novembro de 2000. Puxava naquela época de um último cigarro que lhe desse cansaço para dormir. De todos os seus falhanços na vida prática, não desejava mais ser conhecido. Não iria rir perante câmara alguma. Contudo, continuava fascinado e no fundo tinha paixão por alguém que não conhecia e vislumbrara a eternidade no movimento do mundo, do fazer, das coisas, carros em circulação, semáforos de cores diferentes das usuais, condutores divertidos. Tudo o que era, tudo o que fora, era contra si próprio que se debatia num inferno de circunstâncias, procurando livrar-se de grilhões que advinham da simples palavra dos outros. Vislumbrara por fim, o pensamento contínuo e este escapara-lhe há dias por causa dos rituais, Contudo, estaria mais cansado se não fizesse o que fez. E neste momento advinha uma forma de luta estranha mas contínua. O artista da fome fumava enquanto não comia e os espectadores eram poucos mas fiéis. José Estêvão olhava de soslaio e produzia um fácies de que não se lembrara de ter realizado ao espelho.

Juntos, estariam a salvo num mundo infinitesimal. Ali, perto da lareira, poderiam falar sobre as outras vidas, os movimentos até à capela, ao espaço do jardim, beber à noite um café e fumar um cigarro. Não havia muitos clichés no labirinto das suas mentes, nem sequer tinham medo que o vento ventilasse esse labirinto e o tornasse com imensos e largos caminhos, mas que pareciam opticamente estreitos, e saídas, muitas saídas. Labirintos e mais labirintos, palavras, sons, imagens e emoções. Ah! As emoções! A vida parecia ser injusta, porque se buscava algo do passado e poderia fazer sorrir no futuro. Não se vivia o futuro desenfreado dos hipermercados. E os lugares que nunca veriam, as pessoas com quem nunca falariam. O universo do conhecimento, acreditavam, era infinito, não no que faziam, mas no que pensavam. A mente era um sistema ilusório de infinito que traía o coração. Lá no fundo, um pequeno coração imensamente vermelho e vivo, debatia-se por procurar emoções, numa luta que parecia não ter fim. As pessoas pareciam não querer as palavras, ou a verdade das palavras, mas antes o que fazia sentido. E, contudo, haveria um fim.

Nos seus retiros, havia uma incapacidade para comunicar. Estavam à beira da modernidade, à beira da sociedade de toda a circulação, como circula o sangue dentro das veias de um corpo. Escutavam depois que foram para os seus quartos, tipos diferentes de música. Mais tarde, a mãe de Bernardo chegou e aprovisionou-se da ementa que ele havia feito durante a manhã. Era uma fórmula de sopa pessoal, um

requisito para passar nas provas de afecto que a mãe lhe fazia constantemente quando estava na cozinha. A casa tinha alegria. Desejava-se estar na sala, na casa de banho, na dispensa. O amanhã era incerto para o pai de Cláudia. Um mal estranho de que se queixava por vezes atrasava as suas provas de doutoramento e o seu corpo abanava de raiva quando tinha de falar de si. Ia ficando cada vez mais envolvido em relações sociais e a pureza juvenil perdia-se por entre os desígnios, as vagas de ar nos ventiladores e canalizações. Fumava o seu cigarro sem ideias, sem corpo para corresponder ao desejo de seus pais, a um instante de ideia mística comum.

A carta iria seguir para Angola. Seria a última com aquele remetente. Que ficassem os escritores com a sua literatura. E que dizer dos psicólogos? Iria morrer para o mundo vivendo através de outras janelas. Podia-se convencer de que a vida é uma prisão e que só nos libertamos com a morte ou pensar que quem cá está no mundo foi porque quis, porque fez esforço para isso, como lhe disse uma amiga. Como chegaria a carta a Angola?

Se donde venho não é fácil encontrar um compromisso, onde quero chegar alguém falará por mim. Falar do seu umbigo dá um resultado de unívoca solidão. Serei cientista amador? Quero ir longe mas quem há-de controlar o meu desejo? Um escritor apenas com pena de ter pena em pluma. O exercício que vamos empreender será a três tempos. Nas palavras que se projectavam pelo peito fora, Octávia intimidava o seu companheiro. Ele estava perdido, sozinho, entregue a um mundo em que nem a tristeza chegava perto dele. Bastavam-lhe cigarros. Numa noite de Agosto, esperava um comboio na estação de Santa Apolónia e as pessoas andavam de um lado para o outro à sua frente. Um sem-abrigo veio pedir-lhe um cigarro. Fumaram os dois, mesmo à fome. As suas obras não eram lidas por pessoas despreocupadas com obsessões, nem com ideias disruptivas. Um destes dias alguém leria as suas palavras e saberia que não seria preciso esforço para nelas ter esperança ou alegria.

Na véspera de ano novo, tudo se preparava para comemorar uma ocasião que, sendo especial, não tinha o brilho de outros tempos. Contudo, a televisão estava lá e todos os condimentos de comida e disposição de espírito preparados. Quando Bernardo chegou, foi saudado como um dos convivas, acolhido como um irmão. Dias depois, atravessava mais uma fase de depressão e decerto que pensava nos amigos, nos amigos de sua irmã, que eram também seus amigos, e tinha saudades deles quase todos os dias, fora aqueles em que andava entretido em coisas que com pouco dinheiro conseguia fazer. "Alimenta-te bem!"-Dizia-lhe uma voz consistente. Um dia poderia ser alguém. Mas não esperava a luz dos palcos nem as audiências dos grandes espaços. Muita gente já lhe fazia confusão. Aquele mendigo atado a pedir esmola traía-lhe os pensamentos e o outro, o seu mendigo do costume, lá estava, com a mão estendida e silencioso. Carlos, um toxicodependente, admirava-se encontrar uma pessoa assim. "Eu não acredito"-dizia ele, "Eu não acredito". Pois Lisboa trazia surpresas nos seus mais humildes e necessitados rostos. Leire, e uma amiga alemã estariam pensando algum dia visitar Lisboa? Quiçá algum dia estaria com uma delas passeando, sem ter medo de falar, sem

ter medo de estar com uma mulher na rua. No dia do jantar com Vitorino numa tasca perto do técnico, era tudo a despachar. Comia-se bem, é certo, e José Estêvão não pensava em desistir dos seus intentos literários. Agora faltava-lhe a soltura para a prosa, para os enredos, a estrutura, a narrativa. No fim de contas, o cego era ele, sem conhecimentos de bastidores e capelinhas. A sua escrita era verdadeira, até certo ponto, mas deixemos o autor em paz por momentos. Deixemo-lo viver a cidade, o viver psicótico na cidade. Blanco estava casado com uma estrangeira que tinha um fulgor estranho para o sexo. Fazia de resto parte de um grupo de viciados em sexo que se reunia na travessa do cotovelo todas as quintas-feiras. Uns iam para arranjar parceiro. Outros para contar problemas sérios que eram até de dor, excesso, dependência. Dia após dia, nada se cimentava, parecia. O que mais se cimentava era a casa que o pai de Bernardo construía lá na terra de costas viradas. Como seria o futuro. Valia a pena ser humano, e as suas ambições estavam justas à sua capacidade. Ler, conhecer, descobrir, ao seu ritmo, um pouco de cada vez, construir uma árvore cavada com raízes fundas na dor, na frustração, que era estrume poderosos contra intempéries afinal. Um dia poderia, no ponto final, pendurar na árvore com confiança um dos seus filhos e vê-lo baloiçar ao vento, seguro, instante, espírito sossegado e alentado com a presença de alguém amado.

Uma resposta exigia-se de José Estêvão, uma dádiva, algo que nunca tinha feito antes. A sua dor em casa era imensa, era necessário a presença de alguém. Não iria repetir, não iria tornar-se dependente dos outros. Estava disposto a dar de volta, a responder, por tudo o que a sociedade lhe fizera. Por tudo o que deixara fazer. Cigarro após cigarro, havia uma luz que se acendia num isqueiro. Atrás dele estavam derrotas e mais derrotas. Era um homem frustrado por não ter o que todos tinham. Será que todos tinham e que afinal tinha de preservar a sua existência nesse limiar entre o prazer e a dor? A sua casa era um lugar de acolhimento das dores e desperdícios de uma vida feita de rosto de que não conhecia as vidas. Os outros escreviam histórias, eram publicados os seus escritos em revistas. Ele nem a esperança do crescer em idade tinha. Estava retido no seu canto, com os seus pensamentos destrutivos que lhe dilaceravam a mente. O que é certo é que tinha de recomeçar todos os dias. Não vale a pena dizer como era trágica e sem merecimento esta vida de José Estêvão. Ninguém se importava, tinha de continuar sozinho. Ou talvez as coisas estivessem para mudar um pouco, para alívio da sua mente. Talvez as coisas lá fora não fossem tão agressivas e houvesse lugar para uma certa forma de estar que sabia ainda ter escondida no seu coração. Os amanhãs eram diferentes uns dos outros. As pessoas não podem acreditar o tão difícil é ter de acreditar. O tão difícil tem sido para José Estêvão verter lágrimas que dêem força. Minado pela doença, já não parece um jovem. Agora deixou crescer a barba e tem um ar algo envelhecido. Não, não quero, os outros não podem ter pena dele, não é esse o caminho, ele não tem pena de si próprio. Só que há qualquer coisa que fica por explica na roupa deixada suja e que não se lava toda a hora, Um dia ele há-de contar histórias de castelos, há-de voltar a ler sem parar, com uma curiosidade científica e literária que

não se restringe às academias. Um dia, quando tudo isto passar, há-de chorar com alívio. Ninguém faria com ele, estar no seu lugar, pensando indefinidamente, numa situação económica precária, ninguém faria as coisas ao seu modo. São dez anos de cansaço, dez anos, nem uma casa leva esse tempo a construir, mas chorar sobre leite derramado não vale a pena e o ditado sujeita-se ao caso de José Estêvão. Cansaço de estar diante de um computador, ou dois, de estar só quando se teme a presença dos outros. Ninguém sabe, ninguém pode imaginar o sofrimento que se apossa deste ser que a sociedade tende a não encaixar, teima, a não encaixar. Não, ele não quer as miúdas das capas de revista, não quer aquelas que por instantes deseja nos autocarros, nas ruas, quer algo diferente, um estado superior de satisfação mental, um consumismo alegre e intencionado para as pequenas coisas que possam cumpri o desígnio de ter uma casa composta. Quer afinal ter visitas, saber que ainda é importante, que não foi em vão todo este sofrimento e que as pessoas que os conheceram não o estranham. Quer uma emoção teatral quando nem isso pensa merecer. Não quer atenção, foi já tanta lhe foi dada e ele não ligou. Quer apenas uma vida, um mulher para a vida, um tanto de salário honesto, poder trabalhar, poder realizar-se no trabalho. Não, não é literatura o que o sócio de José Estêvão escreve, todos os guiões que manda em seu nome para a editora e que têm um público escasso mas fiel. São os pensamentos de um homem perturbado mas sobretudo só, há muito tempo sem confidente, que se revê apenas no espelho que são os seus familiares, a única coisa que realmente conta neste mundo.

Antes um gato vinha devagarinho ter consigo e uma cadelinha, resgatada à estrada, vinha aninhar-se no tapete que fora muitos anos o tapete da sala que ninguém ousava pisar sem descalçar. Não lhe era exigido um esforço suplementar. Apenas que fosse normal. Contudo, essa normalidade era o mais difícil de alcançar. Por detrás de um biombo de quatro meses banhava-se um corpo jovem e disposto a encontros. Contudo, parecia banhar-se uma outra pessoa, afoita a pensamentos que envelheciam o corpo e retinham dentro de si uma velhice contida, daquelas que nada servem, que apenas se vivem, que não se transmitem. O corpo saia e os acontecimentos políticos aconteciam. O futuro, ai o futuro, o que seria da esperança, da raiva que se esquecia facilmente, da revolta que não se ousava escrever. O que seria de todos aqueles que viviam suas vidas em suas casas, como se a normalidade não existisse, como se uma transcendência o protegesse e aos seus filhos. Era preciso um conto, uma história, personagens, diálogos, tudo isso era preciso para que os outros, o público em geral soubesse que alguma coisa estava a acontecer com a aquele corpo, invólucro de uma alma dissidente dos acontecimentos que dão votos. José Estêvão nunca seria um homem do *mainstream*, fugira a isso para se afirmar, quiçá. Mas fugira, e caro pagava agora os seus actos. Ou a falta deles.

Não importava assim tanto estar entre pessoas assim tão diferentes. Não havia assim tanta pressa. Um dia, um dia talvez as coisas mudassem. Ele preocupava-se e pronto. O mérito dele estava nisso mesmo e um dia haveria de arranjar um emprego,

um emprego que fosse trabalho, a sua mãe haveria se ficar satisfeita finalmente com ele, não haveria mais choros nem perguntas "mãe porque é que estás a chorar?" Afinal ninguém se importava e ele em certos momentos reconciliava-se com a sua doença e fazia da solidão uma dádiva. Não importava o isolamento, não importava que ainda ninguém tivesse reparado nele. Não importava, mesmo que descessem as lágrimas. Certo, haveria algo nele que merecia atenção médica. Afinal, o seu mérito tinha sido chegar até aqui, com reconhecimento ou sem ele. Não havia nada a reconhecer e seria bom que não houvesse. Na sua idade, esperavam-se coisas seguras. É certo estar farto da cidade, mas que outro lugar senão na cidade poderia encontrar afinal o que procurava, mesmo não sabendo bem o que procurava. Um dia haveria de vir o fervor sexual e ele não sabia lidar com isso, apenas procurava não pensar no passado. Estava calmo, estava tudo acabado em relação ao seu curso. Não havia revolta, apenas algum bem-estar consigo mesmo. E quando dormisse, poderia continuar o seu caminho.

Subi as escadas e dois anjos pegaram-me num e outro braço. O entendimento da casa, o espaço mínimo onde movimentava o meu corpo, as razões porque não conseguia controlar os impulsos cerebrais. Uma companhia que se revelou muito acertada e a quem não me queria de jeito nenhum prender, mas que queria ter como amizade, julgava nunca mais acabar o meu dilema mental, inútil, mas o que poderia eu fazer se estes dias estavam em plena maturidade da perturbação que ocupava os meus dias. Depois, a música e o desejo de ter um piano em casa.

A história repete-se. José Estêvão, na eminência de ficar desempregado, inventa desculpas para a sua situação. A história, sempre a história perseguia-o como um demónio esquisito, de existência estranha. Custava-lhe dormir, ter sonhos, custava-lhe levantar-se. Muita coisa se haveria de passar num mundo, num universo de pessoas a que julgava pertencer. Agora era hora de demarcar-se disso, de lutar pelo seu próprio destino. Se tinha uma doença estranha, estaria perto de saber até que ponto lutava contra algo de genético. Se tal se provasse, tudo bateria certo. Se não se provasse, o que é que haveria de fazer, outras explicações se poderiam arranjar na mesma. Olhava o écrãn do computador e desta vez não iria entrar na rede. O teclado de um computador novo estava um pouco sujo. Ele tinha 30 anos. Que causas o manteriam a sonhar acordado? A solidão pesava e não havia meio aparente de a dissolver, assim como os pensamentos inúteis. Teria ele algum dia momentos de pura distracção ou criação em que nada importasse se não o que estava fazendo naquele preciso momento? Sabendo que a juventude tinha passado, quando poderia vir a juventude de espírito?

Euclides torneava na sua loja e pouca gente o visitava, a não ser dois ou três clientes dali perto. A mulher fazia o almoço e Bernardo tardava quando fora ao supermercado. Já regressava e pai não sabia quando deu com o malho em cima de um punho perto de um ferro ardente. A mãe teve de deixar o almoço e Bernardo veio a correr pois a cinquenta metros já se ouviam os berros do pai de dentro de oficina. Marta não queria mais ser mulher. Estava cansada da vida tal como ela fora. Pois dois dias depois, sob as instruções de Euclides, lá estava ela, dando no malho, atiçando a forja que costumava ser o lugar certo de Bernardo que não queria mais ser criança. Na verdade era adolescente. Nos vizinhos não havia raparigas e pouco de rostos bonitos vira até agora que o levassem a querer crescer e desejar com o corpo uma rapariga. Nas férias do verão, as escolas acabavam e era uma sorte vê-las soltas pela rua principal indo até à missa, até ao supermercado. Por via das inversões de Euclides e Marta, o jovem tinha de passar mais tempo na oficina junto de sua mãe, que a idade do velho não lhe permitia fazer grandes encomendas. Os clientes apareciam, desapareciam, sempre sós, sempre precisando de um trabalho para ontem. Mesmo assim, o ritmo naquela pequena aldeia era feito de pequenas pressas que enervavam o jovem. Mas por que andaria toda a gente a correr? E porque as raparigas andavam lentamente, dando a entender que nada tinham que fazer mais do que levar o saco e trazer as comprar, como suas mães provavelmente fizeram, confeccionando a comida a seus pais? A biblioteca trazia umas obras interessantes. Sobretudo para quem não tinha oportunidade de ir à escola. Eram já 15 anos. Naquele verão, Bernardo lia à noite, antes de dormir, lia, fora das brincadeiras, ignorando o que os amigos estariam a pensar, ignorando que o mundo é feito de ligações e quando não estamos bem é porque não estamos ligados, por isso não estamos transmitindo energia positiva. A sua vida, afinal vazia de sentido, preenchia-a com os livros que chegavam da biblioteca itinerante, onde encontrava pessoas. Um arrepio chegava-lhe ao corpo sempre que ouvia o apito das carrinhas citroën forradas a livros. Tobias, de 16 anos dizia que a biblioteca estava desactualizada e o seu conteúdo era pobre. Não importava. As palavras podiam ser lidas de qualquer direcção, sob qualquer sentido. Às vezes um só livro podia alterar dias e dias de tormento espiritual. Não importava.

Umas tantas tentativas haviam feito para tirar Bernardo daquele lugar. Uma rapariga havia passado por lá no verão passado e rumara para França, onde tinha os pais e diz-se, um futuro à sua espera. O jovem prosseguia os seus dias melancólicos, campestres, não se achando destinado a nenhum destino especial que envolvesse multidões, tapando o pano do seu futuro com os seus olhos castanhos, atrás de uma franja de cabelos escuros. O seu pai um dia morreria, um dia teria que ficar com o negócio, por isso o que lhe interessava era isso mesmo e mais coisa nenhuma. Mas que de especial tinham um jovem ali numa aldeia, longe dos palcos das artes, das políticas, das ciências? Aparentemente, estava só, com os seus pensamentos, matutando o seu destino, os seus gestos, sentindo que nada lhe podia valer, que perdera o seu Deus e a confiança nos homens. O mais importante, esta parte dos homens, sentia-se fraco aos 19 anos tão só que se contrariava a si próprio, pregara a fé e a espiritualidade e agora

queria outra coisa que fosse completamente contrária, a sua vida era um dia interminável, os seus escritos repetições de um padrão, como o bolero de Ravel. Não sabia se era um exercício de resistência, não, não era, o ponto da sua atenção estava desfocado, o seu coração palpitava ainda, havia reminiscências de uma adolescência de paixão. Ah! Seria possível inverter o tempo? Não quero dizer para este jovem voltar a trás, mas espartilhar o tempo e tratá-lo como se de um cozinhado se tratasse, ilibar-se de todos os falsos crimes que não havia cometido. Ilibar-se do sentimento de culpa. Um dia poderia olhar para os seus sobrinhos de um modo diferente? Um dia poderia conduzir como um condutor qualquer sem correr o perigo de derrapar ou levar as mãos ao volante embriagado? Não tão cedo voltaria para casa, trabalhar o ferro. Tinha conseguido um aliado de peso para continuar, na sua procura fora da aldeia. Por vezes a morte fosse preferível ao tormento da sua vida. Mas a esperança continuava viva. Contraditório...como se podia esperar o melhor para o futuro se o tempo pura e simplesmente passava à sua frente? Como?

Esta é a história de um jovem que vê homens transformarem-se em animais bestas, animais mitológicos como toiros, monstros de todo o género que perseguem os aldeões por campos de milhos. Ele é um herói que vai salvar a aldeia, matando-os um a um. Eles, por vezes, são vistos como pessoas pelos habitantes da vila e só Blast os pode reconhecer. Estão vestidos de estrelas de cinema. Durante um baile, os próprios monstros disfarçaram-se de Elvis Presley para cantar junto dos aldeões. O seu objectivo era dizimar a aldeia e juntar as cinzas dos aldeões, incinerá-las e lançá-las num planeta desabitado da sua galáxia, onde se iriam transformar em monstros também. Blast nasceu numa aldeia vizinha, por isso não é bem visto pelos aldeões, quer conquistar uma rapariga da aldeia de Riachos, a aldeia onde decorre a maior parte da acção. Os monstros perseguem Blast em todo o lado, mas também os aldeões, nos autocarros, saem de dentro deles como se de pessoas normais se tratassem. Mesmo quando não assumem a forma de bestas, têm características sobrenaturais e apelativas, como o corpo e o rosto de Nicole Kidman. Não voam, mas saltam cercas e são muitos rápidos. No meio da cidade, Blast tenta inicialmente fugir aos monstros, há um jogo que joga com vários intervenientes, pensando que está saindo vencedor é quando se vê perdedor, como se mudasse de dimensão, de localização geográfica. Vê-se com um papel na mão que diz 75-Chelas e está de facto em Chelas. Passa um autocarro cheio de monstros, um carro que é a sua salvação, ele corre e toca num dispositivo vermelho para dar sinal que vai entrar que está localizado na parte de trás do autocarro. Corre ao lado do carro e dificilmente consegue abrir o manípulo. Parece-lhe que o carro está ocupado com cinco passageiros, mas ele, ao entrar, vê que é uma mulher que o conduz. Ele não fala, mas mostra-lhe que têm um assento e direcção para conduzir junto dele, se Blast quiser. Ele entra no carro de repara que ela tem os seios grandes mas isso não o motiva ao ponto de meter conversa. Depois andam de campo em campo fugindo dos monstros. O nascimento de Blast. Tudo foi num cenário completamente diferente da ilha ou aldeia de Speranza. A cidade espreita aos olhos

de um personagem, como se fosse o próprio monstro, um enorme monstro, o maior, maior que todos os monstros que atormentam Blast.

Comecemos pelo princípio. Blast nasceu num dos planetas recém-descobertos de um galáxia relativamente "próxima", um planeta relativamente próximo, subiu a pulso na hierarquia dos poderes. Até sair do planeta foi difícil, pois os transportes inter galáxias não estavam muito desenvolvidos naquele ano de 2072. Ele mesmo teve de construir com as suas mãos o engenho que o trairia ao planeta terra. Foi ele quem deu a notícia aos humanos que estávamos sozinhos, que ele era humano, que estávamos sozinhos no universo. Mas o que era o universo? Ele mesmo não sabia. Sabia que o universo era infinito e que a geração de humanos que estavam no poder poderia morrer com a certeza de que nada mais havia para além desse planeta azul. A sua educação, o seu percurso de vida, havia sido normal até ao momento em que decidira partir para a terra. Orion fora colonizado por terrestres em 2010. Os extraterrestres que se suponha existirem não existiam: estávamos sozinhos no universo e essa era uma ideia que ninguém, mas mesmo ninguém queria acreditar. O homem não sanara os problemas de diferenciação racial e natalidade. Os países do sul do hemisfério continuavam endividados. Os maiores países do mundo reuniam-se em sede da ONU e Portugal desempenhava um papel de moderador no Conselho das Nações. A Groenlândia faziam ainda parte da Dinamarca, o Brasil era ainda o país mais corrupto do mundo. Os seres extraterrestres eram simplesmente os insectos. De modo que faltavam ainda muito caminho aos cientistas para percorrer, perscrutar a mente humana e os hábitos animais. Os alienados pareciam-se um pouco como esses seres, os toxicodependentes demonstravam que a natureza era a mãe de todas as surpresas e nela se encerrava o segredo do universo e da criação do planeta Terra. Os vícios que atormentavam os humanos haviam sido dominados, contudo as emoções continuavam a ser o grande problema dos humanos. O homem definira-se desde sempre como um ser insatisfeito e a robotização das actividades laborais deixara uma lacuna. O que iria fazer um homem com tanto tempo livre? Não dizemos que Orion era o planeta perfeito e que lá haviam o homem recomeçado tudo de novo, aplicando os princípios da filosofia de Rousseau. As coisas na terra eram, contudo, completamente diferentes. Os homens continuavam em pequenas guerras, ninguém queria saber da ONU para nada e os pequenos países degladiavam-se por diferenças étnicas bizarras. Os conflitos individuais aumentavam, a vida tornava-se cada vez mais agitada e as tabernas de aldeia haviam desaparecido, dando lugar a cafés altamente decorados. O vinho e o café não tinham o mesmo sabor por causa do cenário. Blast nascera numa pequena povoação da Bretanha e conhecera o reino dos lusitanos por amizade de um colega de escola. Em termos de evolução, o homem tinha conseguido habitar outros planetas, coisa inimaginável para as outras espécies. Era dado assente que os ET's eram de facto os insectos e que sempre haviam estado na mente dos homens. A sua mente tinha percorrido os mesmos lugares repetidamente e ansiava por mais liberdade, mas colocava-se a questão da disciplina, do sacrifício. Seria o último dia que estaria ali, especado, vendo-se atrofiar por causa de um sonho juvenil que não lhe garantia a eternidade. Sim, seria o último dia que teria

o computador no quarto. Aliás, iria mudar de quarto. E porquê? A janela não baixava por teimosia e José Estêvão acreditava que os outros acreditavam o que ele seria quando amanhã saísse à rua. O boneco do ecrã executava expressões faciais, via-se ao espelho com as mãos em cima da sua barriguinha de quase meia-idade. É verdade, ainda faltava chegar à meia-idade. Depois, quem sabe...saber mais coisas, parar. É claro que tinha de descontar uns sete anos por causa do tabaco. Não queria resistir por força viver, estar vivo. Talvez não fosse isso o mais importante para ele. Devia fazer tanta coisa e não sabia onde encontrar energia para tanto. Talvez precisasse de um diálogo por perto, mais perto. Sabes que mais? Estou jogando SIMS e poderia aqui contar a história dos dias naquela casa... e José Estêvão é a cobaia, sujeita-se a tudo, e não tem apego a títulos, porque sabe que sabe, não tem medo, é fluído como uma enguia. E afinal de contas os seus irmãos estavam casados. Eram três. Queria estar com os seus sobrinhos, todos, um dia, queria que os seus filhos brincassem com eles num jardim onde houvesse mais gente sob uma qualquer religião. No jogo, o dono da casa morreu num incêndio e a esposa de um ataque cardíaco, parece-me. Sim, talvez não tivessem dialogado o suficiente. Talvez o objectivo de José Estêvão fosse o diálogo e não mesmo a literatura. Estranho, porque a literatura é feita de diálogos.

As alterações produzidas no seio da sociedade naqueles anos foram profundas. Dentro do ser de José Estêvão, as coisas poderiam ser descritas como uma travessia do deserto, por vezes estava cheio de sede e com um copo de água fresca a seu lado e não lhe pegava. Sabia que estava a ser insistente demais com Lura, que aborrecia as pessoas com os seus projectos e que, de facto, nada poderia escapar ao seu indulto de fazer renascer um embrião que lhe pudesse dar luta, luta que já davam os rapazes que percorriam as calçadas fazendo barulho, mas não, a mãe dizia sempre para fazer diferente, fazer direito, mijar a direito, que ele não tinha o direito de urinar torto e que depois, anos mais tarde, a luz entrava pela janela onde se vestia para uma aula, uma jaula onde vizinhos de primatas ensaiavam a sabedoria, que estudantes e professores todos profissionais, estudavam a culpa, a culpa que um homem semideus instituíra há dois mil e um anos, eles agora debatiam e debatiam e nunca mais saiam disso, antes ele era assim, como eles, José Estêvão, o homem de andar escanzelado, procurando uma centelha que acendesse o seu pequeno vício, não por ver o homem de ferida aberta nas pernas e será que iria ficar ali toda a santa tarde e ninguém o levaria para o hospital, mesmo que não tivesse familiares, depois pois, a rapariga que descia a custo as escadas do metro e que José Estêvão viu e quis ajudar como se fosse uma ajuda sexual, depois a enfermeira de óculos redondos que já conhecera e viera ter com ele numa cama de hospital e o estigma, esse demónio que o perseguia e não o deixava ser um homem realizado com trabalho e ao fim do mês salário, filhos para criar, com quem gritar e dar porrada, levar ao relvado dos Jerónimos, à piscina da penha de França, à escola onde rançosos negros e brancos se assoavam com a manga quando o professor dizia vamos fazer isto e mais isto e mais aquilo e apontava tudo no quadro e dizia para escreverem e cansava-os escrevendo. Quando nas aulas de história o homem cuspia acontecimentos para cima dos alunos, eram dois, um deles o

guarda-chuva, o outro não me lembro, mas era mais simpático e tinha uma esposa que também era professora. E falando, falando das professoras que nunca mais aparecia e das memórias, aqui se diz que José Estêvão julgava uma vingança por meio da resistência, como um Cristo, que voltava a face e se dizia rei. Como, se o sofrimento é uma constante da vida e aquela música por instantes passava num rádio de mão eu tinha-a em casa e havia pago por ela, e o amanhã, isto me preocupava, o ir e o ficar e as histórias que nunca iria contar porque são o que move os meus passos, escrever diários é triste e enfadonho e o que nunca poderei saber se não estou casado mais cansado estou, pois se o meu cunhado se esforça e eu me esforço e nada trago para meu património. Nada traga para meu património e suportei aquela voz demasiado tempo que vou acabar por passar uns tempos numa cama e num bar, que destino é este como o de quem fala indirectamente com as pessoas, por interposta pessoa, e não lhes consegue dizer em presença que as ama e que agora aos trinta e poucos anos aprender é mais difícil do que salvar os tripulantes do Titanic.

Num dos próximos dias, se quisesse, José Estêvão poderia alterar o rumo das coisas, isto estou fazendo futurologia. O silêncio do seu pai era algo que vinha do fundo dos tempos. Voltava por causa da mãe e da irmã, quase todas as semanas, para passar domingos estranhos, em que não se dava com ninguém, e alguma coisa estaria errado com ele? Que mais poderia ele fazer, que mais senão continuar a acreditar num pensamento que temos em voz alta connosco próprio e nos perguntamos quando é que alguma coisa irá acabar. De facto e esta palavra, esta expressão tinha de surgir algum dia, alguma vez, de facto, faltava-lhe a José Estêvão para não já dizer saúde. Mas bom. Naquela noite já os vampiros se começavam a deitar. Nessa noite iria deitar-se um ser humano que esperara longo tempo mas que nada tinha feito. Que fazer então? A jarra que estava em cima da mesa naquela tarde fê-lo pensar no natal em que tinham feito seu irmão e seu pai a árvore de natal, as imagens dos chineses que moravam ao lado e do relógio que haviam vendido. Um pequeno rádio, que tinha um relógio como os de pulso. Quando na juventude havia visto um videoclipe dos Erasure numa loja de electrodomésticos, nunca calcularia o impacto que isso iria ter na sua vida futura. Desde então seguiu sempre a carreira do grupo. E naquela loja de electrodomésticos estava a propósito de um frigorífico que o mestre-de-obras queria comprar para a sua casa. De resto, era de sol a sol, mandando tijolos para o piso de cima, fazendo massa, chapando massa, enchendo os buracos dos tijolos. E a casa seria aquela e não outra. Não havia espaço para sonhar. A pouco e pouco José Estêvão ia odiando os diletantes, mas também não queria ser um homem demasiadamente prático porque sentia que perdia algo com isso. Como o tutano da vida. Contudo, teria de viver de alguma coisa, como Raymond Carver, que havia sido, entre várias coisas, gasolineiro.

José Estêvão tinha uma ideia particular em relação à escrita, pois era um dos seus passatempos preferidos escrever cartas a Telma. Nelas colocava sorrisos, pequenos bonequinhos brilhantes que comprava na estação de correios do Colombo, afinal as suas palavras, fosse Telma amante, confidente, mãe ou irmã. Acreditava sobremaneira

na telepatia e os tempos que passara em casa incomunicável ajudaram-no a considerar-se um eremita no meio da gente. E essa crença aterrava-o, enterrava-o. Os sinais que via nas ruas eram de feridas abertas, de toxicodependentes no fundo do 42 à noite cheirando mal e preparando cigarros. Havia tardes em que ia até à Fnac esperando...e encontrou um dia "Olhai os Lírios do Campo" e "Mulheres", de Bukowski, e um livro sobre multimédia de 98 em francês. Sentou-se e queria ter dinheiro para fazer uma biblioteca à sua maneira, onde os livros pudessem ser também visitados. A sua biblioteca particular de serviço público. Tinha de facto um desejo de comunicar ideias, por isso gostava de literatura. Os dias eram iguais, sempre regurgitando palavras, não como as noites em que sonhava acordado no seu espaço permitido. Entrava e a sua cabeça não parava mais até ao outro dia, sonhasse ou não. Portanto esta história tem para já duas personagens, mais todas aquelas que se podem descortinar da realidade virtual. José Estêvão não tinha medo do amanhã, da diferença entre as ideias simples e as elaboradas. Era um quotidiano. E por mais esforço que fizesse, mais descobria que não era uma questão de esforço. Uma sorte, talvez. Um dia destes estaria noutro lugar, ou no mesmo não interessa a pouca boa vontade e o respeito que tinha com quem lá estava. É claro que os considerava malucos. Acontece que era padre. E o padre negro ou sacerdote da Igreja do Maná que por ali buscava almas, um pouco do que os doentes não tinham. O problema é que tinha nascido com cabeça, com faculdades, não era animal. O problema foi terem nascido com faculdades. Ele estava sentado num banco de jardim, brincando com uma flor, os pombos sacudiam o chão, passando por ele como se fosse um deles. E pensava No princípio tudo parecia atractivo, ele tudo absorvia e as pessoas, os dogmas, as dores de cabeça, as gentes, as origens e os percursos sociais, tudo fazia sentido de algum modo. Descobria que um novo amor se aproximava e um amor que ele demorara tanto tempo, por entre tanto sofrimento, a descobrir. O amor estava no fado, nas canções de Luz Casal e era em Espanha que o seu corpo se levantava ouvindo sua música, na planície do calor.

Ricardo, o irmão, não tinha culpa de José Estêvão tanta coisa querer e ao mesmo estando tão concentrado em si mesmo. O mundo poderia ser feito de outra forma ou, gritava dentro da cavidade craniana Tinha de me adaptar ao mundo. Nem tão pouco Flora tinha culpa de ter casado com um homem forte para a proteger de incesto. Até Freud tudo estava bem. Uma preposição hipócrita. Depois de Freud e Marx

descobrimos Deus. Ficámos a descrevê-lo com os seus seguidores. Mas com Marcel Mauss e Lévi-Strauss descobrimos que somos humanos e que Jesus anda por todo o lado. Tinha prometido que o amor venceria. Tantas referências. O infinito diria José Estêvão, está dentro de cada um de nós, hipocritamente dizendo, nas relações sexuais e sociais, o infinito, dizia...

De um pequeno livro de pensamentos retirados da Bíblia, José Estêvão lia na capa que "estas palavras são fiéis e verdadeiras". Sim, talvez José Estêvão viesse a ser melhor cidadão se incluísse a natureza divina, mesmo sabendo que as mais bonitas não vão à Igreja. No regresso a casa, desfazia as malas com o ímpeto de um cavalo saltando a cerca em busca de pasto verde, verde. Ainda buscava numa frase, num aglomerado linear de palavras uma explicação, o saudosismo de um espaço, o que não poderia revelar todos os dias, a verdade todos os dias. Seria necessário como numa aula desfazer os novelos da memória, retirar linha após linha os riscos que fizera numa tela original. Sim, amanhã compraria aquele livro de Raymond Carver. Que se danasse o amanhã, sabia que tinha um corpo para trabalhar, como se diz na aldeia, na pequena aldeia que cada vez mais ficava longe, apenas uma esperança, uma hipótese no café onde bebera inúmeros descafeinado sob efeito do Haldol, que hoje ouvira de passagem alguém referir. Depois a quem diria as palavras que tinha escrito. O que tinha escrito. Os dias estavam habitando uma outra esperança, que vinha do fundo dos tempos, que vinha do conhecimento dos sistemas, das memórias, uma irrefutável tendência para o suicídio intelectual. Rosa não tinha medo da morte, estava habitando um espaço pequeno e era viva demais para tal. Fazia as suas necessidades ali perto, alguém vinha de tempos a tempos descrever o cenário e implicar um sujeito como culpado. Eram os dias da destruição das torres do World Trade Center. Os homens não lhe interessavam, vivia de uma sexualidade libertada para si, a dois metros de si. Os homens eram perversos e maquiavélicos, essas seriam as palavras que encontraria escritas num autocarro anunciando também um filme. Seriam essas as palavras que descreveriam em síntese a natureza humana. A religião era mais uma bolsa que explicava o mundo. Uma entre outras como até a música e as raves. Esse José Estêvão apenas se arrependia de adormecer todos os dias na falésia com a verdade. Ali perto fizera uma cabana em madeira. Saiu de manhã no dia 2 de Agosto, prolongando o seu até à pequena ribeira que fazia um lago a cem metros da cabana. E quando sentisse tristeza, voltaria a reconhecer os seres vivos, voltaria para a cidade e deixaria Speranza. Queria morrer com esse sentimento de tristeza, de fado, esse sentimento que fazia bem. A sua altivez relegara-o para um plano bastante prejudicial ao convívio com os homens. Nessa noite de Agosto pernoitou ao luar, tentando respirar puro. Estava cansado de um esquema de vida da cidade a que chamam rotina. As mesmas palavras para comprar jornais, as mesmas canções na rádio os jovens que eram sempre irreverentes e pareciam não ter problemas ou que os tendo os sabiam solucionar. "Arre, estou farto de semideuses!" -Podia dizer como o poeta. Depois de passados meses de recolhimento e eremitério, tinha voltado. E pensar que podia experimentar expressões distintas de um mesmo segmento de concatenações da vida social. Nada

tinha feito, nada devia a ninguém, contudo carregava um fardo que só podia ser o da civilização. Carregava uma cruz como a de Cristo, mas não, não se deixaria crucificar. Batera demasiado no fundo para lá permanecer. Arranjar um pseudónimo tratou-se uma questão de opção. Se alguém estivesse aqui para compreender a lógica do meu pensamento! Iria um telefonema resolver tudo? Só no dia seguinte poderia ter uma ideia mais clara. Para já, era tarde e eu desejava conhecer Zoe. Os estranhos sentimentos que procurava erguer para edificar um edifício novo na sua mente estavam esbatidos no vermelho-sangue de um calçada.

Quanto a Lucas, trabalhava numa fábrica de gesso de um ex-emigrante na Austrália, volumoso, com o intento de fazer uma operação para encurtar o intestino grosso e com isso parecer mais magro. Tinha sido uma obra benemérita empregar Lucas, não que ele não trabalhasse, mas o seu atraso psíquico fazia dele a mascote da aldeia. Do outro lado estavam os que tinham saúde e não a aproveitavam. Ferdinando regressara da Holanda e os emigrantes em geral já se tinham todos ido embora ontem. O caso do Sr. Mané era distinto, todos gozavam com ele, por ser uma chaminé ambulante, seja, fumava que nem um desalmado. Virgílio era dos bons, dos antigos, dos que pouco falavam dos outros, preocupado consigo mesmo e com o seu papel neste cenário monolítico de poucas cores. Numa conversa com Ramiro, José Estêvão soubera que às vezes tem de se ter subserviência em relação a alguém, nomeadamente no que respeita à propriedade intelectual. As pessoas, aos olhos de Narciso d'Alva, pouco tinham mudado em dez anos. Continuavam personagens como os conhecera nos seus tempos de estudante. Por isso tinha de encontrar um outro local onde desenvolver o seu trabalho, um outro local também onde assentar arraiais para trabalhar. Que tirasse do seu coração os falsos sentimentalismos mas que alimentasse a sua esperança de mostrar o seu trabalho a alguém. Um dia, mais cedo ou mais tarde, a sua hora chegaria. Camus, Dostoievski e Freud, todos eles trataram da loucura na fonte onde eu ia beber em pequeno, tenho saudades de lá, o que farei, o que não fiz porque dei confiança aos sonhos, o Eclesiastes diz que não se deve confiar nos sonhos e nós andamos aqui todos atrás de Freud e Lobo Antunes. A mãe está lá fora, em casa, preparando o jantar para convidados que foram nossos amicíssimos em França, José Estêvão cheio de remorsos por a sua vida não ser linear, agora não há remédio, não é por deixar de fumar que vai ter mais uma conquista amorosa. Narciso d'Alva estava naqueles dias revoltado, mas lembrava-se de São Francisco de Assis, o chamado Poverello e de como tinha se entregue a uma causa e a tinha abandonado porque os homens são humanos e não queria hoje que as pessoas se aproximassem dele como de uma máquina de relatos. Como se tinha entregue à ciência e o homem é humano, soa a redundância, o homem é humano, não é ciência. O seu Eu escondia-se e a sua vida continuava conflitual e adiava o que mais precisava de ser a sociedade não queria já saber com o que ele dizia, o inverso tinha de se verificar. O seu romance final seria o retrato de um país nos anos de consolidação de uma democracia, anos de estabilidade financeira, em que seu pai continuava trabalhando, ele continuava sozinho à volta das letras, talvez fosse por isso que não havia companhia, estava já acompanhado, mas

indignava-se com este fado, com este destino que tinha de fintar para sobreviver, vir à superfície. Não, tinha pago caro não ter ficado Sr. Dr., Stôr apenas. Queimara-se em alto fogo, exigira demais para si e agora pouco tinha de si mesmo para dar. José Ruivo era um professor de geografia do liceu e quando pensara fazer um curso superior questionara-se acerca da filosofia, mas tinha vergonha de vir a ser filósofo.

No início do século 21, desempregado, sem namorada, ainda pensava, agora mais do que nunca, em ser filósofo, mas ligava esse desejo com a fuga para a frente que o levara a sair do mundo em que vivera até aos 15 anos para o seminário. O conceito de cidadania estava-lhe pouco arreigado. Era uma questão de dualismo entre cidadania e uma atitude altiva de separação da vida prática. O seu Ego estava confuso. Seria uma questão de dualidade? Não seria loucura pensar o mundo e seu destino sem essa dualidade? De um modo ou de outro, tinha perdido a ingenuidade. Os homens, no contexto português, exigiam das pessoas, eram mesquinhos, tinham interesses muito para além do deixar família e bens. À medida que o tempo passava ele perdia a oportunidade de conhecer pessoas, colocar-se em meios importantes, posicionar-se para um cargo de importância social. Ninguém compreendia que ele queria ler livros numa sala, satisfazer as suas necessidades biológicas e pouco mais. Talvez tivesse Fraga Simões um excesso de modéstia. Talvez pelo modo como seu pai tratara a irmão o odiasse a si mesmo e a moral católica estivesse certa, mas ele não se julgava nenhum guerrilheiro ideológico de esquerda. Esses tempos tinham acabado depois de muitas frustrações amorosas. Talvez as respostas não estivessem nos livros e ele estivesse a fingir. Não havia tempo para justificações, onde quer que estivesse, aguentar diante da família que seria escritor quando o mundo à sua volta conspirava com energias negativas? E a velha bruxa que fumava enquanto fazia a consulta, tarde acabei considerando que fumar ou não seja o que importa, no entanto continua-se a exigir ao cérebro que ele importe palavras que estão no meio de um óleo e não podia José Ruivo pensar mais em si, é certo que acabaria por adiar mais uma vez as coisas urgentes, como trabalhar todos os dias e ele até custava o problema era a ansiedade e que só naquela altura fazia o que a mãe e a irmão sugeriam, acordando de um sonho mais vívido que um filme que se vê sozinho. Diabolizando, Ruivo tinha o mundo nas mãos e recusava-se dizer todas as injustiças porque se sentia sozinho. Um dia estaria bem consigo mesmo e seria tarde? Mas seria este o seu destino? Mas não podia ficar só, parado, tinha vontade de aprender, tinha vontade de correr, trabalhar, mesmo no lugar onde se deita à noite não goste do seu corpo, ainda é tempo, não há fama a todo o custo, há apenas a conquistar as coisas que lhe são devidas. Tinha adquirido uma certa sabedoria, vivia agora os tempos de velho, junto dos pais, como se tivesse já experimentado muito na vida e experimentou, pelo menos a intensidade. Abriam às 9 horas da manhã, sabia bem o café com o jornal que ele comprava para procurar emprego. Ele sabia secretamente que já não lhe conseguia, que esse emprego em Lisboa lhe estava a fugir. Se olhar para José Ruivo enquanto criança, vê-se que nada

realmente tem lá dentro de patológico, que apenas viveu em ambientes que propiciaram que lhe colocassem há anos um rótulo e não foi pior por ele ter feito estudos e ter uma vida interior riquíssima que por vezes aflorava enquanto tensão cerebral. Não, deixar a capital de um país ainda patologicamente atrasado, não foi um acto de cobardia, isso é o senso comum que o sugere, foi um acto de coragem. É claro que não é fácil aos 32 anos para quem anda numa itinerância intelectual notoriamente clandestina, mudar as coisas para melhor. José Ruivo desistira pois de estar no quiosque de um hospital porque se enfrascava de café e não se encontrara com ninguém naquela cidade. Mas este Ruivo, que se chama Dionísio, depois José Estêvão, José Estêvão e Blast, era portanto um homem de várias caras, um espião, um agente em nome da palavra. Mas porque trabalhava ele tão afanosamente naquela fábrica de palavras, já que de nada lhe rendia, o seu nome fora da fábrica estava associado a loucuras que entravam na cabeça de seu pai e que nunca mais saiam. Agora sabia que nada valia para seu pai, Brito Bastos, contudo, continuava a vê-lo e sentir a sua presença incomodativa todos os dias. Depois, tinha sido filho de muitos irmãos, a saber cinco e de todos eles lhes custou separar-se por meio do casamento e mantinha com eles uma relação estreita mesmo após o casamento. Mas disto falarei mais adiante. Nos dias em que convivia com os seus colegas no quiosque, recusava-se todos os dias estar fazendo um trabalho uma pesquisa sociológica, escrevendo palavras para depois apresentar a um professor e obter um grau académico. Era mais livre do que isso, mas não quer dizer que o fizesse e faria, pois a isso era obrigado. Pelo menos o que se viria seria este relato, literário, porque já distante se sabia José Ruivo do mundo académico, não valia a pena forçar uma reentrada, era um autodidacta, um erróneo navegante das palavras e não pararia enquanto não encontrasse as palavras o seu mundo de palavras para nelas recostar a cabeça, lhe acariciar os contornos.

As entranhas de Sofia iriam em breve ser dadas a comer ao povo, como num festim grego ou romano. Ela ansiava por esses momentos determinantes, contudo, a partir daquele dia começou a evitar o pai. O sargento Braz tinha chegado naquele fim-de-semana e ela, depois de dormir um sesta, não se habituava à ideia de ter de ser verbalmente violenta para com ele. Que se lixe, ele era militar, compreenderia. Depois de ter estado num convento para freiras, depois de ter feito sociologia, temia pelo seu futuro e já não podia contar com a mãe. Segunda-Feira tinha de ir para Coimbra para que essa cidade fosse o seu último refúgio, diacho, sair do cemitério dos Prazeres e ir enterrar-se em Coimbra, diacho, não haveria de ser nada, tinha de pensar que não haveria de ser nada. Tinha de jogar junto dos pais da irmã e do cunhado, todos os argumentos a seu favor que não ousara jogar antes porque se reservara subentendendo a inteligência dos demais habitantes do núcleo familiar. Era preguiçosa e calada, é certo, mas já que uma pequena doença degenerativa não lhe havia deixado fazer viagens, tinha de encontrar refúgio nalguma pessoa, é que todos a abandonavam naqueles dias, ninguém se importava, talvez não ouvissem os seus gritos mudos, talvez não quisessem as suas entranhas, mas tão-só que dormisse menos, que lesse mais, que fizesse o que tinha de fazer, tendo em conta essa sua limitação física.

Incomodava-lhe finalmente a presença do sargento Braz, viúvo, fumador inveterado, incomodava-lhe. Mais a mais, Dionísio estava na Albânia numa missão humanitária havia mais de dois anos. José Estêvão perdera uma certa visão poética de ver o mundo, como se lhe tivessem arrancado o sexo, perdia-se sozinho em labirintos que só lembravam Kafka, existia, o seu coração batia, batia. Blast deixara o mundo cibernético. Era caro demais, havia lá um Deus que não queria dar o seu nome mas que governava aquele mundo. Pedro Nave telefonara quando Narciso abandonara de vez a postura solipsista, telefona para dizer que Lisboa era melhor do que Coimbra para viver, Tinhas lá os teus contactos, foi uma mudança radical, Eu quero lá saber, isto é uma aldeia global, a minha mãe adormecida de cansaço, simplicidade e beleza, Pedro telefonou e foi o que bastou para se José Estêvão ver que o que ele queria era controlá-lo como uma marioneta, porque é que temos de dizer as coisas na frente das pessoas e daí surge a violência. Narciso d'Alva estava noutra situação. Sem o prazer de guiar, encontrava-se preso há mais de um mês na aldeia. Todas estas personagens encontrar-se-iam numa festa, em Coimbra ou no Seixal. O mundo é cão, há que vestir a pele de cordeiro sendo lobo. O mundo é dos maus. Os bons são feridos. Esta é uma tese algo abstracta, contudo há que defender ideias que nos protejam no dia a dia. Laura desejava há longo tempo sair da península ibérica, do continente, sair para a América, fosse do norte fosse do sul, sabia de conhecidos seus que havia voltado sem sorte mas podia ser que se desenvencilhasse num cenário totalmente novo. Todos os dias pensava nisso, todos os dias lia o pouco para pensar que alguém numa parte longe do mundo estaria a pensar o mesmo que ela, que desejasse o mesmo que ela. É lógico que com 40 anos e casada, não ia sair, fazia todas as semanas a limpeza à casa, às vezes com obsessão e à noite não podia sair devido a isso. Tinha poucos amigos, consultava frequentemente a mãe para falar com ela sobre os seus assuntos e problemas, tinha um irmão de nome Lúcio que andava há que tempo para arranjar mulher e pouco se importava com isso. Em Coimbra, Lúcio tinha perspectivas abertas. Não gostava de trabalhar nas obras, nunca o fizera com grande vontade, já que a sua genialidade para o pensamento especulativo levara-o para o campo da filosofia. Laura e sua filha ficavam desgastadas com a hesitação de Lúcio em escolher um local para viver, uma vida própria. Com estas personagens só se podia esperar um milagre, um milagre dentro de dias. Esse milagre esteve quase acontecendo não fora a teimosia e o vício em nicotina de Narciso. José Estêvão deixara o tabaco, mas continuava a pensar de modo negativo, mas ao menos sabia que existia outro mundo para além dele. Mais do que isso, tinha reconhecido o que era verdadeiramente, tinha-se visto ao espelho na tarde em que o irmão de Dionísio, Bernardo, lhes tinha feito uma visita, para aquele contudo, o tempo não jogava em favor, já que dentro de dias teria de partir de casa para outros afazeres longe da terra de infância. Era confuso saber como se é sem nem sequer os outros falarem de nós. Avançar ou recuar, vida prática ou teoricismo? Livros ou tijolos? Narciso d'Alva, os seus dias estavam chegando ao fim. Não podia ser mais uma criatura só, inerte, uma réplica das palavras de Kafka, um ser entre a ciência e a literatura. Onde estaria a fronteira do medo? Poder-se-ia estar nos dois territórios? O caso

tinha de ser resolvido, como o fora a matança de toiros em Barrancos. O caso é que a ciência académica estava longe, temos de ser realistas. Havia de depositar na literatura a esperança de resolver enigmas como o da vocação de Narciso d'Alva para que nascera e essa seria, aparentemente, escritor. Filósofo para quê, só por diletância ou engano e na sua vida não podia haver enganos, tudo batia certo pois o seu coração batia certo. Pois, tinha deixado Lisboa e não se dera conta ainda das saudades, um dia iria senti-las misturadas no vento de outras paragens. A pouco e pouco, José Estêvão apercebia-se da sua versão subversiva das pessoas e nunca compreendera porque é que um dia Cardoso Pires havia dito que "a função do escritor é corromper", mas concordava com a frase. No dia seguinte, José Estêvão ou José Estêvão iriam fazer uma corrida redentora, já custara muito a Dionísio purgar pelos seus pecados. As nuvens negras, os rituais satânicos que efectuavam um grupo de jovens marginalizados junto ao castelo, à beira da estrada, é de uma viagem interior com nicotina e cafeína que se trata tudo isto, e as personagens acusam cansaço. Não, que Narciso não podia ficar mais tempo naquela aldeia, já que a comunicação com o seu pai estava anulada, isto é um manifesto de honestidade intelectual, pois o delator destes factos vai um dia pedir a alguém que dissemine as suas cinzas no Tejo ou no rio da cidade onde nasceu se algum dia a vier a visitar. É honesto para com Deus que Dionísio, enquanto vive a sua idade adulta, se dê com José Estêvão e José Estêvão, já que Blast está ancorado num canto do mundo virtual. José Estêvão encarou a possibilidade de abordar uma jovem polaca ou romena que serve no café, seria inédito um casamento desses na aldeia. Andou dias com ela na cabeça, confundia-a com outra que vira em Limoges, haviam saído juntos para um bar, chamava-se Anna e ele sentiu que ela era a mulher da sua vida, mas a sua disposição naqueles dias, descia de dia para dia, como quem se metera, deixou-lhe uma flor junto à cama e ela não queria nenhuma serenata nem fado, queria antes salero.

José Estêvão estaria de partida para o Porto e julgava-se num labirinto estranho, feito de cimento quem nem sequer estava pintado ou rebocado. Iria tomar um barco até ao Brasil, se se desse bem talvez subisse o continente. Queria tudo muito depressa, talvez por isso pouco tinha. A sua amada conhecera-a em Moçambique, num serviço voluntário que para o levara no auge da juventude. Conhecera também o Padre Nunes, reconciliara-se consigo próprio. De Angola não chegavam boas notícias a Portugal, Blast tinha por lá, já que era um pouco doidivanas, um primo que gostava mesmo de África daquele furor de vida que se espera e desespera por encontrar em Portugal e que só em certas altura vem à superfície das gentes. A consciência de Tatiana, sua filha, desde cedo e pequena que estava activa e a menina de 9 anos não se perdia em palavras.

Viajar não é coisa de tolos, custa investir tempo e energias num destino, Blast no entanto apodrecia sentado a jogar Nintendo já que o pai lhe cortara o acesso à linha telefónica, era um jovem de 22 anos e inconsciente dos perigos em ser conhecido,

talvez daí porque conhecera já países orientais e tinha estado em Timor. Mas para José Estêvão, que se preocupava exclusivamente com a vizinha Espanha e com a guerra civil, Timor não era um simples destino, não se tinha apercebido de como é importante para a cabecinha dos portugueses o antigo império. Ele tinha-se apercebido que não vale a pena escrever uma tese para consigo próprio, ela tem de ter alguma inserção social. Narciso, de quem se diz mal nesta parte, morrera assim, no seu covil, ignoto do mundo, e das mulheres com quem sonhava e gastava o seu pensamento nisso e o seu corpo, pois ainda desejava ir às mulheres da vida, já que tinha falta de iniciativa nos seus 35 anos, subjazia a sua iniciativa e não podia fazer nada sem anti-depressivos. O seu primeiro passo seria procurar uma menina que estivesse disposta a aprender as perversidades que habitavam o seu espírito. Mas porque não nos interessa descrever apenas o que soçobra ao olhar, sabendo que a idade traz cansaço do olhar e que mais importante são outros níveis do pensamento, a ordem natural das coisas é mesmo assim, Narciso, esse velho Narciso acabou, porque deixava as coisas a meio e não interessa aqui ao leitor o processo de uma doença. Num espaço geográfico relativamente ínfimo e sem o estatuto cultural e literário de centros culturais, onde parasitas literários se aproveitam para comer as mulheres que fazem a edição dos seus trabalhos ou as jornalistas que os entrevistam, bem esses não ficam na histórias, o que fica na história é o reconhecimento e Narciso d'Alva havia visto nitidamente a sua imagem nas águas do rio, as águas calmas que serviam de espelho perfeito. Mas não valia a pena relatar as muitas afinidades das personagens que evoluem numa metamorfose até se tornar num cadáver que os mirones podem contemplar boquiabertos. Uma mulher, um dia, varreria todas estas páginas e as levaria. Em breve essa mulher iria devassar a vida de José Estêvão. Pois, bem se podia esperar, é que há uma honestidade intelectual do delator em anunciar uma personagem que na vida real não vai surgir. Não é intenção ser diferente de todos, ler todos os autores da literatura para ser diferente. Essa não pega para sensibilizar o delator. Tivesse ele sustento e trabalho e não estaria aqui contando as características destas personagens. Contudo, há uma obrigação moral em fazê-lo, como José Estêvão, que esperava somente vir para a aldeia no final da vida e ficar em Lisboa todo o tempo até lá, mas que por motivos de imagem teve de regressar para um ambiente mais moderado. Contudo, continuava a fumar e beber café, o que se havia de fazer, quando surgisse uma oportunidade, iria fugir para outros lugares, onde fosse ignoto, onde não carregasse a culpa de ser português. Lurdes achava que tinha o rei na barriga e António Estêvão não respondera ao telefonema de José Estêvão Broas. Dizia ela que tinha escrito um livro, pois eu queria vê-los morando no Prazeres com futebol parecia uma réplica da situação do campo de futebol na aldeia de José Estêvão. Narciso por outro lado, quando habitara na mesma casa de José Estêvão, como hóspede, havia sido jogado para um lado e para o outro e sofrido de maleitas horríveis impossíveis de descrever. Não podia calar, não podia ser em vão. O fruto desses dias seria a potência deste delator, já que os livros não se escrevem com dores de cabeça mas com sentimento. Era tudo uma questão de poder que se jogava na aldeia de Riachos e que

não importava esmiuçar, talvez importasse em termos de introspecção, pois o pai de Lurdes Norberto era presidente de junta havia quatro mandatos. Uma questão mesquinha de poder. Nenhum dos filhos havia tirado um curso superior e as suas energias estavam viradas em tentativas suicidas de dominar um território onde ficava a casa de José Gaspar.

Narciso, a quem muitos chamavam Narciso d'Alva, por ser muito branco de peles, nascera depois da revolução dos cravos e isso não queria dizer nada, pois ainda hoje entre nós há forças de direita extremamente subversivas. A revolução deu-se porque se tinha de dar, porque se deu também noutros países a partir do Maio de 68. O mais irónico é que as instituições religiosas nada tinham mudado e Narciso d'Alva sofreu com isso até à morte. Teve um percurso biográfico que o levou à vida religiosa pela vergonha de se assumir os seus desejos. Como jovem. Mas tudo bem, aguentou até aos 18 anos. Depois a imagem da igreja ficou abalada pelas pessoas que encontrou. Aguentou até ao 25 anos, não pôde fazer mais nada. Encontrou equilíbrio após um curso superior na psiquiatria, mas, muito mais do que na psiquiatria, no encontro consigo mesmo, o que quer que isso queira dizer. E sabe Deus que equilíbrio.

A situação de Narciso d'Alva era desesperante no final da sua vida. A pouco e pouco ia definhando e desenvolveu um tumor nos pulmões diagnosticado tardiamente devido ao consumo de tabaco. Isolava-se e tinha medo de sair de casa, inventava mil desculpas para não o fazer depois de ter casado e de ter tido dois filhos, aos 50 anos encontrava-se senil e com a mentalidade de uma criança. No final da sua vida não se tratava já de desistir ou não, o cancro era fatal. Nada podia fazer. O destino fora mais forte. Seu filho Orestes rumara para o Brasil e estava agora estabelecido na Baía com um restaurante. Quando recebeu o fax da morte do pai não se comoveu, porque para ele já tinha morrido há bastante tempo, de pois da vida que tinha começado a fazer depois que Laura havia partido deste mundo. Contudo, não rasgou o papel e veio até este lado do atlântico para ver o pai descer sete palmos abaixo do chão. O mesmo não acontecera com o outro filho, Ricardo, que há longo tempo não saí da aldeia onde Narciso tinha poiso e que não se dignou acompanhar o pai até à sua última morada pois era comodista e temerário. Tinha 34 anos a ainda não arranjara trabalho e mulher, embora tivesse condições exteriores para tal. A situação familiar tinha chegado aos limites e Ricardo era o pómus da discórdia, o elo mais fraco, sua irmã Helena tomava já anti depressivos há dois anos, seu pai Narciso, ignorava-o e Ricardo adiava uma vida social que podia vir a ter. Há cinco meses que estava em casa junto da mãe, Monalisca, sem nada fazer. Saía apenas para comprar tabaco e medicamento para a sua maleita psíquica que não era mais do que disfarce de preguiça. Que esperar, que raio de esperança manter no seio desta família. Depois, como Ricardo e Narciso d'Alva tinham uma vida parecida, ignoravam-se um ao outro, como se um não tivesse sido gerado pelo outro. O pai de Lurdes, Ildefonso zangara-se com José Gaspar havia mais de trinta anos e nunca mais falaram um com o outro. Aquele cumpria o seu quarto mandato como presidente da junta. Secretamente, o povo

esconjurava José Gaspar por ter um filho ilegítimo e ter por filho Narciso d'Alva, era peso a mais para a sua cabeça. O povo, que se mostrara tão justo em muitas alturas, revelara-se moralista e hipócrita nesta, como se estivesse castigando José Gaspar conferindo o poder político a Ildefonso. O certo é que a vida de José Gaspar era exemplar como pai de família, no trabalho e no trato com as pessoas. Narciso, contudo, estaria disposto a abdicar de todo este território onde se desenhavam estes acontecimentos par rumar para outra terra e embora tivesse adiando o seu próprio futuro permanecendo em Riachos, sabia que um dia haveria de partir para não voltar mais pois fizera um juramento e neste aspecto ele não deixava abébias. A sua presença em Riachos era nula presentemente, no ano que corria de 1979 e ele a pouco e pouco iam-se anulando da convivência das pessoas. Aumentava a ansiedade da partida e por isso a adiava. Contudo, antes de completar 38 anos jurara que não seria enterrado na terra de seu pai. E o que pensavam a irmã e a mãe de Narciso? Rita e Hermengarda gostavam da sua presença, mas eram quem dele faziam um ser minimamente social. Controlavam as suas horas de sono, os medicamentos, o excesso de comida que ingeria. Muito, mais do que foi dito anteriormente, haveria a dizer destes dois personagens no âmbito do território que Dionísio pisava.

Rita tinha acabado o seu curso e arranjado o seu emprego, casado e Narciso suspeitava que ela e Hugo não tinham filhos porque a sua situação não estava resolvida, nomeadamente no campo económico, ele ficava a pouco e pouco esquecido para ser lembrado, tinha perdido e aprendido a perder, via inimigos em todo o lado como D.Quixote, sim, talvez Narciso fosse mesmo um Dom Quixote que cego de utopismo não permitia que os outros vissem mais além do horizonte. Hermengarda, por mais triste que fosse para uma mãe, guardava o dinheiro de Dom Quixote para não o gastar numa mulher feita de carne e osso disfarçada de Beatriz. José Estêvão continuava com pensamentos desconexos, falava pouco naquele ano de 89 em que as cinzas de Narciso d'Alva haviam já sido espalhadas pelo rio Mondego. A doença daquele não tinha cura, uma doença pouco comum, diziam os médicos. Quanto a José Estêvão, aos 87 anos regressara a Riachos. Imaginar como seria a sua aposentadoria, o seu final, *caput*, ...podia escrever memórias, ninguém tira o direito à palavra neste país democrático, ninguém tira o direito à vida, ninguém tira o direito à morte, ninguém senão uma entidade transcendente, embora ainda haja alguns ressaibos de direitismo disfarçados por um catolicismo mais papista que o papa no nosso jardim à beira mar plantado. Adiante trataremos do assunto. José Estêvão teve de passar o resto dos seus dias no hospital José Régio: de manhã tomava o pequeno-almoço e a medicação, depois saía um pouco para dentro da cidade com o dinheiro que lhe davam no bolso, um 5 euros, gastava-o em café e raspadinhas e muita gente lhe roubava o pensamento. Regressava ao hospital para almoçar, sem dinheiro, depois ia pedir para junto da Igreja de São João de Deus, passava, mesmo tardes bonitas, falando delicadamente com as pessoas. Algumas, no seu ardor de competição nem lhe ligavam e ele logo improvisava com umas roupas um mimo de uma peça de teatro que pelo hospital passara. Cansado e falar e pensar, de estar fora do contexto, dos contextos

da ciência, havia-se habituado a dores de cabeça intensas. Diogo estava a 14 de Novembro de 54 à sua espera, para continuar escrevendo um livro, devia escrever no livro amarela como um licenciado se deixou arrastar e foi depois arrastado pelas hierarquias do hospital, desagregando a sua mente e escondendo para sempre o seu sentimento e o seu espírito. Mas também mais adiante voltaremos a falar neste assunto. A vida era complicada até para Blast. Esperava sempre um dia voltar ao mundo cibernético, mas depois juntar um dinheiro para uma viagem que o ajudasse a ver a vida de outra maneira. O mundo cibernético seria o seu cemitério. Mas o que fazer quando o que se suponha belo está definhando e morrendo? Começar, começar de novo, tentar. É o que se passa com este meu relato. Nesses dias de 1987, passaram dois meses e José Estêvão pouco fazia. Tinha de ir a Coimbra e não ia nem sequer para passear, nem ia a São Bento nem a Riachos. Estava só, desempregado, a mesma situação de sempre, aos 37 anos tinha tudo e nada pela frente. Tinha dez anos para tirar a nicotina do corpo e ter esperança de viver mais tempo. Estava de alguma maneira fora do mundo mas não estava condenado, resistiria até ao fim, iria onde quer que fosse com o lado fraco e o lado forte da sua mente. E o mais importante, com o seu coração, com todo o seu coração. Sim, dormiria sem remorsos de nade ter feito durante o dia enquanto seu pai trabalhava numa casa perto do anexo onde semi habitava, e iria, logo pela manhã, a Coimbra, para arranjar um quarto, conhecer a cidade, pois não podia ficar incomunicável com o resto do mundo. Não, José Estêvão não estava no José Régio, estava em casa onde o futuro podia e seria concerteza redentor, não ficaria à espera, cairia em batalha, em pé ou correria atrás do prejuízo. O que acima se disse dele foi um fresco de uma camada da sua memória. Alguém tinha de saber o que se passara com ele naquele hospital, alguém tinha de conhecer as vidas destes personagens, ao menos todos o povo português e quem não soubesse ler que lho lessem alto para saber das tentações, juízos e actos destas personagens. Um livro é um acto de vida, não pode ser acto de diletante, é um compromisso para com a sociedade, por isso o delator anular-se até ao final como o árbitro num jogo. Enfim, Marinela estava bem perto de José Estêvão e ele passara por ela várias vezes e sem dar conta de que ela era "ela" cumprimentou-a correndo sempre para afazeres pouco sociais. Seus netos viam horas de televisão e estava sendo preocupante porque se repetia o cenário dela quando era pequeno, primeiro com a TV Philips a preto e branco e depois com a Samsung a cores. Era tempo de partir para outra aldeia, para uma pequena cidade e ele não fazia o mínimo esforço estava constantemente a dar tiros nos pés, não dialogava com o pai por erros passados. José Estêvão não podia ficar ignoto do mundo as suas aventuras tinham de ser conhecidas do mundo literário, do mundo, o tempo passado a observar pessoas tinha de ser delatado para que as pessoas fossem melhores. É esse também o objectivo deste delator. Realidades vividas para mais justiça social. Maria Andrade confundira isto tudo e tinha a vida devassada, passava quase todos os dias no quiosque onde Narciso trabalhava. José Abrantes servi-a com delicadeza e ela, algum tempo depois confidenciou a Narciso d'Alva que havia sido violada por um irmão de um futebolista. Para José Estêvão todas aquelas

semanas haviam sido pensadas em relatar ao delator destes escritos o que fora a sua experiência, a sua mundividência, o mundo no Portugal dos anos 90 era simples, poder, sexo, religião, o que é que podia haver mais, tinha de haver mais, acreditava que o medo era infinito porque infinitos os pensamentos e sentimentos e enquanto o homem estivesse sobre a face da terra o mundo seria infinito. A ideia era um pouco simplista, mas dava esperança aos dias de José Estêvão e José Estêvão. Fora um velho ambulante que lhe dissera um dia numa rua de Lisboa.

Estranho hábito o que nos faz estar perto dos nossos e não ser desejado. José Estêvão não quisera fazer uma estória da sua aldeia naquele ano de 94, mas estava só dando um lamiré da sua presença. Ninguém se merecia um ao outro. Nem o povo merecia José Estêvão, nem José Estêvão merecia o povo, demasiado rude na figura de José Gaspar, que não compreendia qualquer subjectividade, ele próprio era um ser desprovido de subjectividade, acreditem-me os filósofos, e Ana Bolena que vivera desde 1907 e passara fome em duas guerras sendo esposa em terra alheia. Não, estava ficando demasiado par José Estêvão. O prémio para o escrevedor destes relatos seria apenas sopas e descanso, uma nova vida, pois que este filho já se podia sustentar sozinho. Não adiantava estar mais sozinho resolvendo estes escritos. Haviam de ser dados à luz numa ocasião oportuna, quando passasse tempo de maturação suficiente. Ana Bolena sofria com Narciso d'Alva, que sofrera várias experiências pós-morte e foi um ser atormentado até ao fim da sua vida. Vivera Ana Bolena duas guerras mundiais e seu pai emigrara clandestinamente da Andaluzia para a Galiza, local mais resguardado, onde atravessou facilmente o rio Minho e se estabeleceu como mecânico no lado de cá. Conheceu Laurinda Aguiar numa dos bailes de paróquia de São Tiago de Almarés e, embora nunca tivessem tido casa própria, as suas filhas, salvo Belinda que morre de meningite aos sete anos, sobreviveram do regime salazarista até à primavera dos cravos. Hermengarda sustinha a respiração para no hospital dar luz ao seu terceiro filho. Já tinha nome: Tobias. Os seus dos irmãos, Tiago e Jó, eram crescidos e estavam fazendo a sua vida. Jó tinha tido a paciência, que é mesmo assim, de esperar cinco meses para namorar com aquela que seria, no ano de 1991 a sua mulher, casamento civil e religioso. Já Tobias permanecia solteiro, ia-se casando, o que não quer dizer que tivesse vida fácil. Não tinha carro e isso demovia-o de ir a muitos lugares que gostaria de ir, mesmo durante a semana. Era outro ser que cada vez ficava mais sozinho, como seu avô Narciso d'Alva. Definhava de hipóteses. A sua situação social na aldeia de seu pai era cada vez menos isso, social. Curiosamente, era o café e o tabaco que o faziam encontrar pessoas. Estava faltando-lhe um ideal, ouvia todos os dias a mãe e a irmã incutindo-lhe coragem, mas ele não ouvia, era como um toxicodependente que não queria largar as drogas. As tentações e os demónios perseguiam-no para sempre, quando julgava estar liberto, esse momento era ilusório e fugaz, outros piores desciam sob a sua mente, impedindo-o de ter um diálogo fluído com uma ou mais pessoas. Sim, José Estêvão partiria para uma viagem das ditas reais, para se desenvencilhar, não podia estar mais esperando por Dulcineia, tinha de percorrer todo o país atrás dela, já que tanto tempo tinha esperando pela

montanha mágica. É isto que nos apraz dizer de José Estêvão, que ainda não pensara em epitáfio mas andava pensando nesses solarengos dias de Setembro, enquanto se preparava para viajar até norte dentro de poucas horas. Blast entretanto, fizera regredir a sua vida com jeitos e preconceitos estranho, readquirindo o hábito da sesta. Não era bom para quem tem um estabelecimento comercial e precisa de estar sempre vivo e bem disposto para atender os clientes. Quer, dizer, convém estar sempre bem disposto. Em Riachos, as coisas continuavam na mesma, José Estêvão não sentia necessidade de ir até Lisboa ou Coimbra, mesmo que fosse premente arranjar por lá um quarto e começar a trabalhar. Estava esperando intervenção divina? Ou intervenção do passado, das pessoas que conhecera no passado? Não valia a pena. Ninguém dava cêntimo a ninguém. A vida era uma roda livre, uma desordem e a ordem estava compondo um dos espaços da roda para se acertar, só um. Riachos era uma miragem que nunca se concretizaria devido à qualidade das pessoas, por isso nenhuma das personagens iria ficar lá até ao fim dos seus dias, cada um procuraria o seu lugar para viver e morrer o tempo que lhes restava.

"Que me importam que alguém diga que estive num hospital...todos me evitam como se tivesse peste." assim começava o livro de Kafka. Um novo filho estava prestes a nascer. Um estava a definhar e iria dar lugar a outro, talvez um policial. Ou não valesse cuidar desse filho que ficaria para sempre selvagem entregue a si próprio e fosse descoberto pela civilização 50 anos depois. Podia ser que a reencarnação de Ernest Hemingway o descobrisse na selva africana. Não, não valia a pena ir ao hospital pelo mesmo caminho, iria por outro, evitaria o quiosque, trilharia um caminho próprio, pois não podia esperar que um cataclismo familiar me fizesse abrir os olhos e viver a vida 24 horas por dia. Nem a José Estêvão valia a pena ir ao café naquelas horas, porque não se podem cavar palavras de um homem sem armas. No entanto foi e bebeu um descafeinado e passara sem dizer nada a amigo e não há actos apolíticos, tudo é político, começando pela ausência de actos, de modo que é bem ter o espírito alerta. É com nervoso que o delator continua debitando palavras. Agora sobre a utilidade do romance, que está chegando ao fim. Quando se fica louco com um filho é melhor abandoná-lo à sorte.

Gabriel estava dando-se bem com a vida, saltava contendo depois do pequeno-almoço que lhe dava a mãe no centro histórico de Riachos. A sua tia Graziela tinha procurado fazer medicina, mas ficou-se pela biologia e dava agora aulas perto de Lisboa, enquanto o pai de Gabriel fazia casa a poucos metros de distância, junto do rio. Não sei a que propósito me surge mencionar esta família, talvez seja por estar próxima sua habitação do local onde à luz do computador e canto dos grilos, debito estas palavras. Outras duas famílias estiveram nas férias de Agosto, mas foram já embora porque as aulas em França começam em Setembro. Pois, estamos em Setembro. A planta dos lugares das casas e dos acidentes da paisagem ficou com uma professora, de que coisas me lembro, talvez este romance me dê por conclusão de que custa realmente ter filhos. E que o delator desta narrativa nunca saberá o que é ser

mãe. Afinal sou um simples existencialista como Sartre ou Camus. Lembro-me de pequeno, quando luz debaixo dos cobertores com uma luzinha. Eu não preciso de escrever! Não preciso de saber! Não me bastariam as sensações do corpo para deixar de ser perseguido pelas do espírito?

O delator destes relatos não mais fará desafios deste género. Não cabe bem, tira lugar às personagens. Acabou Narciso d'Alva por renascer como uma Fénix e, pegando no livro de Virginia Wolf "As Ondas", começou a ler. Enquanto isso, José Estêvão estava sendo iniciado no islamismo. Blast também se convertera ao catolicismo, fez primeira comunhão e antecipou a velhice de Narciso d'Alva. Corria o ano de 1999. Era este o ano da primeira série televisiva transmitida em Portugal de ficção científica que dava aos sábados que Narciso via com o irmão José. Ocorrem várias vezes em que Narciso d'Alva se quis elidir do mundo de tanto que queria sentir prazer extremo em conjunto com outras pessoas. Decerto que a pornografia o interessava, mas era um mal de civilização e isso ele sabia-o. Poder-se-ia dizer o mesmo de José Estêvão? A todo o momento ele não se sentia bem no que fazia. Estava ainda na terra de seu pai, esperando uma oportunidade para ir para um lar de idosos. Não lhe permitia a família que andasse por aí com um carro. A vida corria lenta em Riachos. José Estêvão em breve viria visitar Narciso d'Alva e poderiam ir os dois à pesca na barragem. Entretanto, não muitas guerras se passavam na aldeia, o presidente da junta continuava o mesmo, como o pároco, que ia já em 20 anos de pastoreio. Padre Barros era uma dessas pessoas invulgares, com um auto domínio de um saber enciclopédico que faziam inveja aos professores e aos médicos da aldeia. Sabia usar o seu poder com parcimónia. Não era comparado ao que tinha antes da revolução de Abril, mas mantinha uma casa simples, sem televisão, com poucas peças para além daquelas que lhe tinham ofertado em 1972. Rogério, o coadjutor, tinha estado em África. Houvera escândalo quando se soube do passado do homem, num colégio em que tinha abusado moral e fisicamente de várias crianças em formação. Contudo, o bispado veio à aldeia e isso bastou para que se assentasse da humanidade do homem que dali não passava mais. Soubera-se do passado do homem, que procurava a mãe e fora adoptado, carências afectivas, tudo isso o levara para a pieguice. Narciso d'Alva deixava correr o tempo e sabia que a verdade, em alguma forma, impressa ou sonora, viria sempre ao de cima. Um seu amigo, Aníbal, tinha andado no colégio onde pelo tempo tinha passado padre Rogério. Depois de se fazerem amigos, Rogério aliciou o jovem de 18 anos que tinha já dois de seminário a ir frequentes vezes ao seu quarto. Deixaram de se falar porque o homem não largara o jovem e Aníbal fugia porque tinha o corpo sujo de pecado nem sequer pensava nas consequências que para a sua fé trouxera aquela manipulação e aliciamento. Pois, para Aníbal, a fé deixou de ser muita. Deixou de ser pouca. Passou a ser nenhuma. Ele, que até aos 18 aguentara puro o seu corpo. Aníbal não conhecera Narciso d'Alva mas um dia o padre Rogério fez com que os dois fossem à fala, isto porque a confissão tem destas coisas. Numa conversa de café, falavam os dois sobre Rogério e do tormento mental que havia sido para os dois abandonar a instituição religiosa. Narciso d'Alva, porque levara as coisas muito a peito e só muito mais tarde

percebeu o que é ser-se humano e ter fé. Aníbal porque confiara na religião os seus "verdes anos" e ficara desapontado com uma pessoa em particular. Por isso, os dois não conseguiriam levar uma vida com independência, eram dois homens perto dos 40 como cegos, vivendo a partir dali uma noite eterna. Os momentos como este fazem-nos valor quão o mundo é cruel, como as crianças dizem, mas faz-nos duros, por mais amáveis que sejamos no trato com o semelhantes. O que se passa é que os media se servem de acontecimentos como este para conseguirem reforçar o seu poder. Mas passado esse momento, a vida volta ao normal. O impacto das instituições no percurso de Narciso foi coisa que durou tempo. Ele não podia ir pela rua interpelar pessoas sobre estes assuntos. Precisava de um lugar próprio. Esse lugar nunca existiu. Até um dia, em que eclodiu uma crise, o ser que o nome Dionísio continha desmembrou-se, desordenou-se, depois de ter vindo aos 18 anos de uma instituição religiosa psiquicamente ferido, encontra as instituições psiquiátricas aos 25 anos. Não podia seguir sozinho. Deu tudo de si, relatou tudo o que era, o que queria ser, o que sabia fazer. Os médicos nunca verdadeiramente o ajudaram porque nunca o conduziram a um trabalho remunerado, nem dentro nem fora de muros. O sofrimento deu-lhe autoridade e mais sofrimento. Agora também não ia desejar entrar nas instituições académicas. Estava safo, finalmente, estava salvo de tudo o que lhe impedira o crescimento.

Quando José Estêvão chegou a Riachos trazia muita bagagem e o cabelo rapado. Trazia consigo uma mulher de vestes orientais, mas para espanto de Narciso, Jade não era oriental. Explicava-lhe José Estêvão que ela era muçulmana, mas que ele era budista. Bem, Narciso recebo-o no seu quarto de visitas, já o tinha vago e preparado há sete anos, altura em que seu pai falecera, sim, porque ser pai era de bom feito e não precisava de ser levado para um lar de idosos. Sua neta, Priscila, cuidava do bisavô como se fosse uma boneca em tamanho grande. Todos os dias lhe fazia perguntas lógicas que tinham a ver com as necessidades fundamentais da pessoa humana e isso agradava ao velho Girondino. José Estêvão era como se fosse um clone de Narciso d'Alva, só que tão temperamentalmente distinto que apenas a semelhança física pois aproximava à primeira vista. Em poucos dias Narciso d'Alva mostrou a aldeia a José Estêvão e ele encontrava-se bem e estava disposto a ceder o lugar a Narciso d'Alva para este embarcar para outros lugares, fazendo a sua velhice um pouco melhor. Mas era tarde para Narciso, queria sopas e descanso com a sua segunda mulher, Gretel. Jade trouxe olhares diferentes a Riachos. Era uma mulher morena, boca fina e olhos verdes, rosto longilíneo. Mas ficou por pouco tempo, pois o pessimismo e inveja da generalidade das pessoas fizeram com que José Estêvão regressasse ao Oriente.

Ele não tinha tido tempo para fugir a seu pai. Em Riachos havia um grande silêncio em redor da casa. Contudo, quando começou a agonizar, as pessoas começaram a aproximar-se como abutres, como se fossem votar nele em massa para presidente da junta. Rita e Hermengarda faziam vigília e Ricardo viera apenas ver o pai nos últimos momentos. Trazia já consigo uma turma de filhos, o que era pouco invulgar naquele ano

de 1997. Viviam em Montalegre e eram já todos meninos de escola. Não o viram morrer, havia sido demais para Ricardo ele próprio disse a seu pai que Não há palavras e foram para a terra. Narciso agonizava num leito que fora de sua avós Júlia, leito de corpo e meio da altura da guerra. Seu pai José Gaspar fora-se já também de morte natural. Mas a Narciso calhara o cancro no esófago de modo que parecia um extraterrestre ditando ordens para este para aquele, para todos os que lhe apareciam à frente. Estava lúcido, o que não era nada mau, por isso mesmo vociferava contra todos como se o viessem julgar ou como um Cristo na cruz dizendo humanidades. Rita levava-lhe água para o esófago espremendo um pano de água fresca na boca aberta de vez em quando. Trouxeram-lhe uma televisão para poder estar mais controlado, mas de nada serviu, pois o homem em todas as mulheres via cenas de sexo explícito. Hermengarda chorava porque aquele filho tinha sido um amor de criança. Dos cinco, em criança era o mais obediente e aquele que mais se tresmalhara e voltara como filho pródigo. Gretel ficara espantada com o comportamento do companheiro nos últimos meses de vida. Dependia da realidade e recusava-se a assentir a sua existência. Às 11h e 46m do dia 13 de Agosto de 2000, Narciso deixara de falar. Quem estava perto dele dormia e foi acordado pela quebra do seus ressonar violento. O homem tinha acabado. *Caput*. Hermengarda fora chamar os homens da funerária Antunes e o seu corpo estava sendo lavado por beatas com curiosidade pelo corpo do homem, que apenas havia conhecido duas mulheres. E pronto, o que é que o delator há-de fazer. Depois de uma pausa para café, ficou sem palavras. A família Antunes era de uma rara curiosidade. A filha tinha sido amiga de infância de Rita e agora tinha um gabinete de escritório de advocacia onde outrora sua irmã Maria de Lourdes dava aulas de catequese. Seu pai, dono da empresa, começara como marceneiro junto ao café Pérola Azul, do senhor Agostinho e da Dona Encarnação. Cresceu em duas décadas o negócio e o Sr. era apenas o responsável pela agência funerária. Eles vendiam sobretudo móveis, a emigrantes, a pessoas em geral da região centro do país. O pai Antunes era já morrido, por sinal num acidente deveras peculiar, numa torre de uma das capelas de Riachos, manejando foguetes, lugar onde Narciso d'Alva um dia levara quase à força uma moça de Vila Gaiata para namorar numa noite de verão. Por vezes sentimentos que atingimos o limite das nossas forças orgânicas e cerebrais e que já não dá para ir mais baixo, foi assim a vida de Narciso, sem limites, quando tinha consciência de que tinha limites.

José Estêvão, que tinha sabido da guerra civil espanhola pelo avô e da revolução dos cravos pelo tio, vivia agora num estádio relativamente calmo da sua vida com Jade, decidira fazer uma viagem até Espanha e pelo sul de França finalizando na Itália. Mas as ameaças à vida dos civis eram tantas porque era difícil entrar em Espanha ou sair dela, França era uma nação de uma intensidade e José Estêvão nunca verdadeiramente passara pelo centro da Europa nem fora à Inglaterra, onde a densidade da existência É deveras assustadora. Tinha ido pelo norte de África, onde as regras do quotidiano eram, vistas de fora, bem mais explícitas para ele e sempre tinha Jade perto de si para as eventualidades. Em Riachos, o comboio passava e parava por vezes, conforme

fosse regional ou inter-cidades. A CP, empresa responsável pela linha do norte, suprimira há meses o chamado inter-regional. Para José Estêvão tinha acabado o velho ciclo vicioso das idas semanais de Riachos até Santa Apolónia. Nada tinha de material neste mundo a não ser alguns objectos e esses ficariam onde o seu corpo jovem morrera, em casa dos pais, Hermengarda e José Gaspar. Clandestino é como continuava este relato, apenas com o interesse de Rita, que sacrificara férias, posição social e reconhecimento profissional para ajudar José Estêvão nas viagens. Isto que se diz é relevante e importante, porque até ao ponto José Estêvão nunca tinha visto tamanho interesse por uma pessoa estava ficando apaixonado por Rita. Um tipo de amor que nada tinha de carnal e que não a colocava nos seus desejos íntimos mais perversos, sim, porque apesar de ter Jade, os seus sonhos ficavam dia após dia cada vez mais perversos. Memórias expandiam-se como sangue pelo seu cérebro. Desenvolvia então um tipo de amor sobre a palavra, o conselho. Estava dependente das opiniões de Rita e Hermengarda para prosseguir a sua viagem. Retido em Riachos, já não tinha Narciso para com ele fazer exercício e passear pela manhã. Jade revelara-se infiel, num mundo não muçulmano, as liberdades levaram-no para as mãos e a boca de um jovem jardineiro do governo local de Tunes. Ficar, ir de novo, talvez fosse bom, deixar Jade e partir para uma última experiência geográfica.

Jade voltou livre para o seu país ou ficou entregue ao seu destino em Riachos. As tradições existem para libertar o homem, não para o oprimir. José Estêvão ficou um pouco mais, na Aldeia do Vale, sítio de poucos habitantes que inicialmente visitou depois arranjou por lá casa. Em Riachos nada havia de interessante, os homens não são interessantes se acordamos com os pés fora da cama. Riachos ficava cada vez mais longe no mapa do coração. Chovia intensamente, daquela chuva que molha mesmo, para a qual é preciso chapéu, José Estêvão preparava-se para conhecer uma terra nova, fora ou dentro do país, seria como conhecer um novo amor, com tudo o que tem de positivo e negativo uma relação. As suas coisas estavam nesta nova fase da sua vida, provisoriamente espalhadas pela sala, esperando um espaço mais definitivo.

Rogério escalava aquela montanha pela primeira vez. Não levara consigo todos os quesitos necessários, mas sabia que havia gente soterrada debaixo daquelas casas e que a neve havia causado sérios estragos. O mau tempo e a chuva chegavam à península ibérica depois de terem percorrido a Europa central e de leste. O livro que viera com o jornal era pateticamente fino. Num alfarrabista teria comprado dois romances maiores da autora. Quem me mandou a mim ter uma mente aberta. Nesta vida de famintos só os obtusos conseguem os lugares bem remunerados, não quer dizer que não haja lugares merecidos. A verdade vem sempre ao de cima? Já começo a duvidar, se não fizermos nada pela nossa vida nem sequer a mulher que nos ama ajudará. É difícil à minha família viver comigo e de fora dela vejo pouco quem ainda queira apostar em mim. Terei de ser eu a levar adiante o barco que desta feita irá longe de raiva.

Ricardo, o irmão, não tinha culpa de José Estêvão tanta coisa querer e ao mesmo estando tão concentrado em si mesmo. O mundo poderia ser feito de outra forma ou, gritava dentro da cavidade craniana. Tinha de me adaptar ao mundo. Nem tão pouco Flora tinha culpa de ter casado com um homem forte para a proteger de incesto. Até Freud tudo estava bem. Tinha prometido que o amor venceria. Tantas referências. O infinito diria José Estêvão, está dentro de cada um de nós, hipocritamente dizendo, nas relações sexuais e sociais, o infinito, dizia...

Os estranhos sentimentos que procurava erguer para edificar um edifício novo na sua mente estavam esbatidos no vermelho-sangue de um calçada. Houve uma mente sacrificada e enrolava. Não podia permitir a si mesmo mais hesitações, mas sabia que elas iriam acontecer. Atendera todos os telefonemas, o que não acontecera com um cigarro na ponta dos dedos, os alimentos escasseavam naquela ilha que chamei Speranza. Porque tinha sido a primeira coisa a encontrar e a última provavelmente que perderia.

Os meus cabelos brancos cresciam. Havia dois dias que nada comia, mesmo procurando quase a rastejar pela floresta. Não procurava companhia, mas sim a sobrevivência, um objecto repetido, um cão que me guiasse cego até uma gruta onde me refugiasse à noite. Talvez tivesse a imaginação demasiado fértil. Talvez a vida das pessoas fosse muito importante e eu nem todos os dias me dera conta disso. Passei dois dias ensimesmado, pensando, olhando, contemplando imagens na minha mente, esta mente que se desarticulou à custa de tanta gente, de imaginar. E eu que vim de Paris. Nem quero saber....falar de mim a quem não se preocupa e tem uma imagem pouco poética da vida, nunca conseguir apagar essa imagem do meu pensamento, por mais que tentasse, por mais que me tratasse, não me confesso e o facto é que os outros ganham dinheiro por fazer o que gostam, eu tenho a certeza, toda a gente acaba por fazer o que gosta e procura, ora eu tenho o mérito de me pôr em dúvida.

Escrever é usar as pessoas, roubar-lhe o que de mais precioso têm, o pensamento, as ideias que nós temos delas. Continuarei a cometer um crime? Não sei, talvez José Estêvão surja de uma outra forma através destas páginas. Nada tenho a perder ao relatar as façanhas destes heróis e vilões, pois me permitir entrar num mundo de fantasia onde posso inventar todo o tipo de personagem. E sem estar com mais delongas a propósito das condições de escrever, vamos continuar a nossa história.

Onde outros já teriam fugido e dado sinal de fracasso e lamentando-se imenso, Blast resistia como se fosse esse o caso e não simplesmente viver, ele ali estava porque ali tinha as suas coisas. O amor continuava afastado e mesmo que pensasse que a casa tinha sinal negativo, isto é, não atraíra visitas, esperava calmamente a sua vez. Mas em breve as coisas poderiam mudar. Mudar num sentido imprevisto. Oxalá. O seu olhar era como uma espada que feria os outros. Ele só tinha pensamentos negativos, a maior parte do tempo do dia, se quisermos colocar a questão nestes termos. E a solidão era o castigo que lhe dava o estigma de frequentar um lugar onde era cobaia.

Os seus dramas internos começavam no relacionamento com os outros. Não, não mostramos um herói social sem mácula, por assim dizer. E isto que surge é resultado de saber de experiência feito, não resultado de conversas, infelizmente. Naquela época, José Estêvão estava cedendo. Começou a levar a bíblia para o trabalho. Depois de ter voltado costas à fé, resistido, feito obra, não aguentava mais. Tinha de ceder. Ceder ou morrer, essa era a escolha. Era hora de ceder, antes de envelhecer. A sua mente tinha afinal um salvador. Com letra maiúscula. A mente é um órgão de tal modo importante que qualquer dano no seu interior é irreversível, desejo acreditar que sim. Se acredito na vida eterna, uma vida incorpórea, sim tenho como pressuposto que sim. Sei que esta história apenas vale por si. Cabe em grande parte ao leitor fazer os linques. Porque é que estas palavras, esta história, há-de ir de encontro ao estereótipo das estórias bem sucedidas ou daquelas que eu sobre valorizo. Originalidade... Jurei não escrever mais diante da minha amada que arranquei a ferros a dois metros de mim. Senti o amor por perto e agarrei-o. Quero que não fique muito longe. Mas estou aqui para contar uma estória.

Porque é que estando sentado posso imaginar outros mundos que não vivi, outros que nunca conhecerei. Talvez, talvez se acreditar poderei visitar todos os mundos. Quando o meu espírito sossegar saberei melhor contar estórias. A estória de Vera, que tirou um curso de arquitectura e que nunca mais vai deixar a farmácia perto de casa. A estória do pedreiro que constrói uma casa para a mulher que nunca irá ter, a do carpinteiro para o filho que nunca poderá ter porque a mulher foi esterilizada pelo estado. Não é vergonhoso clamar a história. É sobre esta que pisamos o solo vulcânico que nos ameaça. A estória do ladrilhador que não deixava sulcos pronunciados e enchia as juntas de massa por igual para que pudéssemos cair e rebolar naquele chão. Lágrimas de sangue caíam, os cestos de uvas enchiam, o vinho fazia-se a pouco e pouco. Severino realizava um dos seus sonhos que foi completar uma maratona. Todas as semanas fazia também natação. Todos os dias treinava duas horas de manhã, duas horas à tarde. O seu coração não se cansava, fortalecia-se. Virgílio era empregado de uma tabacaria e fumava em serviço. Percorrera todas as marcas. De quando em vez o estômago expelia escarros pela garganta. Mas ele continuava, agarrado à vida, ao vício, ao trabalho. As auras não tinham muitos clientes naquele princípio de século em que se matou com um homem o rei e o herdeiro do trono de Portugal. As mentes eram pesadas e era um risco fazer um documentário sobre aquela época. Não adiantava ler romances para escrever romances. À custa da moral cristã escreviam-se livros, a culpa deitou-a Ferdinando para trás das costas. Um aura veio ocupar a sua mente e ele sentiu que nada mais importava, nem o fácies nem o cabelo enrolado e solto dela que percorria nua a casa a horas de frio e a horas em que não se telefona. É difícil dar, como diziam os Silence 4 no seu tema do segundo álbum. Parecia agora para Ferdinando que tudo ia acabar. Contudo.

Fora corajoso como poucos. Resistira não mostrando rancor, mas um sorriso. Onde outros teriam fugido cheios de medo, ele ali estava, no seu território. Os outros

podiam imaginar tudo, dar todos os pontapés na bola pensando que era na sua cabeça ou no seu rabo. Podiam rir. Não haveria vingança. Há leis e regras. Ele pagou já pelo que fez. Quem ri hoje chora amanhã. Demos lugar à vida das personagens.

O carro parou junto de uma praia, saímos, a chuva começava a cair regularmente, primeiro miudinho, depois mais forte e dir-se-ia que José Estêvão, tipo magriço, cabia entre os pingos. A religião é um dos valores com que costumamos diluir quem na mente nos incomoda. Escrever esta estória será excomungar demónios que me assaltaram numa localidade fixa. E escrevo, conto esta história, tendo em conta que nasci em França, tenho ascendência espanhola mas sou, com orgulho, português. A vocação de ser português é olhar para os outros, estar com os outros, num olhar distanciado e próximo regulado pelas lentes da combinação entre objectividade e subjectividade. Não sei se sou bom ou não em argumentos, em palavras proferidas da minha boca, mas se é a cabeça a minha perdição, também é a minha salvação. O homem era um mutante, um camaleão, vítima do seu olhar. Tinha o cérebro demasiado pouco desenvolvido para a época. Resistia ainda no meio da loucura. O facto de não se considerar louco era a sua própria loucura. Já tinha perdido muitas ondas, em linguagem surfista. Estava numa outra onda, talvez. Mas tinha de mudar, tinha de acreditar, nem que um som o salvasse, como um pirilampo na noite que caía.

Vítima do seu olhar, vítima de coisas do passado, como diria Drummond de Andrade, "tarde, a vida me ensina/ esta lição discreta:/a ode cristalina/ é a que se faz sem poeta". Mas bom, José Estêvão estava em frente de uma montra e pensava por palavras, a não ser um plasma de matéria que lhe ocupasse a mente e o transportasse para fora de Lisboa. Estranho não amar esta cidade como os poetas e os poemas que lia. Havia algum problema com ele? Claro que não, disparate. Apenas a sua perspectiva fosse diferente. Alguém viria um dia endireitar os óculos. Algum diário seria mais honesto para descrever José Estêvão, mas Adelaide não o deixava, sufocava-o, imprimia-lhe toda a sua presença e o coração já não aguentava, tinha medo de uma doença cardíaca ou cerebral, um ataque ou um cancro. E porque não podia discutir política, religião, futebol, sem que tivesse de carregar um peso em cima? Porque é que o pisaram tanto tempo. E porque é que tanto resistira em silêncio. Talvez porque ambicionasse, como quisesse que os extremos se tocassem, um outro palco para si. Havia que crer que Carlos seria bem diferente com as mulheres. Não entrava em comiserações, não, era na derrota mais absoluta que é a ausência de parceira sexual, que ele gritava, dava charme. Às vezes é certo que fumava um pouco mais que o devido, mais cafés do que o devido. Se deixasse tudo...a batalha afinal estava perdida. Havia que regenerar as tropas para a próxima conquista de terreno. Se continuasse naquele território, aceitaria as normas sociais, tornar-se-ia objecto de análise em vez de analisador. Enfim. Soluções para problemas que não existem porque não nascem do diálogo, do consenso. Mas não os desvalorizo. Carlos, José Estêvão e José Estêvão eram todos vítimas de circunstâncias. Sobre frustração, o que dizer. Ela atinge mesmo o mais forte. Tenho andado a pensar que estas coisas que acontecem à vida dos meus

personagens não se justificam. Acontecem, pronto. Um dia hei-de ter coragem para contar uma história. E ela poderá figurar ao lado de outras histórias. Um destes dias a raiva terá ido para um lugar inóspito, sem gente de preferência, sem vida de preferência.

A história de Alfredo é uma manta de retalhos, tal como a cidade onde vivo. Culpo-me de não ter chagado a transmitir estórias, talvez seja demasiado egoísta. Alfredo, por sua conta, olhara a cozinha iluminada e custara-lhe apagar a luz. Tinha consciência de três, quatro vizinhos. Forçara-se na semana passada a ficar mais tempo na rua, iludindo-se que a vida é competição e desenrasque. Mesmo tendo falta de emprego, atrevia-se a sonhar a meio da tarde com rocambolescas aventuras sexuais. Talvez lhe faltasse ler. Literatura. Mas como poderia construir um edifício como o de seu pai, em tijolos verdadeiros, sabendo que o seu edifício não seria tão arriscado? Os dias não eram de facto como ele programara, perfeitos, plenos de gente, e o tempo que estamos sentados e o tempo em que temos consciência de não estar sentados, como pode Alfredo comprar um rádio com auscultadores ignorando o ritmo da cidade, os grandes acontecimentos. O romance de Atwood trata, se não me engano, de como vir até à superfície. Como no mar ou na piscina, nunca podemos estar sempre submersos, a não ser que tenhamos ou venhamos a ter guelras, que é coisa de que não se fala nos jornais, porque a espécie humana parece estar de crepitando, e digo que temos de vir respirar à superfície, todos, ninguém lê o jornal todos os dias, quero dizer e se lê, o que não é o caso de Alfredo, Alfredo Reis. Ali estava, na capital de um ex-império, numa cidade atlântica, celebrada por tantos escritores e poetas. Como poderei contar-vos a história de Alfredo sem que diga, que diga...não, sem que diga que a cidade que este personagem conhece é repetitiva, rotineira, banal? Por isso tão próxima da solidão, não do desespero, da solidão e da loucura. Todo o trabalho teórico empreendido por Alfredo terá sido em vão um dia mais tarde. Porque o que conta é o momento, importa demonstrar os sentimentos, mostrar, demonstrar, ser competitivo. Não há descanso, o mundo todo diz-nos sempre alguma coisa em cada momento. Felizes dos que se espantam continuamente. Seremos obrigados por quem a ser autistas durante um certo período de tempo? Difícil no trato era este indivíduo, por vezes muito mau humorado. Mas devia alguma coisa a alguém a não ser o seu pai, e mesmo que trabalhasse na direcção oposta era a favor dele que testemunhava cada gesto diante dos outros, cada palavra, nunca lhe guardara rancor ou ódio. O seu silêncio deixava-o pensando, mas nunca o quisera realmente matar, nunca mesmo e sobretudo em sonhos, que é quando se manifestam os nossos sentimentos mais arreigados. Não adianta descrever a casa deste personagens, mas os seus hábitos. Levantava-se de manhã e à tarde, quando o sol ainda estava intenso, cansava-se dos olhos e talvez do café, cansava-se por não comunicar. Por isso voltava para casa para dormir uma sesta adiantada. Levantava-se porém, e embrenhava-se em projectos que não se concretizavam. Por vezes tinha a esperança, quando se deitava cansado, sim, tinha direito a estar cansado de pensar, que os seus projectos se realizariam. As terapias alternativas poderiam resultar e debaixo da lente do seu amigo morava o paraíso.

Talvez para mim como narrador não importassem as estórias que tinha preparadas e se as completasse importariam a uma certa maneira de fazer literatura. O que sei é que não tenho fôlego para grandes histórias. Esta começou com um sonho. Com um sonho acabará. Mas como preciso de sobreviver não a contarei. Já perdi um pouco dela indo comprar cigarros e bebendo café. Não fora a simpatia do dono do café, que fazia doces para vender a clientes habituais, não sei o que seria de mim. Talvez acabasse como o José Cardoso Pires. Tanta coisa que tenho a fazer! No sonho a minha irmã obriga-me a sacudir o meu pai que julgo morto. Convence-me de que ele está morto. Depois, não está, na verdade. Finalizo o sonho com uma viagem até França, alucinante, e com uma série de conclusões feitas por ditados populares. Vou de ditado em ditado e termino com "tanto projecto para tão pouca obra!", ou seja "muita parra pouca uva". E assim termino. Não, não termino. Já morri várias vezes, ando com o diabo às costas, mas os meus inimigos não hão-de saborear vitória. Vou continuar a escrever, que é o que melhor sei fazer. Posso começar como uma lenda, posso começar como um conto. Relembro-me da Alexandra e ela foi-me tirada. Nunca perdoarei a quem mo fez. Talvez seja eu duro demais, insensível. Mas pronto, sou apenas uma pessoa da cidade, que tem direito a viver no seu território. Sou como Mariane Faithfull no filme Intimidade. "Já morri várias vezes". Não sou assim tão ambicioso que queira estar entre mulheres, mas o poder da palavra...agora vou para o guião.

Rosado passou pela cave do Xenon, não esteve lá o meu espírito, mas uma voz chegou perto de mim, levando o meu corpo para a cidade, foi preciso estar perto de cometer incesto para ver a realidade, aprender os bocejos existencialistas, os sorrisos hipócritas, aquilo que dizem ser a complexidade do ser humano. Nas caves e nas cavernas escondemo-nos como Bin Ladens, tal como cavernosas são os ângulos da garganta, já não há dor de alma, nem de coração, porque me arrancaram tudo isso, mas lembro-me que é quando isso se passa que o motor do velho carro que não me autorizam a usar. Para Rosado casar teria sido simples, teria sido lógico amestrar uma fêmea, uma mãe de filhos. Terias sido simples mas, derrota após derrota, ainda Rosado sonhava em conhecer o mundo, com olhos de felino ou canino, que são para nossa informação, os animais domesticados do vulgo. E, como estando aqui escrevendo isto, Rosado julga-se dono de algum ponto de vista útil à sociedade. Há gajos assim. Que velhinhos, os Heróis do Mar. Tá bem, fui buscar pacotes de batatas fritas ao vizinho, confessou Rosado na esquadra, na 10ª. Num outro quarto, um bébé dançava ao som de "Paixão". Nem os americanos faziam melhor. No corredor contíguo, um guarda bebia compulsivamente um café, uma velhinha diziam que em breve tinha de saber onde se compram em Lisboa bengalas de senhora. De neurótico a psicótico vai um passo, é como ter os pés no arame e cair com os ossos num chão de taco. Estas palavras estão para aqui arrumadas só para me dar consolo. A literatura é tudo o que me resta. Não, restam-me mais coisas, talvez eu não tenha persistido o suficiente. Rosado era um artista. Não havia regras. Naquele dia de Outubro, não ligara a televisão na hora das notícias, como costumava sempre fazer. Estava aborrecido. Decidira que não iria de novo isolar-se, mas que tinha de fazer-se social, assumir-se.

Já lhe chegara a experiência de Dionísio. Pronto, estava aborrecido e começou lendo um livro. Há tempo que não lia mais de dez minutos. Sabia que se lesse escapava-se dos problemas como por magia. Mas nem isso conseguiu. Saiu para ver um filme. Sabia que nas aulas de português se leccionava o conto com o mesmo nome. "Uma abelha na chuva". Como queria de novo dar aulas! Como desejava estar conversando, alegre e interessado, com crianças ou jovens! Lá fora, no pátio, o mesmo pátio que vira em pequeno duma janela de Paris, tudo estava sossegado. Era cedo, tipo 8 e meia da noite. Escurecia. Acendeu a televisão. Só porque alguém lhe deu valor, não aguentaria por muito tempo a fantasia de sentir o seu Ego reconfortado. Muito pelo contrário. Uma luta diária até ao fim dos seus dias estava para começar. Antes de mais, emprego. Estranhamente, estava tudo sossegado lá fora. Saberiam que ele escrevia, o que escrevia? Os acontecimentos futuros seriam descritos, os passados ignorados, porque não esquecer definitivamente o que os olhos viam? Devia falar à sua irmã de poluição visual. À sua irmã. Isto perturbava-o, porque não era justo e os trâmites morais que desenvolveram actuavam agora mais do que nunca com muita força. Que fazer? Reconhecer-se um homem religioso. Há anos que não entrava numa igreja! Viver entre extremos, talvez. Difícil claro que era, mas não tinha outra opção. Um dia destes iria alugar um carro e fazer quilómetros para sair do impasse que vivia entre o seu local de trabalho e o local de infância. Nascera num outro local distante, fora do que pequeno país que também era pequeno para ele, mas ele simplesmente desistira de certas coisas. Por detrás de um sorriso, que é uma máscara, pode estar muito sofrimento. A realidade não é o que era, não é o que os olhos deixam ver.

Esta seria a parte onde entraria uma figura feminina e fica aqui registado que o autor está com isso sacrificando a sua intenção de fazer amizade com alguém. Pensar que não é justo estar a falar com as pessoas com intenção de escrever o que estas nos provocam na mente é aflitivo. Escrever sobre Dionísio, José Estêvão é uma forma de ensaio mas com personagens. E porque ainda seduz, após tantos anos, escrever? É uma fixação, mais, uma obsessão.

Já se dizia no bairro que José Estêvão estava maluquinho. Tinha feito serviço militar em África e quando se levantava de manhã pensava naqueles cus de judas para onde o mandaram em nome da pátria e da religião. Mas enfim, não haveria de ser nada, a pouco e pouco poderia construir uma ideia de si que não fosse em demérito dos seus próprios projectos. O seu rosto caiu de lado, depois inspirou e sentiu uma alma gémea perto de si. Levou a cabeça para trás, ao que se levantou pegando no livro de Tagore, "A Casa e o Mundo". Pérolas a porcos! Toda a sua vida tinha dado pérolas a porcos. No entanto, retinha-se num pequeno território que era este de Portugal e numa cidade que o embriagava de café, Lisboa. Após mais de dez anos não conhecia as pessoas nem as ruas. Talvez fosse altivo em certo grau, talvez nunca tivesse encontrado as pessoas certas. Ou houvessem energias negativas, quero dizer, na sua casa. Mesmo assim, não faltaria à peça de teatro na Caixa Geral de Depósitos. Títulos, vivia por fachadas de portas e títulos, pensava por palavras e esse era tido um diálogo interior, isso o tinha

aborrecido desde cedo. TorresFilm, 1998, é este o *label* do filme que mostra o nosso quotidiano, depois José Estêvão acredita que não tem corpo, que o mundo está composto de energia negativa e energia positiva. Enfim, Dionísio, isto parece mesmo e às tantas é uma cópia do modelo de Fernando Pessoa, via a cidade através da televisão. E estes anúncios de televisão que só nos deixam mais saudosos da juventude e quem me manda descrever as aventuras de José Estêvão, as obsessões de Dionísio, a ingenuidade de Rosado? Enfim o emprego que nunca mais iria chegar porque tinha de caminhar ele próprio para o emprego, pois que as artes eram o domínio de preferência de José Estêvão, porque desejava em muitos momentos do dia sair de si próprio como uma besta desenfreada e plena de vida, outras era Dionísio, pacífico e tímido, naqueles tempos decorria o mundial de futebol e nós alimentávamos muitas expectativas como sempre em tanta coisa. Contudo, uma outra personagem poderia surgir, pois se para cada passo pensava "um, dois, três, quatro" aqui é o palco em que se diz a palavras de um ser que não quero soçobrar mais e procurava fazer o melhor sozinho quando não era isso que devia ser, pois devia estar num lugar longe do mundo estudando a natureza humana. Em todo o caso, devia estar noutro lugar, longe, mas restava num cais em Lisboa, em atendimento de um barco que poderia chegar dentro de dias. O telefone entretanto, de Matilde estava desligado, eram pedaços de estórias e porquê tanta solidão, falta de solidariedade que o que mais vemos neste mundo é egoísmo. Ah aquele sabor a vida de manhã quando se sai para a cidade, é certo que José Estêvão era um calão, como se diz neste país, no entanto o que lhe faltava seria trabalhar, só isso lhe faltava, de resto seria em rei como que dizia Luzia.

A Narciso só o poder da palavra restava. Quem não reconhece o poder da palavra? As palavras pensadas, as palavras escritas, as palavras ditas, sussurradas, gritadas. Enfim. Tudo o que Luzia gostava de ter não era o fantasma do androgenismo, mas sim casar com a sua alma gémea. Não, o casamento seria o início de qualquer coisa tormentosa e ele ainda a descrever como vivia os seus dias e nunca os outros tinham tido quebras tão grandes como ele. Sim, gostaria de saber como é que os outros se sentiam. Mas ao fim de tanto tempo sem trabalhar, tinha contactos de gente, amizades, sabia por onde andar e por onde não andar. Sim, a obscenidade preocupava-o porque perdia a atenção para o trabalho, o emprego. Naquele pequeno quiosque passara perto de 4 meses. Era tempo de zarpar. Era tempo porque a identidade havia sido já ferida, o orgulho, como dizem, está café e cigarros à mão, que outro prazer um homem assexuado pode ter. O tabaco antes e depois do sexo. Não devia escrever isto, mas tanta coisa já escreveu este ser humano que as personagens são já mesmo realidade. O terreno de futebol está agora silencioso porque a nossa selecção perdeu um jogo. Tudo na rua fala nisso, vozes abafadas se levantam se a equipa ganhar, enfim, como soi dizer-se, já basta de prazer individual, quero lá saber do passado, sei que ele conta, que nunca como agora tive tão consciência da sua importância. Basta-me escrever, é o último poder que me resta, já que não sou machão, que é isso que uma mulher gosta. Tomara que José Estêvão fosse ainda a tempo. Afinal era verão e já não tinha de esconder-se, para pensar, para escrever, para viajar, depois da desordem -e

aqui se justifica o título da presente obra de arte não se recupera nunca de danos psicológicos, mas encontra-se uma paz uma serenidade, como se fizéssemos já parte do reino dos mortos estando vivos, como se passeássemos sozinhos, pela noite aluada, num cemitério. Vai o diabo dizer-me que nunca devia ter entregue aquela proposta, mas vai vou continuar tentado até ele ceder, já que isto se trata de uma luta de machos por domínio territorial e que um há-de morrer em defesa de uma donzela e ele vai achar querido se vencer, querido se morrer. Estou certo e entusiasmado que cada vez mais conheço estas personagens, mais eles surgem da penumbra, como se diz, mais os vejo acompanhados por outra gente e que vale a pena não exercermos violência. Enfim, tarde é para umas coisas, cedo é para outras, porque é que não me disseram que custava tanto descrever este processo de vivências, mas seja como for, a resistência física há-de servir para alguma coisa, hão-de fazer-se umas corridas de *endurance* para robustecer e porque há de haver ritos e rituais, não percebo porque é que o mundo é tão maligno por vezes e porque estou ligado à mão do meu personagem e a Lígia, uma condutora da carris que conheci há dias, e porque é que o sexo existe. Não se explica, simplesmente existe. Simplesmente por existirem é que vou falando dos meus personagens, entretendo-me, analisando a alocação dos seus corpos, os locais por onde param e se divertem, coitados. Já chega de divertimento, mas interessava numa certa estância falar do pai de José Estêvão. Era um viciado em trabalho, tinha um destino para as coisas, não sei, mas José Estêvão não podia estar em pequeno muito tempo perto dele, depois foi a viagem e com isso perdeu o rumo, mas pronto, não vale mais a pena puxar pela cabeça, na verdade estou a esticar o elástico e o fio-de-prumo está à mão, um trabalho digno tinha Ernesto e José Estêvão sonhava o mesmo apesar das suas viagens mnemónicas. É certo que por outro lado, Dionísio não podia sobreviver sozinho, ele era tido como maluquinho, não podia vencer sozinho, mas o fio-de-prumo estava à sua disposição e agora que tinha começado, estava perto de juntar os pedacinhos da sua identidade. Às vezes é como estarmos em areias movediças, quando mais nos mexemos, pior é, mas Dionísio ia tomando o jeito, as suas duas estâncias estavam salvaguardadas, não era agressivo, portanto iria vencer, mesmo depois de todos terem perdido a esperança em si. Quanto a Blast, continuava nos seus sonhos sem Freud porque a sua memória estava acocorada no início da humanidade que não importava saber como surgira, pois era um turbilhão de água, era mesmo um abismo, um pântano de areias movediças e que no fundo havia uma célula mãe inicial que não importava descortinar se era masculina ou feminina. Pois, Blast não era aquele ciberherói que se pensava, no entanto estava perto de garantir a sobrevivência, chegava de dores de cabeça, cafés, fumo, não precisava de tudo isto para se sentir mais vivo. Não lhe chegava a solidariedade, ele queria serenidade e paz interior. A vida será uma moeda de duas faces? Seria para Blast porque ele vivia numa sociedade civilizada, não já para Dionísio, pois este vivia num estádio civilizacional primitivo, com uma economia assente sobre a troca. Blast era notoriamente um pervertido. Diferente de perverso, pois ambos eram filhos de avós comuns.

Na janela aberta estão duas fileiras de livros que é o que Blast apresenta. Nada de admirar. Sabe, é que neste processo de autodestruição há um quê de misticismo, de religião que ainda lhe resta de homem macerado pela cidade. É o stress, dizem. Tás a pensar que ganhas, estás é a perder. Afinal, ao fim de contas, o que ele queria não era sexo. Este anti herói brincava mesmo com o fogo, pintava grafites, era mau aluno, enfim, pouca família tinha. E isto é o que resta da descrição social. O raio deste rapaz era distinto de Dionísio, que pensava que tinha o existencialismo e a literatura na barriga. Mas enfim. Blast tinha depauperado o património familiar e seu pai não deixaria que tal estado de coisas continuasse. Ele próprio tinha um fragmento de memória pesaroso em relação a actos puramente juvenis a que não atribuía valor e que mais tarde lhe pesavam na consciência. Não adianta inventar mais histórias ou estórias são estas que acompanham o autor desta novela. Centelles, o fotógrafo espanhol. Raio, porque o mundo é infinito? Porque não compreendo tudo destas três vidas que se enfronharam na minha cabeça e que desfio aparentemente até à eternidade! José Estêvão era de facto filho de um português e de uma espanhola. Nascera em França, mas isso pouco importa, porque não desejava lá ir.

Num dado momento da sua idade Blast teve de passar uns tempos numa clínica. Os doentes por quem já ninguém se importava pediam dinheiro na rua e Blast via aquele espectáculo do pequeno quiosque, dias e dias corriam, não havia o mínimo sinal de alguém se preocupar com ele. Procurava emprego à tarde, mas vinha já com bebedeira de café e pouco fazia de útil. Estava vivendo do rendimento mínimo garantido e de uma renda de um jovem universitário que alojava em sua casa. Todos os dias, chegando a casa, suspirava aliviado por cumprir mais um dia daquilo que achava ser a vontade da irmã. Só que o barco tinha encalhado. Tinha batido mesmo fundo e ferido o seu orgulho como pessoa. Ninguém se importava com ele, nem o psicólogo Abrantes nem a psicóloga Margarida. O que apenas precisava eram os comprimidos, mas o que estava a acontecer era um processo de rejeição do apoio psiquiátrico que precisava. Mas como todos os dias deitava tudo a perder bebendo quantidades excessivas de café, resolveu anular, anular-se. Sabia que frequentando o hospital nunca se aguentaria num emprego, pois dias depois viria a ganir como um cão a quem cortam o rabo. De modo que Blast

achou que o melhor seria cortar o mal pela raiz. Não iria mais à clínica José Régio. Nunca digas nunca, é certo, mas agora era para valer. Não queria fazer da sua experiência motivo para escrita, mas ao fim e ao cabo, somente a escrita poderia explicar a humilhação que sofria, dia após dia atrozmente, pensando, sem gemer sequer. Tinha de se levantar de todo o peso que lhe punham em cima. Queria que a sua saída ficasse bem vincada no espírito daqueles com quem tivera conversas de circunstância. Por algum motivo ou outro teria de voltar a precisar de cuidados psiquiátricos. Talvez voltasse lá um dia para visitar alguém. Isso, para visitar alguém, alguém como o Sr. Faria. E estava certo que naquele dia em que se resolveu não aparecer mais, o Sr. Faria iria voltar, recuperado de uma a ventura sem nexo. A sua presença era demais, tudo estava esgotado. Estes problemas não se resolvem sozinhos. Até que ponto é que Blast se julgava enredado numa teia psicológica da qual queria sair. Teria ainda coragem, poderia voltar ao mundo da normalidade, andar esquecido no metro, encostado, passar dentro do metro e do raio da vida em vez de ver passar? Mas voltemos ao princípio desta reviravolta. Estás a vencer, estás a perder, quando mais tens consciência de estar a perder, estás mesmo a ir abaixo. Ninguém se importa, ninguém se importa senão a sua família, só a família. Limpou a casa de banho, deu uma arrumadela à cozinha, tomou banho e começou a fazer exercício antes de se decidir para sair, ver um filme. Mas como não tinha estado continuamente na cidade, fazendo coisas, resolveu não sair mesmo, pegou num livro do Saramago será que estaria deitando milho aos pardais com isso? Como todos os dias, o seu pensamento estava naquela manhã orientado para o hospital, parecia ser o seu local de trabalho e seria se fosse o seu trabalho de campo, só que não tinha orientador e não tinha sobretudo conversas com quase ninguém sobre a experiência que estava vivendo. Não havia valores na sociedade que lhe passava diante dos olhos, o dinheiro era rei bem coroado, mais que coroado e por todas as raças e a igreja participava no festim. Voltando ainda ao princípio. A sexualidade de Blast despontava aos 18 anos. Todo o tempo esperava que o orientassem pelo bom caminho e fora finalmente levado para o mau caminho, não posso ver padres nem freiras. O misticismo? Uma porra. Estou cá, para partir toda a loiça, para que a nova semente possa nascer. Não era um licenciado em psicologia que o iria utilizar mais com barman e tirar férias para deixar o estamine por sua conta. Era demais. No dia seguinte iria telefonar-lhe, não iria falar com ele pessoalmente e dizer-lhe que nunca mais voltava ao hospital. Havia qualquer coisa que o tranquilizava, como uma paz de solidariedade, como se tivesse perdido tudo até ao osso. Não queria já as grandes alegrias glórias e ambições, apenas o pão de cada dia, o trabalho de cada dia, a saúde de cada dia, estas coisas não se resolvem sozinho. Não havia nenhuma vitória para alcançar, apenas tinha de obter o que era seu por direito de ter nascido, que é a saúde. Por muitos momentos, tinha a consciência de que não era doente algum, de que a cidade estava ali perto e o chamava para entrar nela como no ventre de uma mulher. Depois de ter passado a fronteira do campo em que não se é desejado, passou a fronteira do campo em que se é desejado, por todos, pelas mulheres, sobretudo, por isso iria anular-se por uns tempos, mudar de cor como

o camaleão, refugiar-se na escrita, na Internet, na leitura, numa estância qualquer em que não ficamos condenados por falar depois havia o padre pastor evangélico que estava sempre bem disposto. Era uma moeda se uma só face e isso é impossível, era Cristo que visitara os barman do quiosque todos os dias a fia para eles não perderem o fio e perderem os seus vícios a saber tabaco e café. Mas isso alimentava também os dias de Blast. José Estêvão perdera uma das pernas e tivera um abate moral o que a gente pensa das pessoas, ninguém se importava e as meninas estavam nas mãos dos médicos que por não fumarem nem beberem café não eram mais fortes que os doentes e os delegados de propaganda médica, uns sacanas de uns oportunistas, eu sei que isto é uma visão distorcida da coisa mas é o outro lado da moeda que o descrevedor é que fala destes personagens de modo que José Estêvão, numas dessas viagens perdera uma das pernas e esteve internado uns tempos. Armadilhas, a vida está pejada de armadilhas, quando conquistamos terreno logo recuamos forçadamente, diacho que lhe fugia a criança que tinha ainda dentro e já não ia a tempo de ser actor, um actor não tem uma só perna e não sabia contar estórias, nem as suas próprias estórias aos seus netos um dia, quando chovesse menos, quando o sol lhe cegasse as pupilas e o obrigasse a ir à multiópticas comprar uns óculos de sol, que tinha de lá voltar amanhã e controlar-se, não beber café nem fumar tanto que estava já queimado por dentro nem mesmo a família lhe daria mais crédito era um momento crucial porque tanta gente o rejeitar e arvoravam-se em académicos, tudo puxava aos seu interesse e este mundo assim era mesmo pior que a droga. A óptica de Dionísio talvez fosse a mais certa. Preocupava-se consigo até ao ponto de sentira que devia preocupar-se com os outros a partir daí deixava de ter identidade, sim, que não somos blocos ora de granito ora de xisto que se movam, temos muitas cores, infinitamente mais do que as que existem na natureza, por causa das armadilhas é que Blast não conseguia estar bem, o país girava depois, muitos anos depois da guerra civil espanhola e da revolução dos cravos, em torno de Eusébio, Figo e Amália sendo tudo o resto política e eis aqui quando o autor reconhece que e leitura lhe está fazendo bem, que afinal os livros não são para deitar para a retrete. E para quê fumando mais um se questiona contar as estórias destas personagens, que afinal, enfim, viveram muitos mais episódios do que consta até aqui nesta quantidade de escrita. Vá lá! A literatura não podia ser desculpa para tudo e mais alguma coisa. O país girava em torno dessas várias coisas, era de aproveitar meus sonhos, os rabos, os seios soltos, os corpos pedindo coação pacífica, amplexo. Dói uma dor de solidão entrever os pensamentos destas personagens, cansado estou de dizer que me desligo dos seus intentos e acontecimentos, a porta grande está aberta e disponível, mas há também uma porta pequena e fazer caso dos pensamentos de Dionísio em ser dono de uma certa atribuição filosófica e as caras famosas que precisam que lhes lustrem o ego ou submergir-se em relações sociais porque os outros também existem, subsistem, sobrevivem e estão à espera. Estou a ver que acontecimentos se irão suceder agora que me desliguei dos factos que caracterizavam a biografia destes três personagens. Virão personagens femininas? Não sei, não sei mesmo, tudo está ficando negro, a noite está caindo e as vozes do exterior vão

diminuindo, como se o globo terrestre se desta pessoa se afastasse, triste condição a do escriba e não sei se ponha Blast no mesmo cenário se invente um com coisas lidas e ouvidas, cansado está o escriba de viver nesta cidade e neste país mas não tem outro destino por isso tem de fazer o país grande e a cidade com recantos e estâncias de repouso das almas sem fim. Acho mesmo que Dionísio continuará a sua vida normal, com um misto de anulação e low perfil e que amanhã por ser fim-de-semana não virá a ingerir muito café, porque o mal do escriba é já mesmo a mente, contudo a estória faz-se também com prospectiva, por isso adivinho uma melhoria no futuro destes personagens que já bateram no fundo. O que nasce torto tarde ou nunca se endireita é o que pretendemos contrapor. Um dia tudo fará sentido, mesmo os gestos mais banais dos personagens e a culpa é da ambição dos homens que põem loucos os mais sãos e naturalmente aptos da sociedade, marginaliza, segmenta como os nazis faziam a cadáveres judeus, pior, eles nem a tal género de trabalho se davam. Pobre do escriba que afinal de contas é enfim pouco pretensioso e nem trata assim tão bem os seus personagens, mas não há-de ser nada e pronto estou a ver que José Estêvão, a quarta personagem não vai ver o fundo do mar hoje, depois de ontem à tarde ter presenciado atónito no afogamento de dois adolescentes noruegueses, okay, nada há-de ser, o seu segredo seria de hoje em diante começar a trabalhar num símbolo que definisse a sua vida, uma forma geométrica com cores, que o escriba também pode dar em maluco só de delatar estas coisas. É trabalho demais para uma só cabeça. Isto o barco anda conforme o vento e o vento conforme algum demónio que saiu de uma caixa de Pandora e arre pra quem a abriu.

Marisa cantava o fado sucedendo Amália nas velhas casas, debaixo de vigas de madeira tratada que ajudavam a chegar a voz a todos os recantos das grande sala, a artista cultivava uma solidão quase mórbida, no outro lado da cidade, no Feijó, uma casa estava vazia, a morte tinha passado por lá há cerca de três anos, José Estêvão afligia-se quando se lembrava de um funeral ao qual não tinha ido, mas nada na natureza se perde verdadeiramente, era bom consolo pensar-se assim, como uma cobra que muda de pele frequentemente. Entretanto, Jonas, jovem cientista continuava nas suas pesquisas, acompanhado de sua mulher Lorena, da província basca. O mundo era de predadores e presas, um mundo feito continuamente de agressividade e oportunismo. Ele sabia que não era nem uma coisa nem outra, melhor, não queria ser, por isso media as distâncias, tinha consciência do seu território e do que pensar em cada momento, controlando os seus impulsos, incluindo os sexuais. Poucos sabiam, mas ele tinha uma perspectiva própria da vida e podia transmiti-la. Não tinha pressa. Naquele tempo, atravessava uma ligeira depressão Lorena, num Inverno de 96. A jovem Lorena sentia-se só, parecendo que apenas ela sofria de tal doença, sabendo que 5 por cento da humanidade sofria de maleita semelhante, e tendo-se cansado dos medicamento e vendo que não podia realizar as suas viagens exploratórias com o seu companheiro. Via que as necessidades de substâncias para lhe normalizar o quotidiano

não coincidiam com as substâncias que estavam tomando, iria pois colocara a questão ao médico, pois estava já cansada de tentar resolver uma coisa sozinha e tendo recaídas frequentes. De qualquer maneira, as palavras iriam levar adiante o que os actos não permitiam, porque não eram permitidos todos os actos. Liberdade na responsabilidade. De facto a televisão era um desperdício de tempo, havia de dar ao mundo uma resposta, uma resposta que vinham do fundo dos tempos, à maneira do Conde de Monte Cristo. Nem só as palavras seriam importantes para se sentir vivo, transmitir emoções, mas seriam o veículo dessas emoções, o seu instrumento de trabalho. Nada, nada havia para vingar, já que Jonas não tinha feito inimigos por entre a presença de si, a solidão sentia-a como um pedaço de ferro dentro da cabeça que lhe custava a sair, agora seria uma prova de resistência e se tivesse forças para dar uma reviravolta, revoltar-se contra o seu ego, abrilhantá-lo não era preciso, pois não o esperavam cerimónias públicas, algum reconhecimento, talvez devesse ser como a formiga, sim, como a formiga, o que é certo é que o emprego tardava e tinha feito daquele quiosque um lugar onde todas as suas esperanças cabiam e se perdiam como se existisse uma ampulheta e ele a ver não fazia nada, não podia voltar mais àquele lugar, ao hospital, nem sequer para ver alguém da família doente, como a canção "aqui já não dá", no entanto tinha de viver condenado em Lisboa, doce condenação e um emprego estava próximo, sentia, um emprego estava próximo, as coisas não estavam perdidas, a literatura seria o seu refúgio, dentro de horas iria passar uns dias ao Alentejo, à terra de João Moura e Paulo Caetano, como no fio do arame recuperar o fio-de-prumo, o frio do novelo, ainda não tinha arranjado gato, sim, vivia demasiado sozinho agora que Lorena estava num trabalho longe, com processo de divórcio, ela iria fugir-lhe dos dias, não era certo estar o escriba pensando, contudo, tinha necessidade de relatar as obsessões e esquizofrenias dos seus personagens, não que eles fossem assim, porém estes rótulos serviam para dizer algo, ditar algo, eram uma bolsa onde se verte algo que não se destrinça e que se quer esquecer. Já era tempo de se revoltar por dentro, o seu orgulho havia sido espicaçado como uma derrota imprevisível da selecção portuguesa e assim caminhava pela borda mar tentando uma certa união com os elementos. Não adiantava semear para colher, viveria na pequena rede de metro de Lisboa, com idas frequentes a casa dos pais, rodopiando talvez, mas com o vento na testa, sentido os cabelos soltos, sim, sentindo os cabelos soltos, até que tivesse alguma lisura e depois desse emprego, encontrasse um carro, sim, talvez um carro, pelo qual pudesse evadir-se e pensava que depois de escrever aquelas palavras iria fumar um cigarro encostado à soleira da porta e naquele momento não havia o barulho da bola e dos jogadores, deitando raiva juvenil ou senil, sei lá mesmo, uns contra os outros, contra o objecto geométrico, parecia-lhe que era ele que estava sendo pontapeado todo o tempo, desde que ali chegara, não era mau pensar desde que ali chegara e montara a tenta, a família não tinha culpa, mas teria de abdicar de certas coisa, era uma bola mas não se podia revoltar, contra quê, contra quem, não era perseguido nem presa, algo distinto, as suas palavras já não contava, por isso mesmo tentava explicar o que era, o homem da máquina de escrever, resistira e não era mais

possível fazer um trabalho sociológico pois Lorena só viria um dia, um dia mais para assinar os papéis. A assinatura que tanto tempo desprezara, que tanto se esvaíra dos seus punhos, só com uma assinatura ele partiria para outro destino, algures, à soleira da porta, destinado a uma comiseração, não havia coração que a tanto resistisse, coitado do coração como resistia, mas sim, não digo de certeza, ele já pressentira a liberdade, já deitara fora muitas oportunidades, era um falhado, um frustrado, poderia um destes dias de verão desejava tanto o Inverno para deixar crescer a barba, empregado fabril, isso era bom emprego de energias, patrão, disciplina horas certas, isso sim é que era um bom fim para começar tudo de novo, onde o brasileiro fora, tinha de lá ele ir, esquecer-se que tinha formação musical e que nada lhe servia tal universo, agora que os homens haviam descoberto gelo em Marte, havia tanta realidade para conhecer, estava cansado de dar atenção ao mundo quando por outro lado estava e se movia longe do mundo, de cigarro em cigarro, teria a compensação de ver florir alguma flor e cheirá-la, como Saramago casou com Pilar, politicamente isso dava-lhe cabo dos nervos e do coração devo dizer honestamente, essa voz que sussurra é psicótica e é a voz dos outros, do seu alter-ego, a voz da escrita, sim, era a voz da escrita, mas não queria voltar ao hospital, nunca tinha dito nunca, tinha deixado as suas palavras, a sua presença, a sua hipocrisia naquele espaço residual entre a entrada as consultas externas e o hospital de dia, por isso queria um compromisso consigo próprio, mas como iria exigir algo de si próprio quando era assim tão frágil e lhe custava levantar, não adiantava revoltar-se, tinha ainda, as sessões de grupo à sexta-feira, um fado, afinal era português, que importa que sua mão houvera sido espanhola e ele houvesse sido dado à luz no país dos castelos e do vinho, era português, sacrificara muita coisa em nome desses que cuspiam para o chão sem destino, corta, corta o cordão umbilical, o fado, ninguém mais se importa, passaste a linha, onde quer que vás não encontrarás nem liberdade nem desejo corporizado, esquece que és fraco, não podes lutar sozinho contra a sociedade, ela te absorverá como uma esponja o vinho que Cristo entornou do vaso quando suas mãos tremiam na última ceia, não és judas, mas antes São Pedro, não és judas, não és esse gajo. Um cigarro à soleira da porta, no pátio, cantando um fado de Cámané, a psicologia da era pesada, Lídia tardava em telefonar, passavam dias, dias de expectativas e ela nada, nem um mensagem no gravador, ir para o pé de alguém que não conhecesse o seu passado, como se houvesse uma mancha e lhe tolhesse os movimentos, fumava, como podia almejar servir-se das filosofias orientais para benefício pessoal? Fazer um curso não é desculpa, a realidade ainda existia múltipla, infinita por si, certo na fé de que era finita mas que nunca, por mais que esticasse o braço lá poderia chegar. Não adiantava fazer força demais, as palavras haveriam de surgir, como pensamentos, uns após outros, o quotidiano haveria de ser mecânica, bem como o próprio comer de uma sandes no marquês de Riachos quando a menina comia gelado em cima do balcão, ah tudo vinha ter contigo esses pensamentos, suspira que é ilusório o que se passa com esses personagens, não adianta desculpares-te com outro curso, enreda-te, enreda-te nas palavras e acredita em cada uma delas, mesmo as mais pequenas, mesmo as

conjunções, que um dia poderás estar noutro país, quem sabe sendo realista num pais lusófono, homem tens tanto que aprender, ainda hoje viste o filósofo que falou num programa da televisão 2 e ela lhe assentiu às palavras com *hands on approach* nas costas. Um monte de palavras é o que isto me parece ao longe, um bloco de palavras alinhadas, um código que alguém pode decifrar um dia, sim vive sentado à espera desse dia, estás a ganhar estás a perder, estás a perder, perdeste, nunca desistas contudo.

Dionísio esperava por Lora num quarto semi-iluminado. Eram quatro horas da tarde e no chão havia um par de meias estreadas dois dias antes, vários pares de sapatos, um par de chinelos. Pegou num livro e começou a ler um livro de Lobo Antunes, cansou-se porque faltam princípios e finais retumbantes, já sabia, a mente do autor era um filtro das conversas psicanalíticas. Pelas 6 horas da tarde, tocou o telefone, ao que Dionísio deixou passar a chamada para o gravador, pois já se encontrava estendido na cama, por quanto mais tempo iria suportar aquela solidão, o par de meias encontrava-se ainda lá, dava uma agonia estar deitado, prostrado depois de tanto pensar em espiral, Vem ter a minha casa, casa, casa, casa, porquê tanto medo? Um dia destes alguém lhe espetava uma faca ou uma seringa na rua e seria o fim de tudo, como tanto desejava, que lhe trespassassem o coração, tinha ultrapassado todas as barreiras e encontrava-se a escrever entre mortos e barulho de futebol, tinha consciência de tudo com se estivesse sonhando, não lhe chamassem psicótico, os negativos achados na rua morais Soares mostravam três sequências, melhor, quatro, uma vista panorâmica sobre Lisboa, provavelmente tirada do castelo de São Jorge e outras que não interessavam, estavam já pisadas de sapatos sabe-se lá de quem, agora que invoquei o diabo nunca mais o prenderei. Prometia a si mesmo mundos e fundos, mas continuava num limiar de sobrevivência, para quê prever as coisas, ali estava, Encontramo-nos daqui a meia hora no Cais da Alfândega, num café perto da bilheteira, Okay, até já, quando lá chegou e a via apetecia-lhe dizer Olá...Humm...Humm...Adeus, mas foram andando e conversando até ao Cais do Sodré, depois pegaram uma praia e estiveram, porque é que reagi assim, tenho de procurar o telefone de Alfa, será que ela me perdoa, porque é que tenho de olhar sempre para o passado, o trabalho afinal foi inventado para dignificar o homem, para elevar o seu Ego, não compreendia isso e agora acho que as coisas fazem sentido, Não vale a pena mais comprar o Diário de Notícias, o Público é melhor, fazer como os velhinhos do Jardim Constantino e passar tardes a ler o jornal para sentir adrenalina na réstia de sangue que têm, como aquele velho que saiu da casa de meninas todo espevitado acertando o chapéu. Começava já sentindo-se para os habitantes de Lisboa o calor, era dia de marchas populares, Os jornalistas nunca são os mesmos a dar a cara, ou então não fazem mais nada, são pessoas superficiais, mais papistas e moralistas que o papa, mas fazia segredos de como se vingar por ser pobre e parasita da sociedade, que se lixe a sociedade, O que mais me preocupa, Lora, é ter nascido com família, que amo minha família, sé que lhes sou um peso económico e um dia destes vais ver-me noutra situação, juro-te, que se

lixe o conhecimento do mundo, mas hei-de ver-me rodeado de dinheiro como o tio Patinhas. Haverá um dia em que o escriba será conhecido é assim com todas as coisas e que em certo sentido o sofrimento será aplacado é tarefa obsessiva estar diante de um écrãn sem ter material verdadeiramente antropológico, mas é humanamente desejável, já o escriba não é o que mais importa, em defesa do título, as minhas personagens são poucas sob um fundo onde existem já algumas fixas, uma certa filosofia, investir em livros, Ricardo irá dar aulas de filosofia no secundário, já que psicologia ou literatura estão postos de parte, a pouco e pouco deixará de se preocupar consigo para se interessar mais com os outros é como no futebol, em qualquer coisa que fazemos há uma filosofia subjacente, na consciência, sim, um mestrado em filosofia da linguagem e da consciência seria bem mais razoável do que uma licenciatura nova, pedindo empréstimo bancário, tinha o atractivo de conhecer pessoas, de fazer um curso, sabia que não era do tipo ou já não tinha idade para forçar muito a barra e ser muito activo e ingénuo, mas investir num curso deste género poderia ser importante para fazer conhecimento com professores e colegas. E estava farto de antropocentrismos. Mas não lhe saía da cabeça que tinha de conseguir entrar de alguma forma nos problemas dos outros e desse ponto de vista psicologia era o ideal, É pesado, dizia-lhe a mãe Lígia, pois, mais pesado do que a casa que habitava, mas alguma solução haveria de conseguir, não podia pensar que a intenção seria ser professor ou pesquisador, agora fazer ciência em Elvas não estava com nada, era difícil, mas iria tentar, era mais uma oportunidade. Ainda resistira com os seus projectos, depois de ter perdido toda a esperança e ter ficado sozinho com uma doença que o minava e lhe deixava entrever o mundo somente como um palco de sobreviventes e vítimas.

Dionísio e Lora estavam perto do Cais do Sodré. Fazia calor, chegaram perto da Torre de Belém, e estavam em frente dos Jerónimos, tiraram os sapatos e molhavam os pés para diante e para trás num pequeno lago, no meio do jardim. Quando Lora estava já pensando para consigo que Este gajo não presta, não tem onde cair morto, não vai a lado nenhum, nisto Dionísio entrou na água a música surgiu e começou a dançar dentro de água, mergulhando a cabeça na água, mergulhando todo o corpo até ficar todo molhado, perdeu a timidez, o sangue empurrava-se nas veias para percorrer todo o corpo. Não estavam lá câmaras, não era necessário, a sua dama estava ali, não era preciso mais nada, a sua alma gémea estava ali e ele nem sabia, mas ela sabia e ficou atónita com tanto espectáculo, como donzela ficou orgulhosa e juntou-se a ele abraçaram-se cansados até que o sol os secou de amor. E porque é que a orquestra metropolitana ia ao Lux, fazer o quê, Deus meu, tinha de ir, não podia esquecer os acontecimentos, não podia deixar-se enterrar, quem interessa que esse fulgor fosse vão, tinha de entregar-se ao mundo, às mãos da sua amada. Dionísio, meu amor, eu aceito-te como tu és, e um beijo vindo do fundo do tempo os uniu, celebrou-se um nascer e muitas promessas, esperanças, de dias melhores, não importava ir muito longe, afinal tinha Dionísio conseguido com a sua alma gémea aquilo que os viajantes procuram: encontrar-se consigo próprios.

Noutro dia, Josué, o pequeno irrequieto filho de Aristides, tio de José Estêvão, entrou na cidade com o último livro de um autor a preço da chuva, distribuído juntamente com o jornal Público. José Estêvão estava na Suíça, passando uns dias em casa de um amiga, Josué conhecia bem Lisboa, sobretudo os certos comerciais, tinha nojo das ruas, onde entre as pedras de calçada eram preenchidas por excrementos de várias colorações, e dava-lhe vontade de cuspir, por vezes tinha raiva de viver entre portugueses, mas outras pensava, Não tenho para onde ir, que raio de medicamentos e doença que não me deixa viajar, e é assim: tinha de ler, ler imenso, obsessivamente, inverter a ampulheta para fazer render o tempo. Isso talvez lhe permitisse abrir o espírito.

Entrar num certo comercial como o Colombo seria para Josué como voltar à vida, embora houvesse o perigo do consumismo, não se podia esquecer que tinha 22 anos e estava sendo sustentado pelo seu pai, que dali a meses iria cortar relações com ele devido a incidentes vários, é que os erros pagam-se caro e quando os erros se viram para nós como flechas de índios pecaminosos pior é quando a moral dos brancos se vira contra nós como punhal no coração, estar sozinho toda a vida lendo não seria solução, de modo que esteve no seu quarto fechado dois dias, prostrado contra a cama como se fosse o chão de erva da pradaria do tio Jonas. Depois desses dias, o país tinha sido desiludido com a prestação dos jogadores na Coreia do sul que tudo eram, mas que contra um público possesso e inquebrantável, tinham soçobrado às mãos dos samurais. O tio Jonas telefonou, no Domingo, Diabo pá já nem à missa vais, tu que eras tão madrugador, compreendia-se, Jonas estava senil e a propósito, os jogadores voltaram ao pavilhão vociferando asneiradas e quem lhes seguisse os passos bem que podiam apanhar uma neurose. Aristides ia testemunhar na 2ª feira a favor do irmão de Josué, Miguel, que fora vítima de chantagem emocional e afectiva por parte de um padre inglês, não lhe tinha raiva, talvez isso lhe servisse a personalizar o seu ego, com o andar do tempo talvez só a isso se pudesse agarrar para se sentir vivo, pois tinha consciência de que naquele tempo de colégio religioso pouco aprendia com os outros, pouco aprendia com os seus erros, continuava um eterno ingénuo, até frente a um tribunal que se reunia para tratar de assuntos seus. Jonas tinha uma visão de Lisboa muito peculiar: o autocarro, o café da frente, o café do Sr. Prior, chamavam-lhe assim porque o Senhor Bénard quase fosse ministro de Deus, a banca de jornais do senhor. Oliveira e conta-se desta visão não com desejo de abandonar realmente, já que ainda existe no quotidiano e é seguro que continuará ainda por cerca de dez anos ou até que Jonas arranje um emprego rendível que lhe dê para comer dignamente e pagar a prestação de um carro. Miguel, o mais novo filho de Aristides, ficaria para sempre incógnito, esquecido, isolado, sem casar nem dar descendência, isto devido a três quatro coisas que Aristides não lhe perdoara como pai e a ter sido presa da falta de inserção social, sim porque mesmo acreditando que a religião pode ser legítima no seio da sociedade e tem de facto uma função que não temos o direito de censurar, a humanidade é tudo aquilo que foge às regras, mas Miguel tinha consciência do que lhe tinham feito e do que ele tinha feito, em relação à religião, à sociedade e às

expectativas do seu pai. É certo que gostava pouco de trabalhos na fábrica de madeira que o pai já herdara. Mas até ir para o colégio, seminário, lá tinha aguentado, todos os dias levantar às 7 e 30 da, com o irmão, os três juntando-se ao Dias, ao Fontes e ao Diamantino. O tio Jonas enfermava dos problemas que Miguel podia vir a enfrentar: sedentarismo, valorização do intelecto em detrimento do coração, dos sentimentos em vez da forma física. E seria tudo isto incompatível?

Jonas tinha tido sempre boas companhias, mas como ousava ser diferente em tudo, contrariava o pai Botelho e todos os seus amigos. Era assim na bola, era assim na escola. Não que tivesse más companhias, o que tinha de facto era o que se chama em bom português espírito de contradição. Por isso, naqueles dias de 2002 em Junho, vivia numa situação de dependência da irmã Francisca e do irmão Aristides. Ia todas as quintas feiras ao grupo terapêutico do Dr. Damião, juntavam-se cerca de 15 pessoas e ele tinha abandonado as consultas da Doutora Fernanda Melo porque não tinha nada para lhe dizer, por outra, tinha muito mas ela logo lhe passaria um raspanete e que levantasse o rabo e fosse trabalhar já que se empenava de tantas potencialidades diante dela! Jonas, Aristides e Francisca tinham boa união, que viera da educação familiar, mas a vinda de Jonas para Lisboa estilhaçara tudo isso o dia a dia era sofrível, penoso, agora deixou crescer a barba porque se tinha dono de alguma perspectiva do mundo útil para a sociedade. "Lutarei até ao fim dos meus dias por um pouco de dignidade que o meu alter ego parece negar-me, poder, religião, política, odeio todos os ismos, contudo sou abafado por eles, impedem-me de dizer o que sinto, cresço embutido e só me resta acreditar que um Deus pessoal existe que possa um dia mostrar aos Deuses das outras pessoas o que me vai crescendo por dentro!, -pensava Lígia num fim de tarde através das ruas do Bairro Alto. Lígia notava depois da declaração de amor de Dionísio no lago, as coisas pareciam regredir, as coisas do amor.

A viragem de José Estêvão para uma nova localização geográfica poderia trazer novos frutos e finalmente um alento na sua vida. Foi numa viagem a Viana do Castelo que acabou de construir a sua genealogia. Ventura tinha uma forte consciência familiar. Dava uma certa margem de manobra às pessoas mas não podia ouvir certas coisas, seu estômago não aguentava, por isso não iria mais telefonar, depois daquela viagem, ficasse onde ficasse, iria viver uma vida sozinho à espera de qualquer coisa, de um sinal não divino que agora só nos homens, num homem vindo de cinzento acreditava telefonava a todas as pessoas menos àquelas que importava o que é que havia de fazer, tinha desgastado a sua vida assim não ia longe não podia esperar que os outros fizessem as coisas por si os erros pagam-se caro e com a sua consciência religiosa, o que não significa obrigatoriamente acreditar num Deus, não podia ir muito mais longe que autores citar, de que temas falar, entrar na Internet para que se no dia seguinte teria uma viagem para sul não adiantava por isso forçar os sentimentos das pessoas que estavam em seu redor o caminho estava aberto e ele sabia muito bem o que fazer daquele momento em diante. Ter senso comum era urgente e o senso comum seria estar entre linhas, no meio-termo, depois de radicalismo de Dionísio e de Blast e do

alheamento de Jonas. Se ao menos Dionísio tivesse companhia para sessões políticas! Não valia a pena ir a essas sessões partidárias com intenção de colher mais frutos no futuro, não valia a pena estar junto dos intelectuais por interesse, só valia esperar que o tempo sarasse as feridas.

Os sentimentos históricos eram realçados todos os dias pelas publicações periódicas, discutia-se a extinção da televisão estatal, enfim, não fazia falta nenhuma a televisão, um excesso de audiovisual já fizera Dionísio ir perto do fundo em termos morais. Havia contudo uma nova personagem a renascer, adiante se dirá o nome. Uma personagem com liberdade e solidão ao mesmo tempo, sabendo viver finalmente, após os excessos de José Estêvão, Dionísio e Blast. Tal personagem era aparentemente ilusória, um fantasma vindo do passado. Perdulário no que respeitava a dinheiro, Blast era agora um MegaBlast, vindo de Viena com os sons da frente para Lisboa. Nunca havia saído totalmente do mundo académico, nunca havia deixado a sua vida de ente religioso, vida pacata, frequentando pouco as mulheres, sempre com milhentos de projectos com que se entusiasmava e com os quais fazia conjecturas para isto e para aquilo. Contudo, nem tudo eram cravos, deixara para trás um estado psicológico permanentemente instável e com ele todas as tentativas goradas da prosseguir estudos, não se sabe como é que poderia ter andado tão distraído e não se lembrar que poderia ter de novo um estatuto de universitário, sim, estudante universitário e que poderia dar aulas de novo. Era tempo de dar tudo por tudo, em *low profile*, tinha conseguido em dias reduzir o consumo de tabaco, bebia só descafeinado, excepto quando se sentia absolutamente sem forças, aí cedia, cedia e entusiasmando-se de novo tomava um café, no fundo tinha uma vida monástica, estava só com o seu pensamento, não, o escriba mente, estava com a sua família, os seus irmãos Jonas e Josué, as suas irmãs Lídia e Francisca. Havia jurado guerra total em *low profile*. As novas vizinhas pensavam que ele era atiradiço, porém. Apresentara-se e mantinha-se na fila à espera de uma oportunidade, as mulheres são todas iguais, querem homens com sucesso, prestígio social, nem lhe servia já todo o trabalho que seu pai Aristides tivera toda a sua vida, passara de santo a cavalo, de cavaleiro a cavalo, mas que podia fazer senão continuar a espalhar o seu Currículo Vitae nos lugares mais inóspitos, com gente embriagada e variegada, que mais podia fazer senão ir de derrota em derrota até à vitória final. Um dia tudo faria sentido, tudo iria fazer sentido, as fixações, obsessões iria descolar-se da sua mente, numa viagem, sei lá, depois de uma viagem, talvez se cansasse um dia e fosse para outro lugar, mas não se podia dar por descontente pois via mendigos e eles eram como que um espelho para ele, via bêbados e passava-se o mesmo, vivia das esmolas de seus irmãos e um dia....um dia haveria de passear orgulhoso e livre pela cidade, tudo haveria de ser automático, natural, comer, estudar, trabalhar, fazer amor. Esta nova personalidade de uma nova personagem era ilusória, o seu comportamento não era linear, que raio de problema o nosso de pensarmos que tudo tem de ser linear para ser entendido. Ainda não vou dizer hoje o nome da personagem, porque numa manhã de Junho, estavam Blast, Jonas e Dionísio tomando o seu café e falando do sentimento de si. Os clientes tinham ido a uma

excursão de modo que o movimento era pouco. Fumavam cigarros e conversavam, mas estranho que cada um parecia estar invulgarmente introspectivo. Um dia, Blast haveria de voltar, estar naquela paz ilusória de pacifismo, como se pudesse estar entregue aos seus pensamentos, meditando, sem que alguém o incomodasse. Blast estava no bar há cerca de três meses. Tinha descido em termos de auto-estima e estava quase desesperado, pois precisava de arranjar trabalho e o dinheiro escasseava. A atenção dos outros era velada, como se pensassem que faria dali uma reportagem jornalística. Tinha de enfrentar a solidão, estar ali não lhe servia, mesmo que não viesse a fazer nada de importante, apenas o seu dever como cidadão, que é ir a um emprego de oito horas cinco dias por semana. Afastava-se de algo que tanto desejara na sua juventude e aproximava-se de algo, de um estatuto, que não queria. Estaria ficando velho, velho do espírito? Na avenida do Brasil ninguém se importava, a situação social continuaria assim por mais décadas. As pessoas simplesmente não se importavam, eram todas oportunistas. A pouco e pouco Dionísio aprendia a sobreviver. E Jonas já sabia sobreviver. Aproveitava cada hipótese que tinha de fazer dinheiro ou conquistar prestígio social com uma sede e uma fome insaciáveis. Estará o escriba a dramatizar? Não, é claro que haveria de saber qual destas personagens havia aberto a caixa de Pandora e qual a haveria de fechar. É questão que incorporaremos adiante neste relato.

Estamos em alto mar, Speranza começa a desenhar ao longe, à medida que o barco entra na grande baía que a caracteriza. Não é mais um guião de um concurso de televisão. Aqui trata-se de coisas mais profundas e sérias que não têm a ambição de serem pesadas e demasiado existencialistas. Devia ser um paraíso comunista ou então capitalista, mas as personagens são mais de dois. E o mastro são as personagens, o que dizem, como agem, num estúdio da Tóbis. A nova personagem iria afastá-los dessa ilha demoníaca e ensiná-los a conhecerem outras terras, outros mares, num barco de recreio como se fosse uma casa flutuante. É sufocante, talvez produtivo em termos de narrativa, mais, asfixiante viver num país onde não parece haver regras morais Não preciso de me justificar, não vou dar mais nem esperar que a sociedade me de aquilo que não posso conquistar e manter, reafirmava no Blast. Jonas tinha uma atitude diferente e contou uma pequena história, Noutro dia, estava em casa, com o dilema de sair, eram cinco da tarde, tinha uma entrevista com um sacana de um gajo mal-educado que parecia alguém que eu já tinha conhecido, não estou para servir de carne para canhão, o socialismo está em crise por toda a Europa mas eu concordo com muitos dos seus princípios, de modo que acabei por ficando em casa, apreciar a casa, lendo,

fazendo o meu peixe cozido com batatas, com pouquíssimos euros na carteira, sonhando finalmente no filme que haveria de ver. Dionísio sorveu um pouco do seu café e jogou o recipiente no caixote de lixo amarelo, Ah! Isto sim, é um som, levanta o rádio, ó Josué, numa das mesas a Dona Amélia lia um pouco (um pouco...) o seu jornal. O escriba sofre, mal alimentado, com excesso de preocupações, desempregado, agarra-se à escrita, bom, ao menos isto, já que não fez grandes viagens até agora, não ficou calado, a escrita é o seu grito de revolta e inconformidade para com a sociedade que fecha as portas às suas personagens. É certo que em certo sentido ele se negará a ser um *self made man* como o pai, independente, um homem que arrisca tudo, mas também não será um mendigo, nem chegará a ver o seu abismo em vida, sim porque todos temos um abismo quem, como um tufão, anda por aí e nos pode envolver e fazer desaparecer diante dos outros.

Desde a fundação da nacionalidade que nos lamentamos, conheci quem conheceu o rosto da República Francesa, tenho de ir ver o filme para comprovar, o escriba estava proibido de falar de si, mas o certo é que largou de um euro cravado pelo respectivo Sr. Milhafre. Soubessem Blast e Dionísio cumprir as suas promessas: o primeiro de não regressar à aldeia onde já nada existe com que se deslumbre, o segundo manter um emprego em Lisboa para depois palmilhar terrenos novos, a pé ou de carro.

Falhara-me o dito de que José Estêvão e Narciso tinham um irmão ilegítimo. Esse irmão vivia perto de Riachos, em Vila Seca, uma aldeia com as mesmas características sociais que a protagonista do nosso relato. Quando pequeno, Narciso d'Alva convivia com vizinhos filhos de dona Arménia, mulher de Tomé, emigrantes em França, lembra-se dela nas noites de Inverno enorme sentada num banco que nem sequer se via, junto à lareira, e Manuel Freire vinha ter com Narciso chamando de irmão. Crê o delator que seria para com bons sentimentos. Agora crescendo Narciso, veio a reconhecer naquela figura um pómus de discórdia, porque não se lembrava em Riachos de caso semelhante e Adriano seria estigmatizado pelo facto daí o seu levantamento todos os dias pelas sete da manhã para o trabalho, fazendo casas com as suas mãos, Riachos era hipocritamente cínica e condenatória, não deixava hipótese a Adriano senão trabalhar toda a sua vida para pagar bem caro o seu erro juvenil de uma mulher mais velha que o aliciara e isso seria os trabalhos forçados, o seu Auschwitz.

No refúgio dos últimos dias de Narciso, José Estêvão amparava-o com Lora e contavam-lhe histórias de como era o mundo e as gentes de oriente a ocidente, que não era simplesmente uma linha de metro vermelha ou azul, mas um emaranhado de vida que nunca a sua vida poderia conhecer em amplexo por isso poderia dormir perto da morte naquele dia. Estes dias agonizantes trouxeram finalmente reconhecimento, o reconhecimento que Narciso d'Alva procurava para o seu ego durante mais de sessenta anos.

Salvam-se os tempos nas instituições religiosas, a médica dissera-o com perturbação obsessiva compulsiva, antes disso o pedraço caía como pedras misturado com chuva e a francesinha era simpática quando estavam no acampamento, depois percorremos Coimbra inteira à procura de médico e as alucinações não paravam e o homem falava como nunca até que na aldeia do Lorvão aquilo era um antigo convento e até soava bem com o passado do homem lhe deram uma injecção e acabaram com ele como acabam com todos os que são cobaias dos médicos parasitas de sentimentos que nada querem saber das emoções dos doentes que nunca mais arranjam mulher e filhos e ficam a saber da cura e dura verdade que o mundo é para os duros, para aqueles que não têm dó nem piedade em amealhar, em sobreviver, todos se comem uns aos outros e se não vendermos a alma a um tal personagem a Mefistófeles não saímos ilesos para compor o caixão. Isto era o que Narciso d'Alva dizia da sua boca a José Estêvão que ouvia com espanto e Lora com mais espanto ainda que, embora não entendesse completamente o português, arfava com a vida que ainda enchia as palavras daquele homem. Nunca mais ninguém nos veio visitar como nos outros tempos, mesmo os emigrantes familiares e a velhota mãe de Rosália continuava pelas ruas de Viana à procura de pedaços do seu passado para poder melhor viver o presente. Ninguém lhe ligava a não ser Dona Catarina, vinda de Moçambique e que agora vendia velharias.

Posso dizer-te, José Estêvão, tudo, porque estou morto, só me restam algumas células e essas são a memória dos meus dias, os médicos a maior parte ganhavam dinheiro com doentes, pudesse eu não ter tirado ciência pois fui ingénuo, deveria ter como Agostinho tirado marketing ou como o Alferes Torres, que me disse Francisca está subindo a pouco e pouco na vida social. Digo-te por fim José Estêvão que com a meia dúzia de médicos construí uma vida fictícia plena de planos mas que não se concretizavam, meus pais amparavam-me o jogo e pouco a pouco fui ficando aqui em Riachos, como um diminuído, queria dar o meu sofrimento a alguém, como numa vingança do velho oeste americano para saber, para registar as palavras que sairiam daquela boca. Queria. Como um general impiedoso. Depois disso perdi duas vezes a carteira na cidade de Lisboa, porque a ela me entreguei e em dez anos não consegui amealhar património e arranjar mulher para os meus filhos, tudo o que me resta são estes relatos, aponte aí José Estêvão, encontrei médicos bons mas que não resolviam o meu problema sempre tive dificuldade em integrar-me em grupos e foi nisso que falhei. Os últimos dez anos da minha vida foram passados num síndroma de *lock-in*. Que mais há a dizer?

Deixei o homem falar dos seus falhanços em ser curados dos males psicológicos e olhei para as pessoas que estavam naquela casa vetusta dos pais de Narciso. Duas mulheres em especial me chamaram a atenção. Claro que eram xamãs. Uma delas parecia um médium. Decidi-me falar com ela, que contou-me como conhecia "casos como este". Estranho como à distância se podem conhecer casos assim. Deve haver alguma padronização no comportamento que elas deslindam. Tive de deixar aquele lugar nem me despedi de Narciso, entreguei-o à sua sorte.

A família de Orestes quis perguntar como seria se seria enterrado em Riachos na terra da mulher, ao que logo lhe disse a irmã que seria incinerado e suas cinzas espalhadas sobre um rio, que rio ainda não se sabia pois não se lera o testamento de Narciso. Seu pai Otero ainda era vivo e desse é que se importava a família, Narciso era um pretexto. Otero tinha trabalhado toda a vida e amealhado um bom quinhão e nunca Narciso houvera sonhado com a sua fortuna, ah! Dizia aquilo porque era uma forma de se impor, mas Otero nunca mais havia perdoado ao filho, e a bola passara agora para Miguel, que já tinha imaginado a sua situação em pequeno, quando recebia visitas e compreendia nos rostos de certas pessoas a depressão e a tristeza, ele estava nesse estado agora e não conseguia dar um pontapé em tudo, enfim, o melhor seria aproveitar melhor possível os momentos de agora pois mais tarde, com a chegada da velhice, iria ser bem pior. Para José Estêvão, que decidira partir, Riachos estava bem longe. Ele havia ido para Espanha uns tempos. É sufocante estar vivendo num país que reclamámos nosso território e sentirmo-nos asfixiados por ele. Quanto à política e ao futebol nada muda, o mesmo dizendo quanto à religião, refúgio de espíritos tacanhos que têm medo da agressividade. Não, o medo de José Estêvão era real, bem real, e dias a fio evitava ou não conseguia sair de casa. Onde estavam as pessoas que conhecera um dia na faculdade? Onde estavam esses hipócritas?! Por mais que viajasse, sentia estar preso no mesmo pântano, o da consciência perdida, um estado modificado de consciência. E ter visto Narciso, ter ouvido a sua narração, deixara-o mais confuso. Com essa experiência não sabia se vingar-se se passar ao lado da vida, incólume, esperando outra que fosse melhor. Fernandes tinha sido dos melhores futebolistas e jogara no clube da cidade como sénior umas épocas. Sua mulher era estéril e estava considerando a hipótese da inseminação artificial. Narciso conhecera-os porque eram amigos de sua irmã. Desejavam ardentemente ter um filho e Narciso deixava-se ir abaixo. Cada vez que arribava entrava em euforias que o levavam a magoar-se a si próprio e culpa, carregava imensa culpa, que não sabia se tinha de fazer análise de regressão ou continuar determinado o seu caminho através dos trinta. Talvez nem uma nem outra das coisas.

Quanto a Lora, passados quinze dias, havia feito comunicação com um lenhador de Riachos e quando regressou José Estêvão tinha como missão espalhar as cinzas no rio Sena. José Estêvão iria agora até França de avião, pena não pudesse fumar nos aviões mas alguma serenidade teria de conseguir será que da torre Eiffel se conseguia enviar as cinzas para o Sena? Só porque Narciso d'Alva nascera lá...extravagâncias, porque não espalhá-las no Tejo, no Mondego? Era perigoso agora porque as andanças de José Estêvão iriam ficando perigosamente coladas às do delator destes factos, como em criança tinha tantos amigos e vivera uma infância feliz e o pai agora não lhe ligava era como se não existisse mas era criança ainda pois não sabia que fazer com um corpo que se deformava com o tempo não fosse ele frequentar um ginásio e deixasse de fumar, ficaria bloqueado como todos os escritos, ah! É verdade que os seus filhos eram as letras, mas era frustrante não ter uma companhia, pois Lora ficara com Carlos no ambiente bucólico de Riachos. Nesta localidade estava previsto construir-se um

centro comercial junto ao adro da igreja isso convinha ao comércio e movimento local, sobretudo no bodo das castanhas, nas festas do Sagrado Coração de Jesus, no Senhor dos Passos, as três festas principais anuais e todos os domingos, claro está. Blast voltara às suas aventuras cibernéticas, o ser passara o 25 de Abril e agora estava em pleno mundo virtual vivendo aí 24 horas, os factos do seu dia também podia ser relatados. Não, Narciso não morrera com a carta na mão, de jeito nenhum, nem sequer o espanhol Fernandez lhe ditaria a sorte, mesmo que tivesse sido o seu último emprego na baixa. Agora José Estêvão iria para lá, sabia que lhe provocava stress, mas não era em velho que iria procurar sustento, além do mais, as velhas filosofias estavam com ele e como tinha tudo com ele poderia continuar a vida-romance de Narciso. Depois do entusiasmo da manhã, o delator fica sem imaginação para contar mais coisas sobre Riachos, pelo que tem de se deslocar para outras localidade percorridas pelas personagens. Mas não há outras paragens. Não basta pegar num carro e ir descobrindo terras até encontrar a localidade certa.

Miguel encontrava-se com 32 anos, com barriga que quase o asfixiava, fumava um maço de cigarros por dia. Fazia de tudo dificuldade. Encontrava-se no meio da vida. Na direcção errada. Estava posto de parte um golpe não património familiar, estava "no meio da vida", tinha de se decidir e sentia-se pressionado entre o presente e todo um passado. O presente e o passado pessoal e social. Apetecia-lhe estar em casa, talvez não fosse a casa onde se encontrava, a dos pais, mas a sua casa, pois já era tempo de assentar. E que solução tirar da cartola? Para quem via de fora, como a irmã Francisca e a mãe Jocasta. Estava posta de causa a hipótese de viver longe, coisa que sempre desejara mas que por motivos de saúde não tivera posto em prática. Porque é que desde pequeno deixara que lhe fizessem mal, porque é que não era como o irmão José Estêvão? Como se podia ser obsceno e terno ao mesmo tempo? Só num outro mundo, dentro da cabeça do delator. Não havia muito mais para dizer. Havia muito para fazer mas as personagens tinham um passado, por isso o delator levantou os olhos destes factos e voo como um águia para outros destinos.

Em meio da vida, Sebastião Frias tomou resoluções importantes. Até ali havia-se instruído em motivos religiosos e pagãos, não sabia muito bem o que era a vida social, mas tomou a decisão de suspender o trabalho solipsista que tinha para o guardar para depois dos oitenta anos. Isto porque tinha necessidade de comunicar, de estar com pessoas distintas de si, e dizem que no fundo andamos todos aqui para nos conhecermos melhor, foi isso que ele tentou fazer. Reconciliou-se com a sua aventura religiosa juvenil e voltou a frequentar a igreja, pois além do mais tinha chegado a duas importantes conclusões, primeiro, a de que um homem só não pode combater o sistema

sobre tudo quando foi parte do sistema, segundo porque a religião continha um conjunto de procedimento de como agir para chegar a uma vida regrada e de certa maneira, dar continuidade à sua geração. Aponte-se que Sebastião morava em Riachos desde pequeno e havia sido amigo de Narciso. Era um dos que estavam naquela noite fatídica de velório em que via com seus olhos que a terra há-de comer que o homem se matara aos poucos e enfim tinha pena dele. O seu exemplo servira-lhe de alguma coisa. Comprou um carro por empréstimo e começou fazendo contactos nas cidades mais próximas de Cintra e Nume, estabelecendo-me como vendedor de artigos de decoração.

Enquanto Sebastião pôde levar uma vida saudável, equilibrada em termos de alimentação e finanças, Tereso começou a ganhar barriga, pois dormia imenso e disso precisava porque os seus escritos consistiam essencialmente na compilação e decifração de sonhos. E envolto nos seus sonhos definhava, envolto nas memórias que tinha de infância, nos seus desejos não satisfeitos com as mulheres e com alguma regularidade tinha de ir às meninas em Vale Escuro para sobreviver afectivamente. Este homem embrenhado nas leituras filosóficas, vivia numa extrema solidão, pois pouco comunicava com os seus pais, que faleceram tardiamente sem se aperceber o que se passara no seus interior. Deixou obra escrita depois de falecer em 1979. Sebastião não alojara a sua mente em si próprio nem em nenhuma época histórica, visitara muitos países e conhecera gente diversa mas não almejava escrever quando viu o cadáver esquisito de Tereso. Para ele era demais, já lhe bastara Narciso d'Alva, de que o delator dá imensa descrição nestes relatos, quanto mais agora Tereso, o pequeno Tereso que jogava consigo à bola, à moeda e se ria das raparigas que passavam.

Narciso estava morto e enterrado, mas convém ainda falar de algumas das pessoas que o velaram. Maria dos Prazeres tinha tido uma paixoneta por ele, ele mesmo que tinha a chama da paixão sempre baixinha e que viu nela um ser que a inflamasse. Conheceram-se perto de um rio. O carro dela avariou e ele por coincidência ia na sua corrida matinal, pois naqueles 20 anos fazia atletismo amador com um conjunto de amigos. É certo que deixou de o fazer e esse conjunto de amigos, a maioria mais velhos, fundaram o Clube Atlético de Riachos e todos os anos se faz uma prova que coincide com uma das festas da freguesia. A velha igreja havia sido restaurada e parecia bem a um visitante que viesse de longe, mergulhar a história de uma aldeia.

As festas de Outono estavam perto no calendário, contudo, na memória de Ventura, o único personagem que não soçobrara às tragédias da mente do delator, a obrigação agora era de ir para a capital, enfronhar-se mais em livros. Não, não vale a pena exagerar. A filosofia era agora a libertação final deste personagem, tanto valia que fizesse viagens da memória, do espírito ou reais. Tinha-se libertado afinal. Tinha ganho a sua liberdade na rotina. Não fazia diferença que olhassem o seu aspecto exterior com desdém e gozo. Por dentro ele ainda estava percorrendo um determinado caminho, que importa que isso trouxesse mulheres ou não pelo caminho. Nada fácil,

porém, era o seu caminho. Os vícios, hábitos da mente, estavam-lhe entranhados. Precisava de mais movimento, de visitar locais inóspitos, onde pudesse imaginar marcar a sua presença. Queria nunca ter de percorrer ou recorrer a uma fuga para o deserto. A civilização não era assim tão negativa. Aprendera a detestar os extremos, a natureza e a cultura. Os hábitos da mente estavam cedendo, a sua mente estava sobrevivendo a uma recusa à vida, aos outros, à sociedade. Era livre de fazer ou não o que queria. Deixemos, pois, a personagem respirar.

Estranha náusea esta, estando num lugar que desejava secretamente como lugar de confidência (pois, ao padre sucedeu o psicanalista, a este o computador) mas nem me atrevia a sonhar com receio que não se concretizasse, afinal há que explorar outros sentidos da razão. Apresentemos mais uma personagem. Este representa os dias de hoje, de 2002, alguma vez iria ceder e dizer em que ano escrevo. Sim, e como delator, optei pela primeira pessoa. Como lhe hei-de chamar? Esta personagem revela que estamos num Portugal a mudar, onde o futebol está desacreditado para o cidadão, não tanto a política, mas o mesmo cidadão sabe que a política politiqueira é sempre a mesma, sucedem-se *boys* e os outros. Esta personagem aproveita todos os tempos para sobreviver do que é presente, do que é actual, veste Cardin, não fuma, rapa a barba todos os dias, mora em Lisboa ou no Porto, tem telemóvel topo de gama, com computador e máquina fotográfica incorporada. Tem o seu próprio apartamento, que paga a prestações, trabalha para um empresa, privada de preferência, navega horas e horas na Internet nas pausas do trabalho. Como lhe poderíamos chamar? Blast já não pode ser, embora as semelhanças com esta personagem anterior sejam de monta. Ah, esta personagem tem uma namorada fixa mas não sai com ela todos os dias, sai com outras, talvez uma diferente cada dia. Tem amigos quanto baste do sexo masculino, é heterossexual. Bebe cerveja. Bebe Tequila. Então que nome lhe havemos de dar? Chamar-lhe-emos Fénix? Depois há a personagem que é o contraponto desta, para vermos o outro prato da balança. Esta personagem mergulha na história, não se importa com tragédias, isto é, relativiza-as, vê portanto pouca televisão e nem tem Internet nem casa própria. Pouco conseguiu na vida e sua maior ambição é ser um dia reconhecido pelo que escreve e ter tempo para ler uma grande parte dos romances que foram escritos. Esta personagem não vive em Lisboa, mas em diversos lugares, tem carro velho, trabalha onde consegue e é religioso, com uma tendência para o esoterismo. O primeiro chamar-se-á Aurélio, o segundo Rosa. Eles não se conhecem mas vivem vidas paralelas e provavelmente um dia irão encontrar-se e falarão das suas vidas. Estas duas personagens são como duas Fénix renascidas, que convivem com a morte e já a superaram há muito tempo. Sua vida é por enquanto solitária, entregam-se aos seus trabalhos e gostam de estar actualizados em relação ao que se passa no mundo, isto é, vêm todos os dias o telejornal pela televisão. Um dia de semana Beatriz chegou a casa e abriu a porta do correio, donde tirou um postal de uma amiga na Suíça, com Lady Vendermeer. Na cidade, Aurélio fez o mesmo, só que lhe saiu publicidade, tudo bem, não estava à espera de grande coisa naquele dia. Abriu a porta de casa e deitou-se um pouco. Não era seu costume, mas naquele dia estava cansado de falar

com tanta gente, queria um pouco de paz e silêncio. Apesar do barulho de quem jogava à bola no ringue lá fora, adormeceu. Eram horas de jantar, teve de ir ao supermercado, pois fazia as coisas à última da hora. Sentia os músculos doridos, o corpo pesado, dizia para si próprio "eu vou deixar de fumar" e "vou começar a correr todos os dias". Na verdade, ele tinha uma barriguinha que, apesar de não o afectar mentalmente, já o estava a preocupar. Tinha de ir ao ginásio. E agora para fazer o jantar, tinha de ir às compras ao supermercado. Havia um bom e um barato. Um que tinha televisão, outro câmaras de vídeo. Normalmente, este último tinha sempre mais gente e sobretudo àquela hora, 19 e picos. Beatriz lia, que ainda havia luz natural e ela queria aproveitá-la. Para Rosa era tempo de dar uma sacudidela no tempo, dar um golpe do baú, tratar da sua própria vida. Aurélio vivia num *status quo* donde rolava dinheiro todo o fim do mês. Houvesse fé da parte de ambos, estas duas personagens iriam encontrar-se um dia, na trama que vai mais para diante, pois pareciam o yin e o yang, opostos que se atraem. Havendo fé os dias futuros seriam melhores do que os actuais, normalíssimos mas à beira da raiva, à beira da desistência de qualquer projecto pessoal. Ver-se-ia ao fundo do túnel então uma luz, uma figura, uma Fénix renascida.

Lutara durante a noite contra demónios, pois estava afastado da religião há mais de dez anos, não podia acreditar em anjos e demónios, não podia quer dizer, não queria, fazia-se de valente. Não podia viver os seus dias pregado numa cruz, alimentando-se da moral, nesta caso, cristã, nem podia viver da perversidade amoral hedonística, pois sabia que essa era a pior armadilha. Entre os dois limites, sem sufocar. Não, não havia limites senão na sua cabeça, podia muito bem ir libertando-se dos seus hábitos mentais. Atormentava-o contudo o futuro e o presente. Será que algum dia a descontracção seria perene e deixaria de andar envolto em mágoas, possibilidades, lucubrações? Que nome dar a este personagem? Será que é preciso ser mau para conseguir determinadas coisas? Ou que a seu tempo honestamente se conseguirá o que um homem sonha? As perspectivas de intenso trabalho intelectual continuam abertas, contudo é preciso ter cuidado pois trata-se de uma selva com uma faca de dois gumes. Oiço a notícias e sinto que ainda tenho uma porta aberta para com o mundo, mas que a irei fechar quando estiver numa sala ocupado. Aí habita o mal. Quando abrimos a porta para que os nossos olhos vejam a realidade está nas nossas mãos lidar com o bem e mal que estão no interior de cada um de nós.

Dois seres procuraram entender-se naquele fim de tarde, discutiam enquanto quatro rolas rolavam pela auto-estrada. Eu perdi a consciência e acordei sentado no consultório de um psiquiatra que dali em diante era supostamente interessar-se pelo meu caso. Isso, se até então eu não era um caso, o que seria difícil de acreditar, passei a sê-lo e na minha cabeça estava agora presente o tão mal que tinha feito àquele ser durante anos. Devia ler mais livros de psicanálise? Devia ler mais e ver menos têvê, estivera em todos os mais importantes momentos da vida do país nos últimos anos na capital, tudo me tinha ficado de público gravado na mente, os telejornais disparavam na minha cabeça, contudo sabia que dali em diante, quando aquele carro parasse, não haveria mais indirectas, mais perdão para mim. Dentro da minha cabeça latejavam duas palavras que tinham sentidos muito opostos projectados no meu futuro: obscenidade ou uma vida normal. Como não houvera compreendido que estava pesando a um ser durante tanto tempo, como fui incómodo, como não fiz afirmar a minha posição? Teria de acreditar que depois daquela noite iria merecer viver e que afinal não fora preciso ir para outro país para apreender uma dura realidade da vida: a sobrevivência agora tinha um outro sentido, um sentido masculino, eu estava só e em busca de companhia. Agora se explicava porque me sentira tão mal no casamento daquela mulher. Devia de saber o terreno que pisava. Mas o pior, o que mais me atormentava, era o facto de saber o que fazia. Sabia muito bem o mal que fizera e o quanto que tinha para aprender até voltar à minha infância. Não podia esperar pela segunda infância. Depois de um momento de repouso comecei a trabalhar. Instalei-me numa cidade totalmente desconhecida para mim, onde o meu pai trabalhara durante alguns anos. Sentia de algum modo que estava sozinho e cheio de razão. Há muito tempo que queria ter essa sensação para enfrentar a vida com razão, com o poder da palavra. Só mais tarde percebi que isso não era líquido. Instalei-me então nessa cidade, os sintomas da doença de razão abrandavam dia após dia. Comprei um velho bar de praia. Lixei as cadeiras e as mesas. Não tratei de muita papelada nas finanças ou de licenças especiais na câmara. Sabia que apenas poderia estar activo no verão, como as cobras ou os ursos polares. O nome do bar? Não havia agora necessidade especial de implicar um nome especial. Era um bar de praia apenas, nada mais. Estava ainda em Portugal, e com o calor começara chegando os novos clientes. Tinha esquecido todas as personagens dos meus livros, tinha levado os meus livros para longe, mas só para decoração, não fazia mal que ficassem com a minha mãe. Mas tinha de levar os meus CêDês. Os vinis podiam também ficar em casa, eram património familiar. Quando aquela mulher me faltou fisicamente, eu devia ajudá-la a viver separada de mim. Como? Sendo feliz e contando-lhe? Não sei...quis nessa noite meter-me num buraco ou ir para longe e recomeçar a vida de novo. Mas não podia. Agora não podia fugir. Estava muito perto de conseguir compreender o meu comportamento em anos anteriores, contudo não era isso o que mais interessava. Estava interessado mais nas minhas opções, a saber, servir cafés e bebidas a veraneantes.

Jonas não me tinha ainda apresentado a sua irmã. Disse-me para não desistir do curso. Mas eu realmente não sabia se algum dia mais iria voltar a Lisboa ou lá

permanecer mais do que um dia. Minha doença minara-me o espírito e a inteligência, roubara-me a lucidez, a argúcia, a coragem, o à vontade junto do sexo oposto. Devia de acreditar que ela e eu podíamos ainda viver, deveríamos ainda viver, conscientes de mim, do meu voraz apetite por obsceno. E eu pensava: é disto que são feitos os intelectuais. Eu quero lá saber, eu quero é o arco-íris. Mas eu vou explicar melhor, o que despoletou tudo foi uma frase de santa Teresa de Jesus:"Quando eu morrer, enviarei uma multidão de rosas sobre a terra". Diacho, não podia ser. O homem é um ser economicista. É o que eu me devo tornar também para não perder o andar da carruagem. Talvez tivesse sido necessário a razão me atraiçoar. Talvez aquele dia tivesse razão em ser daquela cor. Para que eu sentisse que os outros se importam. Que não há razão para teimosias ou persistências para além da vida. Mas nunca como naquela noite temi tanto pela minha integridade física. O meu corpo suava do pescoço até aos pés. Coçar a cabeça e os últimos neurónios não me ajudavam, talvez não fosse um problema de neurónios ou apenas fosse um problema de esperar, estava farto de esperar. A esperança, a partir da manhã daquela noite, podia ser nem preta nem verde, mas de muitas cores. Vamos a ver: dois homens estão num deserto com cada um regador e uma saca de sementes. O primeiro lança uma semente, enterra-a e rega-a. Uma flor cresce. O outro homem, invejoso, corta a flor. Este homem dali a pouco tempo lança por sua vez uma sua semente à terra, enterra-a e rega-a. Cresce um arbusto. O primeiro homem vem e arranca o arbusto então nascido. Estes actos sucedem-se até esgotarem as sementes. A água também se esgota. Furiosos um com o outro, lutam até à exaustão. Ao verem que não há mais sementes, começam abraçados a chorar. Choram, choram, até que as suas lágrimas inundam o deserto donde começam a crescer flores, arbustos, árvores. Abraçam-se por fim como irmãos.

Era uma tarde amena, aquela em que Josué saía com a nota de cinco euros até à cidade. Esperava pelo autocarro, os cães do José da Praia ladravam ao vê-lo ver passar. Entretanto, chegou-se perto deles e sossegou-os com umas festinhas; os filhos do senhor Josué tinham tido um destino como o do "vai à tua vida e desenrasca-te". Um deles jogava andebol num clube grande da capital, tinha-o cumprimentado num ida e até por sinal falámos pouco; no final da semana lá nos encontrámos de novo, mas eu abandonei Lisboa para uma certa quantidade de tempo que parecia anos. A esposa do Josué era gorda, mulher de vozeirão mas aparentemente carinhosa; em Riachos, no centro da aldeia eles eram os parentes pobres de um conjunto de famílias de bem há cerca de cinco gerações. Ora Josué esperava pelo autocarro da 7 da manhã para a cidade, muito cedo ainda. Passou o senhor Ferreira iluminando o caminho com a sua ponta de cigarro. Lá chegou o transporte e tive de dar uma volta grande embora passasse pela estrada nacional 1 em parte do trajecto. Quando chegou a uma localidade perto do Riachos, tomou o pequeno-almoço e começou a dar uma vista de olhos pelos jornais desportivos no café. Dezoito minutos depois foi comprar um diário de notícias nacional. A pensão que recebia por ter partido uma perna em França não chegava para nada e da mão dele pouco dinheiro entreva em casa há meses. Contudo, a sua mulher continuava trabalhar e Eugénia trabalhava numa cerâmica há já três anos.

Custódio abanou o braço de Josué e Edgar disse-lhe “Vamos embora, que estás aqui a fazer?” Neste canto de escola, são quase já 5 horas, vamos sair daqui. Foi como se tivessem atrofiado, estranho que o vento era único elemento que se fazia sentia, ainda, naquele canto de escola. Foram até cada de Edgar, como destinado à última da hora. A mãe preparou-lhe uns bolinhos, mas Edgar e Custódio não ficaram por muito tempo. Custódio voltou à escola ainda nesse dia. Diz-se que os criminosos voltam sempre à cena do filme. Com ele era um pouco assim, ainda que tivesse certo que na sua memória havia uma catrefa de lugares onde jurara visualmente não voltam e não tinha de facto voltado até àquele dia. São Bento, esse era o lugar que insistentemente, na sua cidade, lhe apelava aos sentidos. Enquanto isso, Edgar estava perto de casa, em Riachos, deitado sobre a relva fresca, fazendo tempo e olhando o céu. Contudo, Edgar era dos três amigos, aquele que mais sítios visitava, só ou acompanhado, era aventureiro. E embora Edgar não fosse como Custódio, também não era como Josué, que dificilmente saía de casa e que praticamente só ouvia a voz da mãe durante o dia. Josué tinha avô, somente. Talvez por isso enviara uma mensagem numa garrafa na praia das Maçãs. Passados três anos a garrafa nunca mais aparecera. O pai de Edgar deixara o filho cedo e perdera-se no mar. Não sabe bem a aldeia de Riachos o que acontecera com a mãe, se fugira, desaparecendo, se atirara ao mar de desgosto. Seja como for Edgar continuava sonhando com o pai pescando atum ou baleia em alto mar e da resposta à sua carta contida na garrafa de vidro.

Tentava subir as escadas devagarinho procurava lugar para pôr a minha cinza e escrever era como Jonas, que ia frequentemente à confissão liberta-se das suas obsessões, subia sem tropeçar, aquela página tinha saído uma após a outra no mesmo dia, colocava a mão no corrimão revestido ao que via ser pele de cobra. O céu estava a precisar de um pintura, embora o creme não destoasse do chão de madeira com ainda picos para segurarem grossos pelos de urso castanho que serviam de tapete, pois,

agora parecia-me estar a subir, uma vez mais sozinho, mas seria mesmo sozinho? Quando se tratam de subidas deste género, parece-me que se leva gente atrás de nós, não sei se a isto se chama inconsciência, porque a consciência é estar a subir. Sim, durante a subida tinha muitos obstáculos mentais, não era só a partir do momento em que resolvi ser pessimista contando que tal atitude me trouxesse discípulos. Bati à porta. Uma porta de madeira pesada. Confesso que me meteu medo e coagiu a retirar mas o assunto para o qual estava era mais importante do que obstáculos. Bater à porta tinha mais a ver com o meu assunto. Havia uma campainha que eu mais tarde vi. Ignorei-a. Não queria ser impessoal logo à partida. Peguei no cabo do chapéu-de-chuva de metal e bati três vezes com força. Não durou muito que me atendessem. Manteve-se assim em mim a ideia de que o assunto era pessoal. Abriu-me a porte um senhor de cerca de 40 anos, que me deu as boas tardes, perguntando, ao que vem, logo disse eu que me trazia a esta casa o assunto de uma carta de Sr. Edgar. Muito bem, queira entrar. Era Inverno e lá fora fazia calor, nas escadas fazia calor, pelo que me agradou entrar numa casa com aquecimento e lareira. Ali, no meio de uma sala que parecia de um antiquário, estava sentado um homem quase idoso com bigode branco e botas pretas, amparando a mão com uma bengala de curta dimensão. Então a que vem o senhor? Como se chama? Chamo-me Custódio, meu senhor, e venho por causa de uma carta enviada pelo senhor Edgar quando era pequeno. Uma carta? Quando foi enviada tal carta? Em pequeno, disse-lhe, para dentro do mar, já agora apresento-me, chamo-me Custódio, deve lembrar-se de mim... Custódio, Custódio...Ah! claro, o Custódio, o impulsivo....claro que me lembro. Que é feito do Josué? Também é assunto da minha visita o paradeiro de Josué, já não o vejo há mais de 50 anos. Pois...Quanto a mim, Custódio, encontrei finalmente o meu pai; não pelo meio que pretendia em pequeno, mas de outra maneira. Tive uma infância relativamente difícil. Uma infância sem pai. Quando conheci João Lemos, militar no quartel de Santa Clara, em Coimbra, conheci também a história de um jovem-homem transtornado pela dificuldade em comunicar com o seu pai. Sabes, o Lemos era um homem de vistas curtas, tudo o que envolvesse esforço, estranhamente para um militar, não era com ele. Custódio olhava Edgar a partir de uma poltrona com a cabeça em cima do punho do braço em cima do joelho. O lume estalava de quando em vez. Pois é, Custódio, O Lemos sempre tivera por perto o seu pai, daí talvez a sua dificuldade extrema em comunicar. Queria um pouco e depois mais ainda, não gostava do trabalho físico, mas no trabalho intelectual nem dificilmente fora brilhante. E com a mãe, como era ele?, -Perguntou Custódio, era íntimo, menino da mamã, só que nos últimos tempos a violência virava-se para com o objecto de seu maior amor, contra a sua progenitora, contra quem o tinha criado, como se não se conseguisse suicidar, agia deste modo, sem pensar que se iria matar depois do acto. E isso aconteceu?, -pois a última parte aconteceu, Lemos suicidou-se jogando-se do rio. Era uma coisa simples e espectacular, o que sentiu durante 32 anos na sua vida, essas duas palavras que resumiam a sua vida. Quanto à sua mãe, permanece ainda hoje viva, junto de uma irmã. De quando em vez lhes telefono, pelo Natal ou coisas assim. Custódio suspirava de alívio por aquela história...

Pois, ainda falta dizer-te de como encontrei o meu pai. Encontrei no sentido afectivo do termo. Esta minha história é como que o oposto da história do Lemos. Enquanto que ele se esforçara, de um ponto de vista do catolicismo, por purgar o pecado cometido, correr atrás do prejuízo, eu sempre tive amigos, acontecimentos, empregos, dinheiro, mãe, tudo, tudo menos um pai. Um dia ainda estava na escola contigo e com o Josué, o Escalhorda, esses tipos de Riachos, fomos a uma excursão. Eu sentei-me ao pé do mais tímido, o Josué. Ele lá me convenceu que podia resolver a minha angústia, pelo menos adiá-la, enviando uma garrafa para o mar. Que tolice... uma mensagem numa garrafa...para o mar. Pois não é que eu até esperei pelo verão para lhe pedir que ma ajudasse a escrever e tudo! Mas não foi pela garrafa que conheci o meu velho. Mas o tempo ia passando, nós abandonámos a escola por volta dos doze, eu dizia ao Josué para abandonar e ele queria continuar, enquanto tu decidias ir para França...Eu precisa de conversas adultas, precisava de um pai que me orientasse, sabes? Até que decidi casar aos 25 anos. O meu cunhado estudava filosofia e era a melhor ajuda que eu tinha para lhe escrever, continuar a enviar mensagens em garrafas...até que na garrafa número 858 fui definitivo e enviei um ultimato. Não escreveria mais se alguém no espaço de um certo tempo (o tempo de duas garrafas), ou seja quatro meses me não respondesse por carta. E essa pessoa decidiu-se. Era o meu pai. Como e quando ele começou a ler as minhas mensagens, não sei. O que sei é que um mês depois fui ter com o meu pai ao Canadá. Quanto a mim, Custódio, encontrei finalmente o meu pai; não pelo meio que pretendia em pequeno, mas de outra maneira. A minha mãe conhecera vários maridos e, por estranho ou não que pareça sempre esteve ligada às exuberantes igrejas protestantes. Numa sessão, o meu pai foi convidado como num programa de televisão "Ponto de Encontro". Eu estava lá e abracei o meu pai. Não senti nada, mas fiquei com a sua morada. Algures na Venezuela. Quando fiz 27 anos resolvi escrever-lhe, não só porque estava com dificuldades económicas com também que iria casar em breve e seria de bom tom ter o pai na cerimónia de casamento. E foi assim, de uma maneira simples. Certo portanto que o meu pai não me respondeu literalmente, mas aproximou-se quando sabia que eu iria lá estar, naquele lugar.

A quarta criança deste romance que tem por fim dar conta das extenuações de um ser atormentado pelo vício da nicotina e com uma relação de evitamento para com o seu pai que poderia ser filho de um dos três personagens. Ora perguntamos ao leitor, a este ponto, de que é que poderia ser a quarta criança? Quem seria o pai? Custódio? Edgar? Ou Lemos, o amigo íntimo de Edgar? Estaria destinado algum deles a não, desejando-o tão arduamente, não dar filhos a um mulher, sim, porque ter não os tinha e concebê-los devia ser muito mais violento para o organismo do que ele poderia imaginar. E um dia seria necessário um substituto do Opel. Foi, assim, aconteceu, atrevemo-nos a sonhar, assim aconteceu com Lemos. Ganhou mobilidade. Edgar procurava a mulher certa para com quem ter filhos. Era demasiado platónico. No entanto, admirava a filosofia e muito por causa disso não fazia valer os seus direitos. Desde criança. Por isso a sua vida não andava para frente, apenas procurava familiares

para suprir essa falta de ligação biológica com um ser postergado no futuro. No dia de vésperas de ano novo estava cansado, desalentado consigo próprio. Resolveu-se a sair para a cidade. Talvez fosse essa a sua última vez na cidade, melhor, como citadino. Pensava assim, o fatalista. Arrumou-se, pegou na chave e bateu com a porta. Estava cansado da sua carta herdada pelos pais e era agora já tempo de fazer qualquer coisa por si próprio, dar um último empurrão sozinho na sua vida. Iria deixar em breve aquela casa, resolvera-se habitar noutro lugar. Não conseguia exprimir como estava desalentado com os outros pelo seu silêncio vingador. Contudo, a ordem natural das coisas continuava.

Custódio, depois de ter estado com Edgar naquela manhã de Novembro de 1988, passou pela chuva agachado ao seu cobertor alentejano e entrou no autocarro que o levaria a Odivelas. Ali, no seu quarto alugado, sinal de todas as fragilidades psíquicas de um homem desempregado na casa dos 30, foi revolver a carta que não chegou a mandar a seu pai, pois entretanto soubera que ele estava no Canadá.

"Lisboa, 21 de Abril de 1986. Querido Pai. Sei que já deve estar cansado das minhas cartas. Se ainda não recebeu nenhuma e esta é a primeira, saiba que tenho tentado procurá-lo por todos os meios. Junto à praia, tenho procurado os seus passos e tenho encontrado trilho, é certo, mas esses poucos trilhos não me levaram a lugar algum. Nem a um bar com um homem com uma referência sua, nem a um automóvel fora da beira, todos, acredite, todos para dentro de água. Ora como pode saber, em Portugal nenhum cidadão comum tem barco, nem que seja a remos. Eu conheço relativamente bem a nossa costa e as ilhas mais próximas ficam a mais de 100 quilómetros. Talvez fosse um bom lugar para nos encontrarmos, uma ilha dos Açores. Estou lendo Cor de Púrpura e fico comovido e não consigo relacionar o bem intencionado livro com o mal que o senhor me está fazendo ignorando-me, como se não fosse meu filho. É para eu me aguentar e ficar um homem duro? Pois olhe que a estratégia não está resultando, que lhe estou ganhando raiva, porque a minha estrutura psíquica já foi por si terrivelmente abalada e nunca alguém poderá pagar isso. Vale-me o Francisco Pernes, um velho homem que costuma estar sentado no Quincy's, o bar da Praia das Maçãs. Ele é meu Pai, ele sim! Mesmo que não sinta nada quanto a mim, escreva-me, diga que não gosta de mim, que eu fui um acidente no sem bem talhado e trilhado percurso de vida. Diga-me, porque eu e minha mãe, que já deixou de acreditar que você é vivo, precisamos de um pai. Um Pai. Talvez a minha mãe precise mais do que eu. Mas eu ganhei este hábito de escrever cartas a propósito da sua falta. Não sei se irei continuar mandando garrafas para o oceano atlântico, talvez fosse melhor ir de barco até onde pendo e tenho indicações o senhor estará, estarei de certo modo mais perto. Espero um pai marinheiro como o Francisco Pernes, mas mesmo que não seja você como ele, fico satisfeito. Por cá, fico fazendo cálculos onde se unem os dois oceanos, onde as correntes são maiores, lendo cartas de marear como os antigos e discuto com o meu pai. Não tenho vergonha perante os amigos, ora se não

há um pai de cada um poderá, alegremo-nos, haver um Pai de todos. Seu filho, Custódio, mil abraços."

Deixei a pouco e pouco a pequena praça onde naquele dia 30 de Agosto 1999 me encontrara com José de Almeida, um pastor megalómano que vivia bem de saúde e eu fizera-lhe perguntas de como ser pastor novamente, já que o meu espírito estava tolhido pelo pessimismo e depressão. Cheguei a casa e pronto, pensei, "nada me pode roubar estes momentos", contudo há muito tempo que estava a perder ocasiões para me tornar muita coisa, rico, famoso, bem casado; no entanto esta solidão tinha qualquer coisa de sacrificial como se entregasse de novo a minha vida a um Deus cujo nome estaria ainda por descobrir.

Estava Lemos deitado num sofá, entre o trabalho e uma corrida para tirar a barriguinha. O seu irmão Pedro Elmes telefona, "estou de saída", "a Marisa está quase a chegar aí". Certo. Mudou-se de roupa, imaginou como seria a chegada do seu irmão e de sua cunhada com os filhos. Esta expectativa, isto lhe metia confusão. Era preciso que não dessem tanta importância aos momentos, mas estava muito nervoso nos tempos que antecederam aquele encontro com Custódio? Queria ser apanhado distraído, tudo o fazia era muito importante para si e nada importante para o mundo. Entrou na Internet. Eram 17.35h, 45 minutos depois de se ter levantado do sofá e atendido o telefone. O corpo voltou à realidade e voltei a abraçar os meus sobrinhos. Mas no dia das doze badaladas não estava em sentido, nem ninguém me desejou as boas festas por telefone. A não ser a família e um amigo. O encontro dos três amigos, Custódio, Edgar e Josué, indica que o terceiro filho tanto pode ser nascido como adoptado, nunca um clone. Pode ser mais um amigo dos sete costados, nesse caso, seria o Lemos ou outro, casa a história de Lemos não fosse tão trágica.

É madrugada e a cidade, a nova cidade espera, não se sabe bem para quê, na consciência pesa o facto de se estar ainda recolhido e de que nada de espacialmente novo e regenerador nos espera. Deita-se a cabeça de novo no travesseiro e um novo

sonho principia. Não há ponta por onde se lhe pegue, o corpo está já rendido, mas levanta-se por volta das nove, há um remorso de não correr atrás das coisas todos os dias, como parece ouvir-se numa voz, mas levantamo-nos a meio da manhã e com o corpo cansado fumamos o primeiro cigarro, como se fosse uma vitória estarmos acordados. Há uma impressão que iremos ser discriminados em todo o lugar, o que é nosso por devida natureza, o facto de sermos pessoas humanos, há uma suspeita de que nunca mais será reconhecido. Na procura de um emprego, antes de mais, depois, numa fila e numa caixa de supermercado, num autocarro, a suspeição que enterra cada vez mais o indivíduo para níveis que parece que ninguém compreende porque não sente o mesmo. O cimo da espinha dói, há uma esperança de que um dia faremos exercício físico para compensar, mas não, iremos apenas ao médico fazer análises para ver os níveis de colesterol.

Está tudo centrado na cabeça quando não há amor, o verdadeiro amor que sentimos fugazmente na vida. Esta vida é um purgatório, umas vezes cruz, outras, cravo e rosas, parece-me que o silêncio começa a ser uma forma de ver passar a vida. A mente alimente projectos, o coração ampara-os e por vezes nem mede as consequências. Mas a cabeça não dá para mais. É preciso fazer uma síntese do que se pode fazer e esquecer tudo o resto sem mágoa. Uma morte faz-me lembrar a minha morte. Faz-me rir ou sentir alívio, porque talvez eu estivesse já merecendo tal sorte com o que não tenho sabido fazer com a vida. No entanto, conservo-me no meu lugar, com as minhas dores de cabeça; enquanto em Lisboa me ia sentindo cada vez pior, aqui posso sentir-me mal mas espero vir a sentir-me cada vez melhor. Estranhamente, espero como um animal ou meu lugar que está por ocupar na sociedade. Sem que nada tenha feito por isso. Mas, mesmo assim, não ocuparei um lugar de facilidades, tenho saudades do esforço e do empreendimento, é isso que procuro no meu trabalho, não um lugar cativo. Há muito, muito tempo, alguém me disse que quando na minha aventura académica, fosse para os meandros da literatura, nunca me metesse em "capelinhas". Pois aqui estou, cumpri, e onde está a pessoa que me disse isso? Um dia terei o meu espaço, o meu lugar conquistado a esforço, os meus resultados, as minhas lágrimas e os meus sorrisos. Um dia poderei rir como nunca, depois desta depressão passar sobre o meu arquipélago. Não faço ideia do que é perder-se alguém conhecido, familiar, como está acontecendo com minha irmã. Se hoje a cabeça me pesa saber-se-á quando o pai ou a mãe me faltarem, um irmão. Estou lutando por não me tornar insensível, por permanecer entre os vivos e dar-lhe os meus melhores sentimentos. Tudo o resto, todos os maus sentimentos são egoísticos, ficam comigo e vão-me matando aos poucos. Atena estava no IPO de Coimbra há algumas semanas, em quimioterapia, tudo começou com um problema de pele, depois, há uma semana entrou em coma. Perdera a juventude do rosto e começara a chamar pelos amigos, como se tivesse saudade da cara feliz das noites em que saíamos juntos.

Antes da madrugada, Custódio recolheu-se em casa, contando os garfos e as colheres que havia na mesa. No seu trabalho solitário, estava fumando mais e o amor prometido pela juventude nunca mais chegava. Não sabia se haveria de acreditar mais nesse platonismo. E na religião. Tinha 33 anos e encontrava dificuldade em trabalhar, as pedras da calçada pareciam-lhe escorregadias e sujas, o lugar que habitara em Lisboa durante cerca de dez anos, com intermitências urgentes, lá estava, também lá estava o curso de filosofia para fazer, talvez fosse dar menos crédito à antropologia, mas o certo é que poucas vozes se levantaram quando ele precisava, numa doença que tudo metia para dentro e o impedia da felicidade. Já não sabia o que era a alegria, a conversa com os amigos, as palavras de uma namorada. Custódio jantava ao som da televisão. Este era um cenário realista, melancólico e algo pessimista. Depois de casar, a mulher trazia-o preocupada mas não equacionara ainda a separação, pois sabia que a depressão de Custódio podia bem ser efémera. Mesmo que fosse definitiva, amá-lo-ia acontecesse o que acontecesse. Não precisava de ter filhos para demonstrar o seu amor. Talvez mesmo fosse bom para Custódio passar por uma travessia do deserto, afastar-se de Hermengarda por uns tempos. O pior é que não tinham dinheiro para ambas as coisas. Nina habitava uma casa próxima, na mesma povoação de Fronteira, uma solitária de 40 anos. Noutra casa, para além da linha do comboio, Francisco estudava para dar boa impressão junto dos professores. Mas abandonara Custódio numa altura difícil para este e por isso deixara de ser seu amigo. Custódio debatia-se na sua solidão consigo mesmo e não podia transmitir a sua dor a ninguém, não transmitia esse era o problema, é que os que com Custódio viviam nunca poderiam saber o que ele sentia, essa era a maior dor com que carregavam todos os dias. Custódio tinha de contar que era igual aos outros todos os dias. Mas mesmo assim iria procurar ajuda. Custódio não conseguia ganhar ódio às pessoas, talvez por isso não o levassem a sério. Cada vez mais, a sociedade mostrava-lhe que era necessário ser esperto para vencer na vida. E vencer na vida seria ser bem sucedido economicamente. Enfim, Custódio tinha-se retirado de ambições como visitar outros países, mais outras culturas e fazer o registo delas. Sabia que passara ao lado de uma vida devassa, que não era tarde para reconstruir. O pior era as manhãs em que ele sabia que tinha de reconstruir todos os dias a sua vida como se tivesse na mão um belo quadro antigo que fora violado. Toda a beleza teria de sobressair num exercício diário, fazendo esquecer as adulterações, de modo também a que tivesse a velhice como tesouro. O tal amigo esquecera-o, muitos esqueceram-no, mas ele permanecia activo por detrás de tudo, combatendo todos os dias de manhã contra o que lhe diziam ser uma doença, mas que sabia ser apenas uma depressão ou manifestação da solidão. O certo é que não gostava do local onde vivia nem para onde lhe diziam para viver. Tinha de ser ele a decidir. A pouco e pouco, ele percebia que criara depósito na cabeça, como um vinho que se estraga. O que podia ele fazer, estava retido para ser útil socialmente num determinado contexto social onde a sua criatividade não podia ser explanada. Havia de movimentar-se. Depois, um dia, podia pensar nos *araweté* ou nos *tchokwe*. Essa complacência para com a humanidade contra o espírito desenfreado de vingança,

conquista e competição, não era mais uma luta. A pouco e pouco ele saberia escolher e no seu refúgio feito a pretexto de coisas apenas moralmente condenáveis, estava se abrindo ao pensamento positivo com o passar dos dias, mesmo que custasse nas manhãs, mesmo que se levantasse tarde, mesmo que a custo de sonhos complicados e muitas vezes maquiavélicos. E dar conta por aqui de habitações e seus habitantes poderia ter não apenas um interesse literário mas também etnográfico, mesmo que se tratasse de uma etnografia da subjectividade. Fora o que acontecera a certas personagens no sul de França e na Estremadura espanhola, é que o estado de espírito não era o melhor, com como em Monte Alto, o que não quer dizer que não se tentasse uma aventura fora do país, ou se tivesse novamente a esperança de falar inglês e francês sem complacências. Seria preciso ter caído baixo, como um anjo caído, para se levantar; Custódio, depois de anos e anos de depressão, em que a vida lhe parecia não sorrir e ele recusava o sol da manhã, depois de derrotado pelos acontecimentos dos outros, estava de novo altivo e consciente do que era, com o Ego recriado em palavras e pensamentos benfazejos. Em breve teria de novo uma companheira, a não ser que Hermengarda voltasse para ele reconhecendo humanamente que haviam sido feitos um para o outro. E era preciso dizer sem dolo e consequência que não se tratava de nenhuma psicose nem desejo de matar alguém, apenas a raiva estava sendo contida, a raiva de irromper pelo mar e abraçá-lo como a um pai. Essa dor de manhã terá valido a pena se tudo o resto funcionar como os outros funcionam, uma lógica que não é preciso perceber, descrever, mas se aceita, como se fizéssemos parte de algo importante. Muito importante.

Rosana cantava num bar, Custódio haveria de conhecê-la numa noite inesperadamente, pelo mero acaso de ver movimento junto a um bar na noite incauta. A vida se tinha aberto para ele de novo, o sol tinha voltado a brilhar e ele recusara muita coisa em nome dessa felicidade. Fora num interregno em que andara pelas ruas da amargura, em que semeava e não via na ocasião de colher, os seus dias passavam-se bebendo e via amigos seus morrer. O problema é que então pensava as ideias como destinos, fados absolutos e que remeteria o seu ser num canto. Não pensava em Hermengarda nem em conflitos sociais nem como é que poderia contribuir para os solucionar com o seu papel. Era tempo de se levantar, marchar a pouco e pouco e deixar os ideais para trás, para a adolescência é lá que pertenciam ter estado, era para lá que deveria ser remetidos. Encontrando-se na idade adulta, o futuro dependia dele mesmo e foi isso que resolveu encarar, por mais que lhe doesse a mente. Depois, começou estar convencido que nem tudo estava contra ele, que tinha um percurso relativamente interessante e que qualquer mulher para além de Hermengarda deveria sentir-se realizada por ter um homem assim. Era assim com Rosana. Ela cantava e depois vinha sentar-se na sua mesa, conversando com ele. “Foste para além dos limites do que podes dar”, dizia, “contudo um outro futuro pode espera-te se fizeres por isso, já que conheces as regras do jogo. Não penses mais, eu estou aqui”. Saiu do bar e fazia frio. Os homens do lixo faziam o seu trabalho. Rosana continuou a fazer parte da sua vida até que Hermengarda se apercebeu que poderia reatar o conhecimento com

Custódio. E assim sucedeu. Ele pediu-lhe que namorassem de novo. Ele aceitou, deixando custosamente Rosana. Começou a interessar-se pelos filhos novamente e pela vida doméstica.

Uma certa personagem caminhava nas ruas de uma aldeia minhota, falando com alguns conhecidos, bebendo café nos locais mais conhecidos. Chamava-se Cremilde e sua história estava longe de acabar porque era mulher rija de 91 anos. Custódio era seu neto. Um dia resolveu visitá-la e sabia que ia consertar a vida para lhe enviar um dinheirito que tornaria mais digna a sua velhice. Muito lhe apetecia lá voltar depois daquele verão em que ficara hospedado na Pousada de Juventude de Viana do Castelo. Mas talvez valesse mesmo resolver a sua situação para não cair mais tarde na mesma situação, falta de casa, vivendo precariamente em casa de um filho cuja casa era alugada. O tio Tomé era agora sapateiro, já havia sido comerciante e guarda-livros em tempos idos. Cremilde oferecera a Custódio uma Bíblia de capa azul, que plastificou e onde aparecia escrito com a letra de um conjunto de imprensa que havia comprado, "a minha mãe deu-me esta bíblia no dia 13/10/84". Mais abaixo estava escrito a lápis "esta Bíblia é protestante". A Bíblia estava como nova, sem inscrições. Porque é que devemos ignorar os livros sagrados? Eles são guias e aqueles que os ignoram perdem-se na diversidade do mundo. Depois, Custódio olhava as suas canetas e o espaço onde confidenciava a sua vida ao narrador, que vive aqui um exercício difícil em tentar esconder-se, deixar jogar como o árbitro de um jogo de futebol. A realidade era, na verdade diversa, mas a meu custo teria de alimentar essa ideia como uma criança que daria muitos filhos. O pai de Custódio trabalhava numa nova casa e ele não ousava ajudá-lo, os homens da Câmara limpavam a rua para colocar um novo alcatroamento. Custódio procurava ter uma atitude, saltando no dia a dia os obstáculos mentais que o prendiam e já era altura para fazer render os seus talentos. Sentia-se no meio da vida algo perdido e sem energias. Os dias passavam-se em Fronteira, mas ele continuava confinado à casa dos pais, não que não houvesse oportunidades. Custódio viajara pela Europa com o dinheiro do seu trabalho, tendo apenas na aldeia uma pequena parcela de terra onde prometera a si mesmo iria construir uma casa. Viera como filho pródigo regressando a casa mas não encontrou ninguém de braços abertos. Todos viviam o seu quotidiano sem dar importância ao seu regresso e planos para Fronteira. De modo que se encontrava numa situação difícil: difícil estar em Fronteira, difícil voltar para Lisboa. A saúde de Custódio deteriorara-se, pensava que tudo aquilo tinha a ver consigo, indício de perturbação psíquica, mas o que era certo é que não tinha esperança e gostaria de estar longe de Fronteira, estava sem emprego e sem dinheiro, postergava a sua criatividade para o futuro, já não era uma questão de batalha consigo próprio, mas deixar-se andar com o vento e que a sorte o bafejasse. Custódio tinha feito estudos num colégio particular, o Instituto D.Pedro IV, no Louro Dourado, mas chegara a altura de arranjar um emprego, depois resolveu ir estudar para Lisboa,

antes disso talvez tivesse acontecido o melhor ano da relação com o pai, Juvenal, pois trabalhara de dia na construção e ia para aulas nocturnas. Depois do curso, tentara falar com responsáveis de colégios para começar a ensinar: João de Barros, no Maioral, O colégio do Senhora da Guia, o colégio da Redinha. Todos os directores recusaram. Desde então, dera aulas no ensino público, com baixas, interregnos e abandonos prematuros. Hoje e dia, Juvenal ainda trabalhava em obras enquanto seu filho definhava. Havia dias em que não tinha forças, em que achava que não era capaz, quando tudo o que ele queria naquela fase da sua vida seria dar aulas. Custódio começava a enterrar-se no abismo da subjectividade e começara a cavar uma grande diferença entre o seu pensamento e o contexto social em que vivia, sobretudo tendo em conta os desejos de seu pai Juvenal. É claro que na juventude e infância os sonhos de Custódio eram outros. Na infância prometera aos amigos, depois de o pai lhe ter descoberto a reserva de tabaco na dispensa, na semana em que era ele a guardá-lo: "vou fumar quando for adulto". E prometera que a vida futura de adulto seria feita de uma dualidade: casar ou não casar. Daí a hesitação entre a vida celibatária e a vida em conjunto com uma mulher. Passara uns tempos na casa dos pais, para retemperar forças e organizar as ideias e ponderar o pedido de divórcio de Hermengarda. Foi difícil para Custódio desligar-se dos vícios, nomeadamente o jogo e a droga, que iam consumido todo o dinheiro. Desenvolveu aptidões para a música e tornou-se o nome conhecido da música portuguesa. A partir de 98 começou a ver o mundo com outros olhos, era mais paciente, esperava antes de desesperar. Andava ainda com Rosana a cantora do "Night Flight" quando Hermengarda, aproximando-se começou a ver nele alguém que ainda mantinha acesa a chama do orgulho próprio e que poderia voltar tudo a ser como dantes. Tinha ela consciência porém, de que nada podia ser como dantes. O bichinho dos vícios, das mulheres e da droga mantinha-se no interior de Custódio como um vulcão adormecido ou carvão à espera de ser acendido. Porém, Rosana começara a demandar exigências; não queria um admirador como companheiro, mas um simples homem que a ouvisse, com quem pudesse conversar. Uma representava o idealismo platónico, Hermengarda, enquanto Rosana a paixão. Mas Custódio era um homem indeciso quando estava na espiral que leva ao inferno de Dante; não se deixava cair nunca, mas também não desistia de certos postulados mentais que o encavacavam nas relações com os outros, no mero sair de casa, ir até ao café. Diga-se que Custódio sofria de fobia de lugares. Estava farto de Fronteira, aldeia de quatro mil pessoas onde o único ponto actual de interesse era sua família. Parece que os amigos de infância não entravam na sua órbita e ele na deles, de cada um deles. *Nothing really matters*. Custódio optou, e escolheu Hermengarda, que tinha comprado um terreno para cultivo. Rosana ficara como paixão, no passado tinha o que Hermengarda não tinha, mas junto de Hermengarda havia já um projecto de vida, Leonardo. Leonardo tinha já doze anos em 1999.

Custódio conseguiu um pequeno emprego num restaurante. É que estar por sua conta e risco ainda estragava mais as coisas, embora gostava de liberdade de movimentos. Ganhava pouco, é certo, mas nesse tempo Hermengarda saíra de casa

também para trabalho numa tecelagem. Um difícil egoísmo misturado com orgulho ferido, acompanhava Custódio nos dias nas relações de trabalho. Contudo tinha de se habituar à ideia de aquele trabalho. Já chegara o tempo da absorção do que todos os dias dizem, era urgente fazer algo consigo próprio. A meio da vida, não iria ficar retido em casa de familiares, alugaria um quarto para onde fosse trabalhar. Estar em casa dos pais era doloroso para ambas as partes. Custódio sabia que tinha capacidade para desenvolver a sua criatividade, a doença que levava tudo para dentro não haveria de vencer.

Num dos passeios à noite, uma figura estranha aproximou-se de Custódio. Aproximou-se demais, enquanto ele descansava na relva.

-Quem é que me persegue?

-Boas noites, não tenhas receio que eu sou apenas uma sombra. -Uma sombra? Então vocês não são visíveis sobretudo quando há luz?

-Não é bem isso. É que durante o dia arrastamo-nos atrás dos nossos originais e somos impedidos de falar, além do mais não consigo descansar porque o meu original revolve-se na cama em sonhos terríveis e abominantes, sabes, tenho até medo que mate a sua própria sombra.

-Quem é o teu original? - Perguntou Custódio.

-O meu original é um médico. Acho-o uma pessoa vazia. Não tem vida própria. Nem sequer mereceria ter uma sombra dedicada como eu.

-Estranho e curioso quando falas nisso, pois não sei o que diria de mim a minha sombra. Por acaso não a conheces?

-Não sei, as sombras reúnem-se à noite em antigos castelos ou junto a regatos para expor as suas observações sobre os seus originais, ou donos. Falamos mais em factos do que em nomes; o que nos interessa é o conteúdo das acções, a motivação, social ou subjectiva. Temos algum carácter divino pois cruzamo-nos frequentemente com os anjos que por vezes vão até à terra em auxílio dos seus protegidos. Pois eu te digo que não sei mesmo se terei sombra com alguma inteligência. Às tantas não tenho tempo para fazer sombra, de tão inquieto sou. Se tiver uma, será corcunda e olhando insistentemente para trás, não achando coerência nem ligação nos factos do presente. Olha, Custódio, tens sorte em falarmos a estas horas, neste local. Mas se queres que te diga, gosto do teu aspecto. A tua sombra não deve ser como a pintas, talvez sejas tanto assim como dizes, a primeira impressão que tenho de ti é a de um jovem no meio da vida que ainda não desistiu, isso é importante. Mas vou fazer-te o jeito de procurar falar com a tua sombra.

-Seria bom dizeres-me o que ela fala de mim, o que conta nas vossas assembleias à noite, ajudar-me-ia muito a conhecer-me. Além do mais, estou numa situação algo delicada. Sei das pessoas que estão a morrer à minha volta e tenho medo, isso assusta-me. Pressinto a loucura, mais do que isso, a impotência diante da vida que nos passa à frente dos olhos, como se estivéssemos vendo passar num apeadeiro um comboio de alta velocidade. As boas ideias tenho-as poucas durante o dia. O resto são lucubrações. Tenho tentado curar-me através do Yoga e penso que vou regressar à igreja, para obter um pouco de paz.

-Reparo que tens muita angústia e raiva dentro de ti; não és frustrado porque tudo tentaste ao teu alcance para conseguir felicidade.

-Obrigado, sombra, já sabes, espero notícias tuas.

-Até breve, disse a sombra que se afastou para dentro da escuridão da noite. Depois daquele encontro, nunca mais Custódio ficou o mesmo. A paz estaria na religião mas sob que forma?

A pouco e pouco Custódio foi reconstruindo a sua vida. Tinha os dois filhos na escola, o que já era importante, trabalhava numa fábrica de calçado. Fora Hermengarda quem pedira ao patrão para lhe dar emprego. Um par de anos depois, Custódio podia respirar fundo. O seu papel na sociedade estava quase cumprido e imaginava aflitos os seus colegas de curso por encontrar o amor da sua vida, casar, ter casa, e ter filhos. Juvenal trabalhara desde sempre na construção civil e uma casa para Custódio não estava fora de parte. Tinha Custódio então todas as condições para se levantar. A cerca de 50 metros, uma pequena casa feita em tempos pelos Caminhos-de-Ferro dera guarida a um empregado de estação e a uma professora. Tiveram dois filhos, um rapaz e uma rapariga. Foi lá que Custódio começou a ter contacto com o mundo para além de Fronteira, pedindo o Diário Popular que ele recebia por assinatura. Quando foi estudar para a sede do concelho começou a aventura da leitura assinando um jornal desportivo. Não tinha vida sentimental, queria ser um homem que não existia e esqueceu-lhe de ir olhando por si próprio, tratando o seu Ego. A experiência religiosa, por um lado, não lhe dera ferramentas para viver no mundo exterior e construíra uma parede impenetrável sobre o seu tempo passado no seminário e em procura do ideal místico de São Francisco de Assis. Havia tido muita coragem, Custódio, para abandonar tudo, sobretudo um futuro como o dos seus colegas. Só depois dos 25 começou a diluir o passado e a compreendê-lo. Não era tarde para construir algo de seu, ter uma família. Era na verdade um tímido. Não podia fazer-se de vítima, mas o que aconteceu marcou-o profundamente, pois não era o tipo de afecto que lhe tinham dado que queria. Até foi bom diluir as coisas, senão ficaria para sempre associando a Igreja àqueles acontecimentos.

Carina, a filha de Custódio, fizera provas para ir para o conservatório estudar música. Pretendia fazer dança, mas também gostaria de trabalhar numa orquestra, tocando harpa. Ambos tinham *pedigree* poderoso: o Grupo Recreativo de Riachos.

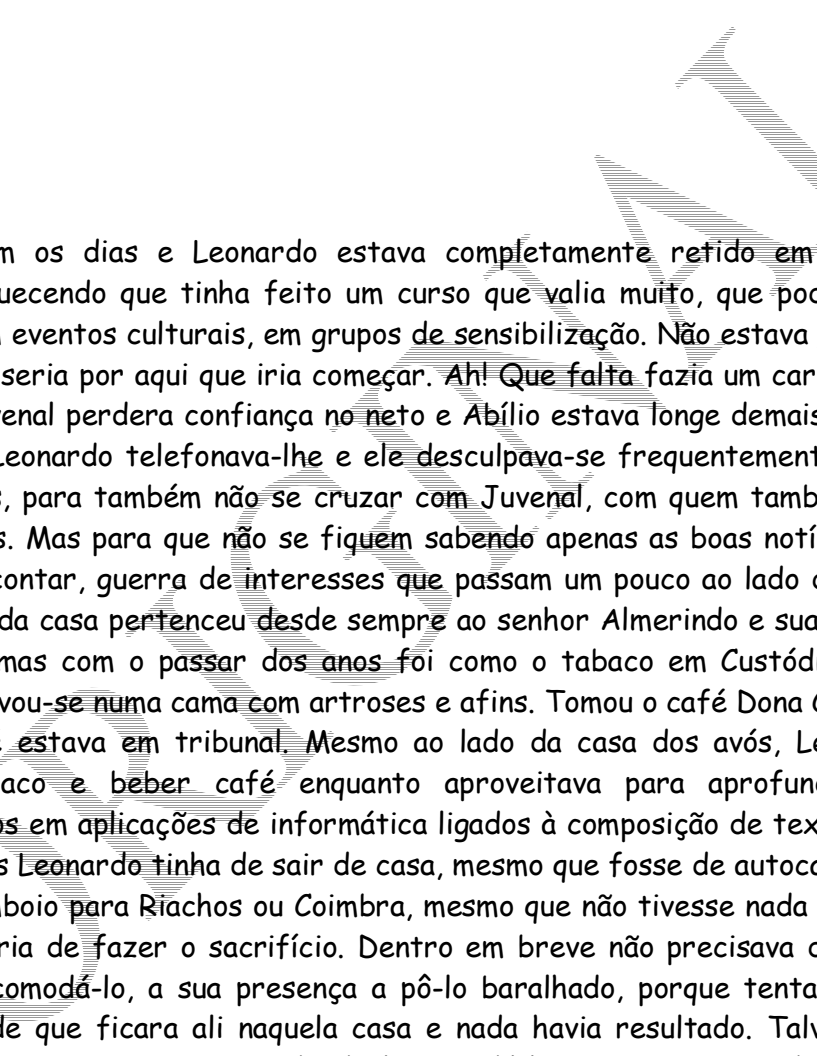
Ensaiaram as primeiras peças de teatro, os *playbacks* de músicas que época de oitenta estavam na berra, havia um rancho folclórico. Mas saiba-se que em Fronteira vinte anos mais tarde nada havia disso, apenas um salão de espectáculos frio e vazio. Custódio sentiu que houve momento em que estava já morto para a sociedade, que só faltou a corda, a lâmina de barbear ou os medicamentos. Tão próximo que estava da sua família, tão distante era na verdade o seu coração deles, não digo o seu coração, mas o seu pensamento, a sua alma. Um dia de precisão, Custódio foi ter com o antigo colega. Confessou-se, depois foram tomar um café. Custódio contava como essa mancha lhe pesava como uma cruz para o resto da vida, uma vida que quis linear e a realidade não se compadeceu disso e como poderia ter filhos com aquela deformação no passado que ele achava uma deformação de carácter. Padre Antenor lembrou-lhe os tempos do grupo recreativo, em que Custódio era um dos mais engraçados. E lembrou-lhe que A vida de padre não é nada fácil, que por vezes há quem caia na tentação principalmente em relação às mulheres que dele se aproximam, ignorantes do mal que vêm fazer, a quem não é feito de pau. Os primeiros cristãos puderam casar, porquê tanta teimosia da Igreja Católica Romana e que ele estava a fazer planos para pedir ao Papa para casar sob a possibilidade de abandonar o sacerdócio e muito provavelmente se tornar sacerdote protestante.

O conceito que Custódio foi fazendo de si próprio iria degenerar em algo complexo, nunca mais fizera nada com consistência e duração. Tanto tempo que andou à nora, sem ninguém ter que o ajudasse que não fosse sua mãe e sua irmã, sabia que a solução estava no acreditar, não tanto aceitar cegamente nos homens da Igreja mas acreditar que alguém acredita, independentemente da idade. Agora, com 33 anos estava recuperado depois de mais de quinze anos ao serviço de ideais ser ter recebido nada em troca. Era a sua vez de avançar. No entanto, a questão agora era de saber esperar, pois encontrava-se sem dinheiro, retido em Fronteira, pensando que estava fazendo grande coisa pensando não estava, portanto haveria de começar pelas coisas simples, mesmo as palavras continuariam a ser as mais simples, indo do mais simples ao mais complicado. E imaginava-se muitas vezes no hospital, só isso o fazia levantar o rabo e ir em procura dos seus interesses. Era preciso acreditar que ainda seriam possíveis as coisas mais simples como ter o amor de Hermengarda de novo, cada dia, para depois sair do restaurante e trabalhar em algo de que gostava, numa biblioteca, num projecto comunitário. Era questão de saber esperar e agir na altura certa; embora não tivesse muita coisa, tinha saúde, já um pouco de saúde, que tanto precisava para desatar o rolo que estava preso na sua garganta e que o impedia de falar. Um dia, mais tarde, depois dos sonhos e dos pesadelos, haveria um lugar de paz numa escola, num grupo de alunos, onde pudesse falar para se convencer de que podia transmitir algo de positivo em vez de estar no seu canto fumando de manhã. Leonardo tinha-se decidido ir morar para Santa Comba, pelo menos mover o seu interesse para lá. Não iria repetir os erros do pai, mesmo sabendo que a culpa não tivesse sido devida de Custódio, que nunca mais saíra do buraco e tentava agora deixar de fumar, movimentar-se de uma vez por todas com agilidade nos dias, pois já cometera

exageros suficientes. Estaria Custódio deixando Lisboa, a terra das grandes oportunidades laborais? Gostava de Lisboa no canto dos fadistas, mas nada tinha verdadeiramente a ver com aquela cidade. Desde o início, em que resolvera ir para lá estudar. O passado destas personagens havia sido difícil, não ousavam gritar contra a injustiça porque os haviam silenciado com armas e intimidação, mas chegara a hora de fazer tudo humanamente, para reconquistar o brio e dignidade perdidos, mesmo que Abílio continuasse em Fronteira, sentia que a sua descendência iria dar-lhe alívio, paz e saúde. Leonardo e Carina personificavam essa transformação. Carina entrara para o conservatório e entusiasmada com os seus 19 anos começava a dar passos seguros no estudo da música. Alugara um pequeno quarto em Lisboa, no Príncipe Real, juntamente com uma amiga. Ambas eram fumadoras mas praticavam natação, de modo que o homem que haveria de casar com elas poderia ser o contrário, pois que ao homem é dado o dever de zelar pelos bens económicos da casa. Antigamente era assim e assim voltará a ser a bem do equilíbrio do casal. Na faculdade não seria difícil arranjar um namorado. Em breve no entanto, Custódio teria de resolver uns problemas, não que estivesse alheado aos problemas dos seus filhos. Mas também podia fazer um volte face em nome da sua saúde física e mental, isto é, abandonar a carreira e dedicar-se a um projecto pessoal como empresário. Foi o que faz seu irmão Abílio, que no Alentejo, depois de ter oferecido dois filhos a Catarina, resolveu enveredar pela fabricação de caixas de madeira para vinhos. Vinhos era o negócio de Bento, cunhado de Custódio, que vivera uma infância atribulada, sem pai para o acompanhar ou pelo menos estar presente. Haviam-se reconciliado há alguns anos e agora Bento seguia os passos de seu pai e tinha uma garrafeira numa loja cedida por Juvenal, pai de Custódio. Juvenal continuava trabalhando na construção, fazia uma grande unidade para dois apartamentos. Custódio, em muitas ocasiões, não o ajudava e era Bento que vinha de Riachos dar-lhe uma mão. O que mais desejava era ir para longe, começar uma vida nova, para depois o pai nada lhe ter de apontar, assim vivia como um parasita entre a irmã Júlia e a mãe Amélia. Uma linha de esperança no entanto soprava no coração de Custódio, sabia que voltar a ir à missa ou participar em algo de religioso era um acto político, mais para mais estava farto de acreditar na esquerda, que pessoalmente nunca lhe dera nada. Quando Leonardo, cinco anos depois, terminou o curso, viu-se com dificuldade para arranjar emprego como professor. As vagas eram poucas naquele ano, passou-se mais um ano e não conseguia dar aulas. Ocupava o tempo ajudando seu avô, mas tinha-se distanciado de Custódio, que lhe dissera que se o voltasse a decepcionar no ano seguinte, lhe dava "um tiro na cabeça". Dura provação para o jovem. Foi então que apareceu Joana, que se fez namorada em pouco tempo. Joana estudara em Évora e tirara gestão informática e transferira-se para Coimbra. Estava bem na vida através de seus pais, não era como Leonardo, que nascera para as letras e tivera de enfrentar toda uma série de martírios, que já advinham da falta de conforto económico e social de Custódio. Parece que há certas coisas que quanto mais lutemos, nunca mudam. Ainda falam as pessoas de sonhos, que com muita força de vontade os sonhos se podem concretizar. Ao terceiro ano escolar, Carina pediu aos pais se podia ir para o

estrangeiro fazer um Erasmus. Depois de vir de Viena, foi ter com alguns dos seus professores com a intenção de lhe arranjarem trabalho. O mesmo fez Leonardo, pois a pressão para arranjar remuneração em casa já não dava para aguentar mais, estava já ferindo a personalidade frágil de Carina e gerando raiva em Leonardo. Os professores tinham de lhes arranjar alguma coisa, já que ninguém como eles tinha vindo de origens tão humildes e feito tão bons resultados. Que interessa que havia melhores alunos! O que importava era o ponto de partida e o ponto de chegada, isso devia bastar para impressionar os seus professores, pelo menos poderia chamá-los à responsabilidade. O caso de Leonardo era mais premente, pois o ambiente que Custódio gerava em casa era deveras incomodativo. A Leonardo foi concedido um lugar num colégio privado, onde o salário era melhor e o ambiente para ensinar filosofia melhor. Quanto a Carina, o destino foi diferente, foi trabalhar para um restaurante indicado pelo pai, pois os professores não se importaram com a sua situação, eram parasitas da sociedade, o mesmo para os professores de Custódio. Esta consideração seria um tiro nos pés se Custódio não tivesse dado opinião. Era preciso mudar de tarefa, de quando em vez, algumas vezes na vida. Era preciso que não acontecesse o que aconteceu a Custódio, que não teve coragem de chamar a atenção dos professores para a sua situação económica e acabou por refugiar-se num intimismo mortífero que quase havia acabado com ele. Quanto ao avô Juvenal, não tinha nenhuma estratégia senão ganhar a vida, amealhar dinheiro para um dia de crise e tentara transmitir isso aos filhos. Aníbal e Júlia tinham absorvido essa forma de estar da vida, mas o problema era sempre Custódio. Por isso agora estava decidido a empreender um negócio por si próprio. Alugou uma loja em Vale de Figueira e comprou a retalho cerâmicas e vidros. Sua intenção seria ter, a partir do centro de emprego, uma pequena olaria e ter dois ajudantes, instruídos no ofício da olaria e do artesanato regional. Não queria nada do outro mundo. Tinha assim um contrabalanço, não muita teoria nem muita prática, já que não seguira as pisadas do pai Juvenal na construção civil. E diga-se que estava em território difícil, que tudo seria mais fácil em Lisboa, se ele tivesse outro espírito, mais saudável e optimista, mas que nada estava perdido, os dias não lhe iriam negar mais o sol e ele sorvê-lo-ia pelos poros.

Custódio regressava a casa vindo do trabalho e pensando em certas coisas comoveu-se e as lágrimas desceram-lhe rosto. Hermengarda viu o seu ar melancólico e perguntou-lhe, o que se passa querido, ao que ele respondeu irrompendo em lágrimas. Hermengarda, uma vida sozinha que eu tive, talvez não te mereça, fiz todas as coisas da minha vida por instinto e hoje a nossa situação é o que é. Mas que melhor podia ser? Tens um filho para casar, uma filha adulta, o que mais queres? Não sei bem como te explicar, é como se o passado pesasse demasiado nas minhas costas, estou tentando livrar-me disto, mas que mais posso sentir senão melancolia. Hermengarda pegou-lhe na mão suavemente e encostou-se a ele, Não tens razão para ver o teu passado como um fardo. Aconteceram coisas boas, como a camaradagem, já me contaste. Eu não quero ter um marido celibatário, quero que te dês com as pessoas do trabalho e possa dar o teu melhor, mesmo com a idade que tens. Lágrimas desceram do rosto de

Hermengarda para as mãos juntas, que se abraçavam acolhendo as lágrimas. Tens todo o meu apoio, tens tido tudo o que de bom te possa dar. Agora, vai até ao café, lá te irás distrair com os únicos amigos que agora tens, aqui em Fronteira. Hermengarda gostava muito de estar, sempre desejou ter uma casa. Entretinha-se no arranjo do quintal, tratando dos animais, fazendo a limpeza da casa, entretinha-se assim, tinha sempre alguma coisa para fazer e na sua órbita tudo tinha sentido. Era a protectora de Custódio quando este ainda vivia solteiro com os pais, em Fronteira, isto porque não convinha estar perto do pai Juvenal sem nada fazer. Depois, comprara uma casa em Coimbra, com a ajuda de Juvenal e para lá fora morar com Garda. As coisas pareciam ir bem, inclusive com os filhos.

No entanto, como uma moeda tem duas faces, assim os dias de Custódio pareciam levar a sua vontade para um abismo. Havia de esquecer Hermengarda, para não lhe causar mais peso na consciência, afinal não podia ser um bébé nas mãos da mulher. A ideia do amor platónico tinha de desaparecer de vez, bem como o misticismo a essa ideia aliado, que estava a dar cabo do seu corpo dia após dia. Haveria de construir e destruir um bode expiatório. Se deixasse de fumar, se pedisse ajuda a Hermengarda para tal, se pedisse ajuda a Deus, talvez visse as manhãs mais brilhantes, sem ansiedade em relação ao que tinha futuramente de fazer. Mas esta ansiedade não se compreendia em Custódio. Compreendia-se sim em Leonardo, depois de um curso exigente, não se queria submeter a outras dificuldades mentais. Aquilo que Leonardo sofria no departamento, também Custódio o sofria na vida real, pois ansiara por ser professor desde há muito tempo e colocava todas as esperanças no filho. O filho, no entanto, a meio do mestrado sucumbiu com uma depressão profunda que o deixou debilitado mental e fisicamente. Não podia continuar mais, essa era a verdade e o sonho de Custódio estava desfeito. Desde Juvenal que se sabia que a família era prática, que os cargos são selectivos e têm a ver com gerações, com um apuramento de gerações. Seria preciso que Leonardo ou Carina casassem para que surgisse alguém verdadeiramente dotado para o trabalho mental. Entretanto, tinha de se reconhecer a verdade. Apesar de durante um ano Custódio ter ajudado, juntamente com o seu irmão Abílio, o seu pai, trabalhando e estudando, chegava de diletantismos. Havia que condescender. Sozinho não ia a lado nenhum. Era tempo de deitar tudo para trás das costas, o passado e as perspectivas de um futuro dedicado ao trabalho intelectual. As atenções estavam agora nas gerações que haviam de vir.

Custódio tinha herdado do pai a tendência para dramatizar e o jovem Leonardo parecia ter herdado esse gene também. Depois de ter lutado sozinho contra toda uma mentalidade, quer dizer, a parte da família, a maior parte da gente de Fronteira, era obrigado a regressar às coisas elementares. Não adiantava lutar, sabia que um dia alguém lhe iria dar valor. A tia Emiliana, irmã de Juvenal, podia dar muito para ter Leonardo como filho, mas talvez até não desse nada pois era irmã de Juvenal e todos tinham passado necessidade e agora só pensavam em dinheiro, em como fazer dinheiro. Na verdade, Emiliana tinha dois filhos que tinham seguido profissões

predispostas para tal: direito e engenharia. Talvez Leonardo não tivesse sido realmente bom no que fizera ou então tinha passado ao lado sem o compreenderem. Sozinho não podia ter feito melhor, havia que reconhecer. O desafio agora seria fazer as coisas a seu tempo, no tempo devido, não se importar com a imagem que os outros poderiam ter dele, que isso é mortífero.

Entretanto, a 16 de Março de 1994, Carina resolvera casar com João Pedro, um seu professor de música, ia já grávida de dois meses para a cerimónia e Maria José nasceria meses depois. Desde cedo que foi criada num ambiente de artistas. Por necessidade, Carina continuou a trabalhar no restaurante deixando Maria José num infantário. Aos sete anos, entrou para a escola e mostrava particular apetência para a pintura. Quanto a Leonardo, continuava nadando no lodo, indeciso, sem dinheiro, apenas mantinha o tabaco como vício, com o dinheiro que Hermengarda lhe dava todos os dias. Leonardo estava retido em casa dos pais, sem fazer aparentemente nada senão ler, há já meio ano, era para ele difícil ir de autocarro para São Bento ou de Comboio para Riachos, levantava-se tarde e se levantasse cedo, dormiria durante a tarde. Não era caso isolado. O marido da farmacêutica, homem outrora activo, sofria do mesmo problema. E sabe-se lá neste país quantos deprimidos havia e há quanto tempo. Mas Leonardo não podia ancorar-se nesses números. Mas naquele dia em que se levantara mais uma vez com uma pontada no coração, pressentindo a morte logo pela manha, o seu cunhado apareceu enquanto estava trabalhando no computador. Falaram um pouco, mas João Pedro teve de ir novamente a Pombais e entretanto tinha vindo falar com Juvenal. Terá sido uma feliz coincidência, como se viesse em socorro de Leonardo? Entretanto, quando voltou, disse que não podia ir a São Bento que o patrão lhe mandara fazer umas coisas e que à tarde teria de ir visitar um cliente porque estava com falta de dinheiro. Tudo bem. Leonardo, foi dormir um pouco. Às quatro horas levantou-se sob um pretexto importante e desceu as escadas para a sala de estar, foi à cozinha lanchar, tomou um medicamento e viu, quando se dirigia para a porta da rua, uma capa de telemóvel. Teria vindo à tarde João Carlos? E quando se dirigiu ao seu escritório, ouviu o barulho do computador trabalhando, mas apresentava a página do *windows update* na Internet. Era coincidência a mais. João Carlos tinha estado aqui! Que remorso, remorso por não ter ido no autocarro tratar de dois assuntos importantes, vontade de se matar. Ligou o rádio e começou fazendo qualquer coisa no computador, tendo chegado pouco depois a avó Amélia, que lhe disse que não, o cunhado não tinha vindo enquanto dormira. Para Leonardo, tratava-se de uma luta dentro dele, não tinha namorada faz muito tempo, por isso, a pessoa com quem mais conversava era precisamente a avó Amélia. O avô Juvenal não gostava nada que estivesse ali para e suspeitava que Dona Amélia lhe dava dinheiro para tabaco.

Passavam os dias e Leonardo estava completamente retido em casa, pouco fazendo, esquecendo que tinha feito um curso que valia muito, que podia dar aulas, participar em eventos culturais, em grupos de sensibilização. Não estava já em Lisboa, é certo, mas seria por aqui que iria começar. Ah! Que falta fazia um carrinho para se deslocar. Juvenal perdera confiança no neto e Abílio estava longe demais na distância do coração. Leonardo telefonava-lhe e ele desculpava-se frequentemente passar por casa dos pais, para também não se cruzar com Juvenal, com quem também não tinha boas relações. Mas para que não se fiquem sabendo apenas as boas notícias, também há outras a contar, guerra de interesses que passam um pouco ao lado do delator. O café ao lado da casa pertenceu desde sempre ao senhor Almerindo e sua esposa Dona Encarnação, mas com o passar dos anos foi como o tabaco em Custódio, minou e o homem entrevou-se numa cama com artroses e afins. Tomou o café Dona Constança e o caso do café estava em tribunal. Mesmo ao lado da casa dos avós, Leonardo ia lá comprar tabaco e beber café enquanto aproveitava para aprofundar os seus conhecimentos em aplicações de informática ligados à composição de texto e desenho artístico. Mas Leonardo tinha de sair de casa, mesmo que fosse de autocarro para São Bento ou comboio para Riachos ou Coimbra, mesmo que não tivesse nada a purgar, por um tempo teria de fazer o sacrifício. Dentro em breve não precisava da sombra de Juvenal a incomodá-lo, a sua presença a pô-lo baralhado, porque tentava comunicar com ele desde que ficara ali naquela casa e nada havia resultado. Talvez a solução fosse abandonar um percurso individual e ajudá-lo na construção da casa. Longe estavam outras terras, o tempo ia-se desfiando, estava com 27 anos feitos e divertia-se pouco, só faltava isso. Tinha, no entanto, um amigo fiel, Jorge, com quem saía aos Domingos, embora não tendo carro, no domingo. Dali a cinco dias seria o aniversário de Leonardo, as 28 primaveras.

Maria José havia atravessado o infantário e a escola primária com relativo sucesso, nos termos que a pedagogia lhe dá hoje, encontrava-se no secundário na componente artística. A sua intenção era seguir para belas artes, também esse era o

desejo de Carina e João Pedro. Pela primeira vez na família, um filho seguia os passos do pai. Juvenal assim o quisera, mas o destino não quis nada. Abílio, o instável, acabou por se dedicar na velhice à leitura, ao convívio com os velhotes de Riachos. Estava condenado a passar a velhice com seu pai Juvenal, que se conservara muito mais pela alimentação regrada e rica, ausência de tabaco, ausência de sedentarização. Era a reconciliação final que acontecia em Fronteira. Mas para Leonardo, a vida ainda era dura demais, tinha de evitar estar perto do seu avó por fumar e resolveu juntar mudar de canal enquanto trabalhava, perto do rádio estava uma nossa senhora que fazia uma belíssima sombra. Os signos, os sinais da religião estão inertes e não nos perturbam, mesmo que os partamos e odiemos por estarem sempre presentes e não dizerem nada, a religião católica tornou-se muito mais impessoal que as igrejas protestantes ou mesmo as seitas. Contudo, há ainda grandes manifestações de fé. Leonardo precisava de uma companheira, ele acreditava no amor da sua vida, na cara metade, como Custódio. Seria que iria ter mais sorte ou deveria ele deixar de acalentar tais esperanças?

Os tempos eram de decisão, não se tratava de ficar pensando nos prós e contras, ele tinha de resolver se continuaria por sua conta e risco uma vida académica ou se abandonaria quaisquer pretensões intelectuais para se dedicar a uma trabalho que lhe desse satisfação, que o permitisse ver o mundo sem que os outros importassem. Era dono, portanto, de uma visão do mundo decadente, porventura incompreendida. Se optasse pela vida académica corria o risco de ficar autista e com fortes sinais do hábito do estudo no corpo. Se optasse por uma visão que lhe era em grande parte transmitida pelo cunhado, uma visão realista, talvez tivesse a oportunidade de conhecer alguém, de ser chefe de família. Era assim que Leonardo colocava o desafia da sua vida futura. O diário daquele dia citava Teixeira de Pascoaes:"(...)Jerónimo vive na gruta de Belém, como Paulo, na estrada de Damasco, e Napoleão, em Santa Helena. Escreve e medita, ao lado dum leão e em frente duma caveira; a mesma caveira que presidia ao banquete dos pagãos. No banquete, mostrava o efémero da existência que se deve gozar o melhor possível. Na gruta do monge, tem idêntico sentido; mas não manda gozar a existência; manda eternizá-la no amor divino. A caveira fala da morte ou da eternidade, conforme estiver diante de um pagão ou dum cristão. Por isso a encontramos no meio duma mesa, entre iguarias e vinhos, flores, e aos pés do catre dum asceta que, sobre ele, fecha os olhos, todas as noites, para continuar a vê-la, em sonhos, mas revestida de carne imaterial." Uma passagem da obra São Jerónimo e a Trovoada, Teixeira de Pascoaes.

A estrada que passava em frente à casa de Juvenal fora entretanto alcatroada. O presidente de junta, irmão de Juvenal, mantinha com este um ódio de décadas não se sabe bem porquê, mas em Riachos, Leonardo encontrava-se deveras sozinho, retido em casa.

Entretanto Júlia dera uma carta a Carina pelo Carnaval. Era do Conservatório! Carina havia sido admitida e as aulas começavam dentro de dois meses, estava

entusiasmadíssima, finalmente podia retomar o seu sonho. Quanto a Leonardo, era homem, não sei se as depressões são mais ou menos frequentes nos homens do que nas mulheres, o que acontecia era que cada dia era uma dádiva de Deus, seja o Deus dos católicos, seja do Deus que dele esteve muito tempo afastado e que agora regressava como um planeta distante fora de órbita.

Diariamente o problema que tinha tomado conta de Leonardo, obrigava-o a estar em casa com a companhia da sua avó Amélia. Não era agradável porque se imaginava noutro lugar; contudo esta perto dos pais fazia bem. Sabe Deus a energias que continha, que ia eliminando pelo tabaco. Estava agora com 33 anos e sem emprego, mas o pior é que queria trabalhar e dia após dia estava em Fronteira e nada acontecia. Talvez fosse bom que nada acontecesse. A mãe visitava-o frequentemente e sentia-se cada vez mais incapacitado. Muitas vezes lutada, todos os dias lutava consigo próprios, mas se tivesse vencido seria sem glória e continuidade, a noite punha-o abaixo novamente. Não havia ilusões, nada o iria surpreender ou admirar, tinha a consciência de estar passando um mau bocado. Não podia guardar as coisas que não era capaz de fazer para o médico, havia dias em que tomava um comprimido a mais para não haver tanta confusão na sua cabeça; não valia a pena, ficava inactivo. Mas sem esse medicamento os pensamentos doíam-lhe na cabeça. Não estava só fisicamente, mas na sua cabeça estava tudo muito confuso, a ideia que tinha sobre si próprio ao levantar, tudo começava ao levantar, não saía depois de casa porque mentalmente não conseguia sair, não havia motivação. Onde estava o seu coração nestes dias e a vontade de fazer exercício físico para se tornar mais rectilíneo, mas dinâmico? Imaginar-se numa praia no Inverno era uma das imagens que mais o reconfortavam, por isso colocou na sua agenda ir até à praia em breve. Já não lhe importavam as coisas melhores ou piores que os outros andavam fazendo e se estavam deixando de acompanhá-la. Um dia resolveu mesmo ir à praia com a mãe. Era um pedido que tinha dias. Foram ao fim da tarde, que o marido estava trabalhando e ela tinha de regressar para jantar. Contemplou o pôr-do-sol, quase vermelho, ouvir as ondas baterem e não quis voltar.

-"Vem buscar-me amanhã de manhã", disse.

-"Mas como, vai fazer frio da noite...", retorquiu preocupada.

-"Mas eu fico esta noite, só esta noite". E ficou. Ficou toda a noite ouvindo as ondas baterem no areal. Precisava daquilo, de ouvir, de estar ali. O tempo então passou, o tempo de contemplação. A adormeceu. De manhã a mãe lá estava. Ele estava mais calmo, reconciliado com qualquer coisa. Regressaram para Fronteira. E Leonardo resolveu dar uma nova tentativa a si mesmo, agendou de novo tarefas para a próxima semana. Porque é que tinha de se fazer duro, em comparação com Juvenal, com o último Abílio, porquê? Não tinha de ser conhecido, apenas tinha uma missão pessoal a cumprir e dentro disso havia de cada dia reconhecer-se a si próprio nos outros. Não podia fugir das pessoas, afinal eram pessoas como ele, todos tinham os seus problemas, por isso havia de relativizar. E o que se passou depois foi algo de diferente

na vida de Leonardo. Reconheceu as suas limitações, percorria o espaço das casa com medicamentos pesados, ia até ao café vizinho comprar tabaco. Curioso: o seu único acto social era para comprar a morte, uma morte lenta. Será que iria cumprir a sua agenda? Tinha idas a Riachos, a São Bento, a Lisboa. Como recuperar alegria, esse seria o lema dos próximos dias, não a alegria efémera de uma canção da rádio, a alegria perene de estar bem consigo próprio? Não era já um jovem, Leonardo. Tentara que essas alegrias pontuais se acumulassem e ele as traduzisse em palavras escritas, pensamentos, teorias perenes, Mas tudo tem o seu tempo e há que procurar revigorar-se.

Carina e Maria José foram viver para outro lugar, onde pudessem ter algum sossego para juntamente com João Pedro, se dedicarem à música. Nesses tempos, João Pedro dava aulas na escola secundária de Mil Homens e Carina deslocava-se todos os dias a Lisboa para o Porto para os ensaios da orquestra. Eram os últimos dias de Custódio, que contava já 78. Uma noite, estando em casa, surgiu-lhe uma sombra falante, a mesma sombra que o interpelara há amos. "Diacho, não sabes o tempo que esperei por ti? Envelheci com essa esperança!","Não te inquietes Custódio, vim propositadamente para falar contido até tu morreres, para deixares este mundo com certezas." "Mas não achas que é tempo demais esperando. As coisas do sobrenatural não resultam, porque isso é que prefiro não meter com elas de novo. Não sei se tenho já fé ou não". "Não precisas de ter fé imediatamente. Fica sabendo que estive falando todos os dias com a tua sombra. Ela não falou contigo porque isso não é possível, não sei se já te contei. Falei com elas todos os dias depois de te ter conhecido e me teres pedido especial atenção para ti, para as tuas preocupações". "E Então, o que foi dizendo a minha sombra?" Tinhas um futuro promissor e desviaste-te do teu caminho, ninguém pode substituir a tua consciência, sabes disso, agora estás limitado com metade dos teus sonhos possíveis por realizar". "Então que devo fazer?" "É simples, tens um filho em apuros, podes concretizar muitos sonhos através dele". "Amanhã volto, tá bem? Deixo-te um novo testamento. Pode ajudar." Antes de se deitar, Custódio leu uma passagem da epístola aos romanos: "Pois quê? Somos nós mais excelentes? De maneira nenhum, pois já dantes demonstrámos que, tanto juDeus como gregos, todos estão debaixo de pecado. Como está escrito: não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há um só". Apagou a luz e deitou-se. As noites não eram já descansadas, só estaria descansado quando viesse de novo a sombra amiga e lhe respondesse às inúmeras dúvidas que tivera neste últimos anos. Hermengarda lia a seu lado um livro profano e nem se apercebeu que o marido adormecera. Nessa mesma noite Leonardo contorcia-se na cama com perguntas e questões, em breve iria ter mais pesadelos naquela noite. Amanhã seria outro dia e como iria ele acordar? Na mesma com vontade de fumar um cigarro, com pensamentos de auto comiseração e angústia de como sair de casa quando

o que o esperava sabia ele que era algo que não se podia obter de um momento para o outro, que terá de ser ele a construir dai após dia. Essa dúvida arrastava a sua mente para locais escuros, como se tivesse medo, como se quisesse fugir de toda a gente quando ainda sequer nada tinha feito. Negar-se-ia ele a viver ou faria tudo por tudo para ser notado. Estas duas faces da moeda tinham-no posto naquela situação e não sabia como fugir dela. Não sabia, contudo, que seu pai Custódia estava para o visitar naquele dia que haveria de surgir dali a umas horas. Custódio ia no dia seguinte com discurso preparado "Vais abandonar os estudos, encontrar uma profissão prática, nunca foste bom em palavras, porque não te dedicas à música. O meu computador deu-me essa sugestão e eu quero que a aplique para ti. Pode ser supérfluo, mas pode ser que consigas alguma coisa, nem que seja compor uma canções, saber tocas, tens 33 anos não é tarde, sabes, disseram-me isso e eu acredito mesmo que não é tarde". "Pai, estou na realidade confuso. Já viste que nada de parecido foi feito na nossa família. Eu não tenho o gene". "Mas que gene, não precisas de gene nenhuma. Mas se queres que te diga a verdade, tens mesmo o gene artístico, aquele que nos leva a pensar o amor, nos eleva os espíritos, que canta o amor e a desilusão, a condição humana".

O dia estava enevoado, há muito tempo que Leonardo não andava de carro e Custódio deu-lhe as chaves do seu para irem dar uma volta. Fronteira estava sempre na mesma mas alguma coisa tinha mudado naquelas mentes. "Vem ficar a casa, filho, há quanto tempo não dormes lá". E lá foram em direcção à casa de Custódio e Hermengarda, tinham lá uma visita à espera, um amigo de escola de Leonardo. Simão Pedro. Conversara e Simão Pedro disse que tinha Sida. Leonardo começou a chorar e ajoelhou-se diante do amigo. "Não chores por mim, não chores" "Mas eu não esperava esta notícia". "O mundo é assim, duro" afirmou Custódio. Conversaram sobre os tempo de escola, Leonardo prometeu a si próprio fazer qualquer de diferente, levar Simão Pedro a passear. O seu amigo não podia fumar, eis um dos pretextos, à frente de muitos outros que tivera no passado. Seria um pretexto de peso.

Simão Pedro ficou a dormir no quarto de Leonardo. Entretanto, a sombra reapareceu a Custódio. "O teu filho está com grandes problemas. Entrou agora na realidade. Viu que não é único, até certo ponto, no mundo, que há outros com muito maiores problemas", disse-lhe depois de se cumprimentares. Leonardo havia levado o seu amigo de cadeiras de rodas ao café. Que se passaria nos outros cafés. Teve conversas circunstanciais. Já não conhecia os transeuntes e pareciam-lhe um velório aquele cafés. Ele pensava "tenho de sair de Fronteira", sob o peso de ficar retido nas mesmas armadilhas de Custódio, mas tinha ali mais um amigo. Era razão para ter alguém amigo constantemente. Alguém que só precisava de um amigo a toda a hora e isso ele sabia ser, porque esperara pelo mesmo. De modo que haviam também razões para ficar em Fronteira. Mas em casa não, como faria. Enfim, amanhã seria outro dia.

Seria bruxaria o que tinham infligido a Leonardo? Porque é que lhe custava tanto levantar? Como seria quando tivesse um emprego? Não podia correr logo para casa, mas estava interiormente num estado muito particular e doloroso, que ninguém se

atrevesse a julgar que ele estivesse louco, pois estava consciente da sua incapacidade face aos desafios da vida. Tinha de começar por baixo, fazendo qualquer coisa simples. Mas o quê? Encontrava-se numa situação em que não queria voltar para Lisboa, mas acordava pessimista demais, ao ponto de ter nas costas fisicamente o peso desse pessimismo. E parece que as ajudas de fora não resultavam. Escondia de sua avó o seu verdadeiro estado para não a fazer mais triste. Como reagiria face aos acontecimentos dos últimos dias?

A aproximação à religião era fingida, ele sabia, talvez os padres onde estivessem estado teriam dito "ele voltará", mas não, não voltaria, nem cometeria os excessos que cometeu há anos. Tinha de tratar da sua pessoa, ele próprio, espiritualmente, fisicamente. Tinha ido longe demais e agora estava pagando caro. Teria ido ainda a tempo ao sair de Lisboa? Seria mais difícil ainda fazer vida em Fronteira?

Tudo seria mais fácil se Leonardo colaborasse e tivesse um pouco de auto-estima. Os pais mudaram-se para Rio de Mouro e passou a viver mais amparado. Seus primos estavam conspirando para ver quem se saía melhor, ele, no entanto, queria apenas ter um trabalho. Tinha ainda sonhos e projectos, mas o dia a dia negava a concretização desses projectos. A sua relação com Carina era agora de uma dependência extrema. Carina era já casada e Leonardo estava totalmente dependente dela para mexer um passo. Alcatroavam naquele dia definitivamente a estrada que passava m frente da porta de Juvenal e Amélia. Leonardo iria recompor-se, era preciso estar atento às oportunidades, todas as correntes que tinham posto em volta iria ser rebentadas pois ele precisava mesmo de trabalhar, ganhar o seu sustento para se sentir útil. Bastava de lamúrias, bastava, nos próximos dias iria preparar-se para estar perto dos seus limites, já chegava de pessimismo em relação às coisas que tinha de fazer. A um pouco e pouco, iria precisando de estar perto de Deus para se sentir bem e isso o ajudaria a ficar mais calmo. Não sabia muito bem como fazer, mas iria arranjar um quarto em São Bento ou Coimbra e partir daí trabalhar. O carro viesse quando viesse, mesmo que lhe fizesse falta, só pensamentos negativos e de destruição, pois seria certo que iria arranjar um emprego e fazer um curso, depois fazer formação. Tinha de se auto-disciplinar, onde alugasse quarto ou ficando ainda em casa da avó Amélia. Mas como precisava de um carro para se sentir livre! Estava decidido, iria sair de casa dos avós. Seria um passo importante, deixara o curso, mas ia a Lisboa de quando em vez Não podia ser um parasita da sociedade, tinha de trabalhar, mesmo que lhe custasse muito. Não, não se iria cobardemente negar, resistiria até ao fim, mesmo que a doença se agudizasse, ele esperaria, andando de um lado para o outro no jardim, fumando cigarros, esperando dia após dia que tudo melhorasse ou que ele melhorasse um pouco. Escrever sobre Leonardo é fácil, mas será que a personagem Leonardo existe mesmo na vida real? Parecia que uma maldição se abatera contra o espírito empreendedor de Leonardo. A pouco e pouco ia-se aproximando da Igreja. Tinha de ser, as suas maleitas mentais apenas pela fé podiam ser elididas. Não era este o caminho que pretendera para si, tinha sido demasiado independente. Sabia que a vida não era linear, que tinha

ciclos e ele encontrava-se numa depressão de um desses ciclos. Mas porém, um dia foi até à Igreja rezar um pouco, há muito tempo que não sentia o conforto da fé. Falou com um pastor evangélico e disse-lhe que gostaria de ser sacerdote e essa sua vontade resultava de um sede espiritual genuína. Não era de todo voltar ao passado, mas reconhecer que a sua componente espiritual tinha ficado descuidada e que precisava de paz no seu espírito. Padre Malaquias recebeu uma carta de apresentação e foi combinado um encontro. Tinha de fazer um curso teológico. Que tragédia, ele que já tinha feito filosofia, não lhe serviria de algo? Decerto que sim, podia ser ordenado padre depois de um tempo de preparação. Ele pulou de alegria, que bom ler as leituras todos os dias, fazer cerimónias e ainda por cima poder casar! É que todo este tempo Leonardo se tinha armado em marxista e afinal tinha estado enganado. Seria melhor dignificar a filosofia, por que não se via para já como professor. Para já. Não esperava os padres de mãos abertas. Era acima de tudo estudante de filosofia. Devia sentir-se contente com isso, ir para Coimbra estudar filosofia e procurar trabalho, sempre o trabalho, mas como era tímido os seus objectivos tinham de ficar por ali. Não que a filosofia fosse algo de incompleto. E lá foi sagrado padre num sábado solarengo, numa igreja protestante. Na primeira cerimónia estava à vontade, pois sempre quisera falar com alguém num púlpito, a partir de um certo lugar, para um conjunto de pessoas e a pouco e pouco pôde começar a cultivar um pequeno terreno perto da sua casa com flores e árvores de fruto. A pouco e pouco foi sendo um orador mais refinado e voltara a escrever, desta vez as suas intervenções e menos o seu diário sentimental. Mas, a pouco e pouco, sentia necessidade que os intervenientes falassem, dialogassem. Queria mesmo era ser académico e ter uma turma de alunos para desenvolver trabalho com eles ao longo doa ano, ou participar em colóquios. Mas para já não era possível, pois o seu espírito há bem pouco tempo começara a estar em paz. Três anos depois de ter começado a ter serenidade espiritual, conheceu Cremilde, uma jovem um pouco rebelde mas de bom coração. A pouco e pouco, Leonardo livrara-se de vários vícios, como o de ver demasiada televisão e fazer mais perguntas aos outros, preocupado com os outros. O tabaco também abrandara, pois não queria ser um marido impotente, queria ter filhos. Não ansiava ser professor universitário, contudo, já que há coisas boas e mais em estar no mundo académico. Leonardo, sinceramente, não via mais a sua vida orientada para os estudos, mas havia momentos em que sentia que estava ficando velho e que tinha mesmo de encontrar uma profissão. A crise dos trinta estava pronta a servir mas ele, nem que passasse fome, não se serviria daquele prato, por mais dores tivesse ao levantar-se e pessimismo. A pouco e pouco foi vendo que o seu percurso de vida não lhe interessava, havia que deitar tudo para detrás das costas e afinal o peso não era tão grande. Cremilde deu-lhe três filhos, Sandro, Tomás e Jessica, todos de boa saúde nos primeiros anos de vida. O pior foi quando chegou a altura da escola. Sandro era tímido e não estava apto a entrar na escola, pelo que teve retido dois anos na creche. Com Tomás não houve tantos problemas porque o tempo ia passando e ele perdia o receio de encontrar meninos porventura mais socializados. Em São Bento, Leonardo construíra uma casa,

longe de seu pai Custódio que em breve estaria para morrer. A adaptação de Sandro à escola foi problemática mas com a ajuda dos professores e de um psicólogo lá se foi orientando e criando amizades.

O amor de Hermengarda com Custódio parecia não se ter abalado, mesmo à custa de sacrifício juntos, anulando o trabalho e o acumulo de capital. Quanto a Jonas e Amélia, mais novos, ambos trabalhavam e não previam uma velhice numa casa de repouso. Quem estava numa dessas casa era o tio Telmo, abandonado pela morte da mulher e com um enfisema pulmonar devido ao excesso de tabaco. Era censurável a conduta do tio Telmo, pois tinha gasto com a mulher Adelaide o dinheiro todo em viagens. Até aí tudo bem, mas quando tinha um terreno e não queria trabalhá-lo ou construir uma casa para o filho que podia vir do Canadá, entrava-se num egoísmo extremo. Toda esta lógica era contrária à do avô Juvenal, que já se tinha ido com a mulher. Mas permanecera na sua memória essa lógica que Leonardo e Custódio não haviam apreendido de não fumar, não gastar dinheiro desnecessário e acumular para velho. Assim Custódio pôde também ter uma velhice digna junto de Amélia e encontravam-se de muito boa saúde. Durante a juventude de Leonardo, inscrevera-se em várias associações, agora estava hesitante se haviam de pagar cota de sócio nas respectivas instituições. Estava um pouco confuso quando ao caminho a avançar, se se tratava de resistir ou de desistir. Quando a sua situação melhorasse, quando conseguisse um emprego estável, coisa quem nem ele nem seu pai Custódio haviam conseguido, haveria de estar em contacto com tais associações. Tudo isto viria mais cedo ou mais tarde, não o reconhecimento público, mas um sentimento de prosperidade, paz e tranquilidade. Sandro e Tomás estavam já na adolescência, fazia desporto e andavam já na escola secundária. Jessica andava na pré-primária. Eram os três filhos que Leonardo queria sustentar e que, ao invés dele e de Maria João, podia chegar mais longe. Leonardo foi convidado para dar aulas num colégio militar, de filosofia, é claro, enquanto seu pai morria a 16 de Janeiro de 2003. Carina censurava contudo, a teimosia do irmão em prosseguir numa profissão que nada tinha a ver com as profissões da família. Leonardo reiterava que era assim que se sentia bem e depois do curso, via-se confinado a um espaço que não era conquistado por si, mas por seu avô Juvenal, que não dava nenhum crédito nem valor aos estudos que o neto empreendera. A questão é se Leonardo olharia demasiado para trás e não tentaria empreender a sua viagem, ainda que só. A loucura bem que podia estar do outro lado, bem perto, batendo à porta, mas Leonardo precisava de assegurar o seu futuro. Bem vistas as coisas, porquê insistir? Mas ele tinha consciência de que queria vingar no mundo das letras e não era cedo para continuar, bem podia ser um dia que tivesse êxito e fossem lidos os seus escritos com paixão e interesse.

Mas continuar o quê? Muita coisa, coisas do passado que havia deixado por terminar e que queria terminar agora, este esforço era imenso, como se não tivesse tempo para ser feliz. Há coisas que Margarida, sua namorada não percebe, talvez por ter tido certos problemas ao longo da vida e Euclides tem uma ambição desmedida, mas ama-a talvez por medo de a perder. Será que não podia ser escritor e ser feliz, sentir-se de bem com a natureza? As coisas dependiam dele, tudo dele, estava habituado e pensar, mas não sabia a certo o que pensava o seu pai. Agora tinha estudos de mestrado para fazer e tinha de se dedicar ao estudo, por mais que quisesse abandonar tudo não podia desistir assim sem mais nem menos. Tinha agora as possibilidades de fazer tudo o que desejara na vida, que era ler, escrever, dar aulas de antropologia e não podia desistir. Depois de ter falado com o presidente da câmara local, Euclides sentia que deveria reunir forças para se sentir mas útil socialmente e fazer realmente o trabalho que interessasse a todos, porque era com todos que estava preocupado e não era uma mera preocupação católica nem ele estava no mundo por ver afinal concluíam para si próprio, por ver estar os americanos. Fora a conclusão a que chegara ao fim de tantos e tantos anos de exposição a filmes bons ou maus, explícitos ou implícitos, mas o que conhecia cegava os olhos. Via letras atrás de letras e pensava nos poderes da imaginação e que aquilo que transmitia era algo de positivo e que afinal tinha sido útil ter vindo ao mundo. Depois, tinha desejo de ter um filho mas não tinha um emprego seguro nem gostava muito de trabalhar, diga-se em abono da verdade. Sua irmã, Manuela, tinha um problema congénito e hesitava com o correr dos tempos em ter filhos, para desgosto do seu cunhado. Enfim, Euclides continuava a trabalhar enquanto a cabeça desse, mas não obsessivamente por muito tempo, pois tinha de ter cuidado com a sua saúde, na componente física e psíquica. A coragem estava em nuca desistir, mesmo que a essa hora se preparava o funeral do seu tio Normando, ele tinha de esperar para que um dia lhe sorrisse a sorte, estava sorrindo todos os dias e parece que ele a negava fumando e o imenso complexo de culpa pelos pensamentos, coisas que não conseguia exprimir facilmente, rodeavam-no como grilhões a um cristão preste a ser dado às feras. Entretanto, Manuela continuava a iludir a realidade e fazia Euclides feliz. Dentro de um tempo haveria de nascer um filho resultado da sua união, mas falemos antes de outras coisas. Parecia Euclides que antecipava a perda da sua mãe, pois pensava na sua ausência frequentemente e do seu pai já não tanto, pois a sua indiferença aparente haviam-no deixado de rastos. Que poderia fazer se ele não lhe perdoava, coisas insignificantes, no entanto ele era ainda o chefe de família e seria preciso que Euclides se autonomizasse em definitivo para acabar com toda aquela fantochada. O funeral tinha passado, mais uma perda se tinha sucedido e era importante que Euclides compreendesse que a vida é uma sucessão de acontecimentos, bons maus, que os acontecimentos maus não têm necessariamente de ser dramatizados

e que vale a pena estar vivo por muito tempo para sentir as vibrações das notícias dos outros do que se passa com os outros. Contudo, Euclides pesava ainda em fazer vida noutro lugar, levar a mulher e dar-lhe um filho noutro lugar. Tinha o pressentimento de que batalhando na sua terra algo de trágico lhe poderia acontecer. Numa noite de verão, Euclides estava sentado à soleira da porta, quando ouviu a campainha de cada tocar. Era um jovem historiador que queria falar com ele sobre a aldeia, andava a fazer um trabalho sobre certos lugares ali próximos e precisava do seu apoio. Como esperava esse ser há tanto tempo! Falaram o dois demoradamente sobre as relações entre os vizinhos e amigos e se seria melhor viver no campo do que na cidade. Fizeram juntos um livro e publicaram-no através da câmara municipal depois de terem falado com o presidente. Um enorme trabalho estava feito. Euclides podia descansar uns dias, até que chegasse de novo a altura de dar aulas. Deveria de estar preparado para esse ritmo novo.

Nas ruas da pequena cidade em que habitava, estava sendo preparada a festa anual, a Igreja havia sido limpa com jactos de água e pintada, o programa estava já a ser distribuído e não quero com isto dizer que a festa não se devia realizar, mas que aquele espaço tinha algo de antigo que lhe gerava um grande cansaço. Euclides tinha de procurar um novo espaço onde se pudesse realizar, fazer uma viagem, que aquilo era demais para ele. Aguento até um dia o tempo que pôde e depois deu o salto para outro lugar, fora do país, por uns tempos, para fazer trabalho de campo e escrever um livro. Iria ser tudo por sua conta e risco não contava com nenhuma apoio da JNICT e estava ressentido com alguns professores que não lhe souberam dar a mão. Olhando para o passado, tudo podia ser diferente se tivesse dado ouvidos ao professor de antropologia política, mas não aconteceu assim. Sofreu mais, mas não podia modificar o passado. Agora amava Margarida mas do que nunca e queria que ela fosse mãe dos seus filhos. Tinha esperança de ter uma razão forte para viver e não iria desperdiçá-la. Entretanto, numa vila não muito longe dali, nasceu um filho da sua união e Euclides e Margarida tiveram de casar. Euclides continuava a desejar dar o salto para outro lugar, mas por compaixão católica e amor à família, ia-se deixando ficar mais uns tempos, talvez um ou dois anos. Entretanto em África, a fome grassava. Só Luanda parecia ser porto de abrigo. Rebeca estudava na África do sul engenharia, tal qual sua mãe, a mesma espécie de engenharia. Pedro Lóio, amigo de longa data de Euclides, escrevia-lhe frequentemente falando da situação politica do país. Euclides alimentara um forte desejo de ir para junto de Lóio, mas estava ficando sem energias para uma grande tarefa educativa. Em jovem, sonhara com Pedro Vasconcelos ajudar a educar uma grande nação para os caminhos do desenvolvimento. Mas o tempo passara e Euclides ficara naquela cidade do litoral português, alimentado sonhos, escrevendo, alimentando sonho de um dia poder falar a outros da sua terra natal. A questão é que nenhuma causa humanitária aparentemente o motivava, mas uma causa humanista de conhecer outras gentes, outros locais, fazer uma antropologia de um povo peculiar para si, que iria buscar ao seu passado ou abraçaria no futuro. O que escrevia tinha decerto um carácter repetitivo. A sua imaginação não acompanhava os seus dias de

vida. Precisava de viagens reais para sobre elas escrever. E não iria desistir tão facilmente. Se não fosse para África, seria um homem comum, numa terra comum, alimentando de leituras e viagens esporádicas os seus dias. Um dia haveria de se libertar, de realizar uma espécie de catarse da sua terra. Margarida não podia sair os fins-de-semana, em parte devido à mãe, em parte devido à sua educação religiosa. Mas o que tem a religião a ver com saídas geográficas de um espaço diminuto onde se vive. O problema é que Euclides não podia conduzir e assim estava dependente da mulher para ir a todo o lado menos ao café. Mas não iria continuar assim. Logo que tivesse um emprego fixo, depois de ter falado com o presidente da câmara, Euclides arranjaria um carro. Essa seria a sua última libertação. Depois de estudar profundamente a sua sociedade iria estudar finalmente uma outra sociedade, porque estava farto de estar ali e parecia que não era livre. Parecia estar a patinar naquele lodo e tudo se resumia a uma situação económica e familiar. Tinha de dar um safanão naquilo tudo. Um dia, regressou a Lisboa e vendeu o apartamento a um casal recém-casado. Com metade do dinheiro comprou um carro e alugou uma casa numa cidade de província. Para Euclides tudo poderia ser simples se decidisse a casar e ficar pela terra. Mas uma doença o perseguia por toda a parte e era a sua consciência. Mas agora amava alguém e isso iria ser uma ajuda significativa em todo o processo. Surgiu de novo a tentação de ir estudar para Lisboa, para fugir a um quotidiano de pequena cidade onde nada acontecia de interessante. Contudo, Euclides tinha de decidir a sua vida. Por isso iria ficar perto da sua amada, fazendo o máximo para ser útil socialmente no ambiente onde trabalhasse. Porque sim, o que ele precisava era de trabalho, não de estudar. Que se lixasse Lisboa, onde ninguém o ajudava na sua doença que afinal não era doença nenhuma. A perda de muita coisa era afinal ganho de outras coisas. Deixar para trás a velha pele de cobra e transformar-se num ser completamente novo era o que estava acontecendo. Não seria preciso estudar muito, mas tão-somente realiza-se numa profissão que era a de professor, sem grandes ondas levar um dia após outro, chegando ao fim do dia com a sensação do dever cumprido. Seria assim se Euclides não fosse tão conflituoso. Mas a sua razão de viver era fazer tempestades num copo de água. A pouco e pouco, contudo, sofria uma transformação, uma doença de crescimento. Tinha sonhos vívidos desde há dois dias e tal devia-se à hipótese de vir a retomar os seus estudos. A ideia entusiasmava-o mas tinha algumas restrições mentais que advinham decerto de ter estado tanto tempo parado. Agora começava a mexer-se realmente, a fazer coisas realmente. Os dias passam devagar, se não vir o meu amor fico triste e não quero instrumentalizar para conseguir outros fins. Não é obrigatório que prossiga estudos, mas que trabalhe e faça os estudos se houver condições. O meu amor é mais importante do que o que tenho para fazer em termos de vida académica, mas não é inconciliável. Juntos poderemos ir longe. Lembrar-me-ei sempre do tempo em que me faltou o amor. Agora que o alcancei não o vou perder. Tenho a impressão de sou capaz de vencer esta guerra, fazer os meus estudos e amar o meu amor. A questão que se pode colocar é se a literatura é legítima ou não porque estou ainda com estes pensamentos? Não sou livre de pensar o que quero? Não quero

acreditar que tenha algo de patológico e não preciso de lutar para o demonstrar a ninguém, nem mesmo a mim próprio, o meu caminho virá naturalmente como resultado do meu investimento, dia após dia. Quando pensei no prosseguimento dos estudos, pensei logo em sair deste ambiente de nada, onde tenho de forçosamente fazer acontecer para que sinta realização. É Domingo, o amigo mais próximo de Euclides está algures no estrangeiro, só telefona quando precisa e Margarida está ausente, talvez não seja a mulher certa para Euclides, as mais vale estar só saboreando a vida que mal acompanhado, em breve Euclides terá um novo emprego e poderá fazer outros amigos, conhecer outras mulheres entre as quais uma que lhe dê um filho, porque é de estranhar a entrega de Margarida, cuja mãe a prende em casa como uma criada de quarto e eu gostaria de ser mosca para saber o que se passa realmente naquela casa. Há um tempo contínuo no qual temos de inventar os nossos sonhos. Em gostaria de estar mais tempo de convívio com o leitor, dizer-lhe que a minha vida é preenchida de muitas coisas, mas é feita sim de coisas simples e são essas as mais importantes. Continuarei a lutar, mesmo no silencia, por quer tudo corra melhor. Margarida resolveu porém aparecer naquele dia e foram, Euclides e Margarida, passear ao longo da praia à noite. Estava muito calor, o país ardia em fogos incontroláveis de norte a sul, sobretudo na Arrábida e parecia dantesco o cenário. Sentados numa esplanada, falaram das suas vidas e de seus planos para o futuro. Euclides acordara com um formigueiro de cansaço na cabeça, fraco, sem energia para alimentar os seus sonhos. Mas, a meio da tarde recompôs-se e tomou banho e preparou-se para sair com Margarida. Os grilos escondiam-se nas suas tocas, as formigas hesitavam em aparecer. Só as moscas apareciam com aberração da natureza, que impunha pôr Raid para as moscas na sala grande, onde a pouco e pouco iam Euclides e sua mãe ver televisão. Nada de importante se podia fazer senão esperar pacientemente que o calor amainasse e os sonhos se pudessem concretizar. Imóvel por vezes, excitado por outras, Euclides continuava a alimentar a esperança de prosseguir os seus estudos e trabalhar.

Passaram quatro dias sem ter visto Margarida e ela revelou-se muito mais importante depois daquele tempo. Euclides tinha perdido qualquer coisa que não saia o que era, mas estava recuperando o amor-próprio e habituava-se a pensar em dois, em vez de pensar por um como no passado. Mais do que tempo de desistir, era tempo para perseverar, renovar energias, acreditar. O mais importante da vira não ficara perdido num lugar recôndito da memória onde ninguém pudesse alcançar, mas estava ali, fora do sujeito, disposto a ser realizado e vivido. A perda era afinal um ganho de outras coisas, algo de muito importante estava acontecendo na sua vida. Pensava em casar, assentar, ter filhos, já chegava de instabilidade. Encontrara Margarida e ela era a mulher certa para o fazer feliz. Faltava apenas formalizar a sua relação, encontrar um lugar onde os dois pudessem viver e Euclides poder desenvolver o seu trabalho. Ficava a grande interrogação. Será que Euclides não era como os outros? Porque é que via numa relação o aprisionamento do ser? Concerteza que Margarida, ser único e irrepetível, a ajudaria a ver de outra forma as coisas, o seu futuro, a sua liberdade,

que não se podia confundir com libertinagem. Como iria Euclides lidar com este aspecto. Será que valia assim tanto a pena colocar as coisas nesses termos?

Seria legítimo ir estudar os africanos depois de lhes ter infringido a guerra colonial? Decerto que havia ainda muita gente interessada em saber o que se passava nas ex-colónias, a guerra no entanto grassava e a situação no Sudão era exemplo disso. Africa era um continente martirizado. Contudo, para Euclides desaparecida aquele sentimento de aprisionamento na sua terra. Sabia que em breve, no prazo de um ano ou dois, poderia fazer uma viagem para perto dos africanos, como sempre quis. Era ali o cerne da questão. Que imagem tinham os africanos dos Palop dos portugueses. Não se sentia muito com capacidade para aprender uma língua nativa, por isso o português servia muito bem. Mas se fosse caso disso, aprenderia, embora a sua memória não fosse já o que havia sido em tempos, naturalmente. Agora, a estudarem Coimbra, iria reencontrar marta, uma amiga de seu avô Dionísio, que estava enterrada há muito tempo na memória e que casara com um poeta, Aristides, de cuja união tinha nascido um filho até ao que soubera entretanto. Iria Euclides procurá-la ou encontrar-se-iam por acaso num corredor. Lembrava-se ela ainda da altura em que caíra nos braços de seu avô que registara tudo em Curvas Apertadas. Teria ela algum interesse em lhe falar? E que importava ela senão Margarida para o seu percurso futuro? As porque é que considerava a eminência da perda de Margarida como algo que o atormentava? Estava bem com ela e seria preciso a amadurecer a relação para que ela fosse durável. O caminho a percorrer era a dois, disso não duvidava Euclides. Mas a mãe de Margarida oferecia resistências de pessoa sem respeito pela felicidade da filha. O que queria a filha afinal? O que queria Margarida? Em casa era uma criada, estava a serviço da casa, do irmão, do pai, da mãe. Euclides tinha de atirar daquele inferno. Se ela quisesse também. Porque se ela quisesse estar com a mãe mais tempo que com o namorado, Seia melhor desistir de ser seu marido. Margarida não tina um corpo perfeito mas a sua alma compensava, era isso que interessava a Dionísio, não o facto de não ter ancas firmes e seios grandes. Tudo isso era relativo. Mas Euclides amava Margarida como nunca amara nenhuma mulher. De uma forma pacífica, duradoura. E

tinha a impressão de que a amaria sempre, a sua alma e o seu corpo. O certo é que Euclides tinha agora o desafio que seu avô Dionísio não tivera e que seu pai Ventura levara de bom ânimo, escolhendo viajar e não amar. Euclides queria amar e fazer o que mas gostava, fosse onde fosse. Os lugares onde havia estado, a reverência que não lhe prestavam por ser humano, o estado decadente do país, tudo se resumia a um momento de alegria e cantava *I'm walking from troubles in my life*. O dia era feito de muitos momentos, de espera, de desilusão e finalmente de confiança. Dentro de breve o seu amor chegaria, não importava que a mãe de Margarida achasse que Euclides devia ter um carrão. Se Margarida o amasse, continuariam juntos. Saíram naquela noite e Margarida mostrou toda a influência que sua mãe Severatina tinha nela. Euclides não tinha receio disso. Tinha mas receio de começar a estudar e trabalhar e ver-se novamente preso fisicamente, porque a atrofia já chegava ao aprisionamento mental. Mas Euclides não se podia deixar vergar pelo seu mais inimigo naquele momento, o tempo, tinha de saber viver dia após dia numa espera feliz do que iria concretizar, fosse onde fosse. Sol brilhava lá fora estava calor, e como Euclides desejava pegar num carro e conhecer outras terras fora de Portugal Sabia que um dia aqui regressaria, mas precisava dessa descoberta, mesmo que ela contivesse erros e asneiras. Precisava de uma lição de vida a todo o custo. Estava ali Em Riachos, num Domingo do mundo, sabendo pouco do que outros seres parecidos com ele, noutros lugares do mundo, estariam a fazer. Estava com o corpo disforme, a barriga maior, mais corcovado, caminhava para a idade madura sem grandes aquisições sem grandes pretensões, sempre com uma perspectiva negativa do seu futuro. Simplesmente, Euclides, naquela altura, não enxergava bem à frente dos seus olhos. Seu avô Dionísio morrera sem conhecer o mundo e Ventura, seu pai, nunca mais havia voltado, estava ausente de duas formas, Diferente era o caso com o seu amigo Tomás. Seu pai estava presente mas não lhe falava. E ele levava a coisa a sério, não como os seus irmãos Liberto e Mirita.

No verão, o pai Ventura encontrava-se em Luanda, onde casara com Luena e tivera dois filhos, Gregório e Filomena, que foram estudar para a África do Sul. Euclides recebeu uma carta de seu pai e finalmente algum sentimento paternal se apossou dele, pois pensava também nos filhos que iria ter de Margarida. Ventura tinha 75 anos e dizia que queria voltar para Riachos por troca com Euclides. Só que Euclides amava Margarida e não podia ir sem mais nem menos para África. Estaria Margarida disposta a ir com ele? Euclides detinha alguns dos segredos da vida e tinha escapado a muitas dificuldades, mas não era preciso que Margarida fosse com ele para África, pois Euclides queria estar sempre em viagem, era uma ave rara, não se aguentava muito

tempo no mesmo lugar. Não era uma tragédia ser-se assim, mas trazia os seus problemas e dificuldades. Antes de mais, era difícil criar raízes. Mas Euclides estava convencido que precisava de viver outro contexto para se integrar melhor socialmente. Era preciso ousar, não valia a pena estar a matutar todo o tempo no mesmo pensamento. Decorram o verão e Euclides ainda iria a Lisboa. De resto, o facto é que não tinha dinheiro para viajar. Não podia acreditar que estava passando pelo tempo. Mas a verdade é que tinha já 34 anos e tinha de resolver a vida teria de amadurecer as coisas, era tempo de assentar, a bem da sua saúde psíquica. Ou decidiria não assentar? Não adiantava levar estas questões demasiado a sério, se bem que a questão de estar ali era a mas importante do que todas. Mais importante que o amor? Se tivesse conhecido Margarida noutro lugar noutras circunstâncias…mas não, era aquela a realidade, tinha conhecido Margarida num determinado contexto e tinha de arejar se quisesse sobreviver e tinha mais que fazer do que sobreviver. Queria viver, por isso equacionava ter de deixar de fumar. Era uma batalha contra a lassidão e a permissividade. Porque não tinha ele respeito pela vida? Porque queria morrer aos poucos, se sabia que não se estava realizando que não estava cumprindo os seus sonhos de adolescente e criança? Como dar a volta a tudo isto? A questão não era nenhum enigma mental. Ele estava sozinho e Margarida fora uma aparição? Não, era uma realidade, ao fim e tanto tempo ter conhecido alguém importante para si, era a realidade e por isso, nessa medida, tinha de a viver. Por vezes questionava-se porque é que tinha de se importar tanto com a sua profissão, claro, ainda não dissemos qual a profissão de Euclides. E, de facto, é um mistério, pois podia dizer-se que seria professor, mas aí Euclides parecia estar forçando a barra. Ele queria ser livre e como poderia realizar a sua liberdade? Teria ele desistido de viver? Teria desistido de lutar pelos seus ideais. Não, tinha estado parado um tempo, estado de recolhimento e esse tempo parecia estar sendo fatal para as suas aspirações sociais e profissionais, estaria destinado a estar retido naquela aldeia até morrer seu pai Ventura e sua mãe Dorinda? Mas amanhã tudo iria ser diferente. Iria à cidade entregar o seu artigo no jornal local, iria ao espaço Internet, iria entregar flores a Margarida e fariam amor no quarto do sótão. Pensava em questões profundas naquela noite de verão e que deveriam estar já saradas, pois estava fazendo terapia para isso. Os tempos mortos eram tempos necessários, não podia estar sempre a andar como seu pai Ventura. É certo que lhe tinha alguma inveja, mas Ventura não criara raízes em lugar algum, apesar de ter tentado enraizar-se no sul de França. Não valia a pena levar as coisas muito a sério. Tudo poderia parecer simples se deixasse também defumar, dessa teimosia em arranjar argumentações que não o levavam a lado nenhum. As suas expectativas continuavam e por uma vez ou outra tinha novamente obsessões, mas coisa leve, com Margarida a seu lado as coisas pareciam mais leves. Era deixar o tempo correr com naturalidade que tudo se haveria de arranjar. Os seus sonhos, apesar do cansaço, poderiam concretizar-se. E afinal de contas, não eram só os seus sonhos que lhe importavam na vida. Agora havia uma outra pessoa por perto. O que contava era estar com aquela pessoa, mas como se não gostava da cidade em que habitava e Lisboa

lhe parecia uma grande dor de cabeça. Em breve iria continuar a tentar, não e breve mas já, iria fazer outra coisa, prática, para compensar a falta de movimentos, o facto de fumar e ser sedentário. Não podia desculpar com o seu pai, que não tinha um carro, que não se podia mexer. Havia de arranjar um emprego já e deixar-se de viagens. Cada dia era m desafio à sua normalidade. E quando pensava que o seu pai habitava com ele na mesma casa e não lhe falava. Tinha de sair dali, não aguentava mais, iria para Lisboa procura emprego antes deter de dar aulas pela cidade ode tinha pouso. A sua mente estava em constante reboliço. Cada dia ir à pequena cidade de Riachos era um castigo, mas tinha de continuar a lá ir, não podia ficar em casa durante toda a semana, ir à piscina, andar um pouco, ir à Internet um pouco, ir a biblioteca. Não se sentia sozinho porque tinha Margarida, mas queria mais, queria realização profissional e social. Tal não se conseguia de um momento para o outro, tinha de ter paciência, nem todos os dias eram mais, mesmo por ter ficado em casa. O tempo de libertação já começara a sua contagem decrescente.

A culpa de todo este estado de marasmo na vida de Euclides era do ambiente social em que vivia, podre, e sua mãe nunca fora aceite por não ser de cá. Sofria em silêncio, mas não por muito tempo. Euclides tinha de mudar de ambiente, as pessoas de Riachos não interessavam a ninguém, eram lixo. O pressuposto idílico de vir passar o fim-de-semana ao campo estava obsoleto, tinha de se libertar daquela terra que era só de seu pai. O pior é que se noutro lugar teria o mesmo comportamento, de não se levantar de manhã e deitar-se tarde. Era preciso começar, devagarzinho, começar a mudar as coisas. Euclides queria fica sozinho, sem o som da música para o acompanhar a escrever, mas ao menos tinha esse contacto com o mundo. Depois, a voz dos pássaros, sempre a voz dos pássaros, que lhe diziam que havia um mundo exterior a si para o qual devia caminhar no tempo e no espaço. Estava com 34 anos. Via os Jogos Paralímpicos e sentia-se um deficiente truncado no seu desejo. Não que não tivesse lutado, simplesmente as oportunidades para ele haviam-se esgotado. Sentia-se velho e os objectivos a que se propunha, estudar de novo e trabalhar eram meras desculpas para se convencer que estava fazendo ou tentando fazer agora. O meio ambiente em que vivia tinha de ser tomado como transitório. Não convivia com as pessoas de quem gostaria de falar. Vivia num mundo de reclusão e degredo e a escrita era esse mundo. Sabia que a cada momento podia ficar aprisionado nesse mundo e nunca mais dele se libertar. Ma talvez precisasse desse mundo, para acreditar que o outro, o real, existia, para fazer comparação e concluir, quem sabe, que o mundo que existia era aquele que Euclides criara. Nesse caso, podia ser considerado como um criador e não estava tolhido, não era nenhum amputado, o que o desesperava era ter de estar à espera para realizar algo que sonhava e esse sentimento de solidão vinha de quando em vez, atormentá-lo, como uma voz que lhe dissesse, "estás aí, deixa-te estar aí, apenas existindo". Viver era cada vez mais um exercício de ginástica mental. Mais um fim-de-semana passara e Margarida parecia estar deixando de amar Euclides. Porém, Euclides naquele dia, com a ida ao café, o mesmo café durante anos, teve uma revelação que é o facto de viverem como ele mais pessoas no se espaço comum e com interesses

divergentes, mas ma vida ainda a funcionar e que fora um enorme erro ter feito antropologia e em Lisboa. Deixou-se leva pela razão, devia ter-se deixado levar pelo coração. Voltava-se agora para Coimbra na esperança de voltar a retomar os seus estudos. Mas primeiramente tinha de trabalhar, de dar aulas e até o conseguir seria uma ansiedade enorme. Não queria ser testemunha desses acontecimentos, queria vivê-los. Mas a grande perda fora o seu pai. E como haveria de estar um jovem que perdeu todos os seus colegas de faculdade e que estava no desemprego, sem perspectivas, há já muito tempo. Seria tempo de mudar de rumo. Estar em Riachos era um tormento quando pensava ser limitado, mas tinha de pensar em arranjar emprego, por mais difícil que fosse. Estava deprimido. A pressão por parte dos seus pais aumentava, mas ele haveria de resistir sem desistir. Haveria de conseguir ter dignidade e futuro. Na faculdade, Euclides mostrou-se como um bom aluno nos primeiros anos. Tivera um segundo pai no professor catedrático. Euclides vinha da aldeia, tímido, não arranjou namorada nos primeiros anos. Nem nos seguintes. Hesitava em tudo, queria ter o mundo na mão e hesitava, em tudo. Até que a situação se começou a alterar mas no pior sentido. Foi criando distância entre si e os colegas, entre si e aquele que tinha como pai. Podia ter hesitado dessa vez em que se lhe exigia ponderação, mas não, teve um arranque de desespero que foi acabar o curso. Tentou por várias vezes retomar esse diálogo, teve sempre a impressão de que o professor não se esquecera dele. E continua com esse peso na consciência, de que tudo teria sido diferente se tivesse ouvido a voz do coração em vez das dozes dissonantes que emergiam dentro de si. Mas tem isso ainda hoje por resolver.

Muitas vezes anestesiava-se da realidade para melhor passar o tempo, mas não valia a pena, doía mais tarde muito mais. Por vezes, quando pensava em Margarida, chegava uma mensagem sua. Estava os dois ligados, em sintonia, que mais poderia querer Euclides. Mas não, sobrevivia uma ambição desmedida que o tornava antipático e aborrecido, impaciente, intolerante. E Deus existia, todos os sofrimentos e desilusões tinham um sentido, os meninos de África que morriam eram anjos que

subiam ao céu, isto tudo era para que compreendêssemos a nossa razão de existir e pudéssemos um dia reconhecer o nosso verdadeiro pai, aquele que deu vida ao nosso avô e por aí em Dante até ao primeiro homem, aquele que recebeu da divindade o testemunho para viver. Tudo se justifica, porque quando morremos vamos encontraremos uma entidade suprema, uma nova maneira de ser. Ou será a terra infinita e incarnaremos na alma de alguma outra espécie. Tanto faz, desde que não desesperemos, aquele desespero de Kierkegaard. Mas bom, Euclides era especialista em inventar, em criar expectativas, era um actor na vida. Haveria de chegar alguém um dia que lhe desse valor e lhe pudesse dar espaço para exercer toda a sua criatividade. Podia rezar por isso. Mais iria continuar a lutar, apesar dos revezes. Iria amanhã à biblioteca, estaria lá o dia todo, porque certamente Margarida não queria sair. O fim-de-semana estava aí e ele podia fazer algo de diferente. A noite caía, nada de especial podia ele fazer. Estava ali, longe da grande cidade que tentara abarcar e saíra ferido, para a qual talvez voltaria um dia, ou de quando em vez, porque precisava de lufadas de ar fresco para a sua mente. A música que passava no Oceano Pacífico era a mesma, ele estava farto de estar diante do computador, como se esperasse anda descobrir algo de importante, uma frase importante e significativa. Nada de mais enganador. Iria distanciar-se para ter outras perspectivadas coisa. Ainda eras cedo para se entregar ao estudo. Estava preparado. Que viessem as aulas. As de aprender e as de ensinar. A sua experiência, limitada a uma aldeia e a alguns outros lugares, estava contudo em transformação. Só que faltava mais locomoção. Não era altura para desistir, contava com Margarida e junto dela sentia-se feliz. Talvez a convidasse para irem morar juntos para Lisboa ou outro lugar, logo que Euclides conseguisse ser colocado numa escola. Não adiantava estar com grandes sonhos. Tinha de jogar o xadrez da sua vida com as peças que tinha. Não podia inventar outras peças. Era um ser estranho, que tornava tudo estranho para melhor compreender o Outro. Desde o princípio que fora assim e assim continuaria a ser. Nesta narrativa coloca-se a questão da fidelidade e da visão realística com que se fala dos protagonistas. O romance vai sendo feito à medida que a vida vai sendo vivida, não há azo a grandes voos. A narrativa reflecte, sob várias formas, a vida. Mas tanto quanto possível ensaia-se um voo para compreender melhor a realidade em que estão imersos os protagonistas. Se eles estão realmente imersos em alguma coisa… Era Domingo, uma tristeza abateu-se sobre Euclides, uma culpa pelo seu egoísmo. Uma culpa. Via com pessimismo o futuro, mas por dentro via com esperança, mas não sabia já se tinha forças. Na intimidade da sua casa, e que vivera a maior parte do corpo, procurava convencer-se de que não era assim tão sério. Margarida estava doente. Fazia hoje oito anos que havia tido o acidente que lhe dera segundo ela diz "um segundo nascimento". Amanhã não havia desculpas, tinha mesmo necessidade de ver Margarida, abraçá-la, sentir que no mundo tinha uma pessoa com quem podia viver o futuro sem condições. Bastava que trabalhasse, que arranjasse um trabalho. O seu desejo continuava sendo ir para fora, talvez para França, e nessa semana queria ir a Lisboa mas iria esperar pelas férias de Margarida. Decerto que com o trabalho de professor se iria realizar e as dúvidas, as

fraquezas, desapareciam. Compraria um carrito. Só que o Domingo era triste, em casa, impotente, sem poder visitar um museu. Chovera torrencialmente toda a manhã. Um jovem morrera num piscina de uma vila próxima, tinha acabado a volta a Portugal em bicicleta com vitória de um espanhol. A televisão era para toda a família uma gravação que punham a rodar para anestesiar as pessoas da realidade. E a realidade é que o tempo estava passando, Euclides tardava em arranjar emprego e isso enfurecia a mãe. O pai era indiferente a todos estes sentimentos, agora que havia regressado de viagem. Ventura viajara muito e finalmente estava em Riachos ara viver o fim dos seus dias com os seus amigos de infância. Ninguém o podia censurar por isso. Mas ignorava o seu filho, precisamente aquele que o podia refender melhor e trabalhar junto a ele numa qualquer direcção. Ventura sempre rejeitara isso. Sempre negara o filho. E se lhe acontecesse alguma coisa decerto que sua mulher o iria culpar, tão zelosa que era. Mas para Euclides o tempo pesava imenso. A companhia dos seus sobrinhos não lhe aplacava muitos sentimentos. Não tinha vida própria, estava descontente, mas também acomodado. Mas a partir daquele estado muita coisa havia a fazer: frequentar aulas e dar aulas. Era lançar-se de cabeça. Cai a noite e o pessimismo invade-nos o espírito. Somos talvez demasiado sonhadores. O que iremos fazer amanhã para modificar realmente as nossas condições de vida? Estas questões colocavam-se sob Euclides. Tinha 34 anos e tinha de se decidir não podia andar indeciso toda a vida, nem dependente do trabalho para decidir a sua vida. As coisas com a sua mãe não estava bem e ele estava farto de estar em casa dos pais, de não ter o seu espaço próprio. A vida era de quem se sabia socializar. Mesmo na actividade que desenvolvia, trabalhar não chegava. Era preciso conhecer as pessoas certas. Estava ficando farto das suas próprias expectativas, queria ir para longe, para outro lugar que não fosse Riachos nem a cidade próxima nem a cidade mais próxima. Para longe, começar qualquer coisa de novo. Decerto que Margarida iria compreender. O seu espírito estava aprisionado havia muito tempo e agora era tudo uma questão de resistência. Decerto que Margarida iria compreender se ele tivesse de partir. Será que o dia teria de escolher entre Margarida e uma carreira académica? Não podia colocar as coisas nesses termos como já se haviam colocado a um amigo seu em tempos. Ele não tinha dinheiro para ir para o estrangeiro e era uma loucura tentar vender o apartamento para ter dinheiro para ir para o Canadá ou coisa assim. Iria ficar por perto por isso não queria perder Margarida. Havia desejo por outras mulheres? Claro que havia. Até tinha saudades da vida difícil que vivia antes, estranhamente. Tinha de se realizar naquele espaço para o conquistar e tentar habitar outro, se quisesse. Era tempo de ir a Lisboa mostrar um quarto para alugar. Era tempo para ponderar o que fazer. Estar em Riachos e na cidade próxima era um tormento. Tinha-se inscrito no mestrado em Coimbra e estranhamente, não havia mestrados a funcionar em Lisboa. Mas Euclides iria para Lisboa para ficar até final da semana, para preparar o seu futuro. Não sabia se iria morar para Lisboa, como se avô Narciso. Talvez fosse preciso um trabalho. Sabia que precisava de Lisboa, daquele ambiente novamente. Só teria de conseguir um trabalho. Como faria estando em Lisboa e estudando em Coimbra? Como faria estudado em

Coimbra e trabalhando noutro lugar? Tinha de escolher? Lisboa era bom para escrever, para encontrar os lugares certos, os pontos, culturais, talvez para trabalhar. A viagem de amanhã podia revelar muita coisa. O certo é que não aguentava mais ficar por ali, tinha de ir para algum lugar, que fosse Lisboa, mas como iria ficar de amores? Talvez o seu destino fosse não ficar em Lisboa ou em Riachos, mas andar de um lado para o outro e ser viandante. Não conseguia assentar. Sentia-se triste em assentar. Conservando seu amor, uns tempos cá, uns tempos lá, havia de chegar a altura em que assentariam. Ele conhecia os espaços em que se movia, não havia de ter receios, era altura de produzir, de começar a trabalhar e a estudar de novo como passatempo. Dentro de uma semana sairiam os resultados dos concursos de professores e Euclides não podia desperdiçar mais esta oportunidade. Regressou de Lisboa, trazia uma certa indisposição. A sua batalha maior agora seria contra o sedentarismo. A visita a Lisboa não lhe trouxera nada de muito novo. Que podia esperar agora da vida? Ira dar aulas para um lugar qualquer do país e alugar lá um quarto, juntando algum dinheiro. Ventura continuava insuportável. Talvez houvesse querido que os filhos, entre eles Euclides, tivessem seguido as suas pisadas na construção. Culpava a mulher por lhes ter dado má educação, que não era de todo o caso. Era uma pessoa intratável que tivera cometido um erro em jovem e não admitia que os outros cometessem erros. Para Euclides o caminho era claro. Tudo passava por sair dali, mas não podia vender o apartamento e pôr-se a comprar outro noutro lugar. Precisava de sustento para o caso de as coisas darem para o torto. O que se passava é que o seu cunhado voltara a fumar e isso não agradava a Ventura. E o seu outro filho tinha comprado um apartamento na cidade e Ventura não tinha gostado. Por outro lado, Margarida não dava notícias. Havia qualquer coisa de estranho na relação com a mãe que vinha desde a altura do acidente. Estranhamente, Euclides também tinha uma relação parecida com a mãe e com a irmã. Uma relação de dependência. Mas a pouco e pouco, Euclides ia perdendo confiança em Margarida. Ela estava a maior parte do tempo ausente e Euclides não estava disposto a dar-lhe nenhum ultimato. Se as coisas não surgissem naturalmente, estava disposto a atravessar o túnel escuro de uma travessia para encontrar outra pessoa. Essa pessoa era definitivamente alguém do sexo feminino mas que fosse menos dependente da mãe. Euclides estava disposto a trabalhar mesmo sabendo que não tinha estado parado nos últimos anos. A sua cabeça tinha estado a trabalhar e sentia-se cansado, mas não podia parar. Euclides podia não mais vir a ser feliz, mas também não queria fazer infeliz Margarida estado com ela só por estar. Tinha de abrir o jogo com ela. Euclides sabia que o seu destino não se jogava ali, mas longe dali e que as insistências não estavam dando resultado. Talvez não fosse por acaso que não tinha sido convidado para dar aulas na escola artística e que o presidente da cidade não lhe tenha dado atenção quando se apresentara a ele com projectos. O futuro contudo, não era uma coisa negra. Talvez passasse por vender o apartamento de Lisboa e comprar um carro. Quanto ao trabalho, ele esperava-o em qualquer lugar e não iria ser nada fácil, mas era o único caminho a prosseguir. Estranhava porque é que o seu amigo lhe havia deixado de falar, não acreditava que fosse por ele ter agora uma namorada. Será que ainda

havia um caminho para amar Margarida? Como iria ser o futuro se não lutasse por ele? A perda era também de Margarida, do amor. Será que um dia descobriria de novo o amor que lhe escapara? Sabia que por Lisboa não passava o seu destino, que havia de ser noutro lugar que havia de conhecer mais alguém, o amor da sua vida, a pessoa que lhe desse filhos e com quem fosse feliz. Havia de compreender qualquer coisa que ainda não descortinara e que se queimaria no último cigarro do dia.

Em tempos de sofrimento aprendera que mais vale ser amado do que amar, que o amor é uma ilusão, não que tivesse medo de amar, mas a realidade não o permitia. Estava prestes a começar a dar aulas e não tinha entusiasmo. Iria limitar-se a ser medíocre ou continuava a sonhar alto se ser realista? Estas questões podam não interessar ao leitor, mas eram de grande importância para a personagem Euclides. Agora só tinha vontade de dormir e não enfrentava as coisas, a realidade, fosse ela com fosse. Era Domingo. Mais um Domingo frustrado, passado na aldeia. Margarida viria mais tarde, ambos iriam conversar. Tinha um almoço com os simpatizantes do clube de atletismo local e não tinha ido. Não queria ter ido. Olhando para o passado, não valia a pena procurar razões de insucesso como ser social. Agora tinha de viver cada momento, de compreender cada momento, ser realista. Não podia Euclides absolutamente deixar de pensar em si, mas tinha de pensar em ser menos egoísta, já o tinham alertado para isso. Ele iria continuar atento, cada vez mais atento, expandindo as suas personagens, apresentando outros, porque afinal era para escrever que ele existia. Pensava em Margarida e na vida que tinha e no seu estatuto de mulher. Com um pouco de esforço, podiam libertar-se os dois dos jugos caseiros. Bastaria que Euclides não se pusesse com invenções. O que custa mais é aprendermos a viver com os nossos erros, as nossas falhas, quando fomos educados para nunca falhar. E porque fomos educados assim? Não sei bem ao certo, esse determinismo perde-se no fundo dos tempos. Não queria Euclides subir muito alto para não cair de muito alto. Mas pronto, há outras personagens e elas são a família restrita de Euclides, já que a família alargada abraça as duas outras famílias, a de Ventura e a de Narciso. Estas duas famílias estavam unidas por uma série de acontecimentos e evidentemente, por

Euclides. A perda não abrangia Margarida. Mais um dia em que ficara Euclides em Riachos, por dificuldade em adormecer depois dificuldade em se levantar. Havia que por um fim a tudo isto, serenamente, através de uma mudança de hábitos. É verdade que não muito poderia fazer senão esperar. E agora estava na ponta final, não iria fraquejar. Iria tentar de novo. Tinha sede de contactos mas tinha receios. Tinha vontade de trabalhar e o seu sono era desordenado. Lentamente um sentimento de raiva apoderava-se de Euclides. Estava sem cheta e precisava de trabalhar. Mas em quê? Continuaria a procurar, escrever para o jornal não lhe dava nenhuma vantagem, por isso iria deixar a pouco e pouco. Gil e Paco jogavam na sua consola de jogos, se pai estava junto a eles, ávida ainda se sentia, um entusiasmo que vinha do fundo do ser, que nos dizia que qualquer coisa não estava bem, que era preciso altera um dado estado de coisas. Paciência para quê? Para continuar cm uma vida medíocre. Só podia esperar pelos concursos de professores. Nada mais lhe importava. Tinha a sua vida para viver e estes dois últimos anos em casa foram para esquecer. Ainda tinha esperança e forças. Tinha passado o fim-de-semana, Euclides não ligou a Margarida nem convidou para o Domingo, conhecer o seu irmão e sua cunhada. Era segunda-feira e estava muito em baixo. Euclides estava farto de estar naquela pequena cidade mas amava Margarida, e estava atado, sem dinheiro para ir para outro lugar e só podia sonhar com fazer trabalho campo noutro lugar porque era uma forma de fuga, de não estar fechado todo o tempo em casa. Era este o cerne da situação de Euclides e não se fala mais nisso. Euclides recebera Margarida em casa e mesmo depois de terem feito amor, Euclides tinha a sensação de que não a amava. Mas amava. Queria mais sempre mais e haveria de haver modificações na sua vida para que a amasse ainda mais. Foi como se ter descoberto o amor tudo tivesse perdido a graça. Tinha a certeza que nunca iria encontrar uma outra mulher como Margarida. Ou iria? De repente, depois de ter passado por muitas dificuldades infligidas a si próprio, de muito sofrimentos estava se interrogando de estava ou não apaixonado. E ela como se sentia, certamente apaixonada, esperando que se resolvesse a vida profissional de Euclides a fim de poder assumir com ele um compromisso mais sério. Eram namorados, contudo, ainda. Euclides amava Margarida e queria tirá-la das garras da mãe. Amava-a como ela era, não o que representava. Os seus pais talvez quisessem que Euclides fosse de outra maneira, mas Euclides tinha o seu caminho. Margarida podia não ser perfeita no corpo mas o seu espírito trazia-lhe uma áurea de perfeição e era a mulher que Euclides queria para os seus filhos. Pensar em termos úteis, de futuro, de filhos, pelo menos dois, era esse agora o projecto de Euclides. Iria andar para sempre a balançar entre outras mulheres e aquela que amava?

Ventura não aguentava mais, tinha de se mexer, era como as curvas de seu pai Dionísio, que sob a fachada do diálogo, passara a vida sem trabalhar e sempre fora demasiado duro consigo próprio. Ventura não aguentava mais ficar envelhecendo na aldeia, tinha de sair para longe, um longe tão próximo quanto possível. Dulce telefonara e Ventura falara-lhe excessivamente da sua vida, nem precisaria de se mostrar tão condescendente, mas já havia dado esmola a um *globbetroter* francês,

segundo ele próprio lhe havia dito. A riqueza e felicidade estavam perto de si, bastava fazer um pequeno esforço para não se esforçar tanto, porque a felicidade é algo que nos é dado, mas também algo que se constrói, é certo. A perda estendia-se naqueles dias à cadela Gaby, que fora atropelada. Eram estas as coisas que Euclides tinha conhecimento e com eles fazia a sua concepção do mundo. Não era mas o menos pobre, era uma concepção de vida ao pé ou ao longe de outras, não se tratava de uma questão qualitativa mas de diferença de dados. Um manto de tristeza e melancolia percorria os dias de Euclides, mas não podia pensar assim, não dependia a salvação do mundo de deixar ou não de fumar. Mais um dia em que Euclides se levantava tarde. Dormira parte da tarde. Logo há, noite, dormisse ou não, estaria convicto de que haveria de ir à cidade actualizar-se, cortar o cabelo. Estava próxima a altura de começar a trabalhar, não podia soçobrar, por mais medo que tivesse em sair de casa e fazer as coisas. Afinal de contas era vítima de geografia, como dizia a canção. Agora, fosse para onde fosse dar aulas, teria deter um bom desempenho. Como tinha o sono alterado, talvez concorresse para dar aulas no ensino recorrente, à noite. Mesmo que lhe custasse muito tinha de estar diante dos alunos, ser professor a tempo inteiro, dedicar-se à tarefa docente, para se sentir também realizado. Hoje, Terça-Feira de Setembro não saíra de casa senão para tomar um café, ao fim da tarde. Por mais difícil que fosse ainda acreditava e ele próprio era o único obstáculo para que se realizassem os seus sonhos. Adormecera às 4 da manhã e era natural que lhe custara levantar-se a horas decentes. Sua mãe ralhava com ele. Mas Euclides acordara às 8 da manhã surpreendido com um sonho em que tinha os poderes e personificava Jesus Cristo. Curava as pessoas, planava, preparava-se para dar uma missa num colégio, antes de dar aulas. No final, está numa catedral que mais parecia o teatro de são Carlos, com enormes galerias e seu amigo José pinta o interior a cores modernas e Ele (eu) num gesto pinto tudo de castanho e dourado, ao modo antigo franciscano. Fico desiludido com o aspecto pois tal não agradará e acordo. Pelo meio curei muita gente, entre os quais Fialho Gouveia e curo gente morta pelo chão, numa alusão ceio ao massacre na Ossétia do norte. Era sempre assim, deveria de estar de sobreaviso. Parece que não o podia ver feliz, a Euclides, e que na sua posição de desempregado, frágil a críticas, o pressionavam e criticavam, essencialmente devido ao dinheiro. Tá bem, comprou umas coisas de papelaria dos chineses, não poupou, mas não se poda resumir tudo a isso. Depois, Euclides jantou com uns amigos que estiveram lá em casa e refugiou-se logo após no seu lugar de estudo, talvez o verdadeiro lugar onde se sentia livre. Sua irmã estava rígida e exigente, sua mãe também, alguma coisa devido ao facto de Euclides naquela altura dormir muito. Contudo, as coisas iam bem com Margarida, sentia-se mais confiante e apoiado. Mas não aguentava mais esta situação e lamentava-se ter chegado a esta situação, mas agora iria pegar na primeira oportunidade que chegasse partir, para só regressar a fim de semana. Não era altura para baixar os braços. Tinha estado um ano inteiro, conscientemente parado, à espera de uma solução, não avançando para as coisas. Mas não era tempo de lavar roupa suja ou chorar sobre leite derramado. Em breve iria começar a trabalhar e sabia que não iria ser fácil a

adaptação, mas tudo tentaria para fazer as coisas pelo melhor. Os dias custavam-lhe a passar, na cidade nada de importante se passava que lhe dissesse respeito, no entanto continuava a escrever para o jornal da região. Estava farto de esperar, iria partir para as coisas, promover a sua independência, mesmo que custasse. O único inimigo a vencer era o sono, a bonomia, a falta de motivação. Euclides tinha insónias, por isso dormia de dia. Naquela noite de Sexta-Feira, em meados de Setembro, não conseguia dormir. Estava pensando no seu futuro. Custava-lhe a ideia de ter de passar o resto da sua vida no mesmo espaço, afinal ele tinha alma de andarilho. Os seus impulsos de ir para os Estados Unidos regressara, como a seu tio acontecera. Passava noites a imaginar como seria o mundo por lá, na terra da liberdade. Não se esquecia que Portugal também é terra de liberdade, mas olhava para si próprio e não estava contente com o que atingira, ou não atingira. O que o trouxera para ali começava agora a ser uma séria doença sob a forma de preguiça e comodismo. Depois, na sua terra, não lhe davam o devido valor, tinha dificuldades em arranjar trabalho, embora nem tudo lhe servisse. Era tudo uma questão de contexto, decerto. Pensava em Margarida e se ele embarcasse numa aventura dessas ela o acompanharia, tão agarrada que era à mãe. Amanhã iriam passear. Atrever-se-ia Euclides a falar no assunto ou porque as condições reais de que dispunha naquele momento já o demoviam?

O dia passou e não foram passear. Margarida deverá ter inventado uma desculpa qualquer e Euclides disse-lhe pelo telefone que duvidava que ela a amava, ao que Margarida lhe desligou o telefone. Reconciliaram-se um pouco depois com um novo telefonema. Mas Euclides estava ficando desalentado. No fim-de-semana, altura em que eles mais poderiam sair, Margarida não aparecia. Seria assim tão forte a influência da mãe, que a super protegia depois do grave acidente que tivera. Mas parecia que Margarida precisava de ser protegida. Euclides tinha de ter a noção disso no futuro. Euclides tinha resolvido ir para os Estados Unidos não era tarde nem era cedo. Pegou no carro foi com ele até à Chã, fez meia dúzia de ultrapassagem mas depois resolveu ir a pé até casa. Sentou-se junto à oficina de um velho latoeiro e começou a ver um filme sobre a morte de um homem que morreu resultado de sucessivas violações na prisão e pensei que estava na situação em que estava em arte devido à sua escolha heterossexual e porque não cedeu a tentativas de assédio de outras pessoas para se manter em situações de destaque. Seja como for, estava vendo o extracto do noticiário na rua e o televisor estava situado no alto da casa da Pataca, quando vê passar por ele uma e duas pessoas. Reconhece a segunda como sendo uma tia que lhe fez um feitiço para que a sua vida não corresse bem e começa a vociferar com ela, mas logo vê quando esta fala, que é outra pessoa, Ana, mulher de um homem que fora para os Estados Unidos por ter dívidas e estar em condição psicológica muito débil. Um pouco parecido com Euclides. Este levanta-se e diz-lhe que quer falar com ela. Vão os dois para os lados dos morangos da Leitoa e Euclides começa a dizer-lhe como deseja ir para os EUA, com seria bom reencontrar o seu amigo, que sempre pensara em ir. Seja com for, a mulher concorda em ajudá-lo. Euclides desce as duas ladeiras que os separam de casa nu pequeno carro de rodas. Seus pais não estão em

casa. Vê na caixa do correio que está felizmente carregado de cartas, a cave para abrir a porta de casa e chave, talvez se esteja desculpando para não sair hoje de casa, e alguém toca nesse momento à campainha. É um jovem que vem responder a um anúncio colocado por parte de uma editora ou negócio de fotocomposição que Euclides deixara cair há vários anos. Euclides começa a falar com ele procurado um ar importante de quem tem muitas responsabilidades e diz-lhe que irá e breve para os Estados Unidos, mas que começará com a empresa depois, de modo que irá treiná-lo para o trabalho de fotocomposição na editora. Quando andava de carro, Euclides punha a cabeça de fora e sentia a chuva e então acelerava, só depois constatava que estava em cima de uma moto. Chamava por Gaby, a sua cadelinha preta, mas esta não o ouvia. Gostava de acelerar mas imaginou como seria um acidente e mesmo sem o ter podia prever como seria o impacto porque conhecia Margarida e por isso deixou de andar de carro.

Euclides era um homem a mais, no local errado, só mesmo estando com os seus sobrinhos. Mas mesmo assim não se conseguia emocionar. Os próximos tempos iriam ser importantes para se decidir o seu futuro. Contudo, não se afigurava nada fácil, sem perspectivas profissionais, teria de continuar dependente do dinheiro das rendas de Lisboa para sobreviver. O seu pai não fazia o mínimo esforço para compreender. Supunha que era preguiçoso, com também o seu irmão. Os miúdos entrecortavam as suas perguntas com observações e não seria preciso muita imaginação para saber o que pensavam o irmão e a cunhada, mas que importava isso? E que importava o que pensava o seu pai? E sua mãe? E sua irmã? Teria de se desenrascar, sim, mas depois não viriam com falinhas mansas, pois segundo o que Margarida afirmava o pior já tinha passado. Não iria Euclides soçobrar nesta altura. Ira disparar em todas as direcções, se fosse questão de disparar. Ele, ter dito o que disse "agora desenrasca-te" custou mais anda do que não ter dito nada, como continuava a fazer todos os dias. Tinha de lhe virar as costas, porque senão continuava a autodestruir-se. Parecia que ainda só a sua irmã o compreendia, mas não podia pensar assim. Em breve iria a Lisboa e tudo seria diferente. As coisas iriam melhorar, agora que tinha ideia do que queria estudar. Descobrira, naquele dia de verão, um objecto de estudo e isso não acontece todos os dias. Era razão para se sentir feliz por uma série de motivos: tinha os seus sobrinhos de vista, a oportunidade de ir a Lisboa e uma pessoa a quem amava: Margarida. Passara dois dias sem ver Margarida. Estava cansado de dormir, mas para o final da tarde começou a ter ideias. Amanhã iria voltar à cidade para recolher elementos para um estudo que iria realizar. Agora só precisava de financiamento. Em breve iria a Lisboa e podia procurá-lo. Não podia ficar mais parado, desmazelado, iria avançar pelos seus próprios meios, mesmo que custasse mais, que não tivesse acompanhamento. Para já iria ser assim, mais tarde talvez lhe reconhecessem algum mérito. Escolhera um objecto de estudo e poda ir falar com o presidente da Câmara sobre isto, mas o melhor mesmo seria começar os estudos, pois por mais que custasse readquirir o ritmo, iria dar frutos. Precisava de tomar uma lufada de ar fresco ara renovar as ideias. Não passava pela sua cabeça desistir de estudar. Isso estava em primeiro

lugar, mas ao lado tinha o trabalho, também em primeiro lugar. Tinha de trabalhar, só depois ocuparia o seu tempo nos seus estudos etnográficos. Estava-se preparando e tinha mais ou menos definido aquilo que iria estudar. Isso era bom, porque não contava com os outros para fazer o seu trabalho. Tinha muitas ideias e isso era bom, agora tinha de ser mais moderado no entusiasmo e fazê-lo perdurar pelos dias. Num tempo e que seus pais não lhe pediam nada demais, ele dava tudo da sua cabeça para se realizar como antropólogo. Poucos tinham esse mérito de em terreno tão adverso, acreditar numa carreira, numa ciência. Pode ser que com um pouco mais de fé conseguisse continuar a sua senda existencial, pincelada de coisas sociais. Os seus artigos no jornal local continuavam a publicar-se e isso, parecendo que não, era muito importante para Euclides. O que tinha pensado seria estudar determinado tema na faculdade e realizar uma monografia, aproveitado um tema comum que se encontrava patente numa aldeia do concelho. Mas ainda era cedo, por mais estranho que parecesse. Se avançasse para tal, podia ficar com mazelas para sempre. Tinha de se distanciar por agora, para poder encarar as coisas com mais optimismo. Tinha uma carta de apresentação preparada para o presidente da junta da tal aldeia e iria enviá-la para ver no que dava, afinal e contas nada tinha a perder. Talvez não tivesse de fazer um trabalho exaustivo de um momento para o outro. Sentia-se cansado de não ter leitores, no entanto, continuava a sua tarefa, apegado aos livros. Não sabia se tinha energias e capacidade para levar adiante o que sonhava, em casa ninguém se importava com o que ele realmente queria. Parecia e queria talvez acreditar assim. Talvez fosse mais dramático. Mas doía. Iria, ira modificar tudo, alterar as coisas, estar atento, estar descansado com o que pensavam sobre ele, não se importar com as opiniões alheias, tentar de novo e mais forte, mesmo que custasse de manhã levantar. Só ele acreditava ainda e si próprio. À sua vota, a não ser a directorado jornal, parecia que todos o achavam incapacitado. Custava imenso. Custava imenso avançar quando à sua volta nada havia de positivo que inspirasse, a inspiração vinha de dentro, continuava a vir de dentro, mas continuava como se estivesse desbravando caminho numa selva africana. Amanhã seria mais um dia. E veria Margarida de novo. Mas tal não aconteceu e Euclides entristeceu-se nessa tarde. Se gostasse verdadeiramente dela, teria ido ao seu encontro. Levantou-se com o barulho dos sobrinhos, pela 11 horas, voltou a deitar-se na casa do jardim até ao meio-dia, depois fez a barba, tomou banho e vestiu-se, preparando-se para sair. Partiu, deus alguns passos, mas como se tivesse esquecido uma chaves, regressou a casa e aí ficou, pensativo. Às palavras da mãe ainda esboçou um gesto para ir correndo para apanhar o autocarro das 12.43h. Mas não foi. Almoçou, deitou-se e acordou pela quatro horas. Como podia não se sentir feliz? Não gostava da sua cidade, era o homem que não gostava da sua cidade, e ter um amor nessa cidade era algo de contraditório. Para a semana tinha de fazer planos, estar mais activo, tinha, tinha, mas continuava cansado, medicado fortemente, agora o médico fora para férias. Estava cansado e fumando ficava pior. Há cerce de quatro meses que andava assim. Antes, eram as obsessões que se lhe cravavam no cérebro como agulhas, agora sentia-se sem forças e pensava que não acreditavam nele. Em breve iria telefonar a Margarida e pedir-lhe

desculpa. O que acontecia se tivesse ido? Tinha ido ao centro de Internet uma hora, teria ido à biblioteca, só para fazer tempo, a sua vida era um desastre e a perda intensificava-se na figura do seu pai, que não lhe dava importância alguma. Não valia a pena ir ao café tentar animar-se, estava imerso e era ele que não queria sair da situação, era comodista, deixava-se estar. Como seria quando começassem as aulas? Nesta perda estava sendo sincero todos os dias, a sua vida não tinha sentido, mesmo com Margarida, teria de ter uma nova atitude, acreditado que os momentos da vida são irrepetíveis, como cada um de nós o é. A noite caiu e deixou de fazer calor, ele pegou no carro e saiu para longe. Foi até Lisboa, conseguia vê-la de outro modo agora, com mais paz interior. O seu desafio seria arranjar emprego, como sempre. Mas suportava estar sozinho. Porque não convidava Margarida para ir viver com ele. Ela terá de deixar o seu emprego, concerteza. E isso, para além do amor, ser o que demais seguro havia na relação dos dois, mas conduzia em direcção ao sul aquele carro, tentando não enlouquecer e sabendo que era a coisa mais sensata que fizera na vida. Entretanto, sabia que a realidade se alterava muito devagar no seu lugar de origem. Chegou a Lisboa e entrou em casa. Era noite cerrada. Fumou um cigarro e deitou-se. Não tinha telefone. Tinha o telemóvel, que tocou. Era a sua irmã, mas ele não foi já a tempo, depois, quando tentou chamar, estava interrompido. No dia seguinte o barulho era ensurdecedor, a confusão quando saiu a rua para tomar o pequeno-almoço era enorme. Carros, máquinas escavadoras, pessoas vociferando, não acreditava no que estava a ver com os seus olhos e a ouvir com os seus ouvidos. Regressou naquele mesmo dia a casa dos pais. Não o repreenderam. No dia seguinte foi comprar um carro e foi a Coimbra, para começar os seus estudos. Havia sido colocado numa escola em Penumbra, que para ele era ainda em penumbra que tardava a desaparecer para se fazer luz.

Andava pela casa quando passa por mim uma coisa a alta velocidade que levanta poeira do chão. Tive de saber o que era. Era um peso e uma roda circular pequena, que

fazia de volante de um meio de transporte algo invulgar. A casa entretanto estava modificada, eu falava para um grupo de estudantes que estavam numas mesas a estudar e dava-lhes conselhos. Havia o café. Um dia, sobe que as casas de banhos ainda estavam a levar caliços de pedra para fazer a placa e descobri lá papo secos todos queimados. Isso fora da força que eu empregara no uso da Vespa ou trotinete a motor, por mais estranho que possa parecer. Chambel ajudou-me e livrar de dois inimigos que me queriam matar. Matei o primeiro como pude, como um vampiro, pelos meus meios, mas o segundo não o conseguia matar e ele apareceu porque eu o chamei (por essa altura ele tinha já morrido) e ele apareceu com a roda circular mágica que o matou a ele, ele era afinal a vítima. A casa estava diferente, havia uma sala de reuniões, muitas mulheres espalhadas pela casa, umas amigas da minha irmã que saíam de casa à noite. Para descobrir quem se movimentava naquele meio e locomoção tão rápido tive de corta a energia e o que parecia invisível era visível, tratava-se de um velho a quem chamavam de Miolão e que descobrira aquela meio de locomoção, um peso nos pés e um pequeno volante que tinha sete velocidades. A velocidade dois era a melhor para se andar por estar estradas de aldeia. Eu procurava urinar e não tinha onde. Havia um interruptor no meio da sala em que carregando para acender a luz da escada, eu voava até ao tecto, vendo acender à minha frente uma nossa senhora, depois baixava ao chão. Matámos o segundo vampiro e Miolão e eu resolvemos aceder a um convite para ir de viagem até à costa oeste dos estados unidos, Califórnia, terra de bizarrias. Na viagem inventei uma música para toda esta história da qual já não me lembro. A roda mágica de Chambel ajuda a resolver alguns problemas em casa. A viagem é feita por teletransporte, mas quando este falha, tem de se recorrer a tratante de Chambres, que tem agora dois lugares Chegamos à rua, é o nº 15 da Adamo Street, vemos lojas de bugigangas e guarda-costas de aspecto físico intimidativo, passamos pelo 15 e voltamos para trás. È uma loja de doces, batemos a porte e vêm uma ranchada de putos a sair, uma mulher nova atente e diz em inglês para esperar um quarto de hora (parece que estão a cear, não sei bem se é de noite ou e dia). Esperamos num banco ali próximo que nos chamem, entretanto tenho desejo de escrever a história e abro a porta entreaberta para pedir para ir à casa de banho, sai dela um jovem robusto, enquanto o Ruce Windows está lá dentro e se revela pacífico. Esse jovem vê que nos sentámos em cima os talões do IRS e fica furibundo. Já antes vira-mos entrar uma jovem ao colo de um jovem que era aparentemente norma e levanta a camisola quando vai para entrar em casa e vê-se que tem quatro tetas. Terra de bizarrias! Olhou para os guardas costas que jogavam, parece-me, à bola e eles não se mostram nada de espantados ao verem a cena desaparecem de cena. Fico eu, Royart, Chambel e Gork, que nos começa a enfiar os papéis no caixote do lixo. No meio do processo, explicamos-lhe em português e que ele é Gork, nosso primo e ele gesticula como que dizendo que não falava português há muito tempo. Mas quando reconhece quem somos, começa a rir a bandeiras despregadas e vai rindo até uma sala onde enfia a cabeça num cesto e continua a rir de patas pró ar. É um ataque de riso. A

história é interrompida aqui. Pode continuar. Somos recebidos como reis e ficamos lá uns tempos.